



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de outorga do Prêmio Nacional de Desenvolvimento Regional –
Edição 2010: Homenagem a Celso Furtado**

Palácio do Planalto, 1º de dezembro de 2010

Minha querida companheira Rosa Freire Furtado,
Meu querido companheiro João Santana, ministro da Integração
[Nacional],
Deputados federais Zezéu Ribeiro e Pedro Eugênio,
Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae
Nacional,
Nosso companheiro Abidias de Sousa Júnior, presidente do Basa,
Companheiros e companheiras agraciados com o Prêmio Nacional de
Desenvolvimento Regional,
Companheiros da imprensa,
Convidados,

Eu, meu caro João Santana, vou dispensar meu discurso, porque está
muito longo, está muito longo, ao contrário do seu discurso.

Bem, primeiro, eu acho, João, que foi uma feliz ideia a gente pensar num
Prêmio Celso Furtado para o Desenvolvimento Regional, muitas vezes
discutido aquém daquilo que seria necessário discutir para que a gente tivesse
um desenvolvimento regional.

Historicamente, as regiões mais pobres do país, elas apareciam nos
indicadores como as regiões onde tinha maior mortalidade infantil, onde tinha a
maior taxa de analfabetismo, onde tinha a menor média salarial nacional e
onde tinha a maior desnutrição. Nós começamos a mudar isso e, certamente, a
gente vai perceber as mudanças dentro de uns 10 anos, porque esse processo



de mudança leva algum tempo.

O Nordeste tinha menos que 3% de doutores e mestres, e agora já está com quase 10% de doutores e mestres que estão se formando no Nordeste brasileiro. Nós acabamos de anunciar 126 extensões universitárias, interiorizando para mais de 230 cidades.

Nós estamos fazendo... Eu... Se o Celso Furtado fosse vivo, ele seria convidado a ir fazer uma visita ao Canal do São Francisco. Ele iria ver o que pode significar para o Nordeste um sonho acalentado desde 1847, por Dom Pedro e que nós só conseguimos fazer em 2005, depois de muita briga, depois de muito debate, depois de muita ação judicial, depois de muita luta, nós agora, finalmente, estamos com mais ou menos 50% em um eixo e 70% em outro eixo. Eu penso que a companheira Dilma Rousseff vai poder inaugurar uma coisa que significará quase um milagre para o estado do Rio Grande do Norte, para uma parte da Paraíba, de Pernambuco e do Ceará. Ou seja, são praticamente 12 milhões de brasileiros e brasileiras que vão, pela primeira vez, estar mais próximos da água, e eu espero que a gente consiga fazer bom uso dessa água, para justificar todo o investimento que nós fazemos.

Durante a campanha eleitoral, agora – eu não sei se vocês acompanharam – mas houve muito discurso e muita preocupação com a minha atenção para o Norte e para Nordeste brasileiro. Havia estado em que as pessoas diziam: “O Lula não gosta da gente que é não sei de onde, ele só gosta da gente que é do Nordeste, só gosta da gente...” Houve até quem dissesse que eu estava dividindo a sociedade entre ricos e pobres, houve até quem dissesse isso. O dado concreto, meus companheiros e companheiras, é que, se nós não trabalharmos o desenvolvimento regional para a gente tornar o Brasil mais igual, mais justo, e garantir mais oportunidade a todos os brasileiros, em igualdade de condições, nós vamos ser um Brasil um pouco capenga: uma parte sempre melhor, a outra parte sempre pior. E a parte pior da parte pior se dirige para ser pior na parte melhor. Ou seja, não é à toa o



inchaço das grandes metrópoles brasileiras por conta do êxodo que aconteceu nos anos 50, nos anos 60 até êxodo igual o meu pai fez parte, em 1945.

Pois bem, nós estamos mudando. Eu fico muito feliz quando os dados e as pesquisas mostram que foram as partes mais pobres do Brasil que mantiveram o consumo e sustentaram o crescimento da economia por conta da crise americana e da crise europeia. Eu fico muito feliz quando eu olho o que está acontecendo no Brasil hoje e a gente percebe que o Brasil hoje está fazendo três das maiores hidrelétricas em construção no mundo; que o Brasil está fazendo hoje três das maiores ferrovias em construção no mundo, estão acontecendo no Brasil. Seja a Norte-Sul, que vamos terminar 1.513 quilômetros até Anápolis. É importante lembrar que, em 17 anos, fizeram apenas 215 quilômetros. Nós, em oito anos, vamos entregar 1.513 quilômetros, e vamos anunciar e assinar o contrato para levá-la até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos, em São Paulo.

Ao mesmo tempo, não existe nenhum país do mundo – nem a China – construindo cinco refinarias como o Brasil está construindo hoje. O Polo Petroquímico no Rio de Janeiro, que talvez seja o maior investimento da Petrobras atualmente; a refinaria do Maranhão, para 600 mil barris/dia; a refinaria do Ceará, que já está decidida, só falta legalizar o terreno, porque encontramos uns índios lá dentro, então, precisou fazer o acordo para poder saber se podia utilizar a terra ou não, são 300 mil barris[/dia]; Pernambuco, 220 mil barris[/dia]; e Clara Camarão, no Rio Grande do Norte, 35 mil barris[/dia].

Não existe nenhum país do mundo em que a gente tenha cinco, cinco... Depois de 30 anos que a Petrobras tinha decidido não fazer mais refinaria, ela agora está fazendo cinco, e não existe país do mundo em que a gente tenha isso.

Além disso, quando eu viajo muito o mundo, e a gente começa a discutir desenvolvimento regional, eu lembro do que aconteceu com a agricultura familiar no Brasil. A gente, até 15 anos atrás, 12 anos atrás, todo dinheiro para



a agricultura familiar era utilizado apenas no Sul do país. Não era que o Sul do país era ganancioso, era que apenas o Sul do país estava preparado... não chegava nem a São Paulo, parava no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e uma parte do Paraná. São Paulo já pegava muito pouco; Minas não pegava quase nada e para o restante do Brasil não se pegava nada. Nós saímos de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 16 bilhões de financiamento para a agricultura familiar. E a gente percebe que os contratos, no Nordeste brasileiro, triplicaram, a compra de alimento no Nordeste, o Programa PAA, é um milagre de uma parte da agricultura familiar, e já compramos, de 160 mil produtores, alimentos para a gente distribuir de graça nas escolas, garantindo um preço mais justo, às vezes, melhor do que aquele que o mercado oferece.

Poderemos pegar os bancos de crédito do Basa... A política de crédito do Basa, poderíamos pegar o DRS, do Banco do Brasil, poderíamos pegar o Crediamigo, do BNB, que a gente vai perceber que, enquanto a gente discute a macroeconomia, tem uma revolução acontecendo neste país na chamada microeconomia, aquela que, muitas vezes, a gente não vê; aquela que, muitas vezes, os economistas não discutem; aquela que, muitas vezes, não é publicada na grande imprensa; aquela que, muitas vezes, não desperta o interesse, porque as pessoas estão de olho apenas no empresário que vai ao BNDES buscar dinheiro ou naquele grande empresário que vai ao Banco do Brasil fazer o seu financiamento, não levam em conta a pulverização do que está acontecendo no milagre do crédito, neste país.

E, aí, era importante que o Celso Furtado pudesse ter vivido até agora, para perceber o seguinte: quando nós chegamos no Brasil [na Presidência], Rosa, o Brasil tinha R\$ 380 bilhões de crédito, o Brasil inteiro, R\$ 380 bilhões de crédito. E eles diziam que este país era um país de economia capitalista, uma economia capitalista que não tinha nem capital e nem crédito. Ou seja, hoje, passados oito anos, nós temos R\$ 1 trilhão e 600 bilhões de crédito. O Banco do Brasil, sozinho, tem mais do que o Brasil tinha, todinho, há oito anos,



e a gente percebe que o dinheiro começou a chegar na mão das pessoas mais pobres, e as pessoas começaram a comer, começaram a comprar, começaram a vestir, começaram a comprar caderno, começaram a ter acesso às coisas mais elementares. E é por isso que o Norte e o Nordeste crescem acima da média nacional. E nós achamos que se continuar nesse ritmo, dentro de 10 ou 15 anos nós teremos diminuído muito as desigualdades regionais.

Nós começamos uma briga neste governo para regionalizar o dinheiro de publicidade, para regionalizar o dinheiro de cultura, que era tudo canalizado vocês sabem para onde. Ou seja, quando a gente começou a dizer que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Nordeste, que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Norte, que era preciso ter um pouquinho de dinheiro no Centro-Oeste, teve muita gente que não gostou, porque as pessoas estavam acostumadas de que o dinheiro tinha que ser canalizado apenas para determinadas regiões e não para o conjunto do Brasil. Eu acho que nós conseguimos esse milagre.

Ontem eu tive o prazer de inaugurar a eclusa de Tucuruí, depois de 30 anos, de inaugurar, ver ela pronta, para começar a carregar carga logo, logo. Eu tive o prazer, ontem, de fazer uma inauguração, Paulo Okamoto... O MAB nunca participou da inauguração de uma hidrelétrica. O MAB é o Movimento dos Atingidos por Barragens. Ou seja, pois ontem eu inaugurei uma hidrelétrica junto com os companheiros do MAB, participando do mesmo evento, porque nós fizemos um decreto normatizando o que é um atingido de barragem, para a gente poder mudar a lógica de o Estado prometer, de a iniciativa privada prometer, e, depois que constrói a hidrelétrica, não cumpre aquilo que a gente prometeu para as pessoas que foram atingidas. Na hora em que a gente consegue fazer as coisas corretamente, na hora em que a gente consegue humanizar o trabalho da cana-de-açúcar, como nós fizemos em São Paulo, com os sindicatos de trabalhadores e com os usineiros, normatizando uma nova relação, nós estamos dizendo ao mundo: Este país não quer mais ser um



país de terceiro mundo, este país não quer mais ser um país apenas em desenvolvimento, este país não quer mais ser chamado de um país emergente, este país quer ser um país desenvolvido e este país quer ser um país onde todas as regiões têm a mesma possibilidade.

Se vocês olharem os investimentos do PAC, vocês vão perceber que, poucas vezes na história deste país, houve uma descentralização de investimentos para as regiões mais empobrecidas do que [como] nós fizemos no PAC, poucas vezes na história do país. Vocês que acabaram de ganhar prêmio, acabaram de fazer seus projetos, suas teses, analisem o que aconteceu com as obras do PAC, e vocês vão perceber que é o maior processo de descentralização, que nós jamais imaginamos que acontecesse neste país. Está acontecendo. Está acontecendo, e, daqui a alguns anos, vocês vão ver o milagre da multiplicação dos pães, porque as pessoas que não tinham nada...

Vocês nunca mais ouviram falar em frente de trabalho, ouviram? Estão lembrados? Pedro Eugênio, você conhecia muito bem, dava uma seca lá, toca a chamar os pobres para carregar pedra de um lado para o outro lado, para ganhar R\$ 30,00 por mês. Aí, começava a chover, parava de carregar pedra. Esperava um ano, vinha outra seca, carregava pedra e colocava no outro lado. Uma coisa sem futuro, sem perspectiva. Faz oito anos que a palavra “frente de trabalho do Nordeste” não existe. Não existe por causa do programa que alguns disseram que era esmola, que é o Bolsa Família; não existe por causa do aumento do salário-mínimo, que alguns diziam que ia inflacionar o país, e que a gente ia quebrar a Previdência; não existe por causa do aumento de oito anos consecutivos da média salarial brasileira; não existe por causa da criação de 15 milhões de empregos em oito anos. Ou seja, não existe mais a frente de trabalho porque este país melhorou.

Ontem, eu me delicieei com uma matéria que eu vi nos jornais. Nós temos, hoje, a classe D, ela já tem praticamente o dobro de alunos na



universidade que a classe A. Sem tirar uma única vaga da A, nós estamos incluindo a classe D, a classe C, para que este país se torne mais justo, mais igual.

Eu, quando deixar a Presidência, dia 1º de janeiro, quando eu deixar a Presidência da República, eu vou ter participado de um momento glorioso, quando nós entregamos o diploma de médicos a 400 jovens do ProUni, dos quais 40% negros e negras se formando médicos neste país.

Nós acabamos de aprovar o Fundo de Educação, que era um sonho deste país. Como garantir que todo pobre possa ter direito a uma universidade, independentemente da renda? Nós tínhamos um problema, nós tínhamos um programa de financiamento, que era o Fies, mas nós não tínhamos fiador. Então, quando o pobre queria estudar, ele precisava de um fiador, e ninguém é fiador de ninguém mais hoje, as pessoas têm medo de um calote e ter que pagar. O que nós fizemos? O Estado brasileiro assumiu a responsabilidade de ser o fiador. E cada jovem, cada jovem, de qualquer lugar deste país, de qualquer origem social, que quiser estudar, ele vai poder pegar o seu crédito, ele vai pagar R\$ 50,00 por mês a cada trimestre [R\$ 50,00 a cada trimestre], e ele só vai começar a pagar o Fies, ele só vai poder pagar o dinheiro que ele tomou emprestado três vezes... Ele vai ter carência de três vezes o tempo que demorar o curso dele. Se ele fizer Medicina e se fizer seis anos, ele só vai começar a pagar depois de 18 anos. Se ele for trabalhar no SUS, ele não paga, e está quitado o empréstimo dele. Se ele for dar aula na universidade, ele não paga, está quitado o empréstimo dele. Então, nós vamos poder, a partir do dia 1º de janeiro, dizer o seguinte: neste país não estuda quem não quer, porque agora o governo garante crédito e garante fiador para que esse jovem possa estudar.

É essa a revolução que vai levar a que o Brasil se desenvolva, não como um cidadão que tem uma deficiência física, apenas pendendo para um lado, ou seja, nós temos que olhar o conjunto, o conjunto dos 8 milhões e meio de



quilômetros quadrados, nós temos que olhar para a diversidade cultural deste país, nós temos que olhar para a diferença que nós temos em cada região, e a partir daí estabelecer um modelo de desenvolvimento que leve em conta isso.

E aquela moça que veio aqui para me entregar um documento que ela me entregou. Pode voltar a me entregar o documento aqui e me dá o documento aqui que ela me entregou aí, ô Marcos. Ela queria me entregar lá na minha sala, Stuckinha, eu não peguei para você tirar uma foto, e quando ela vem me entregar, onde você está? Telefonando ali atrás, Stuckinha, não veio tirar a foto. Então, agora, me dê o documento aqui para ela me entregar, para tirar a foto aqui, que é uma proposta de desenvolvimento na nossa fronteira. Ou seja, que eu vou, depois, entregar para a companheira Dilma saber que nós produzimos uma proposta, para ela pedir para os próximos ministros...

No mais, companheiros, eu gosto de falar do microcrédito... Apesar de você estar cochilando, Zezéu, apesar de você estar cochilando, eu gosto de falar do microcrédito... Acorda, se não eu vou denunciar para a imprensa aqui. Eu gosto de falar do microcrédito pelo seguinte: nós, João, nós estamos, hoje, com um investimento – eu digo investimento porque, há pouco tempo, se dizia gasto - investimento da ordem de R\$ 14 bilhões do governo federal para fazer um programa chamado Programa Luz para Todos, onde a pessoa que recebe não paga um centavo, e onde nós privilegiamos a contratação de empresa local para que a gente possa promover o desenvolvimento regional. Nós já geramos por conta desse Programa, que começou em 2004, trezentos e oitenta e cinco mil empregos, nós já utilizamos 6.448.000 postes, já utilizamos 978 mil transformadores; já colocamos, de fio, neste país, um milhão duzentos e doze mil quilômetros - o que daria para dar 31 voltas na Terra, com os fios que nós colocamos no Programa Luz para Todos e já atendemos, praticamente, 13 milhões de pessoas que não tinham energia neste país. Porque, neste país, se construía uma hidrelétrica, e os pobres de perto daquela



hidrelétrica ficavam no escuro. Não se preocupavam em levar para eles a possibilidade.

Então, quando a gente fala do programa Luz para Todos, o cara fala “Ah, mas isso é só programa de pobre. O que isso interessa para a classe média?”. Eu vou dizer o que interessa: 80% das pessoas que receberam o programa Luz para Todos compraram televisão; 79% compraram geladeira; 50% compraram aparelho de som – e vocês imaginem o que compraram de liquidificadores, o que compraram... Você imagina o desenvolvimento que aconteceu nas cidades, na indústria. Hoje, quem vai para o Nordeste percebe que tem uma mudança, nós estamos com um problema sério de garantir um empreguinho para o jegue, porque as pessoas estão trocando jegue por motocicleta, é só ir ao Nordeste para vocês verem. Logo, logo, logo vai ter... logo, logo vai ter uma passeata de jegues aí, pedindo que a gente interceda para que eles voltem a ter utilidade no Nordeste. Então, é isso que eu chamo de desenvolvimento regional. É você garantir a oportunidade a que todos, em qualquer lugar deste país, possam sobreviver.

E queria dizer para vocês: A grande lição que eu aprendi neste governo é que a coisa mais barata, a coisa mais fácil é cuidar dos pobres. E o pobre tem uma vantagem: É que quando você dá R\$ 10,00, R\$ 20,00, ou R\$ 30,00 de crédito, ele só tem como patrimônio a cara dele e o nome dele. E ele se preocupa em pagar. Não era como antigamente, alguns tomavam dinheiro neste país aqui para produzir eucalipto e plantava uma muda aqui, outra em Mogi das Cruzes, e dizia que estava plantando eucalipto, e não tinha sequer fiscalização. Vocês sabem o que era o Basa, vocês sabem o que era o BNB, o que era o Banco do Brasil, o que era a Caixa Econômica? Eram bancos predestinados à falência, e que o orgulho nacional era publicar, no final do ano, déficit nesses bancos, e por trás do déficit, uma propostazinha de vendê-los.

Então, eu acho, companheiros e companheiras, que falar em desenvolvimento regional, neste momento, é a gente apenas cumprir aquilo



que Celso Furtado tentou fazer na década de 50 e que foi parado, que foi estagnado. Nós estamos voltando a olhar o Brasil como um todo, e eu acho que, se isso acontecer, um país que tem 190 milhões de habitantes, um país...

Veja, nós vamos deixar um legado, Rosa, que é muito importante, um legado que é histórico para mim, é gratificante para mim você imaginar que nós, em apenas oito anos, fizemos 126 extensões universitárias, 126. Fizemos 14 universidades federais novas, e ainda fizemos 214 escolas técnicas profissionais, uma vez e meia tudo o que foi feito em um século neste país. Se a gente continuar nesse ritmo, a gente pode, daqui a dez anos, todos bem velhinhos, todos bem velhinhos, aqui, a gente comemorar que o Brasil, finalmente, depois da Copa do Mundo e depois das Olimpíadas, virou um país desenvolvido e um país socialmente justo e um país regionalmente mais igualitário.

Parabéns a todos os premiados, e um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega de títulos de concessão de direito real de uso às comunidades tradicionais, assinatura do decreto do macrozoneamento econômico-ecológico da Amazônia Legal e anúncio de índices de desmatamento

Palácio do Planalto, 1º de dezembro de 2010

É que eu penso que eu não tenho mais, depois da fala da companheira Izabella, meu discurso está muito parecido com o dela, então, seria redundância.

Apenas, Izabella, eu acho que era importante que a gente tivesse claro o seguinte – aproveitando que tem vários embaixadores estrangeiros aqui presentes. É que eu fui a Copenhague no ano passado, e eu penso que o que nós estamos assistindo aqui é uma inversão de procedimento, eu diria quase que uma inversão de valores, em que o mundo desenvolvido e algumas ONGs viviam a dizer o que a gente tinha que fazer. Viviam a dizer que nós estávamos errados e que nós precisaríamos fazer isso. Quando nós fomos a Copenhague, que nós decidimos levar uma proposta audaciosa, ousada e a mais forte proposta apresentada na COP 15, nós percebemos que o chamado mundo desenvolvido que parecia que tinha tanta preocupação pela questão ambiental, não tinha tanta preocupação como parecia ter. Não tinha, porque, no fundo, no fundo, tirando proveito da miséria dos países que ainda têm muitas florestas, eles estão por aqui, na América do Sul, eles estão pela América Latina, estão pela África, as pessoas apresentam a ideia de um financiamento muito nebuloso, que nem o satélite do Inpe consegue pegar, de tão nebuloso, de tanta nuvem que tem.

Então, eu penso... Veja, vamos ver o que aconteceu: na COP 15 estava tudo acertado para que a gente fizesse um acordo fantástico lá em



Copenhague. Quando nós chegamos lá, eu percebi... Eu tive audiência bilateral com todos os países europeus – com os maiores – e o que eu percebi era que tinha um adversário comum que tinha que ser derrotado, que era a China. E que eram os países em desenvolvimento, que fazia parte a Índia, fazia parte o Brasil, que fazia parte a África do Sul, e nós nos recusamos a fazer esse pacto de jogar a culpa em cima da China, porque o que os companheiros americanos apresentavam como financiamento, como desmatamento, era apenas 4%, era uma coisa irrisória. E os europeus trabalhavam com a possibilidade de oferecer até 30 [%], mas estavam oferecendo só 20 [%]. Eu disse: Olha, nós não temos aqui que ficar barganhando, é hora de colocar as cartas na mesa, quem vai fazer o que! Eu cheguei a participar, junto com a nossa futura Presidenta, até as 4h da manhã, de reunião com todos os líderes europeus, parecia uma reunião de sindicalistas. A gente não aguentava mais: era discutindo artigo, vírgula... Isso não se resolve assim.

Pois bem, agora a COP-16, no México, não vai dar nada, não vai nenhuma grande liderança, nenhuma grande liderança vai à COP-16. No máximo, vão os ministros do Meio Ambiente, não sei se vão os ministros de Relações Exteriores, mas eu acho que na maioria vai ser a questão ambiental. Então, não vai haver um avanço, não vai haver uma pactuação. O que é importante é que o compromisso que nós assumimos, aqui no Brasil, nós estamos cumprindo, e não precisamos de favor para cumprir. Nós vamos cumprir porque é nossa obrigação cumprir.

Aconteceu uma coisa extraordinária nesse processo todo: é que nós também, Izabella e companheiros, paramos com a ideia de só proibir e só punir. Essa ideia de só proibir e só punir, ela dá resultado momentâneo, mas não é duradouro. Quando nós resolvemos chamar os prefeitos das cidades que mais tinham desmatamento, os governadores dos estados que mais tinham queimadas, chamar para conversar, e a gente oferecer a possibilidade para eles de que nós tínhamos que dar uma contrapartida, para que eles pudessem



ter alguma coisa de desenvolvimento, eles, em vez de continuarem sendo adversários, passaram a ser parceiros para cuidar das nossas florestas. Da mesma forma, os empresários passaram a perceber que cuidar da floresta, fazer o zoneamento agroecológico não era uma coisa contra eles, era uma vantagem comparativa para os produtos brasileiros no mercado internacional. Quem não sabe a guerra que estão fazendo com a carne brasileira no mundo inteiro? É por que a carne brasileira tem a doença da vaca louca? Não! É porque o nosso boi é verde, eles sabem que é criado no pasto e eles sabem que o Brasil é o maior exportador de carne do mundo, e quando o Brasil começa a competir, “vamos tentar atrapalhar o Brasil”. E vale para outras coisas.

Nós acabamos de fazer, Izabella, uma pactuação entre o governo federal, os sindicatos de trabalhadores do Brasil inteiro e os produtores de cana – a humanização do trabalho na cana-de-açúcar –, coisa que era impensável. Por que os empresários aceitaram fazer? Por que os empresários aceitaram dar água gelada, dar comida quentinha, banheiro? Por quê? Porque eles sabem que isso é uma vantagem comparativa na disputa de exportação dos produtos brasileiros para o exterior. E os trabalhadores? Eu estava até com uma frase do Chico Mendes aqui, quando ele dizia: “O melhor jeito de cuidar da floresta é cuidar da gente que vive na floresta.” Era uma coisa absurda, era uma coisa absurda: você marcava uma área de preservação e a primeira coisa que você ia fazer era expulsar as pessoas que moravam lá! Aí você ficava com áreas imensas como áreas de preservação, sem ninguém tomando conta. Era um convite ao madeireiro ir lá para cortar. Nada melhor do que dizer para as pessoas que já moram lá: fiquem lá, façam as suas coisinhas lá, abram picadas lá, vamos fazer turismo lá. Primeiro, matar o mosquito para não ninguém pegar malária, mas vamos fazer.

Então, eu acho que nós, Izabella, evoluímos muito. Nós evoluímos, a sociedade brasileira evoluiu, os empresários evoluíram, os ambientalistas



evoluíram, os trabalhadores evoluíram. Nós, agora, não nos tratamos mais como se fôssemos inimigos. Nós, agora, nos tratamos como se fôssemos parceiros, construindo uma coisa para o bem de todos.

Então, é com muito orgulho que a gente vê o resultado apresentado aqui hoje. É com muito orgulho que nós vamos entregar para a companheira Dilma um Brasil mais preservado, um Brasil com menos desmatamento, um Brasil com os nossos extrativistas tendo mais garantia. Se bem que o Chico Mendes precisa cuidar da Educação, você viu a reivindicação do companheiro ali.

Mas eu acho que nós avançamos, eu acho, eu acho que todos vocês estão de parabéns. O Guilherme me dizia que no Terra Legal nós já temos 81 mil títulos já reconhecidos, fazendo georreferenciamento, e logo, logo, estaremos entregando esses títulos para tornar as terras, definitivamente, com o [do] dono que nela trabalha.

Portanto, companheiros e companheiras, era só isso. Era por isso que eu não queria falar, mas queria dizer para vocês o seguinte: olha, eu acho que o que nós estamos conseguindo no Brasil – e a gente brinca muito “Nunca antes na história do Brasil, nunca antes na história do Brasil” – talvez nem seja mérito nosso. Talvez seja incompetência de quem veio antes de nós, que fez menos, que não cuidou tecnicamente das coisas. Eu sei que nós não fizemos tudo, eu sei que precisa fazer muita coisa, mas antes se fazia muito discurso e se colocava pouca coisa em prática. A diferença deste governo é que a gente tenta utilizar a teoria provando as coisas na prática, não ficamos só na teoria. O desmatamento não é uma coisa para ser controlada a partir de Brasília, apenas. Se a gente não tiver funcionários bem monitorados lá, ganhando salário digno para poder fiscalizar, não vai acontecer. Quando nós chegamos aqui, o Ibama não tinha nem carro, nem gasolina. Então, como é que a gente vai controlar?

Então, companheiros, eu acho que é isso. Parabéns a vocês, parabéns àqueles que nos criticaram, parabéns àqueles que nos aplaudiram e que



acreditaram, no primeiro momento. Muitas vezes a gente fica chateado com as críticas, mas, muitas vezes as críticas são exatamente o farol, são o alerta apontando o caminho que a gente não deve seguir. Se a gente tiver sabedoria de ouvir, analisar corretamente, em vez de detectar em cada crítica um inimigo, e a gente analisar em cada crítica um colaborador, eu acho que a gente vai avançar muito mais.

Eu acho, portanto, Izabella, que eu deixo o governo daqui a 30 dias feliz da vida porque cumprimos uma etapa, E eu espero que a nossa companheira Dilma faça mais, faça melhor porque ela já sabe como é que funciona, ela já participou de todo o trabalho que vocês fizeram, e eu acho que daqui para a frente é só a gente monitorar e avançar um pouco mais, que as coisas vão de vento em popa.

Parabéns a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante homenagem recebida da Organização das Nações Unidas (ONU) no Dia Mundial de Luta contra a Aids/HIV

Palácio Itamaraty, 1º de dezembro de 2010

Temporão, hoje eu vou quebrar, aqui, o protocolo e vou ler o meu discurso, coisa que eu não faço.

Primeiro, eu queria cumprimentar o meu amigo, ex-presidente de Botsuana, o presidente Mogae, que eu tive o prazer de visitá-lo em Botsuana e depois recebê-lo aqui no Brasil,

Quero cumprimentar o companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,

Quero cumprimentar o deputado Chico D'Angelo,

Quero cumprimentar a embaixadora Vera Machado, subsecretária-geral Política do Ministério das Relações Exteriores,

Quero cumprimentar o companheiro Michel Sidibé, diretor-executivo da Unaids,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Mohamed El-Baradei, presidente da Associação para a Mudança e membros da Comissão de Alto Nível para a Prevenção da Aids,

Quero cumprimentar o senhor Ibrahim Mayaki, diretor-executivo da nova parceria para a África, Nepad [Nova Parceria para o Desenvolvimento da África],

Quero cumprimentar o companheiro Cléber Fábio, por intermédio de quem cumprimento todos os jovens presentes,

Quero cumprimentar todos os vencedores do concurso literário "Vidas em Crônicas",

Quero cumprimentar minha cara Olívia Torres, meu caro Milton



Gonçalves,

Companheiros e companheiras,

Pedir para você, Dirceu, dar um grande abraço para a dona Helena Greco, minha companheira de muitos anos, e é importante saber que, aos 93, 94 [anos], ela continua tão militante política quanto quando tinha 40 ou 50 [anos].

Ao escolher nosso país para sediar as atividades relativas ao Dia Mundial de Luta contra a Aids, a Organização das Nações Unidas honrou todos os brasileiros. Esta, afinal, é a primeira vez que um evento de tal magnitude, no que se refere ao combate da epidemia, ocorre em um país das Américas.

Quero transmitir desde já, portanto, o agradecimento de toda a nossa população ao programa conjunto das Nações Unidas para o HIV e Aids, a Un aids, e ao seu diretor, o nosso companheiro Michel Sidibé.

Acredito que mais do que homenagear as ações de um governo, a ONU está, na realidade, reconhecendo um longo e intenso trabalho que vem sendo conduzido a muitas mãos em nosso país. Nossa luta contra a Aids envolve o governo federal, os governos estaduais e os municípios, e conta com a atuação incansável dos profissionais e gestores de Saúde. E existe, em grande parte, graças aos esforços e à militância dos inúmeros grupos da sociedade civil que defendem os direitos dos portadores de HIV e lutam contra o preconceito.

A verdade é que o Brasil se tornou o primeiro país em desenvolvimento a oferecer tratamento universal e igualitário aos portadores do vírus HIV. Cerca de 200 mil pessoas recebem o coquetel antirretroviral gratuitamente, pelo Sistema Único de Saúde, e estamos aprimorando, cada vez mais, as políticas públicas para a área.

Em 2007, buscando reafirmar a garantia do tratamento de qualidade, decretamos o licenciamento compulsório do efavirenz que é distribuído gratuitamente. Foi um marco na defesa dos direitos da saúde do povo



brasileiro. Conseguimos produzir o primeiro lote de genérico deste medicamento em fevereiro de 2009, graças à parceria entre um de nossos mais importantes órgãos públicos de saúde, a Fundação Oswaldo Cruz, ou Fiocruz, e empresas privadas do setor farmacêutico. Graças a essa e outras medidas, estamos obtendo hoje uma economia anual de R\$ 118 milhões na aquisição dos medicamentos para tratamento de doenças. O sucesso das atividades e esse reconhecimento acumulado devem ser difundidos de todas as formas possíveis e contribuir para que mais pessoas fiquem livres do estigma em torno da Aids.

Minhas amigas e meus amigos,

Quero aqui expressar, em meu nome e do povo brasileiro, nossa solidariedade às 33 milhões de pessoas em todo o mundo que vivem com HIV, em especial, às populações africanas que são afetadas pela epidemia.

Precisamos urgentemente derrubar os obstáculos que impedem o acesso de várias nações do mundo ao tratamento e à prevenção da doença. Os recursos atuais para o financiamento das ações globais de prevenção e assistência se mostram insuficientes em face das necessidades de muitos dos países em desenvolvimento. E o atual modelo comercial e de propriedade intelectual impede o acesso ao medicamento, insumos, e prevenção e diagnóstico. É necessário resistir a essa tendência, reforçando a cooperação técnica entre os países em desenvolvimento, para que estes possam produzir alternativas econômicas e sociais às atuais medidas restritivas no mercado mundial.

De nossa parte, tratamos como prioridade o compromisso de compartilhar a experiência do desenvolvimento solidário com nossos irmãos africanos, um povo que ainda sofre com a exclusão enraizada por séculos de colonização. Naquele imenso e populoso continente, ao mesmo tempo em que divulgamos nosso conhecimento acumulado com o Programa Nacional de Combate à Aids, participamos da construção de uma fábrica de antirretrovirais



em Moçambique. É importante dizer que já compramos todas as máquinas, até março as máquinas estarão montadas, estamos treinando moçambicanos e, se Deus quiser, quem sabe no final do ano que vem, estaremos produzindo 250 milhões de comprimidos para atender não apenas o povo de Moçambique, mas atender outras pessoas, de outros países da África.

Queremos que todos os países do continente tenham acesso a medicamentos e ao treinamento necessário para derrotar essa doença que dizima gerações de africanos. Estou certo de que o combate à Aids é, ao lado do combate à fome e à miséria, o primeiro passo necessário para o surgimento de uma nova África. E com esse novo continente nascerá também um novo mundo, cada vez mais justo e igualitário.

Meus companheiros e companheiras,

Eu queria dizer ao companheiro Sidibé, queria dizer a vocês que a partir do dia 1º de janeiro eu entrarei em longas e merecidas férias, depois... não por causa do cansaço de oito anos de trabalho, é que antes de ser Presidente eu perdi três eleições. Então, foram mais 12 anos até chegar à Presidência da República. Então, eu quero descansar para poder pensar o que eu vou fazer daí para frente.

Mas eu queria lhe dizer uma coisa: como eu, a vida inteira, fui vítima do preconceito, eu sei o que é o preconceito contra mim, eu sei o que é o preconceito contra os pobres, eu sei o que é o preconceito contra as pessoas que têm hanseníase, eu sei o que é o preconceito contra o negro neste país, eu sei o que é o preconceito contra a mulher, demonstrado na última campanha eleitoral, eu sei o que é o preconceito contra os portadores do HIV. Naquilo que depender de mim para lutar contra o preconceito podem contar, porque eu acho o preconceito a mais danosa das doenças que envolvem a Humanidade.

Eu quero parabenizar, Temporão, e agradecer, companheiro Temporão, o trabalho que você fez, a tua equipe. E eu penso que o Brasil vai continuar



sendo exemplo. E é importante, Temporão, levar em conta, aqui, o depoimento do Cléber, aqui. Ou seja, a gente precisa aprimorar aquilo que nós estamos fazendo, para que nenhum brasileiro, realmente, deixe de ter o atendimento necessário, porque eu acho que o Brasil conseguiu esse status com muito trabalho, e você tem razão, por causa do SUS, e daqui para frente a gente só tem que melhorar. E eu estou convencido de que a nossa companheira Dilma vai fazer mais e melhor do que nós fizemos até agora.

Muito obrigado e parabéns a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a 36ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República: Celebração dos oito anos de funcionamento do CDES

Palácio do Planalto, 02 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Companheiras e companheiros integrantes do Conselho,

Ministros Alexandre Padilha; Carlos Eduardo Lima, da Casa Civil; Guido Mantega, da Fazenda; Wagner Rossi, da Agricultura; Fernando Haddad, da Educação; Juca Ferreira, da Cultura; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Izabella Teixeira, do Meio Ambiente; Luís Inácio Adams, da Advocacia-Geral da União; Eloi Ferreira de Araújo, da Igualdade Racial; Altemir Gregolin, da Pesca e Aquicultura; e Pedro Brito, dos Portos.

Companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,

Companheiro Walfrido dos Mares Guia,

Companheiros conselheiros, companheiras,

Eu fico imaginando a primeira reunião que nós fizemos, deste Conselho. Eu lembro que houve uma certa ciúmeira, Maia, do Congresso Nacional, que achava que a criação do Conselho seria a criação de uma instância paralela para diminuir o poder do Congresso Nacional, que nós queríamos ter a experiência do exercício de uma democracia direta e não valorizar a democracia participativa.

Hoje é fácil falar isso, e as pessoas compreendem o que aconteceu. Mas naquele momento a gente levou muito tempo para convencer alguns deputados e senadores de que o Conselho não era uma área de conflito e não era para



conflitar com o Congresso Nacional, era para orientar o governo e para tornar o debate mais plural. Que nós pudéssemos envolver os segmentos da sociedade que não estavam nem no governo e nem no Congresso Nacional, para debater temas importantes que não dependem só do Congresso ou do governo.

Eu penso que, terminados esses oito anos, não existe um só congressista ou alguém do governo que não seja obrigado a reconhecer o trabalho importante que o Conselho fez para o presidente da República, para o governo e para o Brasil.

Aqui não houve temas proibidos, aqui não houve discursos censurados, aqui ninguém discutia previamente o que cada um tinha que falar. Cada um se inscrevia, falava o que queria, ouvia o que não queria. Alguns que começaram, no primeiro momento, a sentar nesta Plenária do Conselho como inimigos de classe, passaram a ser companheiros do Conselho. Alguns que entendiam que era incompreensível sentar do lado de um representante dos Sem Terra, ou alguém que entendia que não era possível sentar ao lado de um banqueiro, de repente todo mundo estava convencido de que além das diferenças, eram todos brasileiros.

Essa evolução, ela permeou, praticamente, toda a existência do nosso Conselho, nesses oito anos. Alguns desistiram no meio do caminho, outros começaram e estão até hoje no Conselho. Mas a verdade nua e crua é que nunca antes na história do Brasil membros da sociedade foram chamados para participar da definição de políticas públicas de um governo, como no nosso governo.

Certamente, ainda temos todas as deficiências que a Humanidade permite que tenhamos. Mas, certamente, este Conselho, o seu comportamento e a sua produção, e o aprendizado daqueles que passaram não apenas como conselheiros, mas como ministros responsáveis, certamente constituirão um novo paradigma para o funcionamento de um novo Conselho, no próximo período.



O dado concreto é que na escada da democracia a gente não pode descartar nenhum dos degraus que nós já ultrapassamos. Cada degrau é uma conquista que tem que ser soldada, que tem que ser carimbada para que faça parte da história, porque tudo que a gente abandona, tudo que a gente não valoriza, nas nossas conquistas, termina se voltando contra nós.

Então, em primeiro lugar, os meus agradecimentos a cada um dos companheiros, a cada uma das companheiras que participaram. Eu serei testemunha, até o último dia da minha vida, da importância que vocês tiveram para os oito anos do meu mandato. Essa é a primeira coisa.

A segunda coisa é que nós vamos entregar para a futura presidenta deste país um Brasil que certamente nem eu, nem nenhum de vocês imaginava que nós seríamos capazes de entregar oito anos depois. Eu, hoje, posso dizer para vocês: nenhum de nós acreditava que nós pudéssemos chegar, no dia de hoje, na situação em que nós estamos. Na área econômica, então, companheiro Guido, você que sempre foi um dos mais otimistas... na área econômica, chegava dia em que eu tinha medo de concorrer às eleições, porque o Brasil estava tão quebrado, tão desmoralizado, a cada reunião que eu participava os números do Brasil eram tão negativos, que eu me perguntava: esse pessoal que quer que eu seja candidato são meus inimigos. Como é que querem que eu seja presidente de um país que não tem conserto? Porque era assim que era vendido o Brasil, era assim. Eu mesmo cansei de viajar - enquanto dirigente sindical, enquanto membro de oposição - para o exterior para falar da miséria deste país. Nós, na verdade, não tínhamos dimensão de que uma nação, ela não é grande pelo que os outros pensam dela, ela é grande pelo que nós pensamos dela, ela é grande pelo que nós queremos que ela seja.

E, quando... Nós estamos terminando o mandato e eu fico vendo a situação que nós estamos vivendo, companheiro Guido, eu fico imaginando que, quem sabe, foi bom que nós fôssemos pessimistas, um tempo, para que a



gente entrasse no governo e a gente resolvesse enfrentar desafios que nem nós mesmos imaginávamos que estávamos preparados para enfrentar. Eu, muita vezes, imaginava que, se eu pudesse, eu queria entrar na cabeça de alguns de vocês em 2003 e 2004, porque às vezes eu ficava daqui falando com vocês e eu ficava pensando: esses caras não estão acreditando, esses caras estão achando que vai ser um fracasso. Então, se vocês saíssem de uma reunião do Conselho e lessem, então, os editoriais de alguns jornais, seria desastroso. Vocês, então, não sei quantas vezes vocês pensaram...

Eu vou contar uma coisa, porque agora eu estou no final do mandato, eu posso contar: quando nós fizemos este Conselho, na primeira reunião houve uma reunião paralela de vários membros do Conselho para discutir lá fora o que trazer para dentro, com medo de que o Conselho fosse uma coisa a ser manipulada por nós, tal eram as incertezas que nós tínhamos.

Bem, oito anos depois, o que a gente está vendo, como milagre? Eu tenho como advogado-geral da União um cara que se chama Luís Inácio Adams, e eu tento dizer que não é meu parente - e não é - porque ele é filho de alemão, não tem nada a ver com Garanhuns. Como é que pode ter um alemão com o nome Luís Inácio?

Oito anos depois, a gente pega o jornal Valor e vê que as economias de capital aberto, Guido, nunca ganharam tanto dinheiro na história do Brasil, como ganharam no meu governo. A gente conversa com os empresários das construtoras brasileiras, a gente conversa com os empresários do setor imobiliário, e eles nunca ganharam tanto dinheiro, nunca tiveram tanto trabalho, nunca tiveram tanta falta de mão de obra, nunca tiveram tanta encomenda como eles têm hoje. Alguns se dão ao luxo de não querer pegar mais encomenda pequena, é um trabalho... Nem participaram do TAV, não é, Marcelo? Nem participaram do TAV.

Bem, então, isso eu acho que é resultado de um momento econômico internacional e nacional, mas é momento também de um clima de euforia



interna que cada um de nós tem. Os acertos na tomada de medidas econômicas, em momentos em que precisava ser mais duro, como no começo do governo, com o Palocci; no momento em que precisou ser mais desenvolvimentista como agora, com o companheiro Guido, em que foi preciso, no enfrentamento da crise, que não se trancou com um técnico da universidade dele para discutir a crise, mas chamou vocês, criando uma espécie de conselho de crise, de comitê de crise para discutir semanalmente as medidas que tinham que ser tomadas. Porque neste governo nós aprendemos o quanto é bom a gente ouvir, o quanto é bom a gente saber o que pensam aqueles que serão vítimas ou beneficiários das políticas que nós publicamos. Eu não sei, Guido, se você vai passar para a história como um dos poucos ministros da Fazenda que não vai deixar esqueleto para o seu sucessor porque você mesmo me parece que será o sucessor, mas nós... Se você tiver algum, ainda tem 30 dias para você tentar desmontar e não ficar com o esqueleto.

Mas nós descobrimos uma coisa, gente. Eu lembro como se fosse hoje: 1989, 1989... não, não era 1989. Eu era candidato a presidente ainda na substituição do Sarney; o Maílson da Nóbrega era o ministro da Fazenda. Eu lembro que eu saí do Peru e eu fui para o Chile; quando eu cheguei ao Chile, o Maílson da Nóbrega tinha anunciado o Plano Verão, e nós achamos que aquilo era uma catástrofe. Nós saímos do Chile... Nós nem tínhamos nos hospedado direito, teve gente que saiu com a mala aberta, enfiando a cueca dentro da mala, porque a gente achava que tinha que estar no Brasil naquela história do Plano Verão. Nós íamos para a Argentina e nem fomos para a Argentina. Hoje, nós estamos pagando esqueletos daqueles planos, estamos pagando esqueletos de vários planos, porque havia um hábito de tratar a economia como se fosse uma questão de mágica. Ou seja, um cidadão inventava que ele tinha uma tese e, essa tese, ele tentava anunciar um pacote sempre como se fosse uma coisa clandestina, e depois não dava resultado, e ninguém assumia a culpabilidade pelos erros. O ministro caía, o país ficava com o prejuízo,



entrava outro ministro. Daqui a seis meses, fazia outro plano, caía, ficava com o prejuízo, entrava outro ministro, era uma coisa maluca.

Quando a gente começou a dizer que não haveria mágica em política econômica, em política econômica, a gente iria trabalhar com seriedade e com previsibilidade, todo mundo iria saber o que tinha que acontecer neste país, porque não era nosso o país. O país era de 190 milhões de brasileiros, e nós não tínhamos o direito de acharmos que somente nós é que entendíamos das coisas. Eu acho que esse foi o milagre deste país, foi a gente, em vez de governar, a gente cuidar; em vez de tratarmos a sociedade como se nós, por ser governo, soubéssemos de tudo, ouvir o que as pessoas tinham para dizer para nós - e vocês estão percebendo que eu vou sair do governo com a orelha mais caída, de tanto ouvir, de tanto ouvir. Esse menino da UNE deveria ter tido a coragem de dizer aqui que nós atendemos a pauta de reivindicações da UNE toda, Lúcia, e vocês vão ter que, agora, passar uns meses fazendo uma nova pauta, porque nós atendemos todas as reivindicações da UNE, todas, sem distinção, coisa que eles passaram décadas e décadas apanhando e não tinha nenhuma reivindicação atendida. A última, Lúcia, nós ainda vamos fazer agora, que vai ser o começo da construção da sede da UNE, que nós garantimos os 42 milhões para poder construir o projeto da sede da UNE. Não tente dar para a Odebrecht, para a Camargo Corrêa, para a Andrade, que eu acho que eles vão ter que ter muito trabalho e não vão pegar. Tente arrumar uma outra empresa menor, lá pelo Rio de Janeiro mesmo, para fazer.

Pois bem, Guido, você... Eu estive em Belém, eu estive em Tucuruí, inaugurando, Gerdau, finalmente eu fui inaugurar a eclusa do Tucuruí, depois de 29 anos de espera. Finalmente! Finalmente eu pude ir fechar a primeira comporta da hidrelétrica de Estreito, coisa que eu estou tentando ir há quatro anos e cada vez que eu ia lá, Feijóó, o pessoal do MAB fazia um protesto e eu, para evitar, Artur, qualquer briga com o MAB, eu não ia. Desta vez eu fui e quem estava lá, junto com os empresários? O MAB. Porque nós fizemos um



decreto regulando o que é um atingido por barragem.

Eu fui, com o companheiro Luiz Dulci, a São Paulo, fazer um acordo entre os cortadores de cana, os trabalhadores e os empresários de humanização do trabalho no corte de cana, em que você garante a cidadania para as pessoas. E eles não queriam muito, eles queriam água gelada, comida quente e um banheiro para poder ir, e um ônibus para ir embora. E os empresários entenderam que aquilo fazia parte da modernidade que eles precisam, para poder colocar os seus produtos no mercado internacional. Então, aquilo que parecia ser impossível estava acontecendo, sem dor e sem sofrimento, apenas com muita paciência.

Vocês, companheiros... e eu disse para a companheira Dilma, lá em Tucuruí, ela, ela... Tem um governante que toma posse e recebe uma herança maldita. Aliás, a herança maldita foi dita pelo primeiro discurso do Palocci, depois que eu tomei posse, na transição ainda, na apresentação do resultado da transição. O Obama recebeu uma herança maldita impagável, que foi a crise do *subprime*. A Dilma não vai receber herança maldita, até porque se ela receber, ela tem parte na construção da herança maldita. Mas, eu estava dizendo para a Dilma, ela vai receber um Brasil que eu acho que poucos presidentes tiveram o privilégio de receber o Brasil. Ela vai receber o Brasil em um momento em que, de todas as hidrelétricas em construção no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil. Das [hidrelétricas] que estão em construção - Santo Antônio, Jirau e Belo Monte - são as maiores em atividade no mundo. Ela deve pegar um país, Guido, possivelmente, com as três maiores ferrovias em construção no mundo estarem acontecendo exatamente no Brasil, seja a Oeste-Leste, que eu pretendo anunciar na Bahia, acho que dia 14 [de dezembro], seja a Transnordestina, que eu espero Benjamin, que esteja andando a todo vapor, e seja a Norte-Sul, que nós vamos entregar o trecho até Anápolis e vamos anunciar o trecho até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para ligar definitivamente o Porto de Itaqui ao Porto de Santos. Mais ainda, vocês



vão herdar um país em que a gente tem o maior investimento da indústria petrolífera da história sendo feito neste país, e, aliás, Maia, meus agradecimentos porque ontem a Câmara aprovou o modelo de partilha, que é uma coisa que nós entendemos que seja a melhor forma para este país ser dono da sua riqueza e dela fazer a compensação dos desmandos que nós tivemos durante todo o século XX e em outros momentos da nossa história. Então, nós vamos pegar um país em que o desenvolvimento regional está consolidado.

Tânia Bacelar, você que é uma mulher que, como ninguém, passou a sua vida fazendo palestras e defendendo o desenvolvimento regional, o que vai significar o canal do São Francisco para o desenvolvimento do semi-árido deste país? E eu queria pedir a vocês, companheiros Conselheiros, pedir a vocês - eu sei que vocês, agora nas férias, um vai para a Europa, o outro vai para Miami, porque os netos querem ir para Miami, outro vai não sei para onde - por favor, façam um passeio no canal do São Francisco, façam um passeio, vão conhecer um canal de 642 quilômetros, que pode ser a redenção para uma região e para 12 milhões de homens e mulheres que moram em uma região e que a vida inteira ouviram que não tinha jeito, e que agora eles poderão ter jeito.

Ou se vocês pudessem conhecer o milagre do microcrédito neste país. Porque eu viajo com o Guido, com o Meirelles, com outros companheiros, a gente fala muito de macroeconomia, macroeconomia, macroeconomia, os números são todos gigantescos e... Acontece que os números da microeconomia viraram gigantescos, não é mais a política do favor. Porque antigamente, como é que acontecia no Brasil? Um governo ganhava as eleições – mesmo em um estado – um governo conservador, um homem de perfil ideológico de direita, ele ganhava as eleições no estado, ele pegava a secretaria do Trabalho e dava para os trabalhadores, mas não dava dinheiro, e a Fazenda ele dava para os adversários. Ou seja, nós aprendemos que nem



tanto a terra, nem tanto o céu, de que é melhor que a gente coloque na Fazenda alguém que tenha o mínimo de compromisso com o outro lado, para que as políticas sejam feitas não de forma compensatória, mas também pensada dentro do modelo de desenvolvimento.

Eu acho que a companheira Dilma Rousseff, ela tem todas as possibilidades de fazer mais e de aprimorar e fazer coisas novas e extraordinárias. Ela tem tudo para fazer e para surpreender muita gente. Até porque o preconceito levantado contra ela foi uma coisa que eu pensei que não existia mais no Brasil. E, hoje, eu descobri que o preconceito é a mais grave das doenças que toma conta da cabeça de um ser humano. Não é câncer, não é hanseníase, não é nada, é o preconceito. Porque a pessoa pode não morrer, mas a pessoa preconceituosa vive morta por dentro, é como se fosse um zumbi, está sempre de mal com a vida, está sempre torcendo para que as coisas não deem certo. E eu acho que essa é uma coisa que nós vamos ter que trabalhar muito, para tornar o Brasil uma sociedade menos preconceituosa. E eu acho que a Dilma é uma chance extraordinária de consolidar, se não o fim do preconceito, diminuí-lo muito na nossa sociedade.

Então, meus queridos companheiros e companheiras, do fundo do meu coração, eu sou só agradecimentos a vocês. Se tem um ser humano que tem que agradecer, sou eu, pelo carinho, pela lealdade, pelo companheirismo, pelas divergências feitas da forma mais sadia e democrática possível, e pedir para vocês que... Nós ainda estamos apenas no começo da construção de um processo de desenvolvimento do país. Tem muita coisa para ser feita, mas o que nós estamos deixando de legado é que nós descobrimos que é possível, é possível. Eu fico pensando: a companheira Tânia, ela, faz oito anos que ela não ouve mais falar nas frentes de trabalho, oito anos. O que era a frente de trabalho? Era um instrumento que era utilizado para tirar pó e pedra de um lugar e colocar no outro enquanto a seca permeava o Nordeste, para pagar R\$ 30,00 por mês. Quando terminava a frente de trabalho, o resultado era zero,



porque não tinha deixado absolutamente nada. Aí, só ia se lembrar da frente de trabalho quando viesse outra seca. Nunca mais nós ouvimos falar.

O Nordeste e o Norte do Brasil, que tinham apenas 1,3% de doutores e mestres, já estão quase com 10% de doutores. É pouco, porque nós não queremos tirar nenhuma conquista da parte do Brasil que já atingiu um nível melhor, o que nós queremos é levar ao lado que ainda não teve a oportunidade de se igualar à parte mais desenvolvida deste país.

Eu penso que é isso que vocês fizeram acontecer no Brasil. Nenhum de vocês... E, sobretudo, eu quero agradecer àqueles companheiros que eram do Conselho, que, no auge da crise de 2005, em que, eu nunca disse isso, mas naquela tentativa de golpe que se tentou dar no Brasil, vocês permaneceram no Conselho, vocês não desistiram do Conselho, você não misturaram o trabalho que vocês estavam fazendo para o Brasil com a vinculação com o governo. Vocês conseguiram separar, e isso foi extremamente importante para mim, que era o presidente da República, mas, sobretudo, para o país, porque vocês eram o lado sereno da sociedade, que não se permitia enganar com determinado tipo de discurso.

Eu acho que nós fizemos a travessia extraordinária. Acho que ninguém nunca está feliz, porque todo mundo quer mais. Essa é a coisa saudável da democracia: é que quanto mais a gente pensa que a gente está atendendo, mais as pessoas querem mais, e quanto mais você atende...

Esses dias, eu peguei um empresário que veio reclamar de um negócio aí, ele falou para mim: "Ô Presidente, eu tinha 22 mil trabalhadores, estou com 77 mil trabalhadores". E eu disse: "E está reclamando do quê, cara-pálida, está reclamando do quê?" Até o Toninho Trevisan está rindo à toa, você viu?

Então, companheiros, olhem, do coração... O Banco do Brasil já não é mais aquele banco que só aparecia com déficit nos jornais. A Caixa Econômica não é mais aquele banco que estava sempre para quebrar. O BNDES não é mais aquele banco de desenvolvimento que de desenvolvimento não tinha



nada e de social muito menos, e hoje ele tem de desenvolvimento e tem social.

Então, eu acho que vocês ajudaram a fazer este país ser o que é hoje. Nós ainda não vamos deixar uma contribuição para a Dilma que eu queria deixar e não vai ser possível fazer, que é tentar melhorar o marco regulatório de muita coisa neste país. Tem muita coisa que a demora é tanta que é não é explicável, tem muita coisa. Hoje nós temos várias indústrias que nem são indústrias, que dificultam a vida de um governo. E eu vou poder falar muito mais à vontade disso quando eu não for governo, porque senão vão dizer que eu estou choramingando.

Mas vocês não têm dimensão de como é difícil fazer as coisas acontecerem neste país. Se alguém sentar naquela cadeira de presidente e permitir que a normalidade toque a vida, termina o mandato sem inaugurar uma única obra. O Wagner começou dizendo uma coisa que, se eu sair daqui e for dar uma palestra em Nova Iorque, na Bolsa de Valores, e o cara perguntar: “Lula, por que o Brasil deu certo? Qual é o melhor jeito de governar?” Eu vou dizer: “Façam apenas o óbvio”. Tudo que você tentar fazer diferente será problemático. O óbvio é simples, todo mundo sabe que tem que ser feito, mas nem todo mundo quer fazer. Eu acho que esse é o sucesso do Brasil que vocês me ajudaram a construir e do Brasil que vocês vão, no dia 1º de janeiro, entregar para a futura presidenta da República.

Muito obrigado por tudo, e até outro dia, se Deus permitir.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da Ordem do Mérito Cultural 2010**

Rio de Janeiro-RJ, 02 de dezembro de 2010

Meu caro companheiro e amigo, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral. Eu quero, Sérgio, aproveitar este momento em que a Bia Lessa quase me mata do coração, e dizer para você que o que você está fazendo no Rio de Janeiro neste momento, de devolver a cidadania ao povo trabalhador, ao povo honesto, às mulheres, às crianças, aos estudantes, às pessoas de bem deste estado, será marcado na vida do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Muito obrigado por não negociar com aqueles que não merecem complacência do Estado.

Quero cumprimentar o companheiro Eduardo Paes, prefeito desta cidade, que tem a oportunidade extraordinária que mostrar que é possível recuperar a cidade do Rio de Janeiro, recuperar a beleza que Deus nos deu mas, sobretudo, recuperar o orgulho do povo carioca de voltar a dizer que é carioca.

Quero cumprimentar um só ministro dos tantos ministros que me acompanham aqui, o companheiro Juca Ferreira. Em nome do Juca, eu quero cumprimentar todos os companheiros. Eu queria, Juca, dizer para você que quando você foi anunciado, eu vi um grupo de companheiros gritando: “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”. É uma pena que a companheira Dilma não está aqui para ouvir as pessoas gritarem “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”, “Fica, Juca!”. Eu lembrei, Juca, da despedida do Pelé, no Maracanã, com a camisa da Seleção brasileira, coisa que eu nunca tinha visto: cem mil pessoas no Maracanã gritando para o Pelé “Fica, fica, fica, fica”, e ele tinha tomado a decisão de parar de jogar futebol. Eu, Juca, não sei se você fica, mas eu quero te dizer que, do fundo do coração, eu agradeço eternamente o fato de tê-lo tido



como meu ministro da Cultura no segundo mandato que eu exerci na Presidência da República.

Quero agradecer aos agraciados. Eu vi tanta gente amiga, tantos companheiros aqui recebendo o prêmio, que eu pensei em rasgar o meu discurso e não ler nada. Eu deveria ter vindo aqui, ter um prêmio que o Juca não me deu para entregar para a Bia, agradecer à Bia, dar um beijo nela, porque eu, há muito tempo, não sentia a emoção que eu senti hoje e não via um espetáculo tão deslumbrante quanto este que a Bia promoveu aqui hoje. Portanto, querida companheira Bia, nós estamos devendo um prêmio para você. Eu, se pudesse, tomava um do Juca, aí, e te daria, mas eu não tenho como tomar, o Juca está ali em cima, eu estou aqui embaixo.

Eu queria, companheiros e companheiras, dizer para vocês que estou a menos de 30 dias de terminar o mandato, e eu acho que o que aconteceu no Brasil foi um pouco repassado pela Bia. Nós recuperamos o gosto, o prazer de ser brasileiros. Nós perdemos a vergonha, nós perdemos a vergonha de ser como nós somos. Eu lembro que, num momento difícil da campanha política deste ano, teve um ato cultural no Teatro Casa Grande para a Dilma, e o Chico Buarque, na sua genialidade, disse: “Eu gosto deste governo porque ele não fala fino com os Estados Unidos e não fala grosso com a Bolívia”. Eu achei, meu caro Sérgio Cabral, essa frase genial porque ela sintetizava o momento que nós estávamos vivendo no Brasil, e eu aprendi que a sabedoria do povo brasileiro, a grandeza do povo brasileiro está na sua genialidade.

Eu queria contar dois casos para vocês, para parar de falar, e não falar do Darcy, não falar do Leonardo Boff, não falar de Carlos Drummond de Andrade, que estão todos no meu discurso. Eu queria apenas dizer o seguinte: eu tomei posse na Presidência da República no dia 1º de janeiro de 2003, e em junho o presidente Chirac me convidou para ir a Evian. Era a primeira vez que um presidente do Brasil iria participar do G-8. Eu cheguei em Evian, a cidade toda cercada de arame farpado... eu não sei por que o G-8, que é tão



importante, eles se acham tão bons, é obrigado a fazer reuniões tão cercadas, porque quando a gente quer fazer o bem, você faz em qualquer lugar. O mal é que você faz cercado, em reuniões distantes, em que o povo não tem acesso. Mas eu cheguei lá, entrei numa sala e estávamos esperando chegar todos os presidentes de República. Já tinha chegado o Chirac, tinha chegado o Tony Blair, tinham chegado outros primeiros-ministros e presidentes, e faltava o Bush. Eu estava sentado a uma mesa junto com o Celso Amorim quando entrou o presidente Bush. Quase que num passe de mágica, todo mundo se levantou. Eu peguei na mão do Celso e falei: nós não vamos nos levantar, nós não vamos nos levantar. Por uma... Não era orgulho, não, é que ninguém tinha se levantado quando eu entrei. Por que é que a gente tinha que se levantar para o presidente dos Estados Unidos? E ficamos sentados. E o Bush, humildemente, foi à mesa em que eu estava – Celso Amorim, eu e Kofi Annan – e nos cumprimentou, igualzinho cumprimentou os outros. Eu falei: valeu a pena a gente não demonstrar pequenez, valeu a pena a gente não se rebaixar.

Aí fui para uma reunião. Cheguei na reunião, tinha uma mesa importante – estava o Koizumi, do Japão; estava o Tony Blair, da Inglaterra; estava o Bush, dos Estados Unidos; estava o Putin, da Rússia; estava o Rei da Arábia Saudita, e outros presidentes importantes que estavam lá – e eu em pé, sem falar uma única palavra... O Fox, que era o único com que eu podia falar “*buenos días, buenas noches, compañero*” estava longe, e eu não podia falar. E eu estou lá, olhando a cara daquelas pessoas tão importantes, e eu falava: puxa vida, eles não me entendem, eu não entendo... Tinha um companheiro meu que falava assim: “Ô Lula, será um sucesso extraordinário se você aprender algumas palavras em inglês e você aparecer na televisão falando algumas palavras em inglês”. Eu dizia para esse companheiro: eu nunca me importei que eles não falassem português. Ou seja, cada um no seu mundo, cada macaco no seu galho. É melhor.

Aí, eu estava lá agoniado porque todo mundo olhava para a cara de todo



mundo, eu parecia um bicho estranho que estava ali. Aí eu me dei conta de por que eu estava sendo notado. É porque eu era, meus queridos companheiros, meu querido Sérgio Cabral, o único diferente ali. Eu era o único que tinha vindo de um mundo em que eles não tinham vivido. Ah, estava lá meu amigo Hu Jintao, estava meu amigo primeiro-ministro da Índia. Eu falei: sabe de uma coisa? Eu vou mostrar firmeza aqui porque nenhum deles tem a experiência que eu tenho na convivência com o povo pobre do seu país. Eu vou ser mais eu aqui. E aí botei aquele negócio aqui no ouvido, aquele interfone, falei grosso... Eu tenho um intérprete, que você conhece, que é o Sérgio Ferreira, que consegue dar mais emoção do que eu falando de verdade...

Bem, eu venci a minha primeira etapa internacional. Foi... Voltei para o Brasil com um alívio, com a sensação de ter vencido, e preocupado porque a imprensa brasileira se preocupava que eu não falava inglês e eles achavam que eu não podia governar o Brasil. Eu falei: passei no primeiro teste. Não preciso falar inglês para governar o Brasil, não preciso falar inglês para governar o Brasil.

A outra coisa, Sérgio, importante que aconteceu na minha vida foi na primeira reunião do G-20 para discutir a crise econômica. Eu imaginei que eu ia chegar em Pittsburgh e ia ter um monte de sábios dizendo o que a gente tinha que fazer para evitar a crise do *subprime*, que era uma crise oriunda dos países ricos, da incompetência deles, da irresponsabilidade deles. Países importantes como Estados Unidos, como Alemanha, como Inglaterra, todos estavam em crise e eu imaginei: não tem problema, essa gente não fica em crise. Em crise fica o pobre. Rico, quando fica em crise, dá calote no banco e a crise acaba. Pobre é que tem que pagar porque vai para o Serasa, ele tem que... fica com o seu nome sujo na praça. E eu, inquieto, achando que eles iam apresentar uma solução para a crise que o Brasil e o mundo estavam vivendo.

Aí eu cheguei lá, ousei dizer, ousei dizer que no Brasil não tinha crise. Eu disse: olhe, nós não temos crise, essa crise é um pequeno barulho que está



acontecendo aqui; porque aqui pode ser um tsunami, no Brasil vai chegar uma marolinha, nós vamos resolver, nem prancha vamos precisar utilizar. Nós vamos resolver na metodologia do economês que aprendemos na USP, na Unicamp, na Fundação Getúlio Vargas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nós temos economistas de sobra para isso. Eu fiquei surpreso porque eu me dei conta de que aqueles homens sábios, que apareciam na televisão dando palpite sobre o Brasil, eles não tinham noção de como resolver o problema da crise deles. Veja que o governo americano demorou sete meses para resolver o problema da indústria automobilística. Nós resolvemos o nosso em sete dias. Veja que até hoje eles não resolveram o problema dos bancos e nós resolvemos o nosso no ano passado.

Por que eu estou dizendo isso? Porque, Bia, nesse trabalho fantástico que você fez, você mostrou uma coisa, que se eu um dia tiver que fazer uma palestra em qualquer lugar do mundo e alguém perguntar “Ô Lula, por que o teu governo teve sucesso?”, eu vou dizer: porque nós fizemos o óbvio. O óbvio é a única coisa que um governante tem que fazer. Inventar é para cientista, não é para governo. Governo faz, governo faz, realiza aquilo que a vontade do povo quer. O que você mostrou aqui, Bia, nesta montagem extraordinária, fantástica... eu nunca vi nada igual. Eu estava ali naquela tribuna, eu vi... não sei se é ali ou aqui, eu aqui estou meio perdido, eu sei que tem uma tela aqui na minha frente. Mas o dado concreto é que eu estava ali e eu estava vendo... o Juca parecia que estava no meio da água, no meio da floresta. Se eu não fosse um cara que conhecesse o Juca, eu pensava que era uma pessoa do além, nas nuvens. Eu nunca tinha visto nada igual.

Mas a coisa mais importante que você mostrou, Juca, quando você homenageou aqui o Tinoco, Juquinha... eu acordava às 6h da manhã, em 1960, para trabalhar, ouvindo a música do Tônico e Tinoco, você acredita? Acordava ouvindo eles cantarem a verdadeira música caipira deste país.

Então, o que vocês conseguiram mostrar, Juca, com esta premiação, o



que vocês conseguiram mostrar com tudo o que eu vi aqui foi que vale a pena, Juquinha, a gente ter orgulho de ser brasileiro, a gente ter orgulho de ser feio, de ser bonito, de ser preto, de ser branco, de ser índio, de não ser índio. Mas vale a pena a gente acreditar em nós mesmos. Nem, nenhum povo consegue vencer se não acreditar em si próprio.

E o que nós vimos aqui foi isso, foi uma demonstração extraordinária do que significou para nós o Darcy Ribeiro, uma coisa extraordinária. A pessoa de quem eu tenho mais inveja no mundo é do Vinicius de Moraes. Como ele soube viver! Eu tenho vergonha de não ter a coragem de viver como viveu o nosso querido Vinicius de Moraes. “Deixa a vida me levar” escreveu o Zeca Pagodinho quantos anos depois que o Vinicius deu aquela demonstração de sabedoria de vida.

Então eu queria, Juca, dizer para você que este é o último prêmio de que eu participo, o último Mérito Cultural. Mas mesmo que não fosse o último, Juquinha, teria valido a pena, meu caro, porque foi excepcional a escolha, foi excepcional a produção e foi excepcional, Juca, conviver contigo todos esses anos. Primeiro como secretário-executivo do nosso querido Gilberto Gil, e depois ter você como ministro da Cultura. Eu tinha dúvida se o Juca ia ser ministro da Cultura. Aí, no final de 2006... 2005, o Juca apresentou um programa chamado Mais Cultura. Eu achei tão extraordinária a apresentação, que eu falei para o Gil: Gil, se você sair, eu já tenho o sucessor, é o Juca Ferreira.

De coração, Juca, muito obrigado por tudo o que você fez pela cultura brasileira e, certamente, por tudo o que você vai continuar fazendo, independentemente de você estar no Ministério, porque homens como você não precisam de cargo para fazer as coisas pela cultura e por este país.

Muito obrigado a todos vocês. Parabéns, Rio de Janeiro. Parabéns, Sérgio Cabral. Parabéns, Juca Ferreira.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de posse solene do Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior, no âmbito da 3ª Conferência “Brasileiros no Mundo”

Rio de Janeiro-RJ, 03 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,
Meu querido Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,
Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro “sainte” das Relações Exteriores. É porque eu fui falar com o Celso porque ele não falou um pouco mais. Ele falou: “Eu estou saindo, eu estou saindo”. Tem que falar mais, meu caro. Quando a gente está morrendo afogado, a gente grita para se salvar.

Quero cumprimentar o companheiro Juca de Oliveira, nosso ministro da Cultura. Juca Ferreira, Juca Ferreira, me desculpe, Juca. É que eu estou sempre vendo novela.

Quero cumprimentar o companheiro Gabas, ministro da Previdência Social,

A nossa companheira Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

O Marcio Fortes, ministro das Cidades,

O Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

O ministro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

O nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

O senador Marcelo Crivella,

O deputado Luiz Sérgio,

O embaixador Eduardo Gradilone, subsecretário-geral das Comunidades Brasileiras no Exterior,

Todos os embaixadores aqui presentes,



O nosso querido Sussumu Shinoda, presidente do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior. E cumprimento ele, eu cumprimento todos os companheiros e companheiras que tomaram posse no Conselho.

Eu, habitualmente, falo de improviso, mas como eu sou um “sainte”, eu vou ser curto aqui, também, para dizer algumas palavras para vocês. Eu pedi aqui, para o Ministro da Previdência que preparasse todos os acordos que ele fez, com os países, sobre a Previdência Social, que não está no meu discurso. E ele, pelo menos, tem viajado muito e tem se justificado para mim: “Presidente, eu viajei não sei para onde, para fazer um convênio para tratar da Previdência Social”, e não tem nada no discurso. Eu estou desconfiado de que aquelas viagens não foram para cuidar de nada de interesse dos nossos companheiros.

Está aqui, olha, está no discurso paralelo: foram negociados, em conjunto com o Ministério da Previdência Social, acordos da Previdência com Cabo Verde, China, Espanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Mercosul, Portugal, todos em vigor; Alemanha, Bélgica, Ibero-Americana, Japão, assinados, aguardando a ratificação. Canadá, Quebec, Estados Unidos, já negociados. Coreia do Sul, França, Síria, Líbano, Israel, Colômbia, México, Ucrânia, Reino Unido, Suíça e Irlanda, processo em negociação. É verdade? Justificou a sua viagem.

Na verdade, o meu discurso deveria ter sido esse aqui, do Celso, não sei porque não me deram ele, já que você não ia ler. É isso mesmo.

Bem, utilizando o hábito da boa diplomacia brasileira, eu vou me ater ao discurso aqui, companheiro Celso. Vou falar com a alma, está aqui. Minha alma é o papel, meu filho.

É com grande satisfação que participo desta terceira edição da Conferência “Brasileiros no Mundo”, um evento que para mim tem um



simbolismo muito grande, porque convivi com muitos de vocês quando eu não era presidente, quando era oposição, ou quando era dirigente sindical. E aí, viu, Celso, a minha gratidão ao Itamaraty é porque mesmo quando eu não era presidente da República, ou quando eu era dirigente sindical, que eu e o Marco Aurélio viajavamos pelo mundo afora, que a gente comunicava à embaixada, nós sempre fomos tratados e respeitados como cidadãos brasileiros e sempre recebemos muito carinho. Portanto, esse evento, para mim... eu espero que pelo menos aqueles que eu promovi me recebam bem agora, como ex-presidente.

Bem, aqui temos a oportunidade de trocar ideias sobre as diversas iniciativas, vocês já fizeram essas conversas com o companheiro Celso Amorim... Eu vou deixar o meu documento aqui, porque eu quero falar mesmo é (incompreensível).

Olhem, eu acho que... tem uma imagem na minha cabeça, que foi do ano passado, que foi quando eclodiu a crise econômica nos países ricos. A primeira leva de brasileiros que estavam no Japão, que vieram trabalhar no Brasil. E eu tive a oportunidade de encontrar um deles em Recife, trabalhando no Estaleiro Atlântico Sul. E eu pude sentir o orgulho que aquele companheiro estava, de poder ter vindo para o Brasil trabalhar, diferentemente do momento em que ele tinha saído do Brasil para poder sobreviver no Japão.

Nós, hoje, temos alguns milhões de brasileiros morando no exterior. E nós, hoje, podemos dizer, com muito orgulho, que o Brasil oferece hoje mais oportunidades do que alguns países que nós consideramos países ricos, países de Primeiro Mundo. E, certamente, haverá espaço, nas mais diferentes áreas, para que os brasileiros possam voltar, inclusive no mundo, eu diria, da pesquisa, no mundo da ciência, tem muita gente voltando para o Brasil. E eu acho que esse será um caminho que não tem mais retorno. Obviamente que ficarão lá fora as pessoas que constituíram família, que queiram ficar lá fora, ou que tenham alguma coisa muito vantajosa para ficar lá fora.



Mas se a economia brasileira continuar a crescer no ritmo que está crescendo, eu penso que não faltará lugar para que os milhões de brasileiros que estejam fora comecem a regressar para o nosso país e aqui prestarem o trabalho que estão prestando lá fora, quem sabe de forma muito mais prazerosa.

Eu estava, agora, dando uma entrevista para a imprensa estrangeira, e eu estava lembrando algumas coisas importantes que estão acontecendo no Brasil. A Dilma será uma presidenta que tomará posse, e ela não receberá nenhuma herança maldita, como eu disse que recebi e como outros presidentes recebem pelo mundo afora. Porque a Dilma ajudou a construir o Brasil que ela própria vai receber.

Mas eu estava dizendo na entrevista coletiva que a situação do Brasil, hoje, é uma situação altamente privilegiada, se comparado a muitos outros países do mundo. Eu não imaginei viver até o dia em que eu pudesse dizer isso e, muito menos, eu imaginei, em algum momento, que eu iria dizer isso no final do meu mandato na Presidência da República. Jamais imaginei, porque todas as vezes que eu concorri às eleições neste país, o país estava quebrado. O país estava tão quebrado que muitas vezes eu me perguntava se valia a pena, às pessoas que me diziam que o Brasil estava quebrado, se valia a pena eu ser candidato a presidente. Havia gente que dizia que o país não tinha jeito.

E, certamente, o Brasil não teria jeito se a gente olhasse o Brasil com os mesmos olhos que alguns olharam o Brasil durante muito tempo. Era preciso fazer algo diferente, e era preciso tentar incluir aqueles que estavam fora do mercado, fora da universidade, fora do consumo, no Brasil, para que essas pessoas pudessem contribuir com o crescimento do Brasil.

E hoje, quando a gente olha o mundo... e podem pegar a Alemanha, podem pegar os Estados Unidos, podem pegar qualquer país, possivelmente só a China é que pode ter coisas mais importantes. Mas de todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, hoje, as três maiores



estão sendo construídas simultaneamente no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. De todas as ferrovias que estão construídas no mundo, certamente três das maiores estão sendo construídas no Brasil: a Ferrovia Norte-Sul, que estamos terminando e que vamos começar o trecho Anápolis-Estrela D'Oeste, em São Paulo; a Transnordestina, que é uma ferrovia de 1,9 mil quilômetros, ligando Pernambuco ao Ceará, Suape a Pecém, passando por Eliseu Martins, no Piauí; e a Oeste-Leste, que eu vou, no dia 14, dar início de obra na Bahia, ligando o Porto de Ilhéus à Ferrovia Norte-Sul, no estado de Tocantins, e com o projeto futuro para chegar até Belém.

Se você imaginar o que está acontecendo na área de energia, na área de combustível, possivelmente as quatro maiores refinarias do mundo, em construção, estão sendo construídas no Brasil, hoje: o Comperj, aqui no Rio de Janeiro, que é um projeto de 20 bilhões de dólares; a Refinaria do Maranhão, que é um projeto de uma refinaria de 600 mil barris/dia, que vai precisar de um investimento de US\$ 19 bilhões; a Ferrovia do Ceará... a Refinaria do Ceará, que é para 300 mil barris/dia, com um investimento de quase US\$ 15 bilhões; a Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, que está num estágio mais avançado, num custo de US\$ 12 bilhões; e a Clara Camarão, lá no Rio Grande do Norte, que está pronta para inaugurar, essa é uma pequena, de 35 mil barris/dia. Ou seja, na verdade, os investimentos em refinarias, nesse período, vão chegar a quase US\$ 60 bilhões para construir refinarias, que o Brasil não construía; desde 1980, o Brasil não fazia uma refinaria.

Além disso, vocês, brasileiros que moram no exterior, que haverão de um dia regressar de livre e espontânea vontade, não por necessidade, mas porque já cumpriram com aquilo que levou vocês para fora, e a perspectiva aqui dentro será muito melhor, nós temos... Além disso, nós temos um investimento previsto de US\$ 224 bilhões pela Petrobras, na exploração do pré-sal. Acho que não existe, na indústria petrolífera do mundo, nenhum país que tenha um investimento programado em tão curto espaço de tempo, que vai



transformar o Brasil em um dos países mais poderosos na indústria petrolífera.

Lembrando que foi exatamente no nosso governo que aconteceu, há três meses, a maior capitalização da história do mundo capitalista. Aí, sinceramente, é um paradoxo na minha vida, porque eu nasci metalúrgico, depois virei socialista, depois criei um partido socialista. E foi exatamente esse metalúrgico socialista que vai passar para a história como o Presidente que promoveu a maior capitalização da história da Humanidade. Ou seja, a Petrobrás, que valia apenas 15 “merrecas” de bilhões de dólares, hoje vale o equivalente... o valor dela é praticamente de US\$ 203 bilhões, a segunda empresa de petróleo do mundo, a quarta empresa em energia do mundo.

E, portanto, é esse Brasil que vai ter, daqui a quatro anos, a Copa do Mundo. É esse Brasil que daqui a seis anos vai ter as Olimpíadas. Coisas que a gente jamais imaginava que fossem voltar para o Brasil, porque o pessimismo aqui era tão grande... Hoje eu vi no jornal, Celso, que o Brasil é o país de maior otimismo na América Latina. Olha só a cara do Presidente, para você ver o que é otimismo. Este país que, depois de eleger um metalúrgico, elegeu uma mulher presidenta da República. Este país merece tratar os nossos compatriotas que moram no exterior de forma mais humana, de forma mais civilizada.

A gente pode falar aqui, viu, Celso, porque não é demérito para ninguém, era uma visão. Eu cheguei a encontrar embaixador em alguns países em que ele tratava o brasileiro indocumentado como se fosse um marginal. Ele poderia ser um marginal para o país, mas não para o nosso embaixador. A nossa embaixada era o único refúgio que ele deveria ter. Eu me lembro de uma discussão que eu tive uma vez com um cônsul: “Não, porque os brasileiros que estão marginais”. Marginal não, meu filho, você não pode dizer isso. O governo do país pode dizer, mas você não; você tem que pegar esse brasileiro e trazer para dentro de casa. Essa é uma mudança de comportamento, é uma mudança política, é uma mudança cultural, que tem que acontecer.



Eu não me iludo, Celso, porque nós cumprimos tudo o que nós nos prometemos. Você está lembrado que eu fiz uma carta, uma carta aos brasileiros que moravam no exterior, em 2002. Portanto, o compromisso, Crivella, não é de agora não. E nós cumprimos tudo, não cumprimos, Celso – que estava na carta? Agora, também não me iludo. Não me iludo, porque acho que a vida é assim. Na medida em que vocês conquistaram tudo, em vez de vocês falarem “obrigado”, vocês vão apresentar uma pauta mais dura ainda, uma pauta com mais coisas... E é assim mesmo que tem que ser. E a gente não tem que ficar de cara feia porque vocês apresentaram uma nova pauta. E, se vocês apresentarem uma pauta e a gente atender, vocês vão fazer outra pauta. É assim que caminha a democracia, assim caminham as conquistas da Humanidade, e assim caminham as conquistas dos nossos brasileiros que estão no exterior.

Então, companheiros e companheiras, eu sei que eu ainda vou viajar o mundo, eu sei que eu ainda vou encontrar muitos de vocês, mas eu queria dizer para vocês: Eu sonho, eu sonho que não está longe o dia em que só estará no exterior o brasileiro que quiser estar no exterior. Ou porque ele foi trabalhar, ou porque ele foi convencido pelo salário, ou porque ele foi estudar, ou porque ele foi jogador de bola, qualquer coisa. Mas ele não estará mais fora fugindo daquele tempo tenebroso em que nós passamos 20 anos sem gerar emprego em lugar nenhum deste país. Muitos de vocês foram embora para poder adquirir o direito de comer outra vez, e nós queremos dizer para vocês: este país está pronto para garantir o direito de comer a todos os brasileiros, aqui dentro do Brasil.

Eu estou certo de que o Brasil tem pela frente alguns anos excepcionais. O que está acontecendo neste país é uma coisa que eu sonhei muito tempo, e que muitos vocês sonharam. Este país não pode mais ser governado para 30% da população.

Eu vi, nesses dias, em um jornal, fiquei até me deleitando de alegria,



quando vejo que um jornal que sempre falou mal de mim é obrigado a dizer, numa manchete, que a classe D já é mais numerosa dentro das universidades do que a classe A. Na verdade, a classe D, nesses sete anos, cresceu cinco vezes o número de gente mais pobre na universidade. No ProUni, quarenta por cento dos estudantes são negros e negras. Certamente nós temos no ProUni hoje, no Brasil, Celso, mais estudantes do que tudo que a gente teve a vida inteira, na história deste país.

Então, eu acho que está perto do dia em que a gente vai chegar em um banco, o gerente vai ser negro, um dentista vai ser negro, um médico vai ser negro, o embaixador vai ser negro. Está chegando a hora, e eu acho que isso é uma conquista extraordinária de todos nós.

Eu queria lembrar a vocês que quando, na crise econômica de 2008, os países europeus, alguns começaram a perseguir os imigrantes, alguns começaram a perseguir até ciganos, outros começaram a perseguir não sei quem, aqui no Brasil, nós legalizamos mais de 150 mil paraguaios, bolivianos, companheiros que viviam na ilegalidade, nós trouxemos para a legalidade, para dizer que a gente não vai resolver o problema da incapacidade de governança dos dirigentes jogando a culpa nos coitados dos imigrantes, como se tenta jogar no mundo inteiro.

Então, parabéns. No meu discurso estava dizendo que eu ia dar posse, mas vocês já tomaram posse, já foram apresentados. Então, considerem-se empossados, vocês não vão ganhar nada, apenas mais responsabilidade e mais prazer de servir o Brasil lá fora.

Um beijo no coração, um grande abraço e até outro dia.

(\$211 A)



Primeira intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão em homenagem ao ex-presidente da Argentina Néstor Kirchner e sessão plenária da XX Cúpula Ibero-Americana

Mar Del Plata-Argentina, 04 de dezembro de 2010

Querida presidenta Cristina,
Sua Majestade rei Juan Carlos,
Companheiros Chefes de Estado e de Governo,
Meus amigos da América Latina,

Nos oito anos do meu mandato, cinco anos eu convivi com o presidente Kirchner. Eu não creio que tenha acontecido, em algum outro momento da história nas relações Brasil e Argentina, um dinamismo tão extraordinário como Kirchner e eu impusemos à Argentina e ao Brasil.

Eu tive a sorte de conhecer o Kirchner quando era uma vaga esperança de ser candidato a presidente da República da Argentina. Diziam até que a Argentina iria eleger um candidato a presidente que tinha vindo muito poucas vezes a Buenos Aires, e Kirchner foi me visitar ainda como candidato; tiramos uma foto; ele me deu uma camisa do seu time de futebol aqui na Argentina, e passamos a travar uma relação, eu diria, respeitosa, mas, ao mesmo tempo, muito forte, para mudar o comportamento dos nossos empresários, para mudar o comportamento dos nossos diplomatas, porque havia muita, muita divergência entre Brasil e Argentina, eu diria, quase que muita disputa entre Brasil e Argentina. E eu acho que nós conseguimos vencer, conseguimos vencer, e eu acho que o Kirchner foi fundamental, primeiro, para que a gente recuperasse o Mercosul e derrotássemos, definitivamente, a ideia da Alca na nossa América do Sul. Kirchner foi fundamental para a gente criar a Unasul, estabelecer uma relação de confiança entre nós, muitas vezes, quando



tínhamos divergências, possivelmente, até pela pouca experiência que cada um de nós tinha na Presidência – o Hugo [Chávez] era o mais velho de todos nós e, nem sempre, ele era o mais conciliador – e, muitas vezes, o Kirchner funcionava como o conciliador das divergências que nós tínhamos.

Eu lembro da reunião histórica que nós fizemos, aqui em Mar Del Plata, da Cúpula das Américas. Eu lembro da importância que o Kirchner deu para que a gente construísse o Banco do Sul, que ainda não foi aprovado em vários países, e, sobretudo, eu lembro do que o Kirchner fez com a economia Argentina. Eu acho que da mesma forma que coube a mim recuperar a autoestima do povo brasileiro, voltar a fazer o povo brasileiro gostar do Brasil, eu acho que Kirchner conseguiu fazer na Argentina. Era o Maradona no futebol e o Kirchner na política, ou seja, era quase que unanimidade e, mesmo aqueles que não gostavam, tinham que respeitar a ousadia.

Eu lembro, Cristina, quantas vezes, em debates econômicos pelo mundo afora, as pessoas diziam: “A Argentina não vai dar certo, a Argentina não vai dar certo, a Argentina não vai dar certo. O Kirchner não vai dar certo”, e, cada ano que passava, a Argentina crescia um pouco mais, a economia se recuperava um pouco mais. E mesmo quando parecia, às vezes, que o Kirchner estava divergindo do Brasil, porque defendia a necessidade de fortalecimento da indústria da Argentina, eu compreendia perfeitamente bem que ele tinha razão de fazer isso, porque a Argentina tinha tido a sua economia debilitada de forma irresponsável por governantes que, no passado, acharam que o mercado iria resolver o problema da América do Sul e da Argentina, e que a dolarização da economia iria resolver o problema da Argentina. Coube ao Kirchner recuperar a Argentina. Falo isso de coração que, não sei se uma outra pessoa, que não tivesse a teimosia, a ousadia, a coragem do Kirchner, eu não sei se conseguiria recuperar a economia argentina com a rapidez que ele recuperou; enfrentando o mercado, enfrentando o FMI, enfrentando os analistas europeus – que sabiam tudo quando a crise era na América Latina, e



que não sabem nada quando a crise se deu nos países ricos – e hoje ele consegue, depois de tudo, provar, com a eleição da Cristina, que ele estava certo – e o povo deu um voto de confiança – e a Cristina certamente, está dando continuidade, enfrentando as mesmas adversidades, mas a Argentina continua crescendo, a Argentina continua melhorando a vida do seu povo.

Portanto, Cristina, eu quero que você saiba – esta é minha última reunião ibero-americana –, eu quero que você saiba que eu guardarei para sempre recordação da mais extraordinária amizade que eu fiz com o governo argentino, que tem continuidade com você, e eu acho que, finalmente, graças a Deus, por conta do Kirchner e por conta de você, nós descobrimos que Brasil e Argentina têm que estarem juntos, que não somos adversários, que nós somos parceiros e que juntos poderemos ajudar muito mais. A recordação que eu guardo do Kirchner é a recordação não de um Presidente, mas de um companheiro de todas as horas. Quando eu estava em crise, no Brasil, em 2005, a cada 15 dias, o Kirchner ligava para saber como é que estava a situação política no Brasil.

Então, eu acho que o Kirchner foi um (incompreensível). O povo argentino, na morte dele, quando eu vim participar do velório, eu senti que aquela comoção em Buenos Aires, aquele carinho com que o povo argentino tratava você, era metade por você e metade pelo companheiro Kirchner, que eles tinham perdido.

Eu acho que o Kirchner morreu porque viveu demais a política, discutia demais a política e ele não se preocupava em cuidar da sua própria saúde. Eu acho que a Argentina pode ser medida... Antes, era “antes de Perón e depois de Perón”, e agora vai ser “antes dos Kirchner e depois dos Kirchner”, porque não bastou um Néstor Kirchner, precisou vir a Cristina para complementar a obra que o Kirchner começou.

Eu sei que ele está... Eu acredito em outra vida, Cristina, e eu acho que o Kirchner está nos olhando agora, e pode ficar certa que, nos momentos mais



difíceis, ele estará ao seu lado para que você consiga, como ele, vencer todas as adversidades, sobretudo, porque você é mulher. E a mulher paga em dobro todo preconceito, toda ira. Eu senti isso agora, na eleição brasileira, o que é o preconceito contra a mulher. Você esteja certa, querida companheira Cristina, que esteja eu onde estiver, da mesma forma que eu recebi solidariedade de vocês, eu continuarei solidário. E esteja certa que o Brasil e a Argentina – com você e com a Dilma – vão fazer uma parceria, certamente, melhor do que eu e o Kirchner fizemos.

Parabéns ao companheiro Kirchner, e que o povo argentino continue admirando o seu mais extraordinário presidente, que recuperou a dignidade e a autoestima do povo argentino.

Obrigado, Cristina.

(\$211B)



Segunda intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão em homenagem ao ex-presidente da Argentina Néstor Kirchner e sessão plenária da XX Cúpula Ibero-Americana

Mar Del Plata-Argentina, 04 de dezembro de 2010

Eu vou me retirar e queria apenas dizer para os companheiros que eu não sou a melhor pessoa para me despedir, mas eu construí com vocês uma coisa nova, um cheiro de coisa nova, uma coisa de autoestima na América Latina. Nós já não somos tratados como se fôssemos menores; nós já não vemos mais as pessoas brincarem porque um trabalhador sem diploma universitário foi eleito presidente do Brasil; já não vemos mais brigarem porque um índio foi eleito na Bolívia; nós estamos mostrando que é possível as mulheres ocuparem um espaço extraordinário no mundo da política – e copiando o companheiro Kirchner e o povo da Argentina, que elegeu uma mulher, nós acabamos de eleger, no Brasil, uma mulher presidenta da República, uma mulher que foi militante de esquerda, que foi acusada de guerrilheira, na campanha, que ficou presa três anos e meio, que foi torturada. E o que me dá orgulho é saber que agora o torturador dela, se estiver vivo, está sofrendo mais do que ela, sem que ela tenha feito nada para ele sofrer, apenas o remorso de quem torturou uma jovem que queria democracia no Brasil.

Nós mudamos. É olhar do México à Argentina, nós percebemos que houve mudanças extraordinárias. E eu acho que a democracia está consolidada. Nós precisamos ficar alertas para não permitir que aconteça o que se tentou fazer no Equador, você mesmo foi vítima, durante um tempo, de uma campanha alucinante para difamar uma mulher no governo. Em 2005, eu fui vítima da mais sórdida campanha, que tinha como objetivo enfraquecer o governo para provar que um trabalhador não poderia governar.



Nós vimos o que aconteceu com o companheiro Chávez, nós vimos o que aconteceu com o Evo Morales, tantas vezes, na Bolívia. Vemos o que, muitas vezes, acontece com o companheiro Lugo, no Paraguai, e nós estamos aprendendo a construir esse mundo extraordinário que se transformará numa grande nação.

Acho que o exemplo que o Kirchner deixa para nós é que o corpo se vai, mas as ideias não. As ideias estão aí a adentrar a cabeça dos estudantes, dos trabalhadores, das mulheres e dos companheiros presidentes. Eu aprendi nesses oito anos... Eu fui oposição durante 30 anos, e a vantagem de ser oposição durante 30 anos, de perder três eleições – como eu perdi – é que, quando a gente chega ao poder, a gente chega mais preparado, mais humano, mais qualificado para enfrentar o debate político.

E tem uma coisa, Cristina, que... eu nem quis me inscrever para falar, mas eu e o meu vice, o meu vice-presidente é um empresário muito rico, mas uma figura humana estupenda, que está com câncer, está em uma fase muito difícil. É a primeira vez na história do Brasil que o Brasil tem um presidente que não tem diploma universitário e um vice que não tem diploma universitário. Na sociologia, era difícil compreender que pudesse dar certo.

Agora veja, ao terminar o governo, eu serei o presidente que mais fez universidades na história do Brasil, de 500 anos. São 14 universidades federais novas, são 126 campi novos. Em 100 anos, o Brasil fez 140 escolas técnicas; em 8 anos, eu fiz 214 escolas técnicas. O orçamento era de 20 bilhões, nos elevamos para 70 bilhões o orçamento e elevamos para 40 bilhões o orçamento da ciência e tecnologia. E é isso que vai mudar o país, é isso que está dando um trabalho de crescimento. Eu tenho consciência de que, se o Brasil crescer, a Argentina cresce, o Equador, a Colômbia cresce ... Porque nós, e aqui é um apelo que eu faço para vocês, com a minha experiência: a gente pode manter relações com o mundo inteiro, é importante diversificar, mas acho que é necessário que cada país da América do Sul, cada país latino-



americano faça um esforço incomensurável para explorar a totalidade do potencial que existe entre nós.

Quando eu cheguei ao governo, e Kirchner chegou à Argentina, a balança comercial entre Argentina e Brasil era apenas de US\$ 7 bilhões. Hoje estamos chegando a quase US\$ 35 bilhões. E hoje nós temos consciência do quanto a Argentina é importante para o Brasil, e a Argentina tem consciência de quanto o Brasil é importante para a Argentina. Isso vale para o Uruguai, para o Paraguai, para o Equador, para o Peru, para a Colômbia, para a Venezuela, para a Costa Rica... Nós estamos muito próximos, nos temos muita identidade e, muitas vezes, nós nos tratamos como se fôssemos desconhecidos.

Eu quero dizer a vocês que agradeço a Deus por ter participado dessa geração de políticos, e eu vou repetir porque o Alan García está aqui. Eu disse ao Chávez, viu, Alan? Eu disse ao Chávez, nesses dias, que, quando você estava no Brasil, na última visita, que estávamos falando de Uribe, de Colômbia e de Venezuela, você disse: “Lula, preste atenção: Santos e Chávez vão se entender muito mais do que o Uribe e o Chávez”. E eles estão se entendendo tão bem que eu e a Cristina já estamos ficando com ciúmes dessa relação entre Santos e Chávez.

De forma que eu quero agradecer a cada um de vocês, companheiros e companheiras, do fundo do coração. Eu só levo de vocês boa recordação, boa recordação. Eu aprendi muito e acho que o Brasil continuará nessas mesas. Os homens que se cuidem, porque as mulheres estão ocupando cada vez mais espaço. Logo, logo os homens serão minoria aqui nessa mesa. Eu quero, do fundo do coração: Muito abrigado. Eu sou um político latino-americano; não vou deixar a política; vou ter mais tempo para viajar. Quero discutir política, quero discutir partido político. Então, esperem, que eu continuarei andando pela América Latina.

Um grande abraço. Obrigado, Portugal, companheiro Sócrates.



Obrigado, Majestade e obrigado, querida Cristina.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com prefeitos e governadores contemplados na seleção do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC II – eixos “Cidade Melhor” e “Comunidade Cidadã”

Palácio do Planalto, 06 de dezembro de 2010

Eu vou... Eu vou dispensar a nominata, porque vocês sabem que eu costumo dizer que político sem mandato nem vento bate nas costas. Então, eu estou aproveitando essa última brisa desse ventinho que está entrando ali.

E eu queria começar uma prosa com vocês, fazendo um serviço de utilidade pública aqui, sobretudo para o estado do Acre, o estado de Rondônia, o estado do Amazonas, o estado de Roraima, Bahia, Pernambuco, Ceará, Sergipe, Piauí, Rio de Janeiro, Maranhão e algumas regiões de São Paulo e regiões de Minas Gerais: este mês, graças a Deus, começa, no dia 23, o verão. E, junto com o verão, vem uma coisa desagradável chamada dengue. E estes estados que eu citei, muitos deles já devem ter sido visitados pelo ministro Temporão, que ficou de visitar todos os estados para conversar com os governadores e para conversar com os prefeitos sobre como combater a dengue.

E todo mundo sabe que além de tudo o que tem que ser feito na área da saúde, sobretudo a dengue é uma questão de limpeza, é uma questão de cuidados preventivos que a gente tem que ter. É importante que, em cada estado, cada governador reúna os prefeitos das cidades que vão ser mais afetadas e estimule esses prefeitos a fazerem um processo de mutirão de limpeza enquanto é tempo, porque se não fizermos isso a gente vai constatar, depois, apenas os números publicados na imprensa, da quantidade de mortes por regiões.

Então, esses estados aqui são os estados que, segundo o Ministério da



Saúde, estão em estado de alerta porque serão os estados mais afetados. E é preciso começar a trabalhar ontem, anteontem, para que a gente possa mobilizar prefeitos, cada prefeito mobilizar os moradores, e tentar motivar, quem sabe até estimular um prêmio valorização de alguma coisa, para que as pessoas saibam o tipo de procedimento que tem que ter e para que as pessoas cobrem uns dos outros, porque é um processo de cobrança. Se eu mantenho a minha casa adequadamente limpa, para evitar o mosquito da dengue, e o meu vizinho não mantém, eu posso pegar dengue, apesar do sacrifício que eu fiz, de limpar a minha casa.

Então, é um problema, é um problema de a gente discutir com mais seriedade com a população, discutir com muita seriedade o trabalho que cada bairro tem que fazer, cada prefeito, cada rua, cada vila, não é um problema do prefeito apenas. Cada cidadão tem que assumir a responsabilidade de cuidar da sua própria saúde e os governantes tentarem ajudar com aquilo que é pertinente aos municípios.

Então, eu queria fazer esse apelo em nome do companheiro Temporão, que já foi a alguns estados. E vou repetir: Acre, Rondônia, Amazonas, Roraima, Bahia, Pernambuco, Ceará, Sergipe, Piauí, Rio de Janeiro e Maranhão, e algumas regiões de São Paulo e Minas Gerais. São as áreas mais afetadas e, portanto, são as áreas que precisam de maior cuidado.

Não sei, Temporão, se você passou para os governadores, dentro de cada estado, quais as regiões mais afetadas, porque aí nós temos determinados locais, fica mais fácil a gente combater, fica mais fácil a gente combater. Haverá um dia em que a gente vai conseguir fazer com o mosquito da dengue aquilo que a gente já fez com a mosca que morde as frutas lá no Nordeste, ou seja, você sabe que a gente tinha dificuldade de vender fruta no Nordeste e exportar, porque tinha a chamada “a mosca do fruto”, ou seja, a mosca mordida o fruto, desovava lá e pronto, estragava a fruta.

Então, nós temos uma fábrica de mosca em Juazeiro da Bahia. Uma



fábrica de mosca, em que a gente produz o macho estéril ou uma fêmea, a gente solta no meio das frutas, ele vai acasalando, como só vivem 15 dias o “mosco” e a mosca, eles vão morrendo, vai nascendo e não vai mais procriando e a gente vai acabar. Quem sabe um dia a gente consiga criar um mosquitinho estéril e a gente começa a soltar esses bichinhos e a gente acaba com essa “desgrama” do mosquito da dengue. Para quem não sabia, vocês saem daqui sabendo: Lula é cultura. Então, vocês...

Bem, vocês viram que o discurso de despedida, aqui, está recheado, eu não vou utilizá-lo, não. Eu queria dizer para vocês que para mim é muito gratificante poder, a pouco mais de 20 dias de deixar a Presidência da República, a gente poder viver este momento aqui. Porque, em outros tempos, os Presidentes estavam escolhendo qual a porta dos fundos que iam sair, em outros tempos jamais, nem no começo, nem no meio e nem em final de mandato, o Presidente ousava se reunir com governadores e com prefeitos, porque eles tinham vocês como chatos, que só vêm aqui atrás de dinheiro, e as pessoas não gostavam de se reunir com prefeitos e com governadores.

E nós estamos, aqui, comprovando que o Brasil mudou. E ele não mudou por causa do Lula, ele não mudou por causa da Dilma, ele não mudou, individualmente, por causa de nenhum de vocês. O Brasil mudou porque, coletivamente, nós mudamos o jeito de nos comportar diante uns dos outros. Porque antigamente era fácil, era fácil ser prefeito. No tempo em que vocês não tinham dinheiro para fazer nada e jogavam a culpa em cima do governador. O governador também não tinha dinheiro, como disse o Padilha, era chamado aqui só para discutir ajuste fiscal, venda do banco estadual e negociação de dívida, o governador também, como não tinha nada para fazer, ficava na imprensa, o tempo inteiro, dizendo que era o governo federal que estava asfixiando o estado. E o governo federal, como não tinha a quem culpar, culpava prefeitos e governadores, que gastavam demais. E, aí, todo mundo vivia brincando de enganar todo mundo, e nós fomos percebendo o Brasil viver



um processo de deterioração administrativa.

Se a gente olhar as grandes favelas no Brasil – e poderíamos pegar São Paulo, poderíamos pegar o Rio de Janeiro, poderíamos pegar Belo Horizonte – a gente vai perceber que as favelas começaram a crescer muito mais fortemente nos grandes centros urbanos a partir dos anos 70. Eu lembro que nos anos 70, em São Paulo, a gente conhecia duas favelas famosas: a Favela do Vergueiro, que hoje é um grande conjunto habitacional, um bairro de classe média; e a Favela da Vila Prudente, que hoje, ainda, metade é favela, mas bem menor do que aquela que era. Mas São Paulo, hoje, tem mais de 2 milhões de pessoas morando em favelas, ou seja, já não é mais uma ou duas favelas, são dezenas e dezenas de favelas. E assim vale para cada cidade, para cada estado.

Seria importante se cada um de nós tivéssemos a felicidade de pegar uma foto aérea do que era a nossa capital em 1970 e comparar com o que é agora, seria importante, para a gente ver o que foi o resultado da chamada “década perdida” neste país.

Quantos governantes foram eleitos prefeitos das suas cidades, terminaram o mandato de quatro anos e não conseguiram fazer um buraco de um metro para fazer uma obra? Quantos governadores passaram mandatos sem ter recursos para fazer uma obra que pudesse mudar a cara do estado? E isso não acontecia porque a economia não crescia, não acontecia porque o estado vivia a pagar as suas dívidas.

A verdade é que em muitos estados se gastou mais do que deveria gastar, se endividou mais do que se deveria endividar. E quando a dívida é muito pesada para carregar, por mais competente que seja o administrador, ele começa a ter problema na coluna, de tanta força que ele faz para carregar a dívida.

Hoje, vocês passaram a fazer parte de uma geração em que parte desses problemas foram resolvidos. O Estado brasileiro, hoje, tem condições



de fazer investimento. As prefeituras, hoje, apesar de nos últimos dois anos ter tido uma queda no FPM, as prefeituras hoje estão em muito melhores condições do que estavam há cinco anos, há dez anos. E o desenvolvimento chegou a todo o território nacional. Essa é a mudança substancial do que está acontecendo neste momento no Brasil.

Eu conheço prefeito que foi prefeito há duas gestões, prefeito de cidade de 300 mil habitantes, de 400 mil habitantes. E esse prefeito passava o mandato inteiro com um processo aqui em Brasília, para ganhar um dinheirinho para fazer uma coisa, e terminava o mandato, esse processo não era apreciado, o dinheiro não era destinado e essa pessoa terminava o seu mandato sem receber um real. Certamente, nós ainda não estamos dando todos os recursos que os prefeitos e os governadores precisam. Mas, certamente, nunca houve tanta participação como existe hoje, de dinheiro público federal, nas obras municipais e nas obras estaduais.

E eu sei que tem prefeito novo aqui, tem prefeito que está com um ano, ainda vai completar dois anos de mandato. Eu queria dizer para vocês, e prestem atenção em uma coisa: essa moça que vai para o Planejamento e que, junto com ela, deve levar essas coisas do PAC, ela conhece como ninguém e, portanto, não é a choradeira de um prefeito que faz dinheiro. Os prefeitos precisam aprender a fazer projetos, se não tiver dinheiro, é mais fácil vir aqui e pedir dinheiro para fazer o projeto do que ficar tentando dinheiro sem projeto, que não há possibilidade de ter dinheiro se não tiver um projeto factível. E projeto, meus companheiros, é que nem álbum de fotografia. Eu falo isso sempre, mas a gente tem que repetir sempre: às vezes, você vai a um batizado, a um casamento ou a uma festinha, tem uma figura lá, meio chata, com uma máquina, tirando fotografia, para lá e para cá, quando termina a missa, o cidadão vai lá e dá um cartãozinho: “Eu sou fotógrafo. O senhor quer encomendar um álbum”? A primeira coisa que você fala é: “Não, não pedi”. O coitadinho vai embora com o rabo entre as pernas. Passado dez dias, ele



passa na casa de vocês, está lá ou o pai ou a mãe, aí ele mostra a fotografia do filhão bonito, porque todo mundo acha que o filho dele é o mais bonito do mundo, do “filhão mais bonito do mundo”, aí mostra uma foto, duas fotos. Aí o cara já pergunta: “Quanto é?”, e compra. O governo é a mesma coisa. Não tem ninguém que sabe me enganar mais do que o Rio de Janeiro – está aqui o Pezão. Eles criaram uma fábrica de fazer projeto, e não me mostra só o projeto, já mostra um filme do que vai ser. Então, é quase que inaceitável. Ele está tão aperfeiçoado que, daqui a pouco, ele me apresenta a obra pronta.

O dado concreto, eu estou brincando com o Pezão, mas o dado concreto, companheiros, sobretudo prefeitos, apresentem projetos, façam projetos, porque é o projeto que vai fazer com que vocês tenham dinheiro para fazer as coisas que vocês consideram importante nas cidades. Não percam tempo atrás de “emendinha” parlamentar, não percam tempo atrás... Tudo isso ajuda, mas se você quiser uma coisa estruturante, percam tempo fazendo projeto, compensa, compensa. E só venha a Brasília ou pedir dinheiro para fazer o projeto ou quando estiver com o projeto feito, porque senão você entrega um papel em qualquer ministério, nenhum ministro vai deixar de ler, não sei daqui quantos vão ficar ministros, mas ninguém vai deixar de pegar um papel de vocês, mas ele pega, vê que não vale muita coisa, deixa lá. E você volta para a sua cidade todo alegre: “Deixei um projeto com o Paulo Bernardo, no Planejamento. Entreguei um projeto para a Miriam”. Meu caro, se não estiver bom, volta outra vez, porque senão o projeto teu não vai sair.

Então, o projeto é condição *sine qua non*... Gostou do *sine qua non*? Isso aqui é da minha relação com os franceses, aprendi a falar. Então, meus companheiros, o projeto é a condição básica para vocês conseguirem liberar os recursos de vocês. E isso vale para os governos dos estados também. O Padilha tem razão, nós fizemos projeto aqui que, quando nós perdemos um ano para trabalhar, você ia ver, o projeto estava superado.

Eu, uma vez, em 1980, eu fui fazer uma... Em 1976, eu fui fazer um



clube de campo, lá no Sindicato dos Metalúrgicos. A prefeitura me deu um terreno, depois que ela me deu o terreno, eu descobri que o terreno estava hipotecado para um banco suíço, e a Secretaria de Trabalho de São Paulo resolveu, graciosamente, me dar o projeto. E me deu o projeto e, por conta do projeto me deu também, de graça, a terraplanagem. Só que quando começou a terraplanagem, o projeto que eles iam fazer precisava de dois terrenos igual ao que eu tinha. Aí precisamos aterrar o terreno outra vez. E, aí, não fizemos o clube, porque o banco entrou na Justiça, e nós paramos a obra do clube.

E eu não quero que isso aconteça com vocês. Não trabalhem com projeto velho, o projeto velho é uma bela ideia, reestudem ele, coloquem gente especialista. Cada prefeitura e cada governo de estado devem ter, agora, um departamento de projeto, é importante que a gente tenha um departamento de projeto, porque é isso que vai fazer andar as coisas neste país.

Vocês sabem que a companheira Dilma, ela, nesses cinco anos de coordenação do PAC, ela é muito preparada para discutir com vocês. Tem uma turma ali, na Casa Civil, coordenada pela Miriam, que é muito preparada. Portanto, as coisas podem fluir com muito mais facilidade daqui para frente, porque nós já aprendemos. Nós temos mais dinheiro, nós já aprendemos, e nós queremos fazer. Então, o PAC 2 é o aperfeiçoamento do PAC 1, com muito mais dinheiro e com muito mais recursos.

Vocês, prefeitos, estão lembrados que este país não dava dinheiro para drenagem. Quem é o doido que vai querer dinheiro para empurrar embaixo d'água, embaixo da terra? Ninguém dava. Nós, agora, estamos colocando muito dinheiro para fazer drenagem, para ver se a gente evita as desgraças que acontecem quando dá uma chuva muito forte.

Então, queridos companheiros e companheiras, eu deixo a Presidência da República com a sensação de dever cumprido. Eu, a vida inteira, tive que provar muitas coisas. E uma das coisas que eu precisava provar é que era possível governar este país melhor do que ele tinha sido governado, era



preciso provar, eu tinha que provar. E eu vinha para cá com a missão de fazer dar certo, porque se não desse certo, se não desse certo, nunca mais alguém que tivesse passado por dentro de uma fábrica e que não tivesse sido formado em algum curso de doutor jamais poderia governar este país. Então, era preciso provar que este país tinha que dar certo.

Então, veja, nós provamos isso de 2002 a 2006, eu fui reeleito; provamos de 2006 a 2010... O segundo mandato, que eu tinha medo, para mim foi uma bênção. Hoje eu agradeço a Deus ter tido o segundo mandato, porque a gente pôde fazer muito mais. Acho que nunca na vida, este país, as pessoas que trabalham no governo, trabalharam tanto, nunca. Eu, quando eu vejo um peão de fábrica dizer: “Eu trabalho muito”, é porque ele não é presidente, se fosse presidente ele ia saber o quanto trabalha. Eu digo sempre: quando estava na fábrica, eu tinha horário para entrar, horário para sair, eu sabia que o sábado e o domingo eram meus, e ainda, na hora do almoço, poderia tomar umas canas. Aqui, eu não tenho horário para entrar, não tenho horário para sair e não posso tomar as canas. É duro.

Então, eu vou sair em uma situação privilegiada, porque eu também tinha, eu também tinha um desejo: fazer a sucessão. Eu disse, desde o começo do meu segundo mandato: fazer a sucessão faz parte do meu programa de governo. Ou seja, fazer a sucessão significa a gente garantir que tenha continuidade.

Eis que apareceu a possibilidade de eleger uma mulher, e o Brasil vai viver a primeira experiência da República, de ter uma mulher presidenta da República, depois, depois da Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, a Dilma passa a ser a primeira mulher que vai assinar todas as leis que vão ser votadas neste país.

Então, eu estou, estou feliz, estou feliz porque eu acho que o Brasil não tem volta, não tem volta, ou seja, o que está para acontecer no Brasil já está plantado, as coisas já estão dadas. E eu dizia para a Dilma, lá em Tucuruí, eu



dizia para a Dilma, lá em Tucuruí: ela vai receber um país em que três das principais hidrelétricas feitas no mundo estão sendo feitas no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. E são investimentos de mais de R\$ 40 bilhões. A maior quantidade de quilômetros de ferrovias que estão sendo feitas no mundo, se a gente concretizar até a semana que vem, até sexta-feira, a Oeste-Leste, na Bahia, serão, exatamente, na Bahia, a Transnordestina, a Oeste-Leste e o término da Ferrovia Norte-Sul e assinatura de contrato para levá-la até Estrela D'Oeste, em São Paulo, ligando definitivamente o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos.

Não tem nenhum país, neste instante, fazendo cinco refinarias, como nós estamos fazendo, cinco. Se vocês imaginarem os investimentos em refinaria, US\$ 19 bilhões no Maranhão, acho que US\$ 12 bilhões no Ceará, US\$ 12 bilhões em Recife – vai contando, Tarso – mais de US\$ 20 bilhões o Comperj, no Rio de Janeiro. Quanto que é, Pezão, o Comperj? Quanto? Sessenta e três? Isso em refinaria. Não tem nenhum país do mundo fazendo isso. E, além do que, nós temos a Petrobras com investimento já garantido de US\$ 224 bilhões até 2014, por conta do petróleo, do pré-sal.

Além disso, além disso, pasmem, pasmem. Quem é de São Paulo aqui? Pasmem: nós vamos fazer um estaleiro em São Paulo, lá em Araçatuba. Não tem nem mar, mas nós vamos lá fazer o estaleiro em Araçatuba, que é um estaleiro para construir barça, porque aquela tal de eclusa, a hidrovia do Tietê, só funciona 20% dela, ou seja, a sua capacidade. Nós, agora, a Transpetro vai assumir a responsabilidade, nós vamos fazer estaleiro lá, para construir barça e ocupar 100% do potencial da hidrovia do Tietê. Daqui a pouco vamos levar até para o Rio de Janeiro... para Minas Gerais, fazer um estaleiro na Pampulha. É só brincar, que vai ver o que vai acontecer.

Então, companheiros e companheiras, eu acho que o momento é esse. Além disso, nós vamos ter Copa do Mundo em 2014, Copa da Confederação em 2013, Jogos Olímpicos Militares de 2011, Olimpíadas de 2016 e Copa das



Américas... e Copa de 2015. Ou seja, serão cinco anos em que nós não seremos campeões de alguma coisa se fizermos feio como o Coringão fez ontem, que deixou o Fluminense ser campeão. Sinceramente.

Então, eu quero, quero dizer para vocês: Olhem, trabalhem. Trabalhem, porque o Brasil não vai voltar atrás. Não se esqueçam que eu vou continuar fazendo política, tem eleição para prefeito em 2012, certamente eu vou estar andando por aí. E quero dizer para vocês que foi gratificante para mim poder estabelecer essa relação com vocês.

Eu tenho a mais plena convicção, mesmo para aqueles que não gostam de mim – não há nenhuma razão para não gostar, porque eu gosto dele, nenhuma razão –, mesmo para aqueles que, por qualquer coisa, não gostem, eu duvido que já teve, na República brasileira um presidente que tratasse os prefeitos com o carinho que nós tratamos nesses oito anos da minha presidência.

E também, e também os governadores, também os governadores. Mesmo aqueles governadores que eram amigos de outros presidentes da República sabem que receberam menos dinheiro do que quando estive na Presidência uma pessoa que ele não concordava.

Eu acho que a lição que fica de tudo isso é que o jeito republicano de você governar uma cidade, um estado e uma nação só se dá quando você tem a mente aberta, a mente arejada. Ou seja, ganhar a Presidência da República não te dá o direito de só colocar os teus no governo, de só atender os teus no governo. A grandeza não é atender os teus, a grandeza é atender a todos, sem perguntar quem são nem para onde vão, mas apenas respeitar que esse, que mesmo que você não gosta, foi eleito tão democraticamente quanto aquele que você gosta, e só por isso merece o nosso respeito.

É assim que nós governamos oito anos, é assim que eu tenho certeza que a companheira Dilma vai governar, e é assim que eu penso que as prefeituras e os estados precisam ser governados.



Muito obrigado a todos vocês. Eu espero que vocês não permitam que as conquistas que vocês tiveram sejam diminuídas por qualquer pequenez política individual de cada um de nós. As conquistas foram muitas, e elas precisam ser consolidadas, porque quanto mais a gente conquista, mais a gente percebe que precisamos conquistar mais a cada dia. É isso que fortalece a nossa relação e é isso que fortalece a nossa democracia.

Um abraço e bom PAC 2 para vocês.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
inauguração do Memorial Darcy Ribeiro**

Brasília-DF, 06 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro José Mujica, presidente da República Oriental do Uruguai,

Companheiros ministros,

Companheiros ministros brasileiros,

Ministros do Uruguai,

Meu companheiro Ayres Britto, ministro do Supremo Tribunal Federal

Nosso querido companheiro Sepúlveda Pertence, ex-ministro da Suprema Corte,

Companheiros deputados federais,

Meu caro professor José Geraldo de Sousa, reitor da Universidade Federal de Brasília,

Companheiros e companheiras,

Todo grande pensador, quando nos deixa, deixa atrás de si um legado, uma obra, resultado de sua atuação ao longo da vida. O legado de Darcy Ribeiro é muito especial e precisava de uma maneira original e criativa de se incorporar ao nosso presente.

Foi escolhida para abrigar este Memorial a mesma Universidade de Brasília de que Darcy é um dos criadores, e que hoje é um dos mais importantes centros de pesquisa e ensino superior de no Brasil. Ele e a Universidade são pontos de referência para quem pretenda atuar, em termos brasileiros, nas grandes questões da educação. Como dar educação para todos? Como estimular a curiosidade, a inquietação, o prazer de descobrir, essas coisas tão ligadas à atividade científica?



Como integrar o “saber” com o “fazer”, como tornar o conhecimento um instrumento para melhorar o mundo? Darcy sonhou a UnB dentro destas perspectivas, e trazer para aqui o seu legado é uma maneira de fazer a criatura reencontrar o seu criador. Quando falamos em preservação de um acervo e em disseminação do conhecimento a ele vinculado, não podemos deixar de ressaltar o trabalho da Fundar, Fundação Darcy Ribeiro, sob a presidência de Paulo Ribeiro, na preservação e divulgação do legado de Darcy.

A Fundação Darcy Ribeiro prolonga o sonho de Darcy, trazendo mais otimismo ainda ao Brasil de hoje. Trazendo para todos nós um maior incentivo ao sonho, lembrando que a política é a arte de realizar sonhos coletivos.

Darcy foi um homem de sete instrumentos e de muitas paixões. Antropólogo, professor, político, indigenista, educador, romancista e agitador cultural. Um homem em permanente estado de exaltação pelo Brasil. Seu entusiasmo e sua energia eram tais que às vezes davam a impressão de que a certa altura “iria faltar Brasil” para dar conta de tantos sonhos e tantos projetos de Darcy Ribeiro.

Claro que o Brasil não há de faltar nunca. Darcy, sim, faz falta, e faz muita falta, com sua alegria de viver e sua capacidade de realização, de arregaçar as mangas para ir à luta; de idealizar e implantar universidades políticas [públicas], parques indígenas, redes de ensino, museus, entre tantas outras iniciativas. Um homem que pensou o Brasil como uma parte de si mesmo, sem a qual não conseguiria viver.

Creio que a Universidade de Brasília e o Ministério da Cultura encontraram, com este projeto do Memorial Darcy Ribeiro, uma maneira muito feliz de se manifestar sobre a importância de Darcy para a nossa história e as nossas Ciências Sociais.



Este Memorial reúne um acervo impressionante de livros, papéis, documentos de todo tipo, objetos de arte, um riquíssimo material que foi produzido e reunido por Darcy ao longo de uma vida inteira. São pistas dos numerosos caminhos que ele trilhou, muitas vezes abrindo veredas intelectuais por terrenos que nossos ensaístas nunca tinham ousado trilhar.

Darcy foi, acima de tudo, um pensador ousado, com a coragem de ter ideias próprias sem pedir licença. Tinha o conhecimento desassombrado de quem leu muito – e fez muito – dando mais atenção às ideias e ao seu potencial transformador do que à fama dos seus autores. Teve a coragem de contestar teorias, de propor novas explicações, de apontar novos caminhos.

Quando exilado pela ditadura militar, Darcy aproveitou esse período para um mergulho na América Latina, que, de certa forma, foi um prolongamento do seu mergulho no interior do Brasil.

Era comum, em nosso continente, viver olhando para o hemisfério Norte e dando as costas aos vizinhos sul-americanos. Darcy não era assim. Hoje, o sonho da irmandade continental tornou-se muito mais nítido com a existência do Mercosul e da Unasul – um sonho de Darcy, um sonho desse novo Brasil.

A presença entre nós do presidente Mujica, que compartilha este momento de tanta alegria em torno da memória e dos ensinamentos de Darcy, nos lembra que ele viveu e trabalhou intensamente no Uruguai, onde lecionou e escreveu algumas de suas obras mais importantes.

Naquele país, e também no Peru, na Venezuela e no Chile, Darcy Ribeiro recolheu nas ruas e nas bibliotecas partes significativas de uma história libertária que hoje se reafirma, e que tem como protagonistas povos que caminham para fortalecer sua integração e ter cada vez mais voz ativa no mundo.



Era nesses povos que Darcy Ribeiro pensava na sua peregrinação constante entre o sertão e o mar, entre o Brasil e a Europa, entre os gabinetes e a floresta profunda. Um homem cheio de vida e de contradições. Gracejador e brigão. Intelectual ligado o tempo inteiro à sabedoria dos homens do povo.

Meus companheiros e companheiras,

O “Beijódromo” – com este nome tão pitoresco e tão parecido com o seu inspirador – reflete também este lado humano de Darcy Ribeiro.

E, entre os arquitetos brasileiros, nenhum melhor do que Lelé, pela sua história ligada tanto a Darcy Ribeiro quanto à Universidade de Brasília, para dar a forma definitiva ao sonho do antropólogo que olhava para os índios imaginando o que o Brasil do futuro poderia aprender com eles. Em Lelé Darcy encontrou o arquiteto cuja imaginação e sensibilidade sempre viajaram lado a lado com a sua.

O Memorial tem uma forma que em muito conjuga uma maloca indígena com uma nave espacial, unindo presente, passado e futuro no mesmo espaço, no mesmo espírito que reina sobre Brasília, esta cidade futurista que tem à sua volta o cerrado, a selva e o pantanal.

Hoje temos motivos para uma grande comemoração. Darcy Ribeiro está de volta a Brasília – e isto é uma maneira de dizer que, felizmente, o espírito de cidadania que Darcy sempre representou está cada vez mais presente na vida de todos os brasileiros e brasileiras e em nossa relação com os povos irmãos da América Latina.

Muito obrigado, e viva Darcy Ribeiro!

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração dos 7 anos do Programa Bolsa Família e
lançamento da nova versão do Cadastro Único dos Programas Sociais
Brasília-DF, 07 de dezembro de 2010**

Boa noite, minha querida companheira Márcia Lopes, ministra do
Desenvolvimento Social e Combate à fome,

Meu querido companheiro Eduardo Suplicy, senador da República,

Minha querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa
Econômica Federal,

Nossas queridas companheiras Ana Paula, que falou aqui, a Isabela, a
Giana, a Bárbara, a Rita, a Paulina, a Débora. Companheiras que parecem
mais que estão participando de um desfile de Miss Universo, e que
representando aqui... Parabéns.

Meu caro Pablino Cáceres, ministro da Secretaria de Ação Social da
República do Paraguai,

Nossa querida companheira Ana Maria Vignoli, ministra do
Desenvolvimento Social da República Oriental do Uruguai,

Nossa querida companheira Inés Paéz D'Alessandro, vice-ministra de
Desenvolvimento Social da República da Argentina,

Companheiros participantes desta festa do 7º aniversário do Ministério
do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês viram que hoje eu vim desarmado, companheira Arlete, nenhum
documento para ler, a não ser a nominata. E até porque eu não estaria em
condições de fazer um discurso aqui e ficar emocionado. Então, eu vou, vou



com muito cuidado, porque quando você tem 65 anos de idade o coração já está que nem coração de passarinho: mais devagar, menos emoções.

Mas eu penso que o depoimento que essas companheiras prestaram, e a que nós assistimos no telão, demonstra o acerto da nossa teimosia. Primeiro porque, quando nós começamos o Programa Fome Zero... E é importante lembrar, Maria Fernanda e companheira Márcia, que o Programa Fome Zero, ele foi pensado ainda no Instituto Cidadania, antes de eu ser presidente da República. E nós fomos vítimas de muitas críticas. Aliás, acho que o companheiro José Graziano, que foi o primeiro ministro, o companheiro Patrus, depois. E as companheiras que participaram do Programa, muitas vezes foram dormir inconsoladas com a quantidade de matérias publicadas contra o programa Fome Zero. Algumas até por ignorância; outras, um pouco de ignorância e um pouco de má-fé; e outras, crítica política sem nenhum fundamento, aquela de que o Programa era populista, de que o Programa era um programa que não tinha resultado, que eu deveria estar pegando esse dinheiro e aplicando em uma estrada. Aí depois inventaram a tal da porta da saída, ou seja, porque incomodava as pessoas o fato de os pobres terem acesso ao mínimo necessário, que até então não tinham. E eu lembro quantas vezes o Graziano, ele via jornal, ele entrava no meu gabinete, parecia que ele ia ter um infarto de tanta pressão, de tanta crítica que... Outros diziam que era esmola e não faltaram adjetivos para acusar o Programa, ou seja, pessoas que nunca se importaram com outros que tomavam bilhões emprestados e que nunca pagaram, se importavam com 80, com 70, com 50, com R\$ 100,00, que a gente decidiu dar para a parte mais pobre da população.

Isso demonstra como estava incrustada na consciência das pessoas que governavam este país há muito tempo a ideia de que “olha, tem uma parte da sociedade para quem nós vamos governar e tem uma parte da sociedade que a natureza toma conta. Não importa que as crianças morram de desnutrição, não importa que as crianças morram no parto, não importa que as pessoas



vivam 48 anos, 50 anos, não importa que uma mulher de 30 pareça uma mulher de 70, não importa. Os pobres, a gente os utiliza como dado estatístico”. Não tem quem não goste de utilizar uma estatística, tem tantos milhões de pobres no mundo, tem tantos milhões de abortos, tem tanto milhões das coisas... E as pessoas não se dão conta de que por detrás de cada número tem um ser humano. Uma pessoa que, muitas vezes, na sua humildade, tem mais sabedoria que a prepotência de alguns que têm tempo de falar e escrever todo santo dia.

Eu não sei o que seria do povo brasileiro se a gente não tivesse tido a ousadia de enfrentar essa situação e criar o programa Fome Zero, que depois, se abrindo um guarda-chuva e se transformou em Bolsa Família. Porque não são apenas esses 12,8 milhões de famílias que estão participando diretamente, são os outros milhões que estão participando em outros programas que têm similaridade com o Bolsa Família.

Ontem, companheira, Márcia, o programa Luz para Todos vai chegar a mais de 13,4 milhões de pessoas atendidas. Só para vocês terem ideia, só para vocês terem ideia, são quase 2,7 mil ligações em casas que viviam no século XVIII e que nós trouxemos para o século XXI. E quando a gente traz o Luz para Todos, a gente traz uma televisão em seguida, a gente traz um liquidificador, a gente traz uma geladeira, a gente traz uma casa de farinha, a gente traz alguma coisa que significa progresso. Além de que foi um programa que gerou, ao longo da sua implantação, 345 mil empregos e um programa que o governo federal investiu R\$ 14 bilhões, mais do que o Bolsa Família. Está certo que o Bolsa Família se repete todo ano e o Luz para Todos não se repete todo ano, mas quando nós começamos o Luz para Todos também, Márcia, os dados do IBGE eram de que nós tínhamos 2 milhões de casas sem energia. Quando nós fomos a campo, descobrimos 3 milhões, e agora que estamos cumprindo os 3 milhões, descobrimos mais 500 mil casas que não tinham energia, ou seja, são 4 milhões de casas que não tinham energia neste país.



Além do que pode significar aquele programa extraordinário do PAA, de que nós participamos na semana passada, além do que pode significar o programa Territórios da Cidadania, que é, na minha opinião, o mais extraordinário programa e que ainda está em execução, não está totalmente implantado porque nós colocamos muita coisa, muita carga em cima do caminhão, a gente poderia ter diminuído um pouco a carga para poder fazer os projetos-piloto em primeiro lugar. Mas, de qualquer forma, é um desafio que não tem mais retorno e vai continuar crescendo.

Também, Márcia, a questão do microcrédito. As pessoas não têm dimensão... Eu viajo muito para o estrangeiro e no “Aerolula”, que eu pensei que era meu, como a imprensa dizia que era “Aerolula”, a oposição dizia que era “Aerolula”, agora está terminando o meu mandato e eu descobri que não é meu. A dona Dilma vai ganhar o avião sem receber uma crítica que eu recebi. E, agora, eu vão colocar “Aerodilma” e eu não vou ganhar nem, nem, nem... não vou ganhar nada, ou seja, perdi meu avião. Mas, a gente viaja muito o mundo e a gente fala muito em macroeconomia, não sei das quantas, e a gente não discute a microeconomia, que é a grande revolução que tem neste país hoje.

Eu fiquei impressionado, naquela reunião do microcrédito, da quantidade de dinheiro que está disponibilizado para as pessoas humildes, como essa companheira, que pegou R\$ 200,00 emprestados. Eu fui ao Canal do São Francisco, na transposição, e eu conto essa história, porque é a história de um milagre, é a história de um milagre: uma mulher pegou R\$ 50,00 emprestados com o afilhado dela, para fazer pastel para vender para os operários que estavam trabalhando no canal da transposição. Depois que essa mulher vendeu um pouco, ela, de 50 pastéis passou a vender cem, passou a vender guaraná, passou a vender marmitta e montou um restaurante para servir 400 refeições. Já tinha comprado uma moto e, orgulhosamente, ela me disse: “Ô presidente Lula, eu estou muito feliz porque acabei... Este ano eu paguei R\$



5.000,00 de Imposto de Renda”. Enquanto tanta gente se orgulha de sonegar, uma pobre do sertão se orgulha em ter pago R\$ 5.000,00 de Imposto de Renda.

É este país que está efervescendo e que, muitas vezes, não aparece. De vez em quando, de vez em quando algumas pessoas ficam preocupadas: como é que o governo se fortalece a cada dia que passa, se nós não falamos bem do governo? É porque as coisas estão acontecendo, independentemente de quem quer que seja, as pessoas estão recebendo o benefício em casa. As pessoas não dão importância a R\$ 80,00 ou R\$ 90,00 do Bolsa Família porque tem gente que dá isso de gorjeta depois que toma uísque, ou as pessoas gastam isso para jogar maquininha. As pessoas não sabem o significado de uma pessoa ter R\$ 50,00 para entrar em uma bodega e comprar coisas para levar para casa, as pessoas não têm noção de como é mais fácil a gente cuidar do povo pobre. Aliás, acho que essa é uma lição que daqui para frente, ninguém mais terá coragem de mudar, ninguém mais.

E eu acho, companheira Márcia, que nós ainda estamos fazendo pouco, é possível fazer mais, é possível a gente ousar um pouco mais, é preciso, agora... Estava dizendo para o Suplicy: agora, com o pré-sal, tem tanta gente brigando pelo pré-sal, tem gente puxando pré-sal para tudo quanto é lado. E o pré-sal precisa ser um instrumento para acabar definitivamente com a miséria no nosso país, para resolver o problema da educação, para resolver o problema da ciência e tecnologia, para resolver o problema cultural, o problema ambiental, ou seja, é muito dinheiro, que a gente não pode se dar ao luxo de permitir que esse pré-sal seja jogado no lixo, no limbo, no esgoto como muitas vezes o dinheiro foi jogado, neste país.

Nós estamos terminando o mandato e nós estamos fazendo uma prestação de contas. E nós estamos fazendo uma prestação de contas não apenas porque nós temos orgulho daquilo que fizemos, nós estamos fazendo uma prestação de contas para que o resultado do nosso governo sirva como



uma espécie de um farol, de um alento ou de um novo paradigma para as coisas que nós temos que fazer no Brasil. Ou seja, definitivamente as pessoas aprenderam a reivindicar no Brasil, as pessoas aprenderam que é bom conquistar coisas no Brasil. E nós sabemos que ainda falta muito para ser feito, e nós também sabemos que o desmazelo de 500 anos ou de cem anos não será resolvido em oito anos ou em dez anos. É um processo que começou. É como a construção da Muralha da China: se ficasse uma pessoa olhando o tamanho daquela muralha, eles jamais começariam a colocar o primeiro tijolo; se eles ficassem olhando a dificuldade, a extensão e a quantidade de material, eles não começariam. Eles só começaram porque eles foram ousados. E eu acho que nós fomos ousados.

Então, eu queria dizer para vocês que a frase “a minha vassoura é a caneta da minha filha” é uma coisa que deveria ganhar o destaque, o prêmio da frase mais significativa que eu já pude ouvir em todos esses oito anos de presidente da República.

E, Márcia, eu queria lamentar a ausência do companheiro Patrus, que parece que vem amanhã, a ausência do companheiro Graziano, que está no Chile, e de outros companheiros que trabalharam com vocês aqui. Dizer para vocês que valeu a pena a gente acreditar.

Eu... Vocês podem ter certeza de que vocês fizeram com que no dia 1º de janeiro, quando eu descer aquela rampa, depois de entregar a faixa para a Dilma, eu saía de cabeça erguida, com o orgulho imenso de ter feito o que nós fizemos e de não ter vergonha. Se eu não fiz mais foi porque não sabia, ou se eu não fiz mais foi porque não tinha competência. Mas o que nós fizemos foi mais do que os outros fizeram neste país.

E não, não poderíamos fazer se não fossem vocês, não poderíamos fazer. Acho que vocês, que se dedicaram, um Ministério que teve muita dificuldade, um Ministério que teve dificuldade de ser aprovado no Congresso, um Ministério que trabalhou com uma dificuldade de infraestrutura muito



grande: a gente não tinha os funcionários corretos, a gente não tinha os cargos corretos, foi um trabalho imenso. E eu sou obrigado, de coração, a agradecer cada um de vocês e cada uma de vocês que trabalhou no Ministério, às vezes até altas horas da noite, para suprir a deficiência de cargos que nós tínhamos. Eu sou muito agradecido, e essas pessoas que estão aqui sabem que para nós elas são motivo de orgulho, mas vocês... que se não fossem vocês, possivelmente o cartãozinho, que elas dão tanto valor, não tivesse chegado às mãos delas e as crianças não tivessem comido um bocadinho de feijão com arroz.

Então, eu acho que vocês foram a cumplicidade que eu precisava para que o programa desse certo. É verdade que no meio da gente sempre tem alguém que se acovarda, sempre tem alguém que para no meio do caminho. Em uma luta que a gente tem que subir seis degraus, tem gente que vai até o 17º, mas tem gente que para no segundo, para no terceiro, desanima, não deu certo. E vocês são aquelas pessoas que persistiram. E continuam persistindo porque vocês, além de fazer o Programa continuar, vocês agora têm uma outra responsabilidade: vocês, agora, têm uma mulher na Presidência da República.

Então, vocês imaginem: o primeiro desafio nosso era convencer a sociedade de que um torneiro mecânico podia presidir este país, nós fizemos. E, agora, nós temos que provar que valeu a pena, depois desse torneiro mecânico, a gente quebrar, definitivamente, todas as entranhas do preconceito neste país e eleger a primeira mulher presidente da República. Não uma mulher qualquer, uma mulher que aos 20 anos alguns imaginaram que podiam tirá-la da luta, a prenderam, a torturaram, achando que aquilo teria quebrado a espinha dorsal dela e que nunca mais ela iria se meter em política. Vejam o que é o destino: essa, que alguns pensaram que teriam tirado ela da luta política volta, dando a volta por cima, para ser presidente da República deste país. Certamente, a pessoa que a torturou deve estar sendo torturado neste momento, não com chibatada, não com choque, mas com a vergonha de



compreender de que a luta política que se faz a gente não tenta truncar ela afastando pessoas.

E a Dilma chega à Presidência sem raiva, sem ódio e, eu tenho certeza, com muita disposição de ser um exemplo de que a mulher entrou na política para nunca mais sair, nunca mais sair. E a Dilma, da mesma forma que eu tive que provar todo dia que tinha competência para governar, a Dilma tem que provar todo dia que as mulheres estão aptas a fazer muito mais do que aqueles que um dia acharam que a mulher era sexo frágil, ou insinuaram que as mulheres tinham menos neurônios, ou insinuaram que a mulher não tinha a mesma competência. É uma chance extraordinária que vocês não podem jogar fora.

Portanto, minhas princesas... Se um dia eu montar um programa de auditório, eu vou convidar todas vocês. Vocês são o exemplo maior da minha alegria. Eu, eu sei, eu sei... A Ana Paula me abraçou chorando e dizendo que já passou fome. Ana Paula, só para você saber, o meu pai, quando eu vim de Pernambuco, o meu pai tinha duas mulheres. A minha mãe foi morar em uma casa e a outra foi morar na outra casa. E eu tinha que levar um barril d'água de 200 litros, puxando, era um barril grande, eu e meu irmão, Frei Chico, com uma corda na barriga, em uma estrada de areia, lá em Santos, era pesado para desgrama, a gente ia levar. E quando chegava lá, ela dava pão amanhecido para a gente, a outra mulher do meu pai, e eu adorava, eu adorava. E a minha mãe um dia soube, minha mãe ficou com ódio, porque ela não admitia que eu comesse o pão que a outra mulher do meu pai me dava para comer. E eu dizia: "Eu não vou comer", mas eu comia, eu comia porque eu estava com fome.

Então, eu acho que o Brasil vive um momento especial. Quando o Brasil é capaz de produzir uma mãe como a tua, nas condições adversas em que ela viveu, e ela criar uma filha como ela criou você e, certamente, como essas companheiras estão criando os seus, a gente não tem porque ver um cidadão de classe média desanimar, ou ver alguém ficar chorando que não vale a pena.



Só tem uma coisa que não vale a pena: é a gente desistir de lutar, a gente não ter coragem de persistir todo santo dia.

A vida é muito curta, e a nossa passagem pela Terra só tem significado se a gente lutar todo santo dia para conquistar alguma coisa. E eu acho que vocês são exemplo de pessoas que não desanimaram, que lutaram.

Eu, quando vi uma companheira construindo uma casa maior do que a minha. A bicha tem tanto tijolo na casa, que parece uma mansão. Um dia eu vou te convidar para ver o apartamento que a dona Marisa, agora, está tentando arrumar, o meu apartamento em São Bernardo. Tem tanta goteira que eu estava pensando em comprar um guarda-chuva para cobrir ele, e estou lá tentando cobrir, já que o Hereda não empresta dinheiro da Caixa, está a dona Marisa lá, tentando consertar os buracos do apartamento.

Mas quando eu vejo uma pessoa como você e outras companheiras vencerem na vida é que eu... valeu a pena. Se não tivesse nada que justificasse eu ter passado pela Presidência da República, a frase da tua mãe de que a vassoura dela é a tua caneta, já teria valido a pena.

Por isso, gente, muito obrigado, de coração. Vamos continuar na luta, porque tem muita coisa para fazer no Brasil, ainda, tem muita coisa.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega do Cartão Família Carioca**

Rio de Janeiro-RJ, 07 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meus companheiros ministros, Carlos Gabas, da Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome; Marcio Fortes, das Cidades,

Meu querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Senador Marcelo Crivella,

Senador Lindberg Farias,

Meu caro companheiro ex-ministro da Igualdade Racial e deputado federal, Edson Santos,

Vereador Jorge Felipe, presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ô Eduardo, se esse cara é tão competente como presidente da Câmara, elege ele deputado federal para ele ser presidente da Câmara.

Meu querido companheiro Pedro Paulo Teixeira, secretário municipal e chefe da Casa Civil,

Nossa querida Suzana de Oliveira Guido, a nossa beneficiária que falou em nome de todos vocês,

Companheiros e companheiras,

Há uma coisa, Sérgio, que este ato me faz lembrar. Em 1994, Mandela tinha acabado de ser eleito presidente da África do Sul, tinha derrotado o *apartheid*... vocês sabem que na África do Sul, um país em que 26 milhões de



negros eram governados por seis milhões de brancos... e o Mandela, que passou 27 anos na cadeia, quando ele sai da cadeia, ele vira presidente da República da África do Sul. Eu fui visitar o Mandela e quando eu cheguei em Joanesburgo, eu fui visitar o Palácio, o que a gente percebia, na alegria do povo, é que o Mandela ainda não tinha resolvido os problemas do povo pobre da África – nem tinha dinheiro e nem dava tempo. Mas a alegria do povo não era pelo fato de o Mandela ter feito alguma coisa para ele. Era que eles estavam conseguindo colocar a mão no Palácio, que antes eles não podiam passar nem um quilômetro perto. Eles estavam tocando na parede, em cada tijolo, andando dentro do Palácio, visitando o Palácio. Eles tinham conquistado uma coisa que era deles.

Por que eu comecei falando do Mandela? Meu querido Sérgio Cabral, você é carioca, nascido aqui no Rio de Janeiro, eu tenho dito publicamente que você é o mais carioca de todos os governantes que o Rio de Janeiro já teve. O Sérgio Cabral tem o sentimento do carioca, conhece os sambas mais do que qualquer carioca, chora como carioca, é malandro como o carioca, é o jeito do carioca, pronto. Mas você conhece bem – o Eduardo Paes também nasceu por aqui, o Pezão há muito tempo frequenta aqui –, eu duvido que já tenha tido um prefeito na cidade do Rio de Janeiro que tenha trazido o povo pobre do Rio para ocupar o espaço dentro do Palácio.

O que você está fazendo, Prefeito, é quebrando um tabu histórico, porque pobre só vale mais do que rico em época de eleição. Como nós somos maioria, qualquer candidato vai para a televisão falar mal de banqueiro, esculhamba banqueiro, esculhamba. Até o próprio banqueiro esculhamba banqueiro. Até empresário esculhamba empresário, mas ninguém tem coragem de falar mal de pobre. Pobre, naqueles 45 dias que antecedem a eleição, vira ouro, vira ouro. Então, o cara vai lá e mete o pau no empresário, mete o pau não sei onde, mete o pau no classe média, mete o pau... mas pobre é preservado. Nego... as pessoas beijam, as pessoas abraçam, as pessoas



cuidam. Isso, historicamente, as pessoas esqueciam no dia seguinte que terminavam as eleições.

Eu não sei se vocês perceberam que as coisas estão mudando. Eu não sei quantas vezes, na história do Rio, um presidente, um prefeito e um governador foram fazer tanta visita às comunidades mais pobres do Rio de Janeiro. Nunca. Eu nunca conheci, na história deste país, algum momento em que as autoridades estivessem, quase em todo o território nacional, tendo a preocupação de recuperar o direito e a dignidade da parte mais pobre da população.

Isso só é possível acontecer quando há afinidade de princípios entre as pessoas que governam a cidade, governam o estado e governam o Brasil. Se a gente tivesse aqui um governador, como nós já tivemos, que não queria nada com o presidente porque ele queria disputar o cargo do presidente, ou tivesse um prefeito que teve a coragem de mandar uma carta para mim num encontro de prefeitos em Goiás, dizendo que eu fui o presidente que mais colocou dinheiro no Rio de Janeiro nos últimos 30 anos, mas que nunca teve coragem de me receber no aeroporto, as coisas não andam, porque aqui não se cadastrou as pessoas para o Bolsa Família, não se queria cadastrar. Aliás, aqui no Rio de Janeiro, nem médico de família eles queriam. Era como se pobre fosse apenas de interesse dos nossos gênios da música, dos nossos compositores, ou uma coisa de polícia. O governante não tinha nada a ver com os pobres.

Quando o Sérgio Cabral foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro, é importante vocês lembrarem que no primeiro turno da eleição de 2006, eu e Sérgio Cabral não estávamos juntos no primeiro turno. Ele... o PMDB não me apoiava, decidiu apoiar o Serra, e o Cabral fez uma campanha e eu fiz outra campanha. O Alckmin, o Alckmin. Como Deus está lá de cima enxergando mais do que nós, e Deus certamente conhecia a nossa alma, nem ele ganhou no primeiro turno, nem eu ganhei no primeiro turno. E aí tivemos



que nos encontrar. Quando nós nos encontramos, foi quase como se nós estivéssemos fazendo um pacto, e a gente dizia: “Se a gente ganhar, a gente vai provar que o Rio de Janeiro e o governo federal vão, pela primeira vez, trabalhar tão juntos, que as pessoas não vão saber quem é presidente, quem é governador, quem é governador, quem é presidente, porque nós vamos trabalhar juntos”.

Hoje, ao faltar 24 dias para terminar o meu mandato, eu posso dizer para vocês que eu duvido que tenha existido algum momento na história do Rio de Janeiro em que o governo federal, o governo estadual e o governo municipal estivessem trabalhando com tanta harmonia, tão entrosados, porque quando a gente se entrosa, quem ganha é o povo; quando a gente briga, quem perde é o povo.

Eu acho que a reeleição do companheiro Sérgio Cabral foi uma dessas coisas boas que tinham que acontecer, porque a gente não poderia parar tudo que vem acontecendo no Rio de Janeiro, não poderia parar. Eu estou convencido de que daqui a oito, nove anos... essas coisas, também, a gente não consegue fazer do dia para a noite, leva um tempo. Mas, a continuar o ritmo que está sendo imprimido por este estado e por esta cidade, a gente vai poder, daqui a dez anos – qualquer um de nós –, subir com a família em qualquer morro do Rio de Janeiro sem ter nenhuma preocupação com bandido ou com traficante.

Eu disse ao companheiro Sérgio: nessas coisas, a gente não pode vacilar. A gente só tem cuidado é que pessoas inocentes não sejam machucadas e que não “paguem o pato”. Mas não é possível que a gente não utilize tudo o que a gente puder utilizar para garantir que as mulheres de bem e os homens de bem possam viver tranquilamente em qualquer metro quadrado da cidade do Rio de Janeiro e do estado do Rio de Janeiro. Então, o Exército entrou lá junto com o Sérgio, ficará lá quanto tempo for necessário, porque nós temos que provar que o Estado, chegando às comunidades – levando escola,



levando cultura, levando possibilidade de emprego, levando formação profissional, levando saúde, levando condições de vida –, o Estado pode vencer o crime organizado aqui no Rio e em qualquer lugar deste país.

Eu quero dar os parabéns ao Prefeito. Prefeito, muita gente – e você sabe que tem – que deve ter escutado você falar aqui, no seu pronunciamento e deve estar dizendo: “É, mais uma esmola. Este moço aprendeu com o Lula: vai dar esmola. (incompreensível) emprego. Precisava dar emprego, este povo precisa trabalhar. Este povo não precisa de ajuda. Eles estão criando é um bando de vagabundos”. É assim que falam. Lamentavelmente, ainda tem gente que fala assim. O que essas pessoas ignorantes que falam isso não sabem é que cada ajuda que a gente der para uma pessoa pobre, a gente está permitindo que essa pessoa possa comer mais calorias e mais proteínas; a gente está permitindo que essa criança possa ter mais saúde; a gente está permitindo que essa criança possa ter oportunidade; a gente está permitindo que essa pessoa, ao se dirigir ao comércio e comprar uma coisa, esteja gerando um emprego. Esse emprego vai gerar mais uma encomenda na fábrica, que vai ter que contratar mais gente para trabalhar e vai produzir mais. Essas pessoas não percebem que é de grão em grão que a galinha enche o papo, e é de real em real que a gente vai salvar este povo da miséria a que ele foi submetido durante tantos e tantos anos.

Eu acho, companheiro Eduardo Paes, e espero que este teu programa possa servir de alento e de motivação para outros prefeitos do Brasil fazerem, porque se cada prefeito fizer um pouquinho, não custa caro para ninguém e quem ganha é a parte mais necessitada da sociedade.

Quero dar os parabéns ao Sérgio Cabral, porque além de tudo o que ele vem fazendo, acaba de assumir o compromisso de levar este programa para os outros municípios do Rio de Janeiro, o que é uma coisa extremamente importante.

Quero terminar, Sérgio, dizendo para você que eu não tenho dúvida



nenhuma de que você e o Eduardo Paes vão ter, na companheira Dilma, a mesma companheira que vocês tiveram em mim, e que ela vai tratar o Rio de Janeiro com o carinho com que precisa ser tratado, porque nos anos 50, nos anos 60 e nos anos 70, este estado foi abandonado. Não era para ter a quantidade de favelas que tem, não era para ter a quantidade de gente vivendo com narcotraficante, como vive hoje. É porque quem governou, alguns anos atrás, foi irresponsável e conviveu com os bandidos, fazia acordo com bandidos, e a gente não tem que fazer acordo com bandido. O nosso acordo é com os trabalhadores e as trabalhadoras deste país, é com as crianças deste país.

Portanto, companheiros e companheiras, eu quero, mais uma vez... eu ainda vou voltar ao Rio de Janeiro pelo menos mais duas vezes antes de deixar o mandato, mas eu quero, Sérgio, dizer na frente do teu povo mais humilde que nunca antes tinha pisado na grama deste Palácio... isto aqui era só para coquetel. Isto aqui era só para coquetel de gente chique, não era para coquetel de gente pobre. Está certo que nem água nos ofereceram, não é? Eu tomei um copinho, ali, de água quente. Mas, de qualquer forma, eu acho que isto aqui é uma mudança extraordinária. Vocês vão voltar para casa com a sensação, não de que estão levando R\$ 70 para ajudar no orçamento. Vocês vão voltar para casa com a consciência de que o povo pobre deste país vai ser tratado com respeito daqui para a frente e que nunca mais ninguém vai pisotear nas pessoas por serem negras ou por serem pobres.

Um grande abraço. Parabéns, Eduardo Paes; parabéns, Sérgio Cabral; e parabéns ao povo do Rio de Janeiro.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante recebimento do título "Parceiro de Fibra", conferido pela Federação das Indústrias do Distrito Federal
Brasília-DF, 08 de dezembro de 2010**

Olha, primeiro, eu queria agradecer o companheiro Rocha, e dizer para vocês, empresários, que eu tenho muito, mas muito otimismo de que o Brasil vai continuar seguindo a trilha do desenvolvimento com distribuição de renda, do crescimento econômico e da melhoria de vida das pessoas, sobretudo das pessoas mais necessitadas do país. E por que eu digo isso? Porque nós vivemos um período, entre 1975 e 2002, sobretudo de [19]79, depois do fim do governo Geisel, em que o país ficou praticamente impossibilitado de ter recursos para fazer investimento em obras de infraestrutura. Foi quando nós saímos daquele momento de desenvolvimento no governo Geisel e começamos a pagar o endividamento pelo crescimento do governo Geisel, que nós tínhamos feito com base no petrodólares que estavam muito barato e que o Brasil, então, se endividou demais.

É importante lembrar que, naquela época, o Brasil se endividou, contraindo empréstimo a 3% de juros ao ano e depois o Paul Volcker, que era o homem da economia americana, aumentou os juros para 21% e nós, então, quebramos como... Quebraram praticamente todos os países de Terceiro Mundo que tinham tomado a decisão de se desenvolver com o dinheiro emprestado.

O que está acontecendo hoje no Brasil? O que está acontecendo no Brasil hoje é que nós estamos crescendo com dinheiro nosso, sem precisar contrair empréstimo de quem quer se seja. Nós, hoje, temos no Brasil... Quando nós chegamos ao governo, nós tínhamos, praticamente, R\$ 380 bilhões de crédito. Hoje, nós temos R\$ 1,640 trilhão disponibilizados para crédito. O BNDES não chegava em uma carteira de financiamento de US\$ 100



bilhões; hoje, o BNDES atingiu praticamente US\$ 170 bilhões de investimentos, ou seja, passa a ter uma carteira de quase 500 bilhões, contraindo de empréstimos. A Caixa Econômica que tinha 5 bilhões, hoje tem 175 bilhões, ou seja, houve um crescimento de quase todos os segmentos da sociedade. E quando cresce a indústria, cresce a folha de pagamento, cresce o consumidor, o restaurante do Jorge vende mais comida, vende mais cerveja, vende mais chope, vende mais pão, vende mais queijo, o mercadinho dele, diz que está “bombando”, e vai por aí afora.

Bem, e isso vai continuar por quê? Porque nós ainda estamos na metade da conclusão do PAC 1, e nós já anunciamos o PAC 2. E o PAC 2 é uma coisa que prevê um investimento muito grande nas cidades, prevê a Copa do Mundo, prevê as Olimpíadas de 2016. E eu não consigo olhar ao meu redor e ver qualquer problema que possa impedir o crescimento do nosso país.

Eu estava agora olhando no meu computador, e estava percebendo que a inflação, viu Jorge, na questão do alimento, nós estamos com o crescimento muito forte da inflação, na questão do alimento. Eu espero que seja uma coisa sazonal e que seja uma coisa apenas de final de ano, porque nós temos a obrigação política de não permitir a volta da inflação. Nós temos o compromisso político com o país de não permitir que a inflação, que muita gente ganhou com ela, mas que o trabalhador que vive de salário não ganha, ele só perde; nós temos compromisso com a estabilidade econômica; nós temos compromisso com uma política fiscal séria e responsável; e, portanto, nós temos compromisso com a continuidade do crescimento da economia deste país.

E eu fico pensando, só os investimentos que nós temos em infraestrutura no Brasil, eu fico pensando somente o que está previsto de ferrovias, somente o que está previsto de hidrelétricas, somente o que está previsto de investimento da Petrobras – seja na prospecção de petróleo, seja na indústria naval – nos investimentos tecnológicos, nós temos mais de 600



bilhões para o próximo período, sem contar com Olimpíadas, sem contar com Copa do Mundo. Ao mesmo tempo, os estados brasileiros e as cidades brasileiras conquistaram um pouco de capacidade de endividamento, portanto conquistaram um pouco de capacidade de investimento.

Então, o horizonte que eu vejo para o Brasil para os próximos quatro anos, com o governo da Dilma e com o governo do companheiro Agnelo, é de muito progresso, de muito desenvolvimento, de muito investimento. E na medida em que a gente adote como política ajudar a parte mais pobre da população, na hora em que essa parte vira consumidor, todo mundo ganha, porque é mais gente no mercado, é mais gente consumindo, é mais gente comprando, é mais gente gerando emprego. É aquilo que eu chamo de “a roda da economia girando sem parar”.

Então, eu quero agradecer a vocês a lembrança, o prêmio, e quero pedir a vocês ajuda tanto à companheira Dilma, que vai tomar posse no dia 1º de janeiro, quanto ao companheiro Agnelo. Brasília precisa, mais do que qualquer outro estado da Federação, recuperar a autoestima do seu povo. Nós tínhamos uma previsão de muito investimento e de muitos contratos feitos com Brasília, que estão praticamente há um ano paralisados; obras importantes, que estão paralisadas, e que os contratos estão feitos... Você nem deveria esperar chegar o dia 1º, para tomar posse; deveria marcar uma reunião com a ministra Miriam, que, embora não seja ministra, ela é quem cuida do PAC, para que a gente comece a agilizar com o Marcio Fortes as obras da cidade, com a Caixa Econômica Federal o financiamento habitacional, porque é preciso retomar tudo o que foi paralisado por conta das denúncias políticas, por conta da cassação, por conta dos afastamentos. Afinal de contas, Brasília, no último ano, teve três governadores. É muito estrago político para uma cidade que precisa urgentemente manter o cuidado com o Plano Piloto, cuidar das cidades satélites, e cuidar do entorno de Brasília, que está virando um problema gravíssimo de crescimento do empobrecimento e a falta de investimento.



O dinheiro está previsto, Agnelo, você... eu acho que não terá problema na sua relação com o governo federal, não terá problema. Acho que a companheira Dilma tem dimensão de que Brasília é muito importante, e eu gostaria que vocês, empresários, ajudassem, sobretudo, o companheiro Agnelo nesse começo. É importante que você monte a sua equipe, gente com disposição de enfrentar problema, de correr; a Saúde em Brasília é um problema sério, e eu acho que está na hora de você montar uma seleção para governar Brasília. Não se preocupe em escolher amigos, não se preocupe em escolher gente do seu partido; se preocupe em escolher as melhores pessoas que possam ter em Brasília, porque a arte de governar, Agnelo, não permite a gente errar. O mandato é de quatro anos, você vai perceber que, quando você menos esperar, já passou um ano – portanto, já passou um quarto do seu mandato – então você tem que trabalhar muito rápido, e levar gente muito boa, porque você pode ser um divisor aqui em Brasília. Ou seja, você [não] pode ser nem um populismo de direita em Brasília e nem aquele populismo de fazer com que Brasília vire um paraíso de companheiros que são trazidos de outros estados para cá, para viver em condições desumanas. A gente pode fazer Brasília ser aquela capital bonita, com o povo vivendo bem, que era o sonho do JK e que era o sonho de todo mundo que aqui vive muito tempo. Da minha parte, eu, embora não seja Presidente, mas ainda posso dar um pitacozinho, se você pedir, posso ajudar. Mas eu acho que a ajuda dos empresários é muito importante para você poder fazer a boa governança desta cidade.

Então, muito obrigado pela lembrança. Eu vou dizer ao presidente do Corinthians que, finalmente, o Corinthians ganhou, se não o time, mas o torcedor mais importante do Corinthians ganhou uma taça. E quero agradecer a vocês, antecipadamente, o apoio que vocês possam dar ao companheiro Agnelo. Ele precisa, Brasília precisa, e, quanto melhor estiver Brasília, mais bonita ficará a cara do Brasil para quem visita Brasília. E, quando estiver todo



mundo bem, o Jorge vai sorrir muito mais, porque é mais gente comemorando tomando um chopezinho no Bar Brasil.

Gente, muito obrigado, e um abraço para vocês.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a apresentação do balanço de quatro anos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)

Palácio do Planalto, 09 de dezembro de 2010

Olha, ninguém pode dizer que eu utilizei o PAC politicamente, eleitoralmente, porque é a primeira vez que eu venho a uma apresentação do PAC, desde que nós criamos o PAC.

Eu queria, primeiro, contar uma coisa para vocês: o que é o começo de um mandato e o que é o fim de um mandato. Durante todo esse tempo, o Guido Mantega se sentava comigo às reuniões e ele colocava uma latinha de pastilhas Valda cheia para eu chupar o quanto eu quisesse. Eu já vi agora ele em reunião com a Dilma, ele coloca a caixinha de pastilhas Valda do lado da Dilma. Hoje ele chegou aqui, eu, como estava habituado, falei: Guido, cadê a pastilha Valda? Ele tinha só uma no bolso! Certamente, esqueceu a caixinha na mesa de reuniões com a Dilma. Não tem nada, não. Nada como um dia atrás do outro, Guido.

Olha, primeiro, eu queria, Miriam, te dar os parabéns por esta apresentação, dar os parabéns ao companheiro Guido Mantega pelo sucesso da nossa economia, pelo crescimento do nosso Produto Interno Bruto mas, sobretudo, pela combinação do crescimento econômico com distribuição de renda. Quero cumprimentar o companheiro Paulo Bernardo pela execução do orçamento. Acho que o sucesso de um programa como este, ele se dá quando há combinação perfeita entre os entes federados, entre a qualidade dos projetos, entre a liberação de verba para as obras serem executadas e a agilidade de pagamento das obras. E parece que nós chegamos ao final deste mandato, da primeira fase do PAC, com uma sintonia quase perfeita entre o desejo e a execução. Acho que nós atingimos um patamar, eu penso que



acima da média do que já foi atingido neste país.

Portanto, parabéns aos companheiros que trabalharam e a toda a equipe dos ministros que trabalharam no PAC. Eu estou chegando agora, estou vendo o prato feito, ou seja, não sei quantas queimadas vocês tiveram, não sei as dificuldades que vocês passaram mas, de qualquer forma, eu penso que vocês estão colhendo hoje o sucesso daquilo que vocês fizeram com tanto sacrifício e com tanta teimosia.

Para mostrar que a gente não estava falando nenhuma bobagem e para mostrar que a gente estava fazendo uma coisa que a sociedade brasileira não via desde 1975, é importante lembrar porque a gente tem memória curta: este país, depois do governo Geisel, não teve mais investimento em infraestrutura. É só pegar os números da construção civil, que a gente vai perceber que foram 20 anos de queda, inclusive da oferta de vagas, de postos de trabalho.

Então, este país estava desacostumado. E nós, quando resolvemos fazer esse desafio, nós resolvemos uma coisa inédita: fazer uma coletiva a cada quatro meses. A cada quatro meses o governo inteiro – num primeiro momento coordenado pela Dilma, e agora coordenado pela companheira Miriam – se desnudava diante da imprensa. Nunca houve censura, nunca houve pergunta proibida e nunca houve pergunta que não tivesse resposta, e muitas vezes as manchetes colocavam em dúvida o sucesso do PAC. Tinha até programa de televisão, em época de eleição, que criava caravanas para ficar andando o país para procurar buraco, para poder mostrar que tinha buraco. Se a gente quiser procurar buraco com lupa, a gente acha dentro da casa da gente. Levantem de manhã procurando defeito na sua mulher, para ver quantos ela tem. E se ela se levantar procurando defeito no marido, então é que vai ter defeito.

Nós nunca nos importamos com isso. Nós tínhamos um objetivo, tínhamos determinação, tínhamos decisão política de governo, tínhamos a convicção de que era possível juntar uma harmonização entre o poder do



Estado, o poder do empresariado e o poder dos entes federados, e o sucesso está aí.

Eu ousou dizer, companheira Miriam Belchior, eu ousou dizer que, possivelmente, somente a China, no mundo, hoje, tenha a quantidade de obras em andamento que tem o Brasil.

Você, Gabrielli, eu vou lhe dizer uma coisa. Eu sei que o pré-sal não tem todo o petróleo que eu penso que tem, mas certamente tem mais do que você diz que tem, porque eu sei que você é obrigado a ser conservador e eu sou obrigado a ser muito otimista. Entre nós dois, um dia o Estrella vai contar quanto tem, de verdade, de petróleo nesse tal de pré-sal.

Uma coisa, companheiros e companheiras, em que eu estava prestando atenção na apresentação e nos números que a Miriam colocou aqui, é uma quantidade de obras em andamento, que a gente não tem condições de visualizar todas. É como se fosse uma partida de futebol. Quando o seu time ganha de 1 x 0, aquela merreca daquele gol, você decora ele na cabeça: só tem um gol para mostrar. Mas quando um time é como o Corinthians, que marca muitos gols, a gente não consegue visualizar o melhor porque são todos bonitos. É mais ou menos como as obras do PAC: é difícil visualizar o conjunto das coisas...

Eu fico imaginando a Maria Fernanda, uns tempos atrás: “Quantas casas vocês estão fazendo?”; “Ah, nós temos 5 bilhões para fazer investimento, não sei das quantas”. Hoje você pergunta, ela fala: “Nós temos 77 bilhões... nós temos 80 bilhões”. “Quantas casas vocês contratavam por ano?”, “Ah, quando muito, contratávamos 180 mil”. Neste ano, do Minha Casa, Minha Vida, ela é capaz – se a gente trabalhar um pouco mais - de chegar, no dia 31 de dezembro, contratando um milhão de casas, que nós prometemos ao povo brasileiro que iríamos contratar.

Esse é o resultado de um desafio que ninguém impôs a nós, porque quando é uma coisa imposta de fora para dentro, a gente age como se fosse



uma criança birrenta: a gente não faz, de raiva, a gente recusa. Mas esse é um desafio que nós mesmos nos fizemos. Vocês estão lembrados de que eu tomei a decisão de não colocar prazo, porque se a gente coloca prazo e a gente erra por um dia, qual seria a manchete do dia seguinte? “Lula fracassa”; “Não deu certo”; “Lula prometeu em um ano e demorou um ano e uma hora”. Então, eu falei: não vamos colocar prazo, vamos trabalhar para ver se a gente consegue fazer. E eu seria muito grato à dona Maria Fernanda e ao dom Hereda se pudessem concluir um milhão de casas no Minha Casa, Minha Vida, porque já a partir de janeiro a nossa Presidenta vai ter que começar o Minha Casa Minha Vida 2, que são 2 milhões de casas. Então, vocês imaginem o que vai ser o dobro de casas para apenas os primeiros quatro anos da companheira Dilma. Então, é preciso que a gente seja mais ágil, mais ousado e que a gente faça mais desafios para nós mesmos.

A segunda coisa importante, companheira Miriam, é que enquanto vocês estiverem fazendo a apresentação do PAC, em abril do ano que vem, eu certamente estarei de carro, andando por essas estradas na beira da praia, parando em uma ou em outra para tomar banho de praia e lembrar do que foi o PAC, que possibilitou que eu transitasse livremente, com segurança, nas belas rodovias que o nosso querido Paulo Sérgio tanto trabalhou para que a gente pudesse executar.

Miriam, eu vou dar um número para você, para você guardar: o programa Luz para Todos. Você sabe que em todo comício que eu estou, eu ligo para o Zimmermann e eu quero o número exato. O programa Luz para Todos é o seguinte. Quando a Dilma me fez a proposta do programa Luz para Todos, nós trabalhávamos com números do IBGE, que tinha 2 milhões de residências no Brasil que não tinham energia elétrica. Nós nos propusemos fazer 2 milhões. Quando nós atingimos os 2 milhões, em 2009, os companheiros nossos que tinham entrado a campo para fazer o Luz para Todos, descobriram que o IBGE estava defasado, o número do IBGE, que não



eram mais 2 milhões, eram 2 milhões e 900 e poucas. Eu fui a Recife, e nós assumimos o compromisso de fazer mais 900. Agora eles foram a campo para fazer as 900, descobriram mais 500. Significa que o que eram 2 milhões, estão virando praticamente 3,9 milhões, mas nós já cumprimos, da primeira fase, agora, 2 milhões, 655 [mil] e 352 casas, e já está defasado porque hoje devem ter feito algumas, ontem. Esse número aqui já tem alguns dias. Pois bem, nós já atendemos 13 milhões, 276 mil e 760 pessoas com o Luz para Todos. O objetivo era 10 milhões.

É importante lembrar que cada casa dessas que recebe o Luz para Todos, o passo seguinte é uma geladeira... Aí, Zimmermann, eu acho que você deveria fazer outra pesquisa como aquela que nós fizemos em 2008, fazer uma pesquisa para que a gente soubesse, das pessoas que receberam o Luz para Todos, quantas compraram televisão, quantas compraram geladeira, quantas compraram aparelho de som, quantas compraram liquidificador, quantas fizeram casa de farinha. É importante porque... computador. Por quê? Porque passa a ideia para um cidadão de classe média que mora no centro de Salvador, de São Paulo, do Rio de Janeiro, que nunca viveu sem luz, passa a ideia de que “este governo Lula só cuida dos pobrezinhos”, e não percebe que esse cidadão que recebeu o Luz para Todos, ele compra uma geladeira, ele compra um fogão, ele compra uma máquina de lavar roupa, ele (falha na gravação) indústria, vai gerar venda no comércio da cidade e vai gerar crescimento da economia. Eu acho que era importante a gente trabalhar com esses números, com uma pesquisa junto, aí, ao programa Luz para Todos.

Isso significou, companheiros, 6,7 milhões postes já colocados neste país, por conta do programa Luz para Todos. Quase uma população da Suécia, de postes, nós estamos colocando neste país. A gente começou com poste de cimento, que pesava uma tonelada; depois passamos a poste de madeira, que pesava 390 quilos; e agora estamos fazendo, no Norte do país, com poste de lã de vidro, que pesa 130 quilos. Dois homens do tamanho do Gabrielli podem



levantar um poste daqueles e colocar o Luz para Todos sem trabalho.

Nós, nós já colocamos 1,2 milhão quilômetros de fios – daria para enrolar a Terra 32 vezes. Portanto, esse negócio de aquecimento da Terra, nós vamos enrolá-la com os nossos fios e a Terra vai continuar friazinha do jeito que está, não vai ter o esquentamento de que estão falando, muito menos o aquecimento. Uma outra coisa: um milhão de transformadores foram utilizados no Luz para Todos.

Eu queria chamar a atenção de vocês para a exposição da companheira Miriam Belchior, na questão do gás. Vocês estão lembrados de que faz pouco tempo que nós não tínhamos gás no Brasil, faz pouco tempo que a gente estava encrocado com a Bolívia, faz pouco tempo que a Petrobras dizia: “Não, não tem gás, não tem como achar gás. Vamos ter que importar, vamos ter que regaseificar, vamos ter que fazer uma série de coisas...”. Nós fizemos tudo isso. Mas o dado concreto é que a nossa querida Petrobras parou de queimar gás. Esse é um dado importante, e esse gás está sendo... Falta, Gabrielli, você pedir para alguém da Petrobras, talvez o Duque, fazer uma animação eletrônica de como é que vocês conseguem, lá em Tupi, descer uma tubulação a 2.140 metros de profundidade e fazer um gasoduto lá debaixo d’água. Eu quero saber como é que desce o primeiro cano e como é que vai soldar aquele cano, para andar 300 quilômetros dentro do mar, até chegar em Taubaté. Se você puder fazer uma animação eletrônica... para o povo saber, meu filho, o povo quer saber, não é só a Petrobras que quer saber. A gente fica dizendo essas coisas, a gente não sabe o que é, e eu gostaria de saber como é que vocês fazem um gasoduto a 2 mil metros de profundidade dentro da água. Eu não sei, não tem mergulhador que chega lá, tem? Muito menos soldador. Um eletrodo não funcionaria lá. Então, meu filho, por favor. Para a Dilma... Ou a Dilma, na primeira apresentação, mostrar como é que vocês fazem um gasoduto.

Então, o Brasil está caminhando para a autossuficiência... Eu vou sair



com uma dívida - é importante a imprensa publicar – que desde 2004 eu gostaria que a gente reduzisse o preço do gás de cozinha, e tentamos encontrar formas, tentamos trabalhar formas. Eu queria reduzir R\$ 10,00, e aí, a gente tentou misturar com o cartão do Bolsa Família... O dado concreto é que eu vou terminar o mandato, e não conseguimos, porque a Graça é mão-de-vaca, ela não quer reduzir o gás. Ela agora aprendeu a vender gás e gostou do preço do gás; então, ela não quer, não quer mais fazer [reduzir] o gás. Então, essa é uma dívida que eu espero que a Dilma tenha mais força do que eu para cobrar da Petrobras. Essa bobagem, Graça, a bobagem é o seguinte: é fazer para os 30 milhões de brasileiros que usam botijão de 13 quilos. Ninguém que usa gás industrial vai comprar um monte de botijão de 13 quilos, para economizar. É mais difícil colocar um tamborzinho em cima do outro. Então, pare de ser sovina e faça o barateamento do gás em R\$ 10,00 o botijão, que a gente ainda vai sair ganhando. Se a Petrobras não ganhar nada, mas o povo ganha para caramba.

A outra coisa é a seguinte. Eu tenho dito, companheira Miriam – eu não sei se estou certo, e é importante os ministros ficarem preocupados, para não me permitirem passar coisa que não seja verdade –, mas eu tenho dito o seguinte. Se você olhar o mundo hoje e você vir quais as três maiores hidrelétricas em construção no mundo, hoje, as três estão no Brasil: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte. Eu não sei se tem outro país construindo três hidrelétricas da envergadura... Você que é da EPE, meu caro, veja se é possível.

Da mesma forma, eu tenho dito que não tem nenhum país do mundo, hoje, construindo as quatro refinarias que nós estamos projetando construir no Brasil: a Abreu e Lima; o Comperj, no Rio de Janeiro; a do Maranhão; a do Ceará, que está tudo resolvido, falta só, agora, vocês começarem. Não tem mais índio lá, está resolvido. É começar, agora, a fazer o estudo de solo. São as quatro maiores refinarias em construção, no mundo.



Eu perguntaria, Gabrielli, se existe no mundo alguma indústria de petróleo – a Esso ou a Shell... a Esso é maior do que a Petrobras, não é? A Esso, que é maior do que a Petrobras –, se ela está fazendo o investimento que a Petrobras está fazendo em sonda, em plataforma, em prospecção, em pesquisa. Não está.

É importante... eu queria que quando eu deixasse a Presidência, que a imprensa fizesse uma viagem que não fez no meu mandato, que a imprensa viajasse o Brasil para ver um pouco do que a companheira Miriam Belchior mostrou aqui. E que viajassem até os jornalistas, para fazer turismo, que vocês fossem ao Canal de São Francisco. Que não fossem com o olhar de jornalistas, fossem com o olhar de brasileiros, para ver o que significa a conclusão daquele canal da transposição do São Francisco. Para vocês perceberem que em 17 anos foram feitos na Ferrovia Norte-Sul apenas 215 quilômetros de ferrovia, em 17 anos! E que nós, em oito anos, fizemos quanto, Paulo Sérgio? Nós vamos entregar agora, em Anápolis, no dia 20 – eu espero que você não falte com o compromisso –, nós vamos entregar 1.513 quilômetros de ferrovia e vamos anunciar a ida até Estrela d'Oeste, em São Paulo, que são mais 900 quilômetros.

Então, eu também não acredito que exista no mundo, hoje – talvez com exceção da China – um país que esteja fazendo quase 6 mil quilômetros de ferrovia como nós vamos fazer agora, quando a gente, amanhã, amanhã, der ordem de serviço para o começo da construção da Oeste-Leste, que liga o porto de Ilhéus à Ferrovia Norte-Sul, no estado de Tocantins e, para o futuro, levar até a cidade de Belém. Eu duvido que tenha alguém fazendo isso, não sei se a China está fazendo, mas não conheço.

Porque, com a crise econômica de 2008, todo mundo parou. E o nosso companheiro Guido, como parece que foi da Fórmula 1 na Itália, da Ferrari, acelerou. E o PAC está mais forte, o PAC... Vocês viram que ele não falou aqui em tirar verba do PAC, vocês escreveram coisa errada aí. Ele, aqui, só falou



coisa positiva do PAC. E não adianta tentar inventar intriga entre eu e o Guido, que não tem, não tem. Na dúvida, fiquem com a versão dele.

Então, companheiros, para vocês que andam de carro – sobretudo jornalistas, câmeras... Stuckinha, você vai deixar o governo agora, pode pegar um carro aí, coloca logo o seu pai e o seu irmão dentro, e vai dar uma volta para fotografar a [BR]101 Sul, que está concluída no Rio Grande do Sul, e 80% para ser concluído... faltam 20% para concluir Santa Catarina; a [BR]101 Nordeste, que vocês vão ver uma rodovia que qualquer alemão que for passear de carro em Pernambuco, ou entre Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, ele vai ficar com inveja de na Alemanha não ter uma estrada da qualidade da nossa [BR]101 Nordeste. Não é daquelas estradinhas que você faz no verão, e no inverno já começam a ter buraco. Não, essa é de concreto; essa, vai levar pelo menos 30 anos para começar a fazer manutenção. Queria que vocês fossem visitar – eu já fiz quando era de areia – a BR-364, que liga Assis Brasil, no Acre, e vai até... sai em Dourados, em Mato Grosso do Sul. Eu já fiz isso de carro, de ônibus. Queria que vocês fossem visitar os 900 quilômetros que já estão contratados da BR-163, no Mato Grosso do Sul e no Pará; que vocês fossem visitar a BR-230, 500 quilômetros contratados, contratados, no próximo PAC você já vai mostrar a fotografia, Miriam, das máquinas trabalhando; a [BR]135, no Piauí, liga Piauí... o estado do Piauí, Bahia e Minas Gerais; a [BR]262, em Minas Gerais, que está concluída; a [BR]158, no Mato Grosso; a [BR]242, no Mato Grosso; o Arco Rodoviário do Rio de Janeiro, que tem uma parte pronta já, uma boa parte está pronta; a [BR]282, concluída em Santa Catarina, me parece que vai até perto da Argentina, falta só a Argentina – já falei com a Cristina para asfaltar o lado dela, que aí a gente pode, tranquilamente, ir de carro.

Você sabe que eu fiquei sabendo pela própria Cristina que, um tempo atrás, essas estradas não eram concluídas para dificultar a invasão do Brasil na Argentina. É. Na homenagem que a Cristina me prestou, na Unasul, ela



contou que na época dos militares da Argentina, quando o Brasil estava fazendo Itaipu - que eles ficaram com medo de que Itaipu fosse para inundar Buenos Aires, e ameaçaram o Brasil com bomba atômica - uma das coisas que eles fizeram foi não concluir parte das estradas que tinham divisa com o Brasil para dificultar a entrada do Brasil. Vocês imaginem como é que pensavam em 1970. Graças a Deus, hoje a Argentina é o nosso grande parceiro e temos uma balança comercial de US\$ 35 bilhões, contra US\$ 7 bilhões que nós pegamos em 2003.

Bem, quem mora aqui em Brasília pode pegar todas as estradas que nós fizemos em Goiás, aqui. Logo, logo... eu não sei se acabou aquela parte de Catalão, que dá para sair daqui de Brasília até Santos, de carro, com estrada duplicada.

Bem, depois... É o seguinte, companheiros, é o seguinte... Godoi, você que é do ramo, você não fala... Você nunca mais fale assim, porque “cresceu, cresceu...”. Como é que você falou aí? “... os investimentos em infraestrutura cresceram eu não sei das quantas...”. Godoi, você tem que dizer o seguinte: “Nunca antes... nunca antes na história...”, desde que você é empresário... fica mais forte, você dizer: “... desde que eu virei...” - isso é um jovem ainda, ele não deve ter 20 anos de vida empresarial, vinte e poucos anos – “Desde que eu virei empresário, eu nunca vi a quantidade de investimentos públicos em infraestrutura, como eu estou vendo agora”. Porque não é só investimento, companheiros e companheiras, não é só investimento, não. É o pagamento em dia. Porque teve um tempo, neste país, em que as empreiteiras colocavam máquinas na rua, davam início às obras, não recebiam no primeiro pagamento, não recebiam no segundo, não recebiam no terceiro, as máquinas ficavam paradas e a obra não era concluída. Nós, agora... duvido que tenha tido algum momento na vida empresarial que vocês recebessem tão em dia como vocês recebem agora, duvido.

Eu acho que nós estamos até, Godoi, com excesso de pagamento. Acho



que nós estamos, pelos números do Paulo Bernardo, nós estamos com excesso de pagamento. Ou seja, é tanto pagamento que vocês já não estão querendo pegar algumas obras. Você acredita, Godoi? Olha, é meio-dia e quinze. Eu cheguei aqui, às 9h, e liguei para a dona Marisa. Ela resolveu tirar o mofo do apartamento para a gente entrar de volta. Você sabe que ela quebrou uns negócios lá, e a gente não está encontrando um pedreiro, um pedreiro. Eu vou ter que pedir socorro a você. Um pedreiro, não tem, você acredita? Está todo mundo com serviço até...

Eu acho que é uma crise maravilhosa, essa: a crise do excesso de mão de obra, a crise do excesso de emprego, a crise do excesso de pagamentos em dia... eu acho... e a crise da transparência, porque o que nós vimos aqui é uma demonstração, Miriam, de que valeu a pena a gente acreditar nas apresentações quadrimestrais. Valeu a pena a gente apresentar, nos colocarmos à disposição, porque o país está atravessando uma fase excepcional.

Eu acho que a companheira Dilma, ela vai pegar o país numa situação privilegiada. Eu diria que o país está andando a 120 por hora. Ela vai ter... ela vai se dar ao luxo de pisar um pouquinho mais no acelerador, se ela quiser; ela vai se dar ao luxo de breicar um pouquinho, se ela quiser. A única coisa, Guido, que eu te peço – você que vai continuar – é o seguinte. Você sabe, porque você me ensinou isso: em economia não tem mágica. Você sabe disso. Foi você que me ensinou, antes de vir para o governo. Nós não podemos perder de vista a estabilidade econômica, nós não podemos perder de vista a responsabilidade fiscal e nós não podemos perder de vista o controle da inflação, porque são três coisas que se a gente perder o controle, quem “pagará o pato” será a parte brasileira que vive de trabalho e que vive de salário.

Então, se vocês conseguirem continuar nesse ritmo... O trem, ele pode ir, sim, a 150. Ele pode baixar para 80, às vezes, para 90, não tem problema. O



que é importante é que ele não saia do trilho, porque se ele descarrilar, para a gente colocá-lo de volta outra vez vai dar um trabalho desgraçado e a gente não sabe quantas pessoas vão sofrer por conta disso.

Portanto, companheiros e companheiras, é a minha primeira e última aparição na apresentação do PAC. Vi, gostei do que vi, gostei do que vi. Acho que vocês foram mais do que profissionais, mais do que competentes. Antigamente, neste país, se apresentava um plano de intenções: era o Brasil em movimento, era o Brasil em Ação, era o Brasil “correndo”, era o Brasil não sei das quantas... Um plano de intenções, que depois a gente não via resultado. Nós não apresentamos um plano de intenções. Nós apresentamos... e também não um plano de metas. Nós apresentamos um conjunto de projetos, de obras estruturantes que vão desde mudar a infraestrutura ferroviária, mas mudar também a infraestrutura de um bairro como o Complexo do Alemão, do Canal da Malária e de tantas palafitas existentes neste país.

Esse é o milagre, é que a mesma importância que nós demos a uma grande ferrovia, como a [BR]101, ou ao Rodoanel de São Paulo, quando nós colocamos 1,2 bilhão, senão não saía o Rodoanel, nós damos importância para tirar uma pessoa que está morando de forma inadequada em uma palafita. Essa grandeza, essa grandeza, Miriam, é que... essa grandeza é que fez o PAC dar certo, e eu tenho certeza de que essa grandeza é que vai fazer com que este país continue dando certo e continue avançando.

No mais, companheiros, muito obrigado pelo trabalho. Quero agradecer, de coração, a todos os companheiros que trabalharam nos Ministérios, que trabalharam nas empresas, porque isso aqui é uma... isso aqui foi uma confraria bem-intencionada de empresários, de trabalhadores, de empresas estatais, de empresas privadas, de governo federal, de governo estadual, e de governo municipal. Eu acho que essa cumplicidade em defesa do Brasil é que permitiu que a gente estivesse aqui, colhendo esses resultados extraordinários.

A você, Jucá, obrigado pela segurança do governo no Congresso



Nacional, no Senado, como líder nosso. Eu acho que nós devemos muito a você, como devemos muito à nossa bancada, como devemos muito a todos que nós ajudaram.

E devemos muito à imprensa. À imprensa, eu queria até dizer, às vezes eu critico, e vocês: “Ah, o Lula está criticando a imprensa.” Não, eu estou apenas alertando. Como eu gosto que vocês me alertem, eu gosto de alertar vocês. O que eu fico estranho [o que eu estranho] é que o rapaz que estava desembarçando a diplomacia americana, como é que se chama? Heim? WikiLeaks. O rapaz foi preso e eu não estou vendo nenhum protesto contra a liberdade de expressão! É engraçado, não tem nada, nada contra a liberdade de expressão de um rapaz que estava colocando a nu um trabalho menor que alguns embaixadores fizeram. Eu não sei se os meus embaixadores passam esses telegramas. Mas olhem, a Dilma tem que saber e falar para o seu ministro: “se não tiver o que escrever, não escreva bobagem, passe em branco a mensagem.” E aí aparece o tal do WikiLeaks, desnuda a diplomacia, que parecia inatingível, parecia a mais certa do mundo, e aí começa uma busca, eu não sei se colocaram cartaz como no tempo do faroeste, assim: “procura-se vivo ou morto”, e prenderam o rapaz e eu não vi um voto de protesto. Ô Stuckinha, pode colocar no Blog do Planalto o primeiro protesto, então, contra a [o cerceamento da] liberdade de expressão na internet, para a gente poder protestar, porque o rapaz estava colocando apenas aquilo que ele leu. E se ele leu porque alguém escreveu, o culpado não é quem divulgou, o culpado é quem escreveu. Portanto, em vez de culpar quem divulgou, culpe quem escreveu a bobagem, porque senão não teria o escândalo que tem. Então, WikiLeaks: minha solidariedade pela divulgação das coisas e meu protesto contra a [o cerceamento da] liberdade de expressão.

Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de formatura do Todos pela Alfabetização (Topa) 2009/2010 e homenagem multicultural ao Presidente da República

Salvador-BA, 10 de dezembro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras da Bahia,
Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia,
Nossa querida Fátima Mendonça, presidente das Voluntárias Sociais [da Bahia], mas sempre a nossa querida companheira Fatinha,

Nossa querida jovem da terceira idade, que está com 104 anos, mas parece mais nova do que eu, que tenho 65,

Meu querido companheiro Waldir Pires, que já está perto da dona Canô, aí, mas disfarça a idade também. Eu não tinha nascido, já ouvia falar do Waldir Pires, e ele já deve estar beirando os 60, 70, já, também,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido Paulo Sérgio Passos, ministro dos Transportes,

Meu querido companheiro deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembleia Legislativa do estado da Bahia,

Senadores eleitos Lídice da Mata e companheiro Walter Pinheiro,

Deputados federais Alice Portugal, Colbert Martins, João Carlos Bacelar, João Leão, Nelson Pellegrino e Sérgio Carneiro,

Meu caro companheiro Otto Alencar, vice-governador eleito da Bahia,

Nossa querida companheira Eva Schiavon, secretária estadual da Casa Civil, uma gaúcha que foi deportada de lá para a Bahia,

Nosso querido companheiro Osvaldo Barreto, secretário estadual de Educação. Quero te parabenizar pelo Topa, querido,

Nossa companheira Elenir Alves, coordenadora do Topa,

Nossa querida companheira Josefa Rita da Silva, secretária de Políticas



Sociais dos Trabalhadores da Agricultura do estado da Bahia, Fetag [Federação dos Trabalhadores na Agricultura no estado da Bahia],

Nosso companheiro Rosival Leite da Silva, presidente da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar, Fetraf,

Nossa querida companheira Heloísa Santos da Silva, por meio de quem cumprimento todas as alunas e alunos do Topa aqui presentes,

Meus queridos companheiros e companheiras da famosa Orquestra Sinfônica Juvenil Dois de Julho. Muito prazer em conhecê-los e parabéns, porque se eu for ali reger vocês, é que vocês vão ver o quanto ainda falta para vocês aprenderem a tocar.

Bem, primeiro, uma coisa importante. Eu mandei um repórter na frente para ele entrevistar algumas pessoas... duas pessoas do programa Topa. Uma é a companheira Maria Francisca Pereira. Ela esteve, mais de meio século de vida, na escuridão do analfabetismo. As letras, para ela, não passavam de traços sem nenhum significado. Mas, há três anos, essa realidade começou a mudar. Ainda criança, dona Maria Francisca foi obrigada a trabalhar e não teve a oportunidade de ir à escola. Repetiu, assim, a história de muitos outros brasileiros esquecidos pelos governos deste nosso querido país. Ela trabalhou na roça até os 19 anos e, nesse período, em que deveria apontar o lápis para fazer o dever da escola, dona Maria Francisca amolava o fio da enxada. Em vez de encher a folha pautada de anotações, carregava feixe de lenha, catava café, torrava mandioca e transportava lata de água na cabeça. Depois ela foi trabalhar em casa de família para se sustentar. Vieram os filhos, e a sala de aula se tornou um sonho muito distante. Mas sempre há tempo para mudar a própria história quando se tem força de vontade, garra e perseverança.

É essa a lição que a estudante de 65 anos deixa para todos nós, e é com toda razão que seus quatro filhos – Renildes, com 41 anos; Renilce, que tem 40 anos; Reilton, de 39; e Renildo, de 35... se eu fosse filho dela, ela me



colocaria [o nome de] Rula, porque é tudo com “R”, aqui, os nomes dela. Os filhos dela se orgulham da mãe porque, com uma mãe como dona Maria Francisca, o que não falta a eles é exemplo bom para seguir. Hoje, depois de três anos no programa Todos pela Alfabetização, dona Maria Francisca se sente segura para andar pelas ruas de Ilhéus e de qualquer cidade. Agora ela consegue ler as placas e compreender o sentido das coisas e, sobretudo, as letras. Essa independência que ela conquistou e a possibilidade de ler a Bíblia e fazer as orações com mais entendimento são, nas palavras de dona Maria Francisca, uma bênção.

Nas minhas palavras, o compromisso com a educação de nossas crianças e jovens é uma obrigação daqueles que têm a responsabilidade de governar o nosso país.

Bênção é o fato de termos, neste país, mulheres e homens como dona Maria Francisca e também como André Costa de Souza. Wagner, “seu” André tem 65 anos e mora na aldeia tupinambá do Barro Branco, entre Ilhéus e Una. Durante a infância e a juventude ele vivia no interior de Valença e... aliás, eu recebi um pacote de colorau de Valença. Obrigado. Ele vivia no interior de Valença e a escola mais próxima ficava a 12 quilômetros. Como não havia transporte, quem quisesse estudar tinha que andar debaixo de sol quente, caminhar longo percurso em mato muito alto e ainda cruzar o rio. “Seu” André pisou numa sala de aula, pela primeira vez, aos 12 anos. Saía de casa ao raiar do sol e voltava quase à noite. Foram dois meses nesse vaivém, até que sua mãe, preocupada com a insegurança do trajeto, não deixou mais ele ir para a escola. Ele nunca se conformou de não saber ler nem escrever. Via as pessoas com o jornal aberto e tinha muita vontade de fazer... de poder fazer o mesmo e saber que o que se passava em sua cidade... e saber o que se passava em sua cidade e no país. Além disso, quando “seu” André precisava assinar um documento qualquer, dependia de alguém para ler e explicar o conteúdo. Assinava com o dedão, confiando na outra pessoa e na boa fé da outra



pessoa.

Mas, conforme ele mesmo comparou, hoje sua vida já não é mais uma embarcação sem leme. Por meio do Topa, ele foi apresentado a um outro mundo, um mundo muito mais rico e cheio de significados. Uma das professoras que o conduziu a essa nova realidade nada mais é do que a sua filha Andréa, de 28 anos, que leciona no programa Topa. Parabéns e aplausos para a Andréa, que teve paciência de educar o pai. “Seu” André já escreve cartas para os amigos em Ilhéus, em que conta a alegria de ter sido alfabetizado e lê o jornal. Aliás, dependendo do jornal que ele ler, ele não vai nem falar bem de você, viu, Wagner. E dependendo do jornal que ele ler, também ele não vai falar bem de mim, não. É só crítica, está tudo errado. Pois bem, ele lê o jornal. Aliás, ele tomou tanto gosto pela leitura, que está lendo um livro sobre a história das aldeias indígenas no Brasil.

“Seu” André continua pescando, fazendo rede, tarrafa e vendendo coco, mas agora ele faz tudo isso com muito mais consciência. Seu entusiasmo é tão grande que contagiou a esposa Alzerina, de 58 anos. Ela resolveu se inscrever no Topa e se forma no próximo ano. Eu acho que a dona Alzerina se inscreveu no Topa para que “seu” André, ao escrever uma carta, ela fique olhando se não é uma carta para uma namorada. Na verdade, ela fica é fiscalizando o André e o André, portanto, tem que tomar cuidado, André.

“Seu” André aprendeu muitas palavras e, entre as centenas de palavras que hoje conhece, ele tem uma predileta. Veja só, “seu” André, tem uma predileta. É uma palavra pequena, com letras repetidas, fácil de escrever, mas que não pode faltar no vocabulário e na vida de ninguém. Essa palavra é “amar”. André, André, cuidado, André. Cuidado que a Alzerina te pega! Porque é o amor, de acordo com o “seu” André, que deu forças a ele para vencer os obstáculos do caminho.

Eu queria ler essas duas reportagens, aqui, porque elas... no fundo, no fundo, Wagner, elas me lembram a minha infância. O meu pai morreu



analfabeto, mas o meu pai trabalhava num armazém de Santos, em 1953, [19]54 e, naquele tempo, o pessoal que trabalhava no armazém, nas docas – meu pai carregava saco de café nas costas –, eles iam trabalhar, Wagner, de terno branco, gravata e chapéu. Se você se encontrasse com um cara que trabalhava no porto, naquele tempo, parecia que você estava se encontrando com um lorde inglês, de tão chique que eles iam: sapato bico fino, mais engraxado que o meu e que o teu, era uma coisa maluca! E meu pai tinha que atravessar... aqui, mais ou menos, era o Porto de Santos, e aqui era o Porto das Barcas, de Vicente de Carvalho, Itapema, que foi a terra que eu fui quando eu saí de Pernambuco. Pois o meu pai saía de Itapema todos os dias de manhã, ele chegava na Estação das barcas, ele comprava o jornal A Tribuna de Santos e ele se sentava na barca e fingia que estava lendo A Tribuna de Santos. Ele não sabia um “o”, ele não sabia ler absolutamente nada. Se o jornal não tivesse fotografia, era capaz de meu pai ir lendo de cabeça para baixo.

Eu estou contando essa história para você perceber a agonia de uma pessoa analfabeta, a agonia de uma pessoa analfabeta. Hoje eu contava para o Wagner. Lá na Granja do Torto, na casa do presidente, tem... tinha umas pessoas analfabetas quando nós chegamos, e tinha um companheiro lá que chama a Marisa de madrinha, ele era analfabeto. A Granja do Torto é aqui, ele morava aqui, aqui tinha um ponto de ônibus. Como ele não podia sair daqui para ir aqui, para pegar ônibus para ir para cá, porque ele não sabia ler o ônibus que passava, ele saía daqui, ia lá na rodoviária de Brasília, no ponto final, para pegar... - porque ele sabia onde era o lugar do ônibus - para pegar o ônibus e voltar para cá outra vez. Esse sofrimento eu vi nas palavras daquela jovem de 99,9 anos que falou ali.

Portanto, Wagner, eu quero dizer a você, meu querido companheiro, e ao seu secretário de Educação, que possivelmente a gente não tenha, em lugar nenhum do Brasil, um programa de alfabetização com o sucesso do que



você conseguiu implantar aqui na Bahia. Eu, embora não seja, no dia 1º, mais presidente da República, vou dizer, companheiro Fernando Haddad – se você continuar como ministro, que eu não sei –: você deveria passar uns três dias aqui na Bahia com o Wagner, visitando as cidades mais pobres, porque eu não acredito que a gente consiga alfabetizar os adultos deste país se a gente não contar com a cumplicidade dos prefeitos. Os prefeitos precisam participar, e você viu que esse negócio não tem esquerda e não tem direita. Isso é uma bobagem, porque o prefeito que ganhou o prêmio aqui é do PP, não é do PT, não é do PCdoB, não é do PSB. É do PP. Significa que quando a pessoa é motivada, quando a pessoa está com disposição de fazer, não importa o pensamento ideológico, porque um ser humano, quando está motivado, ele é tocado a uma ideologia chamada “coração”, chamada “paixão”, chamada “compromisso”, e ele faz. Não é uma questão ideológica.

Portanto, parabéns, Wagner, parabéns. O Programa é porreta, o Programa é porreta. Esta mulher aqui... Cadê, cadê? Esta calunga aqui, a bichinha, a bichinha não sabia ler e o primeiro discurso que ela faz é na frente do Presidente da República! É mole? Não é mole, não! Esta baixinha aqui tem “café no bule”, esta baixinha é poderosa! Imagine quando ela chegar na cidade dela: “Você sabe ler?”. “Ah, não”. “Tem que aprender, seus babacas. Eu aprendi e sabe para quem eu falei hoje, e falei grosso, na frente dele? Eu fiz o meu primeiro discurso, na vida, para o Presidente, para o Governador, e ainda, de reserva, para a dona Canô”, que está aqui. Não é mole, não.

Então, parabéns. Parabéns, companheiros, professores, educadores, professoras e todo mundo que está envolvido no Topa, porque vocês podem virar uma referência nacional de como alfabetizar adultos neste país. Parabéns, companheiro Wagner, e parabéns a todo mundo que está envolvido nesse plano [Programa].

Vocês fiquem quietos porque ainda não falei se vocês sabem tocar ou não. Olhem, companheiros, olhem, vou contar uma coisa para vocês. Hoje eu



estou brincando um pouco para não me emocionar, porque... Deixa eu contar uma coisa para vocês. Eu passei... eu perdi as eleições de [19]89, depois eu perdi as eleições de [19]94... Não, primeiro eu perdi as de [19]82, para governador de São Paulo. Depois eu perdi as de [19]89, para presidente; depois eu perdi as de [19]94, para presidente; depois eu perdi a de [19]98, para presidente. Depois, eu ganhei em 2002 e ganhei em 2006. Então, eu perdi 12 anos e ganhei oito. Significa que eu perdi mais do que eu ganhei. Qual é a compensação que eu tenho? É que não apenas nós ganhamos duas, como nós conseguimos... depois de eleger um metalúrgico sem diploma universitário para a Presidência do país, e um vice-presidente empresário sem diploma universitário, para este país, o José Alencar – que, se não estivesse no hospital, estaria aqui – e eu vamos passar para a história como a dupla de... não analfabetos, mas quase analfabetos... nós vamos passar como a turma que governou o país... nós somos os primeiros que não têm diploma universitário a sentar o pé naquele Palácio do Planalto, e nós vamos passar para a história como o presidente e o vice que mais fizeram universidades na história do país, que mais fizeram escolas técnicas na história do país.

Essa é uma revolução muito importante porque ela demonstra que a gente não pode confundir a inteligência de um ser humano com a sabedoria que ele adquire, o conhecimento específico que ele adquire numa universidade. Numa universidade ele pode ser um extraordinário cientista, um extraordinário engenheiro, um belíssimo economista, um arquiteto como o Zezéu, um advogado como o Pellegrino... Você é o quê, Wagner? Também não tirou diploma universitário. O Wagner também não tirou diploma universitário porque, quando pensou que ia estudar, se meteu a combater a ditadura militar, foi viver na clandestinidade, morou até em Ribeirão Pires, lá pertinho da minha casa – se eu soubesse, tinha dado uns cascudos nele para ele voltar a estudar e tirar o diploma dele –, e está aqui, galego... Já imaginou um cara galego, lá do Rio de Janeiro, vir para a Bahia e ser eleito no primeiro



turno aqui nas eleições, derrotar a oligarquia que governava este estado? É por isso que eu acredito em Deus. Eu acredito em Deus, dentre outras coisas, por essas coisas que acontecem, que não têm explicação sociológica, filosófica. Chico, você gostou de eu falar “sociológica”, “filosófica”? Isso porque...

Bem, então, olhem: eu, ao deixar a Presidência, Wagner, eu deixo a Presidência com a consciência tranquila de que nós fizemos muita coisa, mas que tem ainda muita coisa para fazer. Você trabalhou comigo desde o primeiro dia no governo, foi ministro em várias áreas, e eu acho que nós apenas começamos uma caminhada, uma caminhada que você, Wagner, aqui na Bahia, está desfazendo uma mentira contada para o Brasil, porque a Bahia era vendida, em São Paulo, como se fosse a orla marítima. Ah, faça uma boa avenida na beira da praia, a 500 metros da praia, pode deixar do jeito que estiver, e deixe os turistas virem aqui e saírem falando que a Bahia é maravilhosa e façam bastante propaganda da Bahia na televisão, que é tudo maravilhoso. A verdade é que você pegou o país [estado] que tem mais analfabetos no Brasil, você pegou o país [estado] que tem mais pobres, mais analfabetos... Hein? o estado, no país. Você pegou um estado em que os pobres eram deserdados. Este estado aqui é o estado que tem mais Bolsa Família e você sabe que precisa mais ainda porque tem muita gente pobre, e você resolveu colocar os pobres no tabuleiro da política baiana. Sem menosprezar ninguém, sem menosprezar ninguém, você disse: “Olhe, eu sou o governo de todos. Eu tenho olhar para todos, mas o meu olhar principal é para aqueles que eu preciso estender a mão, é para aqueles que precisam mais do estado, é para aqueles que precisam da ajuda do estado”, porque o estado não pode existir para servir os senhores que sempre se serviram do estado.

Portanto, nós... Wagner, eu vou continuar na vida política, meu filho. Eu não tenho como fazer outra coisa, a não ser política, e agora muito mais à vontade porque quando eu chegar aqui na Bahia, certamente eu vou bater palmas numa certa casa, sem compromisso, sem seguranças, sem protocolo,



sem cerimonial para encher o... sabe? Sozinho, como nos velhos tempos. Eu vou poder tomar um negocinho qualquer – não vou dizer o que é – sem preocupação com a imprensa, sem preocupação com fotografia. Vamos conversar mais livremente, sem preocupação com as palavras, e vou voltar a andar pelo Brasil, por duas coisas. A primeira coisa que eu tenho que fazer, Wagner, é desencarnar, eu tenho que “desencarnar” da Presidência. Oito anos, Waldir, oito anos é pouco para quem está no governo, é muito para quem está na oposição. Para mim foi nada. Quando eu comecei a gostar, pronto: venceu o meu mandato.

Bem, então eu preciso “desencarnar” para poder tirar de mim todas as coisas... porque esse negócio de ex-presidente começar a dar palpite, pode prejudicar quem está na Presidência. Então, eu quero “desencarnar”, eu quero voltar o mais perto possível da normalidade que um ser humano pode voltar, para depois começar a viajar o Brasil, para depois pensar o que fazer, para depois saber... quem sabe, até entrar em orquestra para tocar um bichão desses aí que faz “fom, fom, fom”, aquele ali. Como é que se chama isso aí, meu companheiro? “Tuba”. Tuba. Lula tocando tuba. Rimou.

Então, eu, Wagner, sou agradecido, agradecido pelo carinho que o povo brasileiro tem comigo, pelo carinho que o povo da Bahia tem comigo; agradecido pelo fato de o povo da Bahia ter te reelegido pela segunda vez no primeiro turno; agradecido pelo povo da Bahia ter elegido a Dilma Rousseff presidenta da República. E dizer para vocês que valeu a pena. Valeu a pena governar este país porque eu provei uma coisa: não é difícil governar este país quando a gente sabe de que lado a gente está, quando a gente sabe quais são as prioridades, quando a gente sabe para quem a gente quer governar.

Então, para mim, não foi difícil. Para mim foi gostoso fazer as coisas que eu pude fazer, e fiz com alma, com coração, com paixão. E, certamente, eu não acredito que nenhum ser humano possa governar uma casa, possa governar uma cidade, possa governar um estado ou um país se ele não tiver



paixão, se ele não tiver alma, porque a gente não governa apenas com a sabedoria da cabeça, a gente governa muito com a sabedoria do coração: onde ele bate é que toca a gente.

Então, gente, eu quero repartir a homenagem que vocês me fizeram com o meu companheiro galego, que é um companheiro de muito antes de eu ser... muito antes de eu ser do PT e ele do PP, a gente já era companheiro, e posso dizer para vocês, sem medo de errar: a Bahia elegeu o que tem de melhor, a Bahia elegeu o que tem de melhor. Se tem uma coisa que vocês podem ter certeza é de que este galego jamais vai contar uma mentira para vocês. Se bem eu conheço ele, ele prefere perder um amigo contando a verdade, do que ganhar um amigo contando uma mentira, porque ele sabe que mentira tem perna curta e que a gente não pode mentir para o povo que elegeu a gente.

Eu peço a Deus, Wagner, que te dê a sabedoria que te deu no primeiro mandato, para que você continue governando a Bahia com alma, com paixão, com o coração, com a ajuda de Fátima – obviamente que com a ajuda de Fátima –, com a bênção de dona Canô, com a ajuda de todos os companheiros deputados, senadores, com a experiência do companheiro Waldir Pires e com muita música da Orquestra Juvenil Dois de Julho, que está há três anos aprendendo a tocar e ainda não tocou. O maestro nem barba tem, ainda. Pelo que eu vi, o maestro nem barba tem, como é que vocês podem saber tocar? De qualquer forma, como eu estou com os dois ouvidos entupidos, eu ouvi um barulho, que eu achei que era razoável.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe cada um de vocês, que Deus abençoe o governo e que Deus abençoe o povo da Bahia.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à visita às obras da Ferrovia Transnordestina no estado do Ceará e de assinatura da contratação dos lotes 2 a 11 do trecho Missão Velha/CE-Pecém/CE

Missão Velha-CE, 13 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Cid Gomes, governador do estado do Ceará,
Meu querido companheiro João Santana, ministro da Integração Nacional,

Meu caro Francisco José Pinheiro, companheiro vice-governador do estado,

Deputado Domingos Filho, presidente da Assembleia Legislativa do Ceará,

Senador Inácio Arruda;

Deputados federais Arnon Bezerra; Eunício Oliveira, eleito senador da República; e José Pimentel, também eleito senador da República,

Deputado federal eleito Raimundo Macedo,

Meu caro companheiro Washington Luiz Macêdo, prefeito de Missão Velha,

Meu caro Manoel Raimundo de Santana Neto, prefeito de Juazeiro do Norte,

Meu companheiro Bernardo Figueiredo, diretor-geral da Agência Nacional de Transportes,

Nosso querido companheiro Tufi Daher, presidente da Transnordestina, por meio de quem cumprimento todos os empresários aqui presentes, inclusive as três condutoras: a Galvão Engenharia, a Andrade Gutierrez e a Odebrecht, que assinaram aqui o contrato para levar a ferrovia aqui, de Missão Velha, até o Porto de Pecém, na capital cearense,



Mas, companheiros e companheiras, eu, na verdade, estou fazendo uma meia despedida. Uma despedida, uma despedida de alguém que governou este país, considerado um país predestinado ao fracasso, porque quando eu tomei posse, em 2003, muita gente letrada dizia que o Brasil não tinha jeito, que a economia estava quebrada, que o Brasil não conseguiria saldar com os seus compromissos, que a gente não tinha dinheiro para pagar as nossas importações, que a inflação estava voltando e que, portanto, o Brasil seria um fracasso. Aliás, havia gente que torcia para que houvesse um fracasso.

O que as pessoas nunca perceberam é que, na minha vida política, eu nunca recebi nada de graça, nunca recebi alguma coisa de favor. Cada vitória que nós tivemos, ela foi suada, com suor, com lágrimas e com sangue de muita gente deste país. E eu vim para o governo predestinado a provar que um torneiro mecânico teria mais competência para governar este país do que muita gente que pertenceu à elite econômica e governou este país. Eu vim predestinado a mostrar que um país não pode ser governado apenas pela inteligência racional, da massa encefálica das pessoas; que era preciso a gente colocar uma coisa que faltava na política brasileira, que era a paixão, que era a emoção, que era o coração e que era um compromisso assumido de verdade, não com palavras, mas olhando no olho de cada mulher, de cada homem, de cada criança e, todos nós juntos dizendo que era possível a gente mudar as coisas.

Eu não sei se vocês se lembram do primeiro discurso que eu fiz depois de eleito, em 2003. Eu disse que, se nós conseguíssemos garantir a todo o povo brasileiro tomar café de manhã, almoçar e jantar, já teria valido a pena vocês me elegerem presidente da República. Mas eu disse mais: Eu disse que eu ia começar fazendo apenas aquilo que era necessário; depois a gente iria fazer aquilo que era possível fazer; e depois, então, quando menos se esperasse, a gente estaria fazendo o impossível. E isso aconteceu.



Tinha gente que tinha uma preocupação, companheiro Cid: “Como é que o Lula iria governar o país se ele não falava inglês?” Ninguém nunca perguntou porque o Clinton governou os Estados Unidos sem falar português; ninguém nunca perguntou porque o Tony Blair foi primeiro-ministro da Inglaterra sem nunca falar português. Ora, quando alguém acha que, para governar este país, teria que falar inglês, eu não fico com raiva; eu fico com pena de uma mente subordinada ao colonialismo a que nós fomos submetidos ao longo de anos e anos de colonização. Eu tinha consciência de que eu não tinha outra língua a falar a não ser a nossa língua, a língua portuguesa, a língua da nossa consciência, aquela língua que, mesmo quando a gente fala errado, as pessoas compreendem. Porque muita gente não sabe os dialetos nordestinos, a diferença com o Sul e com o Sudeste. Mas nós nos compreendemos. E é essa língua que eu queria falar com vocês.

Pois bem, companheiros e companheiras, eu queria me ater à Transnordestina e às outras duas grandes obras importantes que vocês já cansaram de ouvir falar aqui neste estado. A transposição das águas do rio São Francisco era um desejo do imperador Dom Pedro I, era um desejo. Em 1847, ele já sabia da seca no Nordeste, e ele imaginava que era necessário trazer a água de outro lugar para banhar os estados do Ceará, do Rio Grande do Norte, uma parte de Pernambuco e a Paraíba; para banhar o semiárido nordestino, a região onde menos chove neste país. E nem Dom Pedro conseguiu fazer; nem Dom Pedro, que era imperador, filho do rei, conseguiu fazer. Precisou vir o Lulinha, filho de Aristides, para fazer; precisou vir um cara de Garanhuns, filho de dona Lindu, casado com dona Marisa, para poder fazer.

E por que eu sentia o drama? É porque esse pescocinho, que vocês percebem que é pequeno, é de carregar lata d’água na cabeça, é de carregar pote com sete anos de idade. Eu sei o que é pegar uma lata d’água barrenta, e colocar em um pote e ficar esperando a bichinha assentar. Eu sei o que é, depois que a gente bebe a água, a quantidade de caramujo que está lá



embaixo. Por isso que, quando eu cheguei a São Paulo, a minha perna era da grossura de uma perna de um sabiá e a barriga, parecia um rinoceronte. Era verme, era lombriga, rapaz! Eu, se não morri no caminho, não morro mais – pelo menos tão cedo.

Pois bem, eu assumi o compromisso de fazer a transposição das águas. Parecia impossível, diziam que a Bahia não queria e eu dizia: Mas não é possível que o povo baiano, tão generoso, vai negar um copo d'água ao povo do Ceará. Não é possível! O Piauí... o Sergipe não queria. Não é possível que o Sergipe fosse negar um copo d'água para a Paraíba. Alagoas não queria. Não era possível que Alagoas fosse negar um copo d'água ao Rio Grande do Norte, gente! Porque o rio passava lá e alguém falou que o rio era deles quando, na verdade, o rio é nacional, é um rio brasileiro e que, portanto, é um rio de quem mora no Ceará, de quem mora no Rio Grande do Sul, de quem mora no Amazonas, de quem mora em Roraima e de que é brasileiro.

Pois bem, pois bem... coloquei, em primeiro lugar, o companheiro José Alencar. Aqui, uma homenagem ao meu vice-presidente, companheiro José Alencar, que está internado no Sírio-Libanês. Está melhorando, mas ainda está internado. Se ele estivesse aqui, ele viria tomar um golo comigo hoje à noite, mas não pode, está lá. Vamos rezar por ele para que ele possa sair logo do hospital, participar comigo da posse, da festa da Dilma, e eu e ele então deixarmos a Presidência com a consciência tranquila do dever cumprido.

Primeiro, nós pedimos para o José Alencar fazer esse projeto. O José Alencar trabalhou, viajou o Brasil. Depois, eu passei para o companheiro Ciro Gomes fazer o projeto. Esse projeto levou bastante tempo, não foi um projeto fácil de fazer. Foi uma engenharia extraordinária e, hoje, eu posso olhar na cara de cada um de vocês e dizer que, em 2012, nós vamos inaugurar a totalidade da transposição das águas do Rio São Francisco, levando água para 12 milhões de brasileiros. E é engraçado, Cid, porque ela vai combinar no mesmo ano em que a gente vai inaugurar a Transnordestina, que é em 2012



também. Ou seja, então, veja o que vai acontecer no Nordeste brasileiro em 2012: a gente vai inaugurar o canal do São Francisco, a gente vai inaugurar a Transnordestina e a gente vai estar muito avançado em uma outra obra, que também foi prometida historicamente aqui no Ceará e nunca foi feita, que é uma refinaria que vai ser feita em Fortaleza. Aqui, eu sei que, no passado, teve governador que almoçou com um príncipe da Arábia Saudita, que jantou com o Emir do Qatar, que foi não sei para onde, ou seja, tinha gente aqui que andava com um príncipe embaixo do braço, dizendo que ia fazer refinaria, não fez. Há 30 anos, há 30 anos que a Petrobras não fazia uma refinaria neste país. Há 30 anos, eu não era nem nascido, não fez uma refinaria aqui, neste país.

Você é um ingrato de dizer que é a última vez que eu volto aqui, na Presidência, porque nós acabamos de acertar, acabamos de acertar que eu vou vir aqui, ainda, no dia 28, para lançar a pedra fundamental da refinaria lá em Fortaleza. Ainda venho aqui no dia 28 ou 29, pode escutar, que eu estou lá. Vou estar lá para lançar a pedra fundamental, e vai ter a refinaria de 300 mil barris em Fortaleza, a refinaria de 600 mil barris no Maranhão, a refinaria de 220 mil barris em Pernambuco, a refinaria do Comperj lá no Rio de Janeiro, que é um complexo petroquímico, e a Refinaria Clara Camarão, de Natal, no Rio Grande do Norte, uma refinaria para produzir querosene para avião. Quem não podia fazer uma, está fazendo cinco. E todos aqueles que eram metidos a sabidos, que diziam que tinham programa para o Nordeste e que não sei das quantas, governaram dez ou 12 anos e saíram com o rabo entre as pernas, sem fazer nenhuma refinaria, nenhuma.

Olhem, tudo isso, tudo isso para a gente poder provar que a arte de governar é a arte de planejar e a arte de assumir compromisso definindo prioridades. Eu, jamais me passou pela cabeça tirar alguma coisa do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, de São Paulo, do Paraná, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, jamais me passou pela cabeça tirar alguma coisa de lá, até porque eu sou pernambucano mas devo tudo que eu sou ao estado de



São Paulo, devo muito a São Paulo.

Agora, não era justo que o Nordeste continuasse sendo tratado como se fosse a escória deste país, como se não tivesse direito. Ou seja, o Nordeste aparecia na imprensa brasileira com o maior índice de mortalidade infantil, maior índice de analfabetismo, maior índice de doença não sei das quantas, doença de Chagas, doença não sei das quantas. Era preciso que o Nordeste tivesse o mesmo direito. A gente não quer tirar de ninguém, a gente quer apenas ter o mesmo direito e as mesmas coisas que eles têm.

Quando a gente pega os dados de mestres e doutores aqui no Nordeste, era menos que 3%, se comparado ao Brasil. Já estamos em 10% e, se Deus quiser, vamos chegar a muito mais, porque a gente não quer mais ser exportador de servente de pedreiro para São Paulo. De vez em quando, olhavam para a gente e falavam: “São Paulo é bom, porque tem aqui o nordestino... Essa ponte foi um nordestino que fez; esse prédio, foi um nordestino que fez”. A gente não quer ser só pedreiro, a gente quer ser engenheiro, a gente quer ser o médico, a gente quer ser outras coisas. Por que nivelar a gente por baixo? Por que achar que nós somos o rodapé, quando a gente quer ser o forro?

Então, também, durante muito tempo, a classe política nordestina tem culpa, ela tem culpa. Porque, se é verdade que o Brasil era colonizado pelas ideias inglesas, americanas e europeias, é verdade que uma parte da elite nordestina era colonizada, a cabeça pensava em São Paulo, no Rio de Janeiro, e não pensava nos seus irmãos do Nordeste. É por isso que o Nordeste foi ficando para trás. E nós queremos que o Nordeste, que o Norte do país, que o Centro-Oeste, que o Sul e que o Sudeste sejam tratados igualmente pelo governo federal.

É por isso que nós estamos fazendo obras estruturando o Nordeste. Para que a gente tenha mais universidades, para que a gente tenha mais doutores, mais mestres, mais pesquisadores, para que a gente tenha mais



empresas, para que a gente tenha mais empregos, para que a gente tenha mais salário, para que a gente tenha melhores condições de vida. E aí é importante a ferrovia, é importante o canal do São Francisco, é importante a refinaria, é importante o polo siderúrgico de Fortaleza, é importante o polo petroquímico de Pernambuco, é importante o biodiesel da mamona, para a gente poder ajudar esse povo mais pobre. Será que as pessoas não compreendem isso?

E essas coisas, companheiros e companheiras, eu aprendi na convivência com vocês. Eu posso dizer, sem medo de errar, Cid: é humanamente impossível você governar o Brasil de Brasília, como você sabe que é humanamente impossível governar o Ceará da capital. Ah, se a gente olhar ali, aquela orla marítima de Fortaleza, que maravilha, que prédio não sei das quantas. Mas a gente anda cinco minutos e a gente vê a pobreza nas favelas encostadas ali, que nós estamos ajudando, esse moço e a prefeita, a resolver este problema. Porque nunca, neste país, tinham colocado dinheiro para resolver o problema de saneamento básico. Nunca! Se tivessem, não permitiam que aqueles rios de Fortaleza estivessem poluídos, podres, e o povo pobre morando ali.

Eu vou agora ao Rio de Janeiro, Cid, inaugurar um teleférico, lá no Complexo do Alemão. As pessoas pobres que moram no morro levavam duas horas para chegar a um ponto de ônibus, agora vão levar 19 minutos, vão ser tratados como gente.

Na verdade, a geração desse moço, a geração do meu governo e do dele, nós estamos fazendo reparação nos desmandos deste país. Como é que começaram a surgir as favelas? Quando elas surgiram? Na década de 70, em São Paulo, tinha duas, hoje tem 2 milhões de pessoas morando em favelas, porque este país ficou os anos 70, os anos 80, os anos 90, até 2000, sem crescer. Quando a economia não cresce, você não gera emprego; não gerando emprego, você não gera salário; não gerando salário, você não gera renda,



você gera um miserável, um desempregado, um pedinte, uma pessoa que vai viver cada vez em piores condições.

É por isso que nós criamos o Bolsa Família. É por isso que nós aumentamos o Pronaf de 2 bilhões para 16 bilhões. Tinha muita gente que dizia: “Mas esse Lula está gastando dinheiro com o Bolsa Família, dando 80, 90, R\$ 70,00 para os pobres, seria melhor fazer uma ponte”. É preciso dizer para essa gente que pobre não come tijolo e não come cimento, a gente come arroz e feijão. Está certo que quando a gente come, como eu comia, muita gordura com farinha, vira um cimento.

Eu, lembro, eu lembro, eu era muito moleque, numa “pendura” desgraçada, a minha mãe comprava aqueles pedaços de toucinho, colocava na panela com água, aquilo ficava uma gordura, a gente chamava de graxa, uma gordura amarela. Aquilo, a gente colocava feijão, arroz e farinha. Arroz não, arroz! Arroz, era quando a gente estava doente. Era feijão e farinha. E a gente ia colocando aquela graxa, ia colocando aquela graxa... ia ficando parecendo cimento naquela maquininha que roda assim. Tudo forte hoje, ó, tudo... É isso que eu quero para o meu povo, gente forte, sadia.

Então, veja, as pessoas que diziam assim: “Ah, o Bolsa Família não resolve o problema, podia fazer ponte”, as pessoas não sabem o milagre da multiplicação dos pães na mão de um pobre. Deu R\$ 80,00 para uma pessoa muito rica, ela vai tomar uísque na Avenida Paulista e dar de gorjeta R\$ 80,00, dar de gorjeta. Agora, dê R\$ 80,00 na mão de uma mulher pobre, que aquilo se transforma em feijão, em arroz, em farinha, se transforma em vida, em leite para as crianças.

É esse país, companheiro Cid, que nós estamos construindo. Eu sei que ainda falta muito, eu sei que falta muito. Veja, vocês não podem reclamar, porque eu casei com a Marisa em [19]74; eu prometi tanto para ela; eu já estou há 36 anos casado, e ainda não consegui fazer tudo o que eu prometi para ela. E, certamente, algumas coisas eu não vou poder mais fazer. Mas, de qualquer



forma, nós vivemos felizes, porque nós criamos a nossa família, nós construímos um mundo nosso, e eu tenho certeza que, da mesma forma que ela confia que eu fiz tudo, eu confio que ela fez tudo. E é essa confiança que faz a gente sobreviver e continuar sonhando como adolescente, que a gente vai ter um mundo melhor, a gente vai melhorar a vida de cada brasileiro. Eu sei que a gente não fez tudo o que tinha que fazer, mas eu sei que nós fizemos muito, e sei que ainda falta muito para fazer.

Esse moço tem mais quatro anos de mandato, esse moço tem mais quatro anos. Vocês, aqui no Ceará, graças a Deus, derrotaram alguém que precisava ser derrotado, e elegeram Eunice e Pimentel para o Senado. Quer coisa mais maravilhosa do que essa? E eu também estou confiante, companheiros. Pode crer em uma coisa: Eu conheço a companheira Dilma, trabalhou comigo, foi meu braço direito. Se eu não confiasse nela e não tivesse certeza das qualidades dela, eu não teria apresentado a Dilma como minha candidata. Ela era a minha candidata, agora, é a presidenta eleita de vocês. O povo confiou, elegeu e podem ficar certos de que ela vai fazer muito por este país, vai fazer muito. Ela sabe fazer, me ajudou a fazer e ela, agora, tem que provar uma coisa fantástica. Eu tinha que provar que um metalúrgico tinha competência para governar. Ela tem que provar que a mulher tem competência para governar. Eu... eu, de vez em quando, de vez em quando, Benjamin, as pessoas perguntam: será que mulher pode governar? E eu fico pensando: a minha mãe era analfabeta, nasceu e morreu analfabeta. E eu fico pensando: uma mulher que teve 12 filhos, quatro morreram e oito viveram. Uma mulher analfabeta, que teve a coragem de largar do marido quando eu tinha oito anos de idade. Essa mulher analfabeta não sabe governar? Será que é verdade? Primeiro, que essa mulher teve 12 filhos. Segundo, que essa mulher ensinou os 12 filhos a andar. Segundo, que essa mulher lavou e deu banho nos 12 filhos. Segundo, que essa mulher deixava de comer para dar comida aos filhos. Como é que uma pessoa dessas não sabe governar? Não sabe governar



aquele que pega o dinheiro público para ele, esse não sabe governar. Mas aquele que reparte o pouco que tem para cada um comer um pedaço do pão, que nós produzimos, esse sim sabe governar. Portanto, eu acho que vai ser assim que a Dilma vai governar, vai ser assim que esse moço vai governar e vai ser assim que a gente vai ver o nosso querido povo de Missão Velha, do Ceará, de Pernambuco, de Garanhuns, de Caetés e do Brasil melhorar.

Um abraço, gente, e até!

Ó, o Cid... o Cid não disse aqui, mas já assumiu um compromisso comigo. No dia da inauguração dessa ferrovia, eu sei que vai estar ele aqui, eu sei que vai estar a Dilma, eu sei que vai estar o Tufi, eu sei que vai estar a Galvão Engenharia, vai estar a Odebrecht, vai ter a Andrade Gutierrez, vai estar o Pimentel e o Eunício, de xereta, senador eleito, o Inácio Arruda, vai estar todo mundo. Agora, o Bernardo vai estar aqui, o prefeito vai estar aqui. Agora... agora, podem ficar certos: eles podem estar onde eles estiverem, mas nós vamos estar juntos no trem, nós vamos estar juntos no trem.

Gente, um abraço e que Deus abençoe todos vocês!

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Nacional de Direitos Humanos e assinatura do encaminhamento ao Congresso Nacional da Convenção Internacional para a proteção dos direitos humanos dos trabalhadores migrantes

Palácio do Planalto, 13 de dezembro de 2010

Nem sei se era meu. Colocaram três copos aqui, acho que pensaram que eu passei a noite bebendo porque tem três copos d'água aqui para mim e nenhum para você. Um, eu acho que é água benta.

O discurso é escrito, meu caro. Não há como errar. O Dulci já fez a revisão.

Bem, eu queria, primeiro, cumprimentar o querido companheiro Paulinho Vannuchi, por mais poucos dias ministro,

Queria cumprimentar a nossa companheira deputada federal Maria do Rosário, designada pela companheira Dilma para assumir a Secretaria de Direitos Humanos,

Queria cumprimentar o companheiro Luiz Paulo Barreto, ministro da Justiça; Fernando Haddad, ministro da Educação; Juca Ferreira, ministro da Cultura; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; José Gomes Temporão, da Saúde; companheiro Orlando Silva, do Esporte; companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu caro Luís Inácio Lucena Adams, da Advocacia-Geral da União,

Meu caro Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, da Secretaria de Assuntos



Estratégicos da Presidência da República,

Eloi Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,
e a minha ponte que não sai,

Companheira Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas para as Mulheres,
Nosso companheiro Andries Carl Nel, vice-ministro [da Justiça e
Desenvolvimento] da África do Sul

Companheiros embaixadores estrangeiros aqui presentes,
Senador Eduardo Suplicy, senador Roberto Cavalcanti e senador José
Nery, que recebeu aqui a sua estatueta,

Nossa querida companheira Luiza Erundina, deputada federal,

Companheiros agraciados,

Companheiros da imprensa,

Meu querido Elifas Andreato, o homem que fez a estatueta. Parabéns.

Está chegando um momento chato e desagradável do governo porque
está chegando o final do mandato, e cada dia que vai se aproximando, tudo o
que eu faço é a última que eu faço como presidente da República. Então, isso
vai criando uma emoção desnecessária.

Eu queria cumprimentar também o nosso companheiro Nilmário
Miranda, o primeiro ministro da Secretaria de Direitos Humanos. Não sei se o
Mário Mamede está por aí, mas foi interino, um pouco, na saída do Nilmário, e
o Rogério Sottili, que era o braço direito, o braço esquerdo, as duas pernas, a
orelha e a cabeça do Paulo Vannuchi no Ministério.

Primeiro, antes de ler o meu discurso aqui, eu queria dizer para vocês o
seguinte: quando vai chegando o final do governo, a gente vai tendo a
sensação de que estava assistindo a uma partida de futebol, e eu vou falar em
futebol, porque as pessoas mais humildes que estão nos vendo neste momento
compreendem mais se eu filosofar futebol do que se eu filosofar Filosofia.

Então, nessa partida de futebol, eu não tenho dúvida nenhuma de que



nós estamos ganhando o jogo de quatro a zero, cinco a zero... E aí, nós temos três tipos de torcedor: nós temos aquele torcedor muito otimista, que acha que era impossível fazer mais, que nós fizemos de tudo, que os gols foram os mais bonitos que já foram vistos dentro do Maracanã e que, portanto, o time não precisa fazer mais nada. Nós temos aquele pessimista, aquele que fica: “Pô, só cinco a zero! Por que não fez 10? Porque não fez 15? Poderia ter feito mais!”. Também não vai acontecer. E aquele que é um pouco o que vocês são: o torcedor forte emocionalmente, mas também forte racionalmente, que vocês estão contentes com o 5 x 0 mas, ao mesmo tempo, acharam alguns gols bonitos, outros mais ou menos bonitos, outros feios, e acham que o time poderia ter feito mais, se não tivesse perdido tanta bola, se não tivesse dado passe errado. A política é um pouco assim. Eu sei que nós fizemos muito, mas eu sei também o quanto falta ser feito neste país. Afinal de contas, você não consegue consertar 500 anos de desmazelo em oito anos, não sei se em 80 [anos]. Mas o dado concreto é que nós provamos que é possível sair do marasmo em que a sociedade brasileira foi colocada durante décadas, décadas, séculos e séculos, onde tudo parecia muito difícil.

Eu, Paulinho, quero te agradecer. Não é você que tem que me agradecer, porque eu lembro do dia que o Nilmário me procurou para sair do governo. O Nilmário precisava resolver um problema das disputas internas do meu glorioso Partido, em Minas Gerais. Ele foi ser presidente do Partido, mas também já estava com um olho na eleição para governador do estado. Aí, era um momento difícil, não era um momento fácil que a gente estava vivendo. Afinal de contas eu estou falando do ano de 2005, o ano em que o governo precisava de uma comissão de direitos humanos para defendê-lo, porque a linha de ataque era violenta. Não era nem ideológica, era raivosa, era aquele negócio de que “é a hora de acabar com o governo e vamos bater até o governo cair no chão”.



Foi nesse momento que aconteceram duas coisas importantes para mim, e os dois companheiros de São Bernardo do Campo, o Marinho, que foi convidado para ser ministro do Trabalho, e muita gente não queria que ele viesse... Eu lembro de uma reunião na minha sala em que você estava presente, quando o Marinho disse: “Não, eu vou topar aceitar, eu vou vir aqui para ajudar”, e depois o Paulinho Vannuchi. Seria muito mais fácil dizer para mim “Olha, companheiro Lula, nós temos amizade há 30 anos, eu te adoro, você é fantástico, mas não vai dar. Eu estou compromissado com o sindicato, eu assessoro a diretoria do sindicato, eu estou estudando, eu estou fazendo isso, não venho”. Entretanto, você assumiu o governo num momento delicado e fez um trabalho que eu acho, Maria do Rosário, que você pode ser... fazer o máximo que você fizer, que eu acho que você vai apenas fazer igual. Mais do que foi feito nesse período, eu acho quase impossível. Se bem que na política nada é impossível, e eu acho que como as mulheres estão galgando cada vez mais espaços importantes na política, aquilo que parece impossível para um homem, pode ser “baba” para as mulheres, pode ser fácil para as mulheres. Pelo menos é assim que acontece no meu cotidiano de vida, lá em casa, que aquilo que é difícil para mim não é tão difícil para a dona Marisa. Ontem, por exemplo, Paulinho – eu vou reivindicar os direitos humanos aqui – eu fui lavar o quintal, e eu terminei de passar - um pedacinho pequeno - terminei de passar a vassoura, me deu uma dor aqui no espinhaço, Temporão, que quase que eu ligo para você ou para o Padilha, uma dor, que eu quase não conseguia me levantar. E a Marisa: “Eu não acredito, isso é uma vergonha, isso é falta de uso, falta de prática!”. Eu acho que as mulheres têm uma força muito mais porreta do que os homens, e eu acho que...

Bem, eu, sinceramente, espero não estar pecando por excesso de otimismo, mas a minha experiência é exatamente essa. Mulher é mais corajosa... A mulher, ela pode demorar um pouco mais para entrar na luta, mas



quando entra, Paulinho, o bicho pega. Elas viram mais desaforadas, mais ousadas... Eu estou 100% otimista aqui, com a perspectiva deste país.

Bem, Paulinho, eu quero, antes de tudo, dar os meus parabéns aos companheiros e companheiras agraciados com o Prêmio Nacional de Direitos Humanos, e dizer que eles encarnam a força, a persistência e a coragem do movimento social brasileiro, a quem devemos, em grande parte, o ambiente de irrestrita democracia política em que hoje vivemos.

Em um passado não muito distante, militantes de movimentos sociais e lideranças populares arriscaram a própria vida para defender direitos coletivos e individuais que hoje estão assegurados e sobre os quais existe um amplo consenso.

Há pouco mais de duas décadas, porém, esses direitos eram desdenhados por muitos que agora se proclamam paladinos da liberdade, mas que mantinham desfrutável cumplicidade com o regime de opressão, da injustiça e da mordaza.

Movimentos em defesa dos direitos humanos assumiram a linha de frente na hora mais dura, pisaram o terreno mais íngreme e proclamaram, na hora mais cinzenta, o seguinte: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”, quando isso dizer isso significava colocar o emprego, a palavra e a própria vida no alvo de represálias implacáveis. Não foram poucos os que tombaram. Para cada um que caía, outros se levantavam, até que a democracia avançou, conquistou espaços e desaguou nas ruas deste país para, finalmente, se tornar direito, com o pleno restabelecimento da liberdade.

Companheiros e companheiras,

Nosso governo se reconhece como parte dessa travessia para sanar feridas provocadas por direitos violados, conquistas reprimidas e reparações postergadas.

A Declaração dos Direitos Humanos, que completa hoje 62 anos, condensa três valores que orientam a nossa trajetória: a liberdade sem



adjetivos; o direito à vida, porque sem ele todos os demais perdem sentido; e o direito à justiça social, porque viver é mais que sobreviver – é ter oportunidade de conquistar uma existência digna. Sem dignidade, a própria existência deixa de ter valor. Erguemos pontes de solidez democrática entre os sonhos dos que nos antecederam e urgências inadiáveis da nossa gente. Vinte e oito milhões de brasileiros saíram da pobreza em nosso governo. Quase 33 milhões ascenderam na pirâmide da renda.

A segurança alimentar tornou-se uma política de Estado. Garantimos renda mínima a 12,9 milhões famílias mais humildes, beneficiando mais de 50 milhões de pessoas. Um mercado de consumo de massa que reúne 53% do país e 46% da renda nacional redefiniu a bússola da economia e o rosto da cidadania nesse processo.

A economia mudou. Mas, sobretudo, quero dizer-lhes que o mais importante foi ampliar o horizonte da consciência nacional ao estender a todos os cidadãos o direito humano de dizer ao futuro: “nós te criaremos e o povo pobre não será mais expulso da própria obra”. Esse é o legado mais precioso. De todos, o mais precioso, porque significa dizer que “todos os brasileiros nascerão cada vez mais livres e iguais em dignidade e direitos”.

O que está em jogo, de agora em diante, é fortalecer a trajetória de uma nação em que o bem comum seja a regra, e na qual o arbítrio e o privilégio sejam uma exceção.

Essa compreensão solidária de desenvolvimento exigiu uma mudança nos compromissos fundamentais do Estado brasileiro. Em nosso governo o aparelho público deixou de ser a correia de transmissão da iniquidade para se tornar a ferramenta promotora de reparações sociais.

Durante décadas fez-se o oposto. Cultivou-se, entre nós, a ideia de que a economia só seria saudável se concentrasse riqueza nas mãos de poucos, cortando projetos e investimentos do interesse de muitos. Optamos por enfrentar e vencer vulnerabilidades, em vez de subordinar o futuro a elas.



Não há caminho reto na luta pelo desenvolvimento, é verdade. Mas este governo nunca perdeu sua referência histórica. Nenhum projeto é bom se não alargar a base de apoio dos que não têm quase nada, dos que não têm voz, dos que nunca tiveram oportunidades.

Amigas e amigos,

A ligação indissociável entre desenvolvimento e dignidade humana explica por que decidimos dar à Secretaria Especial de Direitos Humanos a condição de Secretaria Especial, ligada diretamente à Presidência da República, com status de Ministério.

Nasceram, sob esse mesmo critério, algumas de nossas mais importantes iniciativas, como o Fome Zero e o Bolsa Família, as políticas de igualdade racial, o ProUni, o Fundeb, o Luz para Todos, o ProJovem. E mais: as aquisições de safras da agricultura familiar; o Minha Casa Minha Vida; as escolas técnicas; o PAC dedicado ao saneamento e à habitação popular; 73 conferências nacionais, entre tantos outros programas e ações.

Não são apenas siglas, não são apenas estatísticas. O que se construiu neste país, nos últimos oito anos, foi uma sólida relação entre a democracia política e a democracia social. O que produzimos de mais valioso, creio, foi a compreensão de que o respeito aos direitos humanos não é uma reserva de valor que se possa buscar fora da sociedade e da política.

É na força dos compromissos compartilhados, na luta pelo desenvolvimento que os direitos frutificam e se repartem. Mas, sobretudo, é assim que um povo se enxerga como o verdadeiro arquiteto de seu próprio destino.

O Estado fez sua parte, mas sem a participação consciente da nossa sociedade, certamente não teríamos chegado tão longe. Homens e mulheres deste país vivenciaram, nos últimos anos, o desafio fascinante de construir uma nação receptiva aos valores da justiça e da igualdade.

Não aceitarão mais o prato raso de um futuro que seja apenas



sobrevivência, porque a vida humana, a plenitude humana só se completa com liberdade e condições sociais que garantam oportunidades iguais para todos.

Companheiros e companheiras,

Cumprido o meu ritual de ler, aqui, o meu discursinho, eu queria dizer três coisas para vocês antes de terminar o meu discurso, aqui. Vocês perceberam que quando eu estava no começo do mandato, que eu terminava o meu discurso, tinha dez pessoas para pegar o meu discurso aqui. Eu, agora, estou procurando alguém para pegar o meu discurso, e não parece uma viva alma para pegar o discurso, porque certamente devem todos estar aguardando a Dilma sair lá do Torto para poder entregar para ela.

_____ : (incompreensível)

Presidente: Ela foi a Porto Alegre, ela foi a Porto Alegre.

_____ : (incompreensível) vou pedir para ela um presente de Natal (incompreensível). Eu não tenho tempo de chegar até o senhor (incompreensível).

Presidente: Acabou de chegar.

Bem companheiros, eu comecei agradecendo ao companheiro Paulinho, porque aconteceram algumas coisas aqui no nosso governo que eu acho que a companheira Dilma vai continuar com muito mais força do que nós fizemos aqui. Eu lembro um dia, Paulinho, que entraram os companheiros hansenianos no meu gabinete para discutir a questão da aposentadoria daqueles que viveram em colônias. Eu lembro quantos companheiros choraram pelo fato de eu ter cumprimentado cada companheiro e de ter beijado cada um deles, apenas fazendo um sinal de que não é possível alguém que tenha consciência ter medo de abraçar um companheiro hanseniano e beijá-lo, como a qualquer



outra pessoa. Esses companheiros estavam reivindicando aposentadoria, na verdade, era uma indenização, e nós, naquela época, aprovamos a indenização imaginando que seriam três mil; já apareceram quase dez mil companheiros. Ou seja, dos três mil, já apareceram mais de dez mil companheiros. E agora, Maria do Rosário – eu nem contei para o Paulinho – mas eu fui a São Bernardo inaugurar uma UPA e eu encontrei companheiros hansenianos que não moraram em colônias, mas tiveram as mesmas sequelas de alguém que morou em colônia, e essas pessoas estão reivindicando - mais até do que os filhos de quem morou em colônias - o direito a uma indenização, porque eles estão com sequelas profundas. Eu acho que essa é uma coisa de que você precisa cuidar com muito carinho, porque durante quase dois mil anos essa gente foi tratada como se fossem as pessoas, eu diria, praticamente párias da sociedade, e que ninguém poderia encostar. Então, tudo o que a gente fizer para reparar, eu acho que é um bem extraordinário de uma conquista de direitos humanos.

A segunda coisa, Paulinho, que eu acho que foi uma conquista nossa... Eu, uma vez, fui ao Ceará e eu fui a Quixeramobim, eu estava conversando com o pai do companheiro Genoíno – isso já faz muito tempo – e eu me indignava por que a gente não colocava na questão dos direitos humanos a questão do dia-a-dia da sociedade, a questão da fome, a questão do emprego, a questão da saúde, a questão da educação. Porque os direitos humanos ficavam muito conhecidos como apenas a questão da briga política entre polícia, ou contra o regime militar, quando, na verdade, tem uma infinidade de coisas que nós temos que cuidar como questão dos direitos humanos. E você deu essa dimensão.

Então, eu vou terminar, dia 23, a minha última reunião com os catadores de papel... catadores de materiais recicláveis, lá em São Paulo. É uma coisa engraçada, porque aqueles companheiros deveriam estar reivindicando para mim para deixarem de ser catadores de papel, mas eles não querem deixar de



ser catadores de papel. Eles ganham lá, catando papel, mas do que muita gente ganha trabalhando em uma fábrica. O que eles querem é ser respeitados pelos prefeitos, que muitas vezes, em vez de organizar e atender à cooperativa deles, dá para que uma empresa sozinha recolha. Muitas vezes eles são marginalizados, não tem espaço para a carroça – nós até inventamos, através de Itaipu, um carrinho elétrico, que eu não sei se está tendo sucesso o carrinho. Mas quando aqueles companheiros vieram aqui, o que marcou profundamente, no discurso deles, é que eles não queriam nada. É engraçado! A única coisa que eles queriam era dizer para mim: “Obrigado, presidente Lula porque, pela primeira vez, nós entramos no Palácio do Planalto”, aqui, onde vocês estão. Não há conquista de direitos humanos mais importante do que isso. Sabe, as pessoas se sentem... Quando eu fui visitar o Mandela, em [19]94, as pessoas queriam passar perto do palácio do governo e passar a mão na parede. Porque durante décadas e décadas, as pessoas apanhavam, pelo fato de chegarem a um quilômetro perto daquele palácio. As pessoas queriam só... Aí, eu lembro do 1º de maio de [19]80, quando eu estava preso, e aquela multidão de trabalhadores queria ir para a Vila Euclides, a polícia não queria deixar, e os trabalhadores não queriam fazer nada, eles só queriam ir ao estádio, passar a mão na grama e dizer “conquistamos o estádio”.

Eu acho que nós estamos em um estágio muito importante da conquista dos direitos humanos. Ainda falta muito. Por exemplo, Paulinho, eu te comuniquei agora há pouco, eu pedi para o ministro Jobim que eu quero, antes de deixar a Presidência da República, eu quero um relatório do estado da arte de como está a Comissão do Araguaia, que está fazendo investigação, para que a gente possa deixar tanto para a Maria do Rosário como para a presidenta Dilma, o estado da arte em que está a situação. O trabalho não terminou, continuam ainda as buscas, mas eu quero entregar no estágio em que está.

No mais, companheiros, eu queria me despedir de vocês agradecendo,



agradecendo pelo carinho, agradecendo pela compreensão, agradecendo pelos momentos difíceis que nós vivemos juntos, pelos momentos extraordinários que nós vivemos juntos.

Aí, eu quero agradecer a todos, sem distinção, a todos – não vou ficar citando índio, negro, não vou ficar citando –, a todos. Eu acho, Maria do Rosário, que você vai aprender uma lição de vida que a gente só aprende quando está no governo. Você nunca espere fazer uma coisa, e achar que fazendo aquilo está terminada aquela tarefa porque, no dia seguinte, quem conquistou aquilo vai perceber que tinha mais uma coisinha para conquistar, e no dia seguinte terá uma pauta a mais de reivindicação para fazer. Em vez de a gente ficar nervoso, nós temos que compreender que essa é a caminhada da Humanidade. Cada passo que a gente conquista, a gente descobre que pode conquistar um passo a mais. É quase infinita a sede de conquista da sociedade, dos bens materiais, mas também dos seus direitos. Então, esteja preparada, querida, para trabalhar. Você conhece o movimento, você veio do movimento, eles são incansáveis, às vezes exigentes que nem um torcedor do Corinthians, mas se tem um pessoal que é aliado das boas causas, são esses companheiros dos direitos humanos. Eles brigam, mas não te deixarão sozinha em lugar nenhum.

Portanto, se eu posso dar um conselho para você, querida, se eu posso dar um conselho para você, é o seguinte: não tenha medo deles nunca, mesmo quando eles estiverem bravos, mesmo quando você não tiver conseguido fazer alguma coisa, mesmo quando você não tiver conseguido atender uma coisa deles, não tenha medo. Não deixe de ir ao encontro deles, porque o grande problema, o grande problema do político é quando ele acha que, por não ter feito uma coisa, e o povo estar nervoso com ele, ele tem que se afastar do povo. Se se afastar, pode ficar certa de que alguém vai entrar no seu lugar. Como esse povo, como esse povo é um povo disposto a ouvir a verdade e também a dizer a verdade, não gostam de mentira, e vale mais uma verdade



do que uma mentira, querida, faça aquilo que você mais sabe fazer: coloque o seu coração, coloque a sua consciência, mas não falte com essa gente porque essa gente, no fundo, no fundo, é quem garante o sucesso de um governo. É essa gente que, nos bons e nos maus momentos, está aqui gritando o nosso nome, está defendendo o nosso nome e está reconhecendo aquilo que nós fizemos e aquilo que nós não fizemos.

Portanto, eu desejo a você, querida Maria do Rosário, desejo a você toda a sorte do mundo. O Paulinho Vannuchi está te entregando mais do que apenas uma quantidade de programas certa. Ele está te entregando, de forma organizada, mais unida do que em qualquer outro momento da história deste país... Eu vou dizer: nunca antes na história do Brasil, nunca antes todos os segmentos dos direitos humanos estiveram tão unidos em torno de uma política de Estado. Portanto, você está pegando os programas e está pegando o povo com uma autoestima que há muito tempo ele não teve.

Uma companheira me abraçou aqui – não vou dizer o nome – e falou o seguinte: “Lula, muito obrigado porque eu vivi os melhores oito anos da minha vida no seu governo”. Imagine quantos mais oito anos vocês têm para conquistar, para viver muito melhor, para não chegarem [a ser] um velhinho sofrido, como o Samuel Pinheiro. Cheguem [como] uma pessoa mais jovem.

Eu, de coração, gente, de coração... Eu sei que eu vou encontrar vocês em algum lugar, em algum lugar deste país, porque eu não vou ficar em casa dentro de uma redoma de vidro, não vou ficar dentro de uma redoma de vidro, eu vou fazer política. Então, podem estar certos de que nós nos encontraremos em algum lugar deste país, em alguma assembleia, em alguma passeata, em algum ato público, em algum protesto, não contra a Dilma, não contra a Dilma. Mas em algum protesto contra alguma coisa. Ah, um protesto contra aqueles que censuraram o WikiLeaks. Isso nós vamos protestar, nós vamos fazer manifestação, porque a liberdade de imprensa não tem meia cara. A liberdade de imprensa é total e absoluta. Não pode desnudar apenas um lado, precisa



desnudar tudo.

Então, companheiros, de coração, muito obrigado por esses 30 anos de convivência que eu tenho com vocês e, dentre esses 30 anos, os oito anos que eu estive na Presidência da República.

Paulinho, se eu pudesse te pagar em dinheiro, nem as reservas do Brasil dariam para pagar o trabalho que você prestou a este governo e ao país.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao receber homenagem do Hospital Sarah Kubitschek

Brasília-DF, 13 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,
Meu querido companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Meu caro amigo e companheiro, doutor Aloysio Campos da Paz,
presidente do Conselho Administrativo da Rede Sarah de Hospitais de
Reabilitação,

Minha querida companheira Lúcia Braga, presidente da Rede Sarah de
Hospitais de Reabilitação,

Companheiros e companheiras funcionários dos hospitais da Rede
Sarah de todo o Brasil. Vocês, da técnica, aí, ficaram devendo o Rio de
Janeiro. Mas, de qualquer forma, como eu participei da inauguração, eu sei
como é que é.

Antes de ler aqui o meu pequeno discurso, queria dizer duas coisas para
você. Eu vivi, nesses oito anos de mandato, em se tratando de saúde,
Temporão, dois momentos que eu considero quase momentos de insanidade.
Um foi o dia em que a companheira Lucinha me aparece com o Gilberto
Carvalho na minha sala para dizer que o governo federal tinha deixado de
mandar R\$ 900 mil para o Hospital Sarah do Rio de Janeiro, que estava em
fase final de conclusão, e, ao deixar de passar R\$ 900 mil, a Rede Sarah
tinha que dispensar os 300 trabalhadores que estavam trabalhando, o que é grave. É
que essa decisão, quem a tomou, que não foi o ministro da Saúde na época, o
companheiro Agenor... nós estávamos no mês de agosto de 2006, portanto,
três meses antes das eleições para presidente da República, onde eu era
candidato a reeleição.



Eu só posso compreender que tinha alguma coisa de má-fé nisso, porque como é que você pode suspender a conclusão de um hospital por [falta de] R\$ 900 mil? Eu lembro que depois que a Lucinha chegou na minha sala com o Gilberto, nós ligamos para o ministro Agenor, eu expliquei para ele a situação, e foi tão rápido, Temporão, que deu para recontratar os funcionários que iam ser dispensados e, portanto, nós concluímos o hospital, com um pouco de atraso, mas concluímos o hospital que é um extraordinário... não apenas uma peça arquitetônica, mas, sobretudo, um lugar de cuidar de brasileiros e brasileiras que precisam de tratamento médico.

O outro momento, Sarney, foi aquela, eu diria, fatídica noite do fim da CPMF. Eu digo isso com uma certa mágoa, porque só existe uma explicação para terem tirado a CPMF do orçamento da União: ódio, rancor e maldade. Porque, se vocês pensarem bem, nesses quatro anos do segundo mandato, se vocês fizerem o somatório, nos tiraram mais de R\$ 150 bilhões, dos quais no programa aprovado por unanimidade das pessoas que participaram da conferência de Saúde, o PAC da Saúde previa um investimento direto na Saúde de R\$ 24 bilhões a mais. Ou seja, nós tínhamos uma coisa extraordinária que era para recuperar a respeitabilidade da sociedade brasileira na saúde pública brasileira. E, em um ato de insanidade, em uma noite que não tem explicação, nos tiraram 40 bilhões por ano, que, se somar os reajustes normais, nós ultrapassaremos, quem sabe, os R\$ 150 bilhões, que o companheiro Temporão não teve para aplicar na Saúde.

Eu digo todo dia que eu não vi nenhum produto no supermercado com 0,38 [%] de redução no preço para vender ao consumidor. Entretanto, nós perdemos R\$ 150 bilhões e, ao deixar a Presidência da República, eu quero dizer Lucinha, que não existe hipótese de a gente pensar em melhorar a Saúde no Brasil, se a gente não pensar em uma forma de arrecadar mais recursos para a Saúde, até porque nós precisamos que as pessoas mais pobres tenham acesso à alta complexidade que os ricos têm neste país. E têm por conta de



um plano médico que pagam, que deduzem no imposto de renda e que, portanto, quem paga é o povo brasileiro... essa coisa extraordinária. Eu digo por mim: eu tenho um plano médico caro, eu uso todas aquelas máquinas que a gente usa nos hospitais: deita passa em uma, passa em outra, nunca vi... O médico nem fala mais “Bom dia nem boa tarde” para a gente. Você chega a um hospital, manda colocar a roupa e “pá”, deita na máquina um, deita na máquina dois, deita na máquina três, deita na máquina quatro, na máquina cinco; quando você está cansado de deitar, aí vem um técnico e fala: “Você tem isso, isso, isso” e acabou. O povo pobre tem que ter direito, pelo menos, a isso, e todo mundo sabe que isso custa dinheiro. E nós Temporão, independentemente... A Presidenta nós já sabemos quem é... Independentemente de quem venha a ser ministro da Saúde, ele sabe que tem uma tarefa imensa de organizar deputados e senadores para que a gente possa, sei lá de que forma, arrumar recursos para cuidar da Saúde com muito mais carinho do que nós cuidamos.

Então, eu queria dar esse recado porque vai ser minha última fala com os companheiros e companheiras da Rede Sarah de todo o território nacional: de Belém, de Belo Horizonte, de Brasília, de Fortaleza, de Macapá, do Rio de Janeiro, de Salvador e de São Luís. Eu acho que vocês são funcionários excelentes em um hospital de excelência, agora, eu peço a Deus nunca precisar de vocês. Eu quero encontrar vocês em outras circunstâncias e não aqui dentro.

Bem, agora eu vou ler o discurso aqui que o Gilbertinho escreveu, se eu não ler... Bem...

Eu gostaria, doutor Aloysio, de dizer que nesses oito anos de tantos momentos de satisfação, receber o título de consultor honorário da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação é motivo de orgulho extraordinário para mim, afinal, em 16 anos, desde a criação desta honraria, apenas três personalidades tiveram o privilégio de recebê-la, e as três são renomados cientistas



reconhecidos no mundo inteiro pelas inestimáveis contribuições à Medicina: o cirurgião Robert Duthie, a neurocientista Anne Lise Christensen e o médico Lynn Staheli.

O orgulho é ainda maior porque este título é conferido por uma instituição que se tornou sinônimo de excelência em todo o mundo médico-hospitalar. Uma instituição que, ao longo de 50 anos comemorados no último dia 21 de abril, juntamente com Brasília, conquistou admiração unânime por seu brilhantismo, capacidade profissional e condução pautada pelo respeito aos mais altos valores humanos.

A Rede Sarah atinge nada menos de 98% de satisfação dos seus usuários, e entre eles há gente de todos os extratos sociais, o que certamente nos leva a admitir que está a um passo da perfeição.

Aqui, uma coisa importante. Eu comparo a Rede Sarah à praia de Copacabana. Na praia de Copacabana, você... o cidadão pôs um *short*, uma sandália, aí ele se mistura, você não sabe se ele é francês, se ele é inglês, se ele é italiano, se ele é artista, se ele é pobre, se ele é de favela, ou seja, o cara vira o melhor do mundo. Imagina: domingo de sol, um *short*, uma sunga, uma praia, e se tiver, ainda, cinco pilas para tomar uma caipiríssima, será a conquista máxima.

O Sarah é um pouco isso. O Sarah, a gente não consegue distinguir quem é pobre ou quem é rico porque todo mundo recebe o mesmo tratamento, com o mesmo carinho, e as famílias têm que aprender a cuidar dos seus... porque se não fosse a Rede Sarah, muita gente começa a ver defeito nos seus quando eles começam a ter problema, a escondê-los dentro de casa, a confiná-los. Vocês, aqui no Sarah, ensinaram a nós, seres humanos, a ser mais humanos, a ser mais solidários, a ser mais companheiros.

Durante muitos anos, falou-se que o melhor hospital de Brasília era o aeroporto. Eu mesmo disse isso. É verdade, porque uma vez, dr. Aloysio, eu estava com uma dor, uma dor, uma dor insuportável, e eu fui ao médico, na



Câmara. E faz exame daqui, faz exame de lá... eu não vou dizer o que o médico disse que eu tinha. Mas de qualquer forma, eu voltei para o meu gabinete – eu era líder do PT – voltei com a mesma dor, com a mesma dor. Aí, eu estou na mesa, na liderança do PT, o Vitor Buaiz, que foi governador do Espírito Santo e prefeito de Vitória, era médico, ele falou assim para mim: “Lula, deita na mesa”. Eu deitei na mesa, ele apertou. Ele falou: “vou apertar e vou soltar”. Quando ele soltou, me deu uma dor insuportável. Ele pegou o telefone e falou: “Lula, eu vou ligar para o doutor Aidan, você corre para São Paulo, porque aqui não vão te tratar direito”, e eu fui para São Paulo. Era uma apendicite que estava quase supurando. E eu disse, naquele dia, que o melhor hospital era o aeroporto. Eu lembro que os médicos de Brasília fizeram um protesto contra a minha fala.

Hoje o melhor hospital da capital fundada por Juscelino Kubitschek – que significativamente leva o nome de sua companheira de toda a vida – é motivo de orgulho para cada morador da cidade. E suas unidades são objeto de desejo em todas as capitais do país.

Administrada pela Associação das Pioneiras Sociais, a primeira instituição pública não estatal brasileira, a Rede Sarah transpôs as fronteiras de Brasília.

A partir de um bem-sucedido contrato de gestão firmado com a União, que hoje renovaremos – já foi renovado – a Rede oferece gratuitamente serviços de altíssimo nível em Salvador, São Luís, Belo Horizonte, Fortaleza, Belém, Macapá e Rio de Janeiro. Juntas, as dez unidades da Rede Sarah atendem a uma média diária de 6.662 pacientes, e já superaram a marca dos 18.375.711 procedimentos de assistência médica e reabilitação neste ano.

Ao investir no trinômio atendimento humanizado, pesquisa e qualificação profissional, a Rede Sarah tornou-se uma das instituições médico-hospitalares que melhor atendem aos pressupostos do Artigo 6º da Constituição, segundo o qual a saúde é um dos direitos sociais garantidos pelo Estado brasileiro.



Muito me honra receber este título aqui hoje, com o doutor Aloysio Campos da Paz Junior e com o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, que não está presente – esse é o problema de trazer discurso por escrito, é porque você... –, humanistas da melhor estirpe que dedicam todo o seu talento para garantir maior qualidade de vida a uma parcela significativa da população brasileira.

Não poderia jamais me esquecer da nossa querida doutora Lúcia Braga, psicóloga, que ao longo de 30 anos tornou-se exemplo vivo da acertada política de qualificação e valorização do quadro de profissionais adotada desde sempre na nossa querida Rede Sarah.

Bem sabem todos aqui presentes que as maiores limitações humanas não são as criadas pela natureza nem as geradas por circunstâncias fortuitas. São as limitações impostas pelo preconceito, pelo apego a ideias obsoletas e, principalmente, pelo medo de tentar o que todos consideram impossível.

O doutor Aloysio Campos da Paz é um mestre em ajudar as pessoas a superar suas limitações porque ele próprio lutou contra as barreiras do conformismo e do descrédito, defendendo a ideia de que é perfeitamente possível ao setor público brasileiro desenvolver um serviço de excelência.

A cada dia essa ideia é comprovada na prática pelo alto grau de eficiência da Rede Sarah, resultado obtido a partir de uma declaração de princípios que poderia se tornar o segundo Juramento de Hipócrates de todo formando em Medicina no Brasil.

Esses princípios estão exemplarmente sintetizados em uma frase que se tornou a marca desta instituição. Diz a frase: “Aqui você não paga. A Rede Sarah retorna, em serviços de saúde, os impostos pagos pelo cidadão”.

Como parceira da União desde [19]91, a Rede Sarah faz jus a cada centavo que lhe é destinado no orçamento público. Por esse motivo, por quatro vezes aceitei, com muita alegria, os convites para participar de inaugurações da instituição. E hoje dou meus parabéns a todos os seus dirigentes,



profissionais, trabalhadores, colaboradores e a todos vocês que estão aqui.

Continue assim, Rede Sarah, prestando serviços da melhor qualidade ao nosso povo e se aperfeiçoando sempre. Vocês fazem um trabalho que é um exemplo para o Brasil e para muitos lugares do mundo.

Gostaria, querido ministro Temporão, gostaria, presidente Sarney, que a gente pudesse chegar um dia, ainda com todos nós em vida, que a questão da Saúde não fosse mais tratada como despesa do Estado. Eu, muitas vezes, não me conformo com os conceitos que foram se criando no Brasil do que é gasto e do que é investimento, como se a gente tratar bem as pessoas fosse gasto. Eu ouvi, da boca de companheiros ligados à Saúde, dizerem: “Presidente, a gente não pode fazer tal hospital do Sarah porque custa muito caro, é muito gasto”.

Ora, eu fico imaginando, eu fico imaginando se é gasto a gente tratar as pessoas com carinho, se é gasto a gente tratar as pessoas passando para elas a esperança. O grande problema é que as pessoas precisam se sentir confortáveis dentro de um hospital. O hospital não pode ser um martírio, em que a pessoa vai pensando na agonia. O hospital tem que ser um lugar em que as pessoas se sintam bem, mesmo sabendo que vão ter momentos de dor, momentos de sacrifício, elas vão ter que se sentir bem. E eu posso dizer para vocês que dentro do Sarah Kubitschek as pessoas até pensam que vão para outro lugar e não para um hospital, porque tem uma cumplicidade de cada um de vocês: tem uma cumplicidade do médico, tem uma cumplicidade da enfermeira, tem uma cumplicidade da faxineira, tem uma cumplicidade das pessoas que servem café. No fundo, no fundo, no fundo, vocês formaram uma boa confraria, que faz as pessoas se sentirem bem, que faz as pessoas se curarem antes de chegar lá. Às vezes, até a esperança leva as pessoas a um prazer, a uma crença maior do que o que a gente pode fazer. Mas o que seria do mundo se a gente não acreditasse no impossível, se a gente não tivesse esperança e se a gente não estivesse sempre pensando no melhor?

Portanto, meus queridos companheiros e companheiras do Sarah de



todo o território nacional - mesmo aqueles que a tecnologia não permitiu que a gente visse - eu queria que todos vocês tivessem certeza do seguinte: vocês são, hoje, e continuarão sendo amanhã e por todo o sempre motivo de orgulho do nosso país na área da Saúde.

Um grande beijo, um abraço. Parabéns, Temporão. Parabéns, Aloysio, e parabéns, Lucinha.

(\$211A)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para a Marinha do Brasil, por ocasião do Dia do Marinheiro

É com grande satisfação e orgulho que me dirijo, mais uma vez, aos integrantes da Marinha do Brasil para apresentar os cumprimentos pelo Dia do Marinheiro.

A Nação se orgulha de todos vocês que, incansavelmente, se dedicam ao desenvolvimento e ao emprego de um Poder Naval voltado à defesa dos interesses do País em suas águas jurisdicionais.

Hoje lembramos o nascimento, em 1807, do Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, Patrono de nossa Marinha. Brasileiro incomum, deu provas de abnegação, coragem e amor à Pátria em uma carreira de mais de 70 anos. E, por suas relevantes participações na Guerra da Independência e nas demais campanhas do período imperial, foi consagrado Herói da Pátria no dia 13 de dezembro de 2004.

Na atualidade, o cenário mundial é bem diferente daquele do século XIX. As divergências de fronteiras, no nosso continente, já foram equacionadas há muito tempo. O relacionamento com nossos vizinhos é regido pela paz e a cooperação, concretizadas em parcerias sólidas e virtuosas. Vivemos em profunda estabilidade democrática e ninguém contesta nossa independência e nossa soberania.

Nos últimos anos, o Brasil vem ganhando destaque cada vez maior no cenário internacional. Nossa economia cresce, estamos superando desigualdades históricas e conquistamos uma voz cada vez mais ativa entre as Nações. Vivemos um momento de grande euforia com as descobertas das reservas de petróleo e gás da camada pré-sal, fontes fundamentais de energia e riqueza que consolidarão um longo ciclo de desenvolvimento para nosso País.

Ainda não conhecemos totalmente a extensão do imenso patrimônio que



ainda está guardado em nossa “Amazônia Azul”. E por isso mesmo é imprescindível contarmos com uma Marinha adequadamente equipada, com efetivo poder de dissuasão e presente nos mais distantes pontos de nosso mar e águas interiores.

No decorrer deste ano, acompanhei os esforços efetuados para finalizar o processo de manutenção e modernização do Navio-Aeródromo “São Paulo”, com o objetivo de restabelecer a sua capacidade operacional, em conjunto com os demais meios da Esquadra.

Acompanhei, também, o constante aprimoramento científico e tecnológico da Marinha do Brasil, com ênfase no desenvolvimento do PROSUB - o programa que dará ao País a capacidade de projetar e construir submarinos de propulsão nuclear. E o Programa Nuclear da Força, que inclui a concepção de um reator capaz de gerar energia núcleo-elétrica. O conhecimento e as tecnologias decorrentes desses dois programas irão beneficiar toda a sociedade brasileira.

A Instituição também está envolvida em outros projetos de pesquisa, como o PROAREA, que tem o intuito de identificar e avaliar a potencialidade mineral de regiões localizadas além das 200 milhas marítimas da Zona Econômica Exclusiva; o 2 de 2 regiões localizadas além das 200 milhas marítimas da Zona Econômica Exclusiva; o PROANTAR, importante incentivador do desenvolvimento científico no continente antártico; e o LEPLAC, que possibilitará o aumento da extensão de nossa plataforma continental.

Além disso, o Aviso de Pesquisa “Aspirante Moura” - que funcionará como um laboratório embarcado, voltado para as ciências do mar - foi recentemente incorporado à Armada, graças a uma parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia.

Dentre as muitas ações da Marinha que tanto me orgulharam, destaco a ativa e louvável participação de nossos marinheiros no apoio às vítimas dos



terremotos no Haiti e no Chile, contribuindo para amenizar a dor e o sofrimento de milhares de famílias que perderam seus lares e seus entes queridos.

Nessas ocasiões, os senhores e as senhoras levaram para os povos irmãos o mesmo auxílio e a mesma solidariedade que nunca negaram aos brasileiros que moram em comunidades distantes ou enfrentam situações de catástrofes.

Como Comandante Supremo das Forças Armadas, tenho a grande honra de reafirmar minha confiança e minha admiração por essa Instituição exemplar. Estou certo de que o Brasil poderá contar, em todos os momentos, com a total cooperação dessa Força nas suas diversas áreas de atuação.

Que os exemplos do Almirante Tamandaré estejam sempre presentes na memória dos marinheiros, fuzileiros navais e servidores civis, continuando a nortear os rumos da Marinha do Brasil.

Parabéns a todos!

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente da República Federativa do Brasil

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega de títulos de cessão de uso de casas em vilas produtivas rurais do Programa de Reassentamento de Populações do Projeto São Francisco

Salgueiro-PE, 14 de dezembro de 2010

Bem, ô gente, eu não sei se vocês estão, mas eu estou com uma fome desgramada. Eu estou, estou aqui falando, a barriga vai e volta, porque a lombriga maior está comendo a menor, e eu não sei como trato disso aqui, agora. O Eduardo falou, falou, falou, falou, falou bonito, mas comer que é bom, nada.

Bem, meus queridos companheiros e queridas companheiras, eu ainda vou voltar aqui. Eu vou voltar no dia 28 a Recife, vou a Caetés inaugurar uma agência da Previdência Social, do INSS, depois tem coisas lá, com o Eduardo, para a gente inaugurar.

Mas ontem, Eduardo, eu, que tinha livrado a minha agenda no dia 29, para voltar para Brasília, eu assumi um compromisso de ir a Fortaleza. Porque, dentre as coisas que eu acho que é preciso fazer... É lançar a pedra fundamental, já tem 70% de sondagem da Petrobras feita no terreno e eu não vou perder a chance de lançar a pedra fundamental para deixar os nossos “coronéis” cearenses mais nervosos contra nós, e mais irritados.

Ontem, eu comecei o dia visitando Missão Velha, no Ceará, depois eu fui jantar no Crato e dormi em Juazeiro, ou seja, para encher o bucho eu fui ao Crato, para descansar eu procurei a proteção de Padre Cícero e fui dormir tranquilamente, para que ninguém viesse perturbar o meu sono.

Mas eu fui andar um pouco de trem, um pouco de trem, em uma ferrovia que existia aos pedaços, que na campanha de 1989, quando fizemos um comício no Crato, o doutor Arraes, voltando de volta comigo para Recife, me



disse: “Lula, se você ganhar as eleições, comece a refazer a Transnordestina”. Na verdade, Eduardo, o que nós estamos fazendo é uma ferrovia nova porque a ferrovia antiga era aquela “bitolinha meia-boca” que o trem não andava a mais de 15 [km] ou 20 [km] por hora. E nós estamos fazendo uma ferrovia nova e, em alguns trechos, nós vamos ter dois trilhos que é para utilizar uma parte dos trens antigos ainda.

Mas eu vou voltar aqui em 2012 porque em 2012 vai acontecer uma coisa estupenda. Eu sobrevoando de helicóptero ali agora, eu vi quando a gente passa a BR-116, a Transnordestina e o Canal do São Francisco. E eu fico imaginando quando estiver tudo funcionando. O trem... o trem passando, a água passando, o povo trabalhando, o Brasil crescendo, a nossa vida melhorando, e o sertão nunca mais voltará a ser motivo de estudos sociais, apenas para medir a fome e a miséria. O sertão vai fazer parte do Brasil desenvolvido do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista científico. O sertão vai fazer parte do Brasil desenvolvido do ponto de vista da indústria, do ponto de vista da agricultura, do ponto de vista do fortalecimento da pequena e média propriedade deste país. O sertão vai virar desenvolvido do ponto de vista das universidades federais, das escolas técnicas e da melhoria da qualidade do ensino fundamental porque é isso que o progresso vai trazer.

Nós estamos fazendo uma obra aqui, companheiros, e toda a vez que você olhar este canal, cada vez que vocês olharem este canal, vocês irão lembrar que, em 1847, Dom Pedro tentou fazer este canal. Ele era imperador do Brasil e não deixaram ele fazer. E, quase 150 anos depois, nós estamos fazendo essa obra tão necessária a milhões e milhões de nordestinos. Quem era contra essa obra, eram pessoas que tinham água gelada na geladeira, eram pessoas que compravam até água importada, eram pessoas que não sabiam como é que carregava um pote d’água no cangote, uma lata d’água na cabeça, com uma rodilha. As pessoas não sabem como é que vive o sertanejo, às vezes andando sete, oito, nove, dez, 11 quilômetros para pegar um balde



d'água numa cacimba suja, e vai disputar aquela água com cavalo, com cabra, com vaca, metade é fezes, metade é água, e tem que colocar num pote para assentar para a gente tirar com canequinha para beber. Quem não sabe o que é isso é contra a transposição das águas do rio São Francisco, mas quem sabe o que é isso era favorável à transposição das águas do rio São Francisco. As pessoas não têm noção, quando a gente fala: "Deixar uma lata d'água assentar em um pote". Quem nasceu abrindo uma torneira ou uma geladeira não sabe o que passa o povo do interior deste país.

É por isso que nós estamos fazendo a transposição. E tivemos muitos problemas, tivemos problemas ambientais, tivemos problemas de empresas que quebraram, tivemos problemas com o Ministério Público, tivemos problemas com muita gente porque, no Brasil, muitas vezes, tem dez para fazer e cem para destruir. Mas nós vencemos a batalha e, se Deus quiser, em 2012, estarei nessas bandas, ajudando a companheira Dilma a inaugurar a transposição definitiva da água do rio São Francisco, para garantir a cada alma viva desta região o direito de beber água sem pedir licença, sem pedir favor, sem ser humilhado. Às vezes, quando o prefeito é bom, tem carro-pipa à vontade. Quando o prefeito não é bom é carro-pipa particular explorando aquilo que as pessoas não têm.

E nós vamos garantir, Eduardo, porque nós transformamos, nós desapropriamos, por interesse público, dois quilômetros de cada lado do canal. E nós vamos discutir quem é que vai utilizar essa terra. Uma coisa a gente não vai permitir mais: é que apenas os grandes latifundiários se apoderem da água, como já se apoderaram da água do rio São Francisco e de tantas outras águas neste país. O que nós queremos é que essa água possa favorecer os pequenos agricultores, as cooperativas, para que a gente, no século XXI, dê chance a quem não teve chance no século XX, que foi a maioria do povo pobre deste país.



Depois vem a Transnordestina, para transportar passageiros, para transportar carga, para transportar as riquezas produzidas em Pernambuco para o Ceará, as do Ceará para Pernambuco, e ainda pegando riquezas produzidas no Piauí e, quem sabem, logo, logo, pegando Alagoas, pegando Paraíba e pegando o Rio Grande do Norte.

E também, meus companheiros e companheiras, o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. Eu, cada vez que venho para cá, eu fico pensando: oito anos que a gente não ouve falar em uma coisa chamada “frente de trabalho”. A frente de trabalho era a atividade... Cadê minha água? A frente de trabalho era a coisa mais inútil do mundo, porque pegava os coitadinhos pobres na seca, pagava R\$ 30,00 por mês, os coitadinhos tiravam pedra de um canto e colocavam no outro canto; aí depois, no ano seguinte, nova seca, pegava a pedra do canto que colocou e trazia para o canto em que ela estava. Nunca mais isso aconteceu. Você sabe, Eduardo, quantas pessoas estão trabalhando na Transnordestina hoje? Onze mil e setecentas pessoas estão trabalhando no trecho da Transnordestina.

O Eduardo é prova do que é o sucesso da indústria naval em Pernambuco; o Eduardo é prova do desenvolvimento do estado de Pernambuco. Mas você pode perguntar para o Cid, do Ceará, você pode perguntar para o Wellington, do Piauí, você pode perguntar para o governador da Paraíba, você pode perguntar para o governador do Sergipe, em todos os estados a situação está melhorando. E está melhorando. Porque nós não tiramos nada de ninguém, nós apenas demos ao povo do Nordeste aquilo que nós entendíamos que era de direito. Afinal de contas, nós, nordestinos, não nascemos para ser tratados como se fôssemos de segunda classe; nós queremos ser tratados como se fôssemos de primeira classe. Porque nós gostamos de coisa boa, nós queremos comer bem, nós queremos morar bem, nós queremos vestir bem e nós queremos ganhar bem.



Eu vi a alegria das pessoas que receberam as casinhas aqui – casinha uma ova! Isso é casinha de classe média em Recife: 90 m², como o terreno de 5 mil metros é chácara de rico em São Paulo! É chácara de rico! Em São Paulo, 5 mil metros, que é o quintal das pessoas que ganharam essas casas, e mais alguns vão ter cinco hectares, quatro hectares, três hectares, sete hectares, nove hectares, dos quais um ou dois hectares serão irrigados para essas pessoas aprenderem a produzir mais, a ganhar mais dinheiro e a melhorar a vida da sua família.

Por isso, meu querido companheiro Eduardo Campos, companheiros secretários, deputados, e companheiros... eu queria dizer para vocês que eu saio do governo com a consciência tranquila, alegre, feliz. Primeiro, por ter estabelecido uma relação extraordinária com o povo brasileiro. Não teve nenhum momento no meu mandato em que eu tive medo de conversar com qualquer cidadão brasileiro, independentemente de qualquer coisa. Segundo, pela relação que eu mantive com os governadores. Eu acho que nunca, na história do país, um presidente tratou os governadores com o respeito que eu tratei todos os governadores deste país. Não faltou solidariedade, não faltou companheirismo, não faltou dinheiro. Agora, começa a ter um certo ciúme dizendo que vem muita coisa para Pernambuco e que não vai para outro estado. Eu tenho alertado os companheiros: vem muita coisa para Pernambuco, não em função de que eu queira dar a Pernambuco mais do que eu quero dar a outro estado, vem muita coisa para Pernambuco em função da competência do governador de Pernambuco e da equipe que ele montou. Da mesma forma que vai muita coisa para a Bahia, que vai muita coisa para o Rio de Janeiro, que vai muita coisa para São Paulo. O Eduardo sabe quanto de dinheiro São Paulo recebeu. São Paulo recebeu, em quatro anos, mais dinheiro de mim do que o Mario Covas recebeu, em oito anos, do governo do FHC. Muito mais! E o Serra, eu sabia que ele seria o nosso adversário, mas não faltou o recurso que São Paulo precisava. É só ver quanto de dinheiro do PAC



tem em São Paulo. E eu estou feliz por isso porque tratei todo mundo bem. Agora, todo mundo sabe, que eu trato todo mundo em igualdade de condições, mas eu tenho o olhar mais carinhoso com as pessoas mais humildes. Ou seja, eu... eu... eu governo como se fosse uma mãe, ou seja, não tem nada mais socialista do que uma mãe, não tem nada mais humano do que uma mãe. Uma mãe pode ter dez filhos, ela pode ter dez filhos, ela pode ter um mais bonitinho e um mais feinho, mas uma mãe gosta de todos em igualdade de condições. Mas quando ela tem um que está com um probleminha qualquer, é naquele que ela vai fazer mais chamego, que ela vai cuidar mais, que ela vai fazer mais cafuné.

É por isso que eu digo que não é possível a gente governar este país se a gente não colocar o coração com a mesma intensidade que a gente coloca a nossa inteligência. É governar com os números, é governar com a sabedoria política, mas com a sabedoria do humanismo, com a sabedoria da paixão, com a sabedoria do coração, saber olhar na cara das pessoas e saber quem precisa.

Por isso, minhas queridas e queridos companheiros, eu quero dizer para vocês que não verei mais vocês até o ano que vem. Estejam certos de uma coisa, estejam certos de uma coisa: eu disputei eleições em [19]89, em [19]94, [19]98 e perdi, e cada vez que eu perdia, eu não me escondia, eu voltava para a rua. Depois, eu ganhei 2002, ganhei 2006 e, agora, elegemos a companheira Dilma, que pode fazer mais e pode fazer melhor do que eu fiz, neste país.

Ora, se quando eu perdia, eu não me escondia, por que eu vou me esconder agora, que eu ganhei? Então, podem ficar certos que eu vou continuar andando por este país, eu vou continuar viajando, vou continuar correndo este país, levantando problemas, acumulando conhecimento sobre o Brasil, porque um dos defeitos deste país é que a elite que governou este país conhecia teoricamente este país mas não conhecia, na prática, a alma desse povo. É pela alma, é pela canção, é pela cultura, é pelo jeito de sorrir, de falar,



de chorar, que a gente constrói uma nação como nós construímos o Brasil.

E é por isso, companheiros e companheiras, que eu quero dizer para vocês: até outro dia, porque a luta continua e nós ainda temos muita coisa para conquistar neste país.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de anúncio de investimentos da Fiat em Pernambuco**

Salgueiro-PE, 14 de dezembro de 2010

Bem, primeiro, eu jamais imaginei que iria fazer uma reunião no sertão pernambucano, em Salgueiro, embaixo de uma tenda, pois eu não pareço nem um pouco com o Kadafi, nem um pouco. Fazer uma reunião embaixo de uma tenda, em Salgueiro, para anunciar a vinda da Fiat para Pernambuco. Se a gente contasse isso ontem, ninguém acreditaria. Então, nós estamos vivenciando hoje uma coisa que eu acho que é histórica para o Brasil e para o Nordeste.

Meu querido companheiro Eduardo Campos,

Meu querido companheiro João Santana,

Companheiros deputados federais Fernando Bezerra Filho e Gonzaga Patriota,

Nosso querido companheiro Belini, presidente da Fiat para a América Latina e da Anfavea,

Nosso querido companheiro Marcones Libório de Sá, prefeito de Salgueiro, por intermédio de quem cumprimento todos os prefeitos,

Meu caro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento,

Companheiros e companheiras,

Quando eu cheguei ao governo, em 2003, tinha a mania de refinarias de petróleo no Brasil. O Ceará reivindicava uma refinaria, o Espírito Santo reivindicava uma refinaria, o Rio de Janeiro reivindicava uma refinaria na cidade de Campos, o Rio Grande do Norte reivindicava uma outra refinaria, e a Petrobras dizia que o Brasil não necessitava mais de refinaria porque as que existiam davam conta das necessidades do Brasil.



Então, nós tomamos a decisão, primeiro, de que a Petrobras não ia decidir sobre as refinarias, que era uma decisão de governo e que nós iríamos decidir se iríamos ou não fazer a refinaria. E disse a todos os governadores que queriam refinaria que nós... Porque todos, todos os governadores me diziam: “Porque tal empresa quer investir, porque tal empresa vai trazer dinheiro, porque tal empresa quer fazer refinaria”. Eu disse: “Olhe, quem trouxe um parceiro para fazer refinaria, vai ter refinaria”. Eis que – foi o companheiro Chávez da Venezuela, que veio lançar a pedra fundamental, não, que veio lançar uma estátua em homenagem ao Abreu e Lima, na cidade de Abreu e Lima, e lá nós conversamos e – o Chávez disse que, então, ele estaria disposto a fazer uma parceira para construir a refinaria em Pernambuco, desde que o nome fosse Abreu e Lima. Portanto, era o custo mais barato para essa parceira, era emprestar o nome de Abreu e Lima para a gente fazer a refinaria e, se Deus quiser – a refinaria está em um estágio avançado – se Deus quiser, em 2012, a gente inaugura a transposição das águas, a gente inaugura a Transnordestina, a gente inaugura a refinaria e, se a Fiat trabalhar um pouco, a gente inaugura a Fiat.

Ora, quando nós começamos a recuperação dos portos brasileiros, foi a mesma coisa. Todo estado queria um estaleiro – e é normal que queira – todo estado queria produzir sondas e plataformas para a Petrobras; todos os estados queriam construir navios para a Petrobras. Nós fizemos a mesma coisa: Apresentem as propostas que nós vamos fazer um chamamento às empresas para que a gente faça a tomada de preços. Quem ganhou foi Pernambuco. O segundo estaleiro, quem ganhou foi Pernambuco. O estaleiro de Fortaleza, que a prefeita nossa não quis porque era um estaleiro que ia mexer um pouco com a imagem de Fortaleza, quando Fortaleza não quis, ele foi para onde? Para Pernambuco. Mas por que ele foi para Pernambuco? Porque as coisas estavam preparadas, inclusive com licença ambiental mais adiantada do que em outros estados. Mas nós queremos fortalecer estaleiro no



Rio de Janeiro; nós queremos fortalecer estaleiro em Salvador; nós queremos fazer estaleiro no Espírito Santo, porque nós temos uma responsabilidade enorme. A Petrobras é hoje a indústria petrolífera no mundo que mais está fazendo investimento – fazendo investimento em sonda, fazendo investimento em plataformas, fazendo investimento em pesquisa. E, portanto, os investimentos nossos são de US\$ 224 bilhões até 2014, e nós vamos precisar de muita coisa neste país. E, portanto, nós vamos querer distribuir de forma mais justa, pelo território nacional, porque nós queremos que todos os estados tenham a chance de se desenvolver.

Eu tenho certeza de que essa é a cabeça da nossa presidenta Dilma, eu tenho certeza de que essa é a cabeça de todos os membros do governo federal, porque nós precisamos reparar um pouco o que foi o modelo de desenvolvimento do Brasil do século XX, em que ele concentrou nas regiões Sul e Sudeste, e muito mais no Sudeste, (falha na gravação) comparativa (falha na gravação) as outras regiões do país: tem mais mercado, tem mais universidade, tem mais mão de obra qualificada, tem mais engenharia, tem as estradas melhores, tem as pontes melhores. É justo, então, que a gente consiga, enquanto governo – e é essa a intromissão, que eu acho que o governo tem que estar no desenvolvimento – é o governo ser o indutor do modelo de desenvolvimento que a gente quer para o nosso país.

Eu disse hoje, e vou repetir aqui, Belini, esse Canal do São Francisco que nós estamos fazendo, isso foi pensado em 1847, era o Imperador que governava o Brasil. E o Imperador não teve força para fazer uma obra que precisava de uma construção de engenharia política que nós fizemos quase 150 anos depois.

A Ferrovia Oeste-Leste, que eu fui anunciar em Ilhéus, essa semana, é um investimento de R\$ 2 bilhões e 800 milhões. Essa ferrovia, Belini, ela foi pensada, Eduardo, em 1790. Em 1790 se discutiu pela primeira vez a ferrovia, mostrou-se que ela era necessária, e ela não foi feita. E não fazendo na hora



certa, o país acumula um atraso histórico, e nós queremos acabar com esse atraso histórico.

É por isso que eu falo com muito orgulho: O Nordeste está se desenvolvendo. Certamente a Fiat não vem para cá só por causa dos seus belos olhos, dos meus olhos, e da lábia desse aqui. A Fiat vem para cá porque ela está enxergando que o Nordeste é a região que mais se desenvolve no Brasil, que a classe pobre está ficando menos pobre, que a classe média está crescendo e que o Nordeste passa a ser um mercado em potencial extraordinário. Ela vem para cá também porque sabe que o Porto de Suape é um porto extraordinário. E ela vem para cá também porque ela sabe que a Itália está mais perto daqui também, a Europa está mais perto, e dá para distribuir por toda a América do Sul e América Latina o nosso produto. Então, combinou o interesse econômico da Fiat com o interesse de desenvolvimento que tem o Nordeste brasileiro, que não pode ficar para trás a vida inteira.

É importante a gente lembrar, companheiros e companheiras, que essa Ferrovia Transnordestina estava abandonada há mais de 40 anos, há mais de 40 anos. Porque, neste país, em um momento histórico, houve gente que achou que o Brasil não precisava mais de ferrovia, de hidrovias, não precisava mais de nada. A indústria naval brasileira, Belini, em [19]70, tinha 50 mil trabalhadores, só perdia para a do Japão. Em [19]90, nós tínhamos apenas 1,6 mil trabalhadores.

Eu não sei se vocês, companheiros italianos, sabem: o Brasil, hoje, não produz um metro de trilho. Nós estamos fazendo 6 mil quilômetros de ferrovia e não produzimos um metro de trilho. Nós compramos trilhos da Itália, nós compramos trilhos da Polônia, nós compramos trilhos do Vietnã, quando, na verdade, é uma vergonha que a gente não tenha uma laminadora aqui para fazer os trilhos que o Brasil precisa. Se a Fiat puder, já faça logo uma laminadora e vamos produzir trilho para vender trilho para esse país inteiro, porque a ferrovia voltou a fazer parte do nosso sistema intermodal de



transporte.

É isso, meu querido Belini. Então eu quero, companheiros e companheiras, dizer para vocês que eu não poderia terminar o meu mandato... Eu ainda venho mais uma vez. Eu comecei falando da refinaria, Belini, a Petrobras não queria fazer. Nós estamos fazendo uma de 600 mil barris/dia no Maranhão, uma de 300 mil barris/dia em Fortaleza, uma de 35 barris/dia em... no Rio Grande do Norte, uma de 220 barris/dia em Pernambuco e uma de duzentos e pouco ou 300 que é o Complexo... o Comperj, no Rio de Janeiro. Ou seja, para quem não queria fazer uma refinaria estar fazendo cinco, isso significa um investimento de US\$ 60 bilhões até 2014, é muita coisa para este país.

Portanto, companheiros da Fiat, na verdade vocês estão investindo aqui, no Brasil, nas ações mais rentáveis que vocês já investiram. Porque é o seguinte: quando, em 2008, a Europa inteira não soube como lidar com a crise; quando, em 2008, os especialistas do FMI não sabiam como dizer aos europeus e aos americanos como sair da crise, eu fui, no dia 22 de dezembro de 2008, para a televisão, para fazer um apelo ao povo brasileiro, que ele tinha que consumir, ele tinha que comprar, porque se ele ficasse com medo de comprar, a indústria não ia produzir, o comércio não ia vender, ele ia perder o emprego e aí, sim, que a gente ia ter uma desgraça neste país. E foi a classe pobre do Nordeste que mais foi às compras em 2008.

Portanto, eu sou agradecido de a Fiat ter tomado a decisão, primeiro, de optar pelo Brasil; segundo, de optar pelo Nordeste; terceiro, de optar por Pernambuco. Não poderia querer coisa melhor. Agora, não se lembrem [esqueçam] que se, por acaso, um dia, tiver uma grevezinha na Fiat, eu poderei estar na porta, incitando, que eu aprendi com os italianos, assistindo ao filme “A classe operária vai ao paraíso” ou “Mimi, o Metalúrgico”, a fazer uma grevezinha.

Muito obrigado à Fiat. Obrigado, Eduardo, e parabéns pela competência.



E eu acho que o Nordeste brasileiro, dentro dos próximos 15 anos, não vai ser mais lembrado como a parte pobre. Nós temos, agora, muita universidade, nós já temos 10% dos mestres e dos doutores do Brasil se formando aqui – era menos que 3% quando nós chegamos ao governo –, nós temos muitas escolas técnicas. E daqui a 15 ou 20 anos, este Nordeste será irreconhecível pelo seu alto desenvolvimento.

Um abraço, parabéns. E viva Pernambuco, e viva o Brasil!

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de Registro do Balanço de Governo 2003-2010**

Palácio do Planalto, 15 de dezembro de 2010

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro presidente Sarney,

Minha querida companheira Dilma Rousseff,

Meus queridos companheiros ministros e ex-ministros presentes. A Dilma está aqui na condição de ex-ministra, por isso que eu a estou tratando de ministra,

Quero cumprimentar os companheiros governadores aqui presentes.

Dois, na minha frente, além de governadores, foram ministros no meu governo,

Quero cumprimentar os companheiros parlamentares aqui presentes,

Os prefeitos das capitais,

Os líderes partidários,

Nossos convidados,

E dizer para vocês que, mesmo no final do governo, a minha assessoria consegue me surpreender positivamente, porque este ato aqui – isso deve ser coisa do Gilberto, da Miriam, da Casa Civil e do Cezar –, porque este ato aqui era para ser uma coisa simples. Ontem, quando o Eduardo me disse que vinha para cá, eu, sinceramente, fiquei... depois até fingi que eu sabia, porque eu achava que era um ato em que eu iria receber os ministros, que a gente iria registrar em cartório e estava acabado o ato. Mas eu estou vendo que fizeram, aqui, um grande evento. E, como grande evento, vamos tirar proveito dele, afinal de contas não é todo mundo que consegue fazer um grande evento.

Olhem, eu tenho um discurso... Marisa estava ali... todas as vezes que eu venho em um ato com Marisa, ela fica dizendo: “Vai devagar. Vai rápido.



Estou com fome.” Todos nós estamos com fome. Mas eu não quero falar de improviso porque isto aqui não é um ato de despedida, isto é um ato de trabalho. Nós ainda vamos nos despedir em outros momentos.

Eu queria, neste ato aqui, na verdade, era prestar uma homenagem àqueles companheiros que, durante oito anos ou durante alguns meses ou durante alguns dias, se dedicaram a construir o que nós plantamos. Aqui tem ministros, aqui... não sei se estão todos aqui, mas eu estou vendo a companheira Marina aqui, estou vendo o companheiro José Dirceu ali, estou vendo o companheiro Walfrido, estou vendo outros companheiros que, se não se levantarem eu não vejo, mas... Furlan está aqui, companheiros que tiveram uma passagem pelo governo, que deram contribuições extraordinárias e que é o momento de a gente registrar uma coisa importante.

Normalmente, um governo é eleito, ele governa, ele vai embora, não existe uma prestação de contas à sociedade. As pessoas, parece que não têm responsabilidade com aquilo que fizeram. E esta prestação de contas é menos para engrandecer o que nós fizemos e mais para dar uma fotografia à sociedade brasileira para que ela, vendo o que foi feito, ela perceba também o que não foi feito e o que precisa ser feito. Sobretudo a nossa querida presidenta, ao ler o subproduto do trabalho dela – porque muita coisa aqui teve a coordenação da companheira Dilma –, ela possa se lembrar de coisas que poderiam ter sido feitas, que nós esquecemos de fazer e que ela pode fazer. É para isso que Deus e os políticos garantiram a eleição e a reeleição e a continuidade. É para que a gente possa dar sequência àquilo que foi feito.

Então, eu vou ler o meu discursinho. Marisa, calma, calma, calma, que é o seguinte. Vocês vão ter dimensão de que quando a gente fala que “nunca antes na história do Brasil”, muita gente fica incomodada quando eu falo isso, muita gente fala: “O Lula está descobrindo o Brasil”. Não estou descobrindo. Nós apenas estamos fazendo o que os outros não fizeram. E quando os outros não fizeram o que a gente fez, a gente diz “nunca antes na história do Brasil”.



Eu vou dar só um exemplo, eu vou dar só um exemplo. Na área da educação nós conseguimos, em oito anos, aprovar duas emendas constitucionais, nós conseguimos aprovar 49 leis e conseguimos aprovar cinquenta... conseguimos... e eu fiz 52 decretos para chegar à educação que nós temos hoje. Além disso, nós fizemos o ProUni, fizemos o Refis... não, é o Fies, e lançamos hoje o Plano Nacional de Educação, ou seja, cumprimos uma meta da educação e, na verdade, plantamos para a nossa querida presidenta colher... precisa adubar primeiro, precisa molhar. Não pode ser só colher, vai ter que trabalhar um pouco para que saia o que nós assinamos hoje.

Então, é um dia, é um dia... a imprensa vai receber isto aqui. Cada editor de Política vai receber, cada editor de Economia deve receber. Eu quero que todo mundo receba, para as pessoas perceberem o quanto elas perderam de cobrir coisas boas do governo, o quanto elas perderam de cobrir coisas boas do governo.

Todo mundo sabe, todo mundo sabe que não é no Brasil, é no mundo inteiro... se você for à Argentina e for aos Estados Unidos, se for à Alemanha e for à... À China, não. A China é exceção e Cuba é exceção. Mas em qualquer país do mundo, obviamente que a imprensa, ela cobre aquilo que tem mais apego [apelo] à sociedade. Nem sempre o construir tem mais apego [apelo]. Às vezes o destruir é a parte que tem mais apego [apelo]. Isso é no mundo inteiro, isso não é virtude ou defeito do Brasil. Isso é assim no mundo inteiro e nós, governantes, gostaríamos que todos os dias tivesse uma manchete favorável, manchete favorável, mas não tem. Então, nós vamos ter que procurar fazer... É por isso que eu ando muito, é para fazer um contratempo [contraponto]. Eu leio o jornal, eu não vejo matéria favorável a mim, eu falo: vamos viajar o Brasil para que eu mesmo fale bem de mim. O resultado tem sido benéfico até agora, tanto pela reeleição da companheira Dilma, que alguns especialistas em política achavam que era impossível: "É impossível". A única coisa impossível é Deus pecar. O resto, tudo pode acontecer no mundo.



Bem, mas agora a parte convencional da minha passagem pela Presidência é esta agora. Nós estamos aqui hoje fazendo algo que deveria ser comum para qualquer governante eleito democraticamente, mas que talvez seja um fato inédito no Brasil: um presidente da República assumir compromissos com a população, exercer o seu mandato e, ao final, apresentar formalmente um relatório detalhado de suas realizações, registrando-o em cartório. Vocês viram o meu português aqui? “Registrando-o em cartório”. É mole?

Nós viemos, há oito anos, com o compromisso de mudar o Brasil. Nós viemos com o compromisso de destravar este país imenso, que vivia de promessas de um futuro glorioso que nunca chegava.

Nós viemos para combater a fome e a pobreza, mas também para enfrentar as causas da desigualdade e fazê-la diminuir cada vez mais.

Nós viemos para promover o desenvolvimento do país inteiro, embora fazendo crescer mais as regiões que sempre haviam ficado historicamente para trás.

Nós viemos para mudar o lugar do Brasil no mundo, para conquistar o respeito que o nosso país merece e poder influir fortemente na solução de problemas internacionais, visando à paz e à convivência harmoniosa entre as nações.

Nós viemos para fazer tudo isso democraticamente, valorizando o Congresso Nacional e ampliando, ao mesmo tempo, a participação da sociedade nas decisões.

Nós estamos felizes de poder dizer claramente que todos, todos os setores da sociedade brasileira melhoraram de vida nesses oito anos, mas que os mais pobres, que eram tratados com indiferença ou mesmo com desprezo, melhoraram mais.

Nós estamos extremamente felizes porque resgatamos a autoestima do nosso povo e porque os brasileiros e brasileiras hoje têm muito mais orgulho do



Brasil do que... e das coisas da nossa terra.

Nós estamos convencidos de que fizemos muito, mas temos plena consciência de que há muito mais por fazer. Há ainda muito a corrigir e a aperfeiçoar. Completar o caminho que está levando o Brasil ao pleno desenvolvimento continuará exigindo de todos nós – governo e sociedade – rumo político, dedicação e esforços redobrados.

Amigos e amigas,

Quero enfatizar, mais uma vez, que nos empenhamos para realizar um governo verdadeiramente democrático em todos os sentidos. No plano político, nossas instituições estão a cada dia mais fortes, consolidadas, e há plena harmonia e independência entre os Poderes da República.

Em relação à democracia participativa, nunca houve tanta interlocução com a sociedade sobre os rumos do governo, a elaboração e o acompanhamento das políticas públicas. Apenas um exemplo: realizamos, nesses oito anos, 73 conferências nacionais. Esses encontros – e as etapas regionais e locais que os antecederam – mobilizaram mais de 5 milhões de pessoas em todo o país.

Todos os setores sociais, trabalhadores e empresários da cidade, do campo e de todas as regiões do Brasil, tiveram e têm cada vez mais acesso ao Estado brasileiro. Está se gestando um verdadeiro sistema nacional de participação social em nosso país.

Nosso plano econômico... melhor, Guido, desculpa. No plano econômico comprovamos, na prática, que era possível combinar crescimento, estabilidade e distribuição de renda, multiplicando as oportunidades profissionais e sociais. Houve forte expansão da renda do trabalhador. Atingimos recordes sucessivos na criação de empregos formais e chegamos a 15 milhões de vagas com carteira assinada, desde 2003. As taxas de desemprego estão no menor nível em décadas: 6,1%. Pela primeira vez temos mais trabalhadores formais do que informais, e mais trabalhadores na Previdência Social do que fora dela.



Garantimos os direitos básicos de nossa população: saúde, trabalho, educação, previdência, e avançamos na consolidação de novos direitos, criando organismos de Estado para cuidar das questões de gênero, igualdade racial e tantos outros.

Começamos por transformar o combate à fome em uma causa nacional. Criamos o Bolsa Família e uma série de outras ações desencadeadas pelo Fome Zero que garantiram aos brasileiros, pelo menos, três refeições diárias, como nos comprometemos. Aliás, ontem em Salgueiro, em Pernambuco, entregando casas, Wagner, um peão falou para mim: “Presidente, quando o senhor tomou posse, o senhor disse que a gente iria comer três vezes por dia. Eu quero lhe dizer que eu estou comendo que nem pintinho de granja, eu estou comendo é toda hora!”.

Fortalecemos a agricultura familiar e os moradores mais pobres do meio rural. Hoje, eles contam com crédito, garantia de compra de sua produção, luz elétrica e programas como o Territórios da Cidadania. Assentamos 586 mil famílias; são 47,1 milhões de hectares, o equivalente a quase duas vezes o estado de São Paulo; 27,9 milhões de pessoas saíram da pobreza de 2003 a 2009; a desnutrição infantil diminuiu 61% de 2003 a 2008; 35,7 milhões brasileiros ascenderam às classes A, B e C, e, pela primeira vez, a classe média é a maioria no país.

O brasileiro adquiriu o direito de consumir mais, fazendo a roda de nossa economia girar em ritmo constante e sustentável. Pela primeira vez, o Brasil é credor externo e emprestou ao FMI. Nossas reservas internacionais aumentaram muito e muito mais. Vocês sabem que quando nós chegamos aqui, nós tínhamos 60 milhões dos quais 30 [milhões] do FMI. Hoje, nós temos US\$ 285 bilhões só no Banco Central. Quem sabe alguma coisinha no tesouro e ainda emprestamos US\$ 14 bilhões ao FMI, para que ele possa fazer...

Este clima de estabilidade somado ao aumento da renda do trabalhador e das milhões de pessoas, que antes eram invisíveis à economia formal,



ampliou em muito o nosso mercado interno. Isso explica, por exemplo, porque as empresas de capital aberto do nosso setor produtivo alcançaram a maior rentabilidade dos últimos 15 anos justamente no primeiro semestre de 2010, enquanto as principais economias do mundo ainda patinam em decorrência da recente crise econômica.

Some-se a tudo isso o nosso grande desempenho no mercado externo. As exportações agrícolas, por exemplo, batem recordes sucessivos nos últimos 12 meses, foram exportados US\$ 73,9 bilhões e teremos a maior safra de grãos da história em 2010: 148 milhões de toneladas – se estiver errado, balance a cabeça, Wagner.

Meus amigos e minhas amigas, o Brasil retomou sua capacidade de planejar o seu desenvolvimento e, hoje, segura nas mãos as rédeas do seu próprio destino.

Para tanto, foi preciso recuperarmos a capacidade do Estado brasileiro de pensar a longo prazo, de planejar. Hoje, o Estado está se tornando, de fato, um indutor do nosso desenvolvimento.

O Programa de Aceleração do Crescimento sintetiza essa virada histórica. O PAC transformou o país em um imenso canteiro de obras. Ele mudou a cara de nossas cidades, oferecendo moradia digna e bairros decentes à população. Desobstruiu gargalos de nossa infraestrutura e reativou diversos setores, antes praticamente abandonados, como as indústrias naval e ferroviária.

Não sei se vocês sabem: há 18 anos, este país não produz um trilho, há 18 anos, este país não produz um trilho porque houve um momento em que se pensou em acabar com as ferrovias neste país. Graças a Deus, nós estamos reconstruindo 6 mil quilômetros de ferrovia, Paulinho. Se você liberar o dinheiro, sai mais, Paulo!

O investimento direcionado, segundo critérios e interesse público, possibilitou que o Brasil ampliasse seus horizontes e desse início a um longo e



duradouro processo de desenvolvimento. Mais do que isso, provou que é possível, na prática, fazer com que o progresso e o crescimento econômico beneficie a todos e que dê frutos de forma mais acelerada justamente nas regiões que, ao longo de nossa história, vinham sendo condenadas ao subdesenvolvimento.

O Nordeste que, tradicionalmente, só recebia atenção do governo federal no flagelo da seca, hoje, é o berço das grandes refinarias, dos estaleiros, de gigantescas obras de infraestrutura como a integração do rio São Francisco, da Ferrovia Transnordestina e da Ferrovia Oeste-Leste na Bahia. E o mesmo ocorre na região Norte. Ali estão sendo construídas algumas das maiores, mais modernas e ambientalmente sustentáveis usinas hidrelétricas do mundo – Santo Antônio, Jirau e, a partir de março do ano que vem, Belo Monte. E aos crônicos problemas do desmatamento e dos conflitos fundiários oferecemos em resposta ações articuladas que geram fontes alternativas de renda, regularização das terras e, sobretudo, cidadania.

A verdade é que as transformações que estão ocorrendo na Amazônia sinalizam também o horizonte promissor do Brasil frente aos desafios ambientais do século XXI. O Brasil foi responsável por 74% das unidades de conservação criadas no mundo desde 2003. Ampliamos em 24,7 milhões de hectares nossas áreas de conservação e alcançamos recentemente o menor nível de desmatamento nos últimos 22 anos.

Consolidamos nossa posição como potência da agroenergia. Nosso etanol, que já era o mais competitivo, agora conta com garantias ambientais, graças ao zoneamento agroecológico e conta também, cada vez mais, com garantias trabalhistas e sociais, obtidas por meio de um compromisso nacional que assegura os direitos de quem trabalha no setor. Implantamos, em tempo recorde, um programa nacional de produção de biodiesel.

Somos a nação que mais tem contribuído para combater as mudanças climáticas em todo o mundo. Assumimos, voluntariamente, compromissos



concretos para reduzir drasticamente a emissão de gases de efeito estufa. Ratificamos esses compromissos em nossa legislação – e, aqui, obrigado à Câmara e ao Senado por terem votado a proposta que nós levamos para Copenhague – e os colocamos em prática no nosso cotidiano.

Amigas e Amigos... Estou correndo, Marisa? Está bom? Vai segurando.

Quando assumi o segundo mandato como presidente da República, em janeiro de 2007, afirmei em meu discurso de posse que nosso propósito sempre foi o de democratizar não apenas a renda, mas também o conhecimento e o poder. Esse aprofundamento de nossa democracia passa pela economia, pelo mundo do trabalho, pelas políticas sociais e pela participação social, mas não pode prescindir do amplo acesso de todos os setores de nossa população à escola de qualidade.

Por isso, investimos fortemente na educação, e o fizemos de forma sistêmica, beneficiando todos os níveis de ensino, da pré-escola à pós-graduação. Em oito anos, criamos 14 universidades e 126 campi no interior do país; criamos 214 escolas técnicas; com as bolsas do ProUni, pagamos estudo a 750 mil jovens em faculdades particulares. Centenas de milhares de jovens negros, indígenas que moram nas periferias, entre tantos outros, estão sendo os primeiros membros de suas famílias a contarem com um diploma universitário.

Na Ciência e Tecnologia... Serginho, pela primeira vez se fala em ciência e tecnologia aqui, ó. Está bem? Na ciência e tecnologia, pela primeira vez, colocamos em prática um plano de ação de todo o governo federal, nosso querido PAC da Ciência e Tecnologia, com recursos de R\$ 41 bilhões, que foram integralmente aplicados, controlados, e hoje a gente pode dizer que o Brasil passou a Rússia e a Holanda na publicação de artigos científicos em revistas especializadas, no mundo. É pouco? Não. A Dilma vai fazer muito mais. Orgulho-me de ter dobrado o número de bolsas de pós-graduação, mudando o patamar da produção científica brasileira e promovendo forte



inovação tecnológica nas empresas.

Aqui, é importante lembrar, meu caro Fernando Haddad e meu caro Sérgio Rezende, quando nós chegamos ao governo o Nordeste tinha menos de 3% de médicos e doutores, e o Nordeste, com a nossa política de educação, já tem 10% de médicos e doutores, e nós queremos ter pelo menos 30%, que é o que representa a população do Nordeste e, também, o mesmo tanto no Norte, o mesmo tanto no Centro-Oeste. Nós não queremos tirar absolutamente nenhum doutor do Sul ou do Sudeste. O que nós queremos é formar mais doutores e mais mestres no Nordeste, porque alguns achavam que o Nordeste só formava pedreiros, e nós queremos formar engenheiros naquela região do país.

Estão, com isso, rompendo a cadeia hereditária da desigualdade e dando os passos iniciais de um processo de mobilidade social nunca antes visto neste país, e que em um futuro muito próximo estará, certamente, refletido em todos os aspectos de nossa sociedade.

Todas essas mudanças contam com as garantias necessárias para se reproduzirem em um longo ciclo de desenvolvimento sustentado.

A exploração soberana das riquezas do pré-sal, conforme a regulamentação definida pelo governo, assegura essa evolução ao destinar grande parte dos recursos do seu Fundo Social à expansão e qualificação da educação neste país, e cria uma gigantesca poupança interna, capaz de promover a eficiência da nossa economia e a erradicação definitiva da miséria neste país.

O Brasil mudou. Somos a nação do pré-sal. Somos o país do Sul que, ao contrário das nações da Europa e da América do Norte, foi o último a entrar e o primeiro a sair da grande crise financeira internacional gerada nos últimos tempos.

Mas, também, nós somos não apenas a nação do pré-sal, nós somos a nação da Copa do Mundo de 2014, nós somos a nação da Copa das



Confederações, nós somos a nação da Olimpíada em 2016. E esperem que, se depender da dona Dilma e do dom Guido, nós chegaremos a ser a quinta economia logo em 2016, para ganhar a primeira medalha de ouro na abertura das Olimpíadas.

Companheiros e companheiras,

Não sei se vocês entenderam tudo, porque eu li muito depressa. Mas eu conheço a dona Marisa. Se eu não lesse depressa...

Em meu discurso de posse fiz questão de afirmar que a partir do dia 1º de janeiro de 2003 eu me tornava o servidor público número um do Brasil.

Hoje, aqui – o presidente da República e seus ministros –, estamos fazendo aquilo que é uma obrigação de todo servidor público eleito democraticamente: prestar contas das suas ações a quem legitimamente delega o poder de governar: o povo brasileiro.

Companheiros e companheiras,

Eu quero, do fundo do coração, agradecer a cada um de vocês, cada companheiro – estou vendo aqui o Olívio Dutra, estou vendo ali a Matilde – a cada um de vocês. Nós, juntos, passamos momentos difíceis; nós, juntos, passamos momentos gloriosos. O dado concreto é que o somatório dos erros que nós possamos ter cometido e o somatório dos acertos que nós também poderemos ter cometido é que dá uma síntese de fazer com que a gente possa terminar o nosso mandato com mais de 80% de aprovação. E se a gente fizer como fazem os políticos tradicionais – somar o regular ao ótimo e bom – nós vamos para 96[%] de aprovação, e eu não vou dizer isso porque seria quase unanimidade. Nós temos entre 3% e 4% que há quatro anos teimam em dizer que nós somos “ruim/péssimos”. A esses, eu espero que nos olhem com os olhos de bondade. Olhem para a Dilminha com os olhos diferentes do que me olharam, e percebam que errar é próprio do ser humano.

Mas eu queria dizer para vocês que foi gratificante. Companheiros que entraram no governo em momentos difíceis, companheiros que atravessaram



momentos difíceis. Nem todo mundo tem coragem de conviver com momentos difíceis. É mais fácil a gente ir no estádio quando o time ganha; quando o time perde é melhor a gente não ir, porque chamam a gente de pé-frio. Mas eu acho que todos vocês podem ficar certos de que quando eu descer aquela rampa no dia 1º de janeiro, eu tenho consciência de que cada, cada partícula das coisas que nós conquistamos neste país tem a participação de cada um de vocês – quem veio no primeiro dia, quem veio dois anos depois, quem veio no final do primeiro mandato, quem veio no final do segundo mandato – todos tiveram uma participação extraordinária. Eu acho que... tudo isso porque nós obedecemos fielmente ao povo brasileiro.

Eu queria, do fundo do coração, companheiros, sempre ministros... Agora, o Paulo Bernardo... Se você não me falasse, como eu ia falar? Mas se eu tiver esquecido alguma coisa, me fale, meu filho. É porque... se eu estiver esquecendo alguma coisa – deve ter ministro aí que eu não vi – mas eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, ô Dilma, um conselho que eu posso te dar aqui, faltando 15 dias para ir embora: Tem uma coisa que eu aprendi a fazer e eu vou te dizer isso, e eu espero que os companheiros da imprensa não digam que eu estou querendo ensinar você a fazer alguma coisa. Porque, de vez em quando, eu ouço dizer que eu estou montando o governo da Dilma porque ela escolheu o Guido Mantega, porque ela escolheu o Paulo Bernardo, porque ela escolheu não sei quem. É só dizer para vocês que a Dilma se reuniu com esses companheiros, no mínimo, cem vezes mais do que eu. Eles são muito mais amigos da Dilma e estiveram muito mais na sala da Dilma do que na minha sala. A cada vez que um ministro desses ia à minha sala, ele já tinha feito três ou quatro reuniões na sala da Dilma. Então, a Dilma escolheu quem ela conhece, quem ela quis escolher, de livre arbítrio da cabeça dela, porque somente ela é que pode tirar, é ela quem pode escolher quem vai governar com ela.

Querida dizer para vocês que faltam alguns companheiros entre nós aqui



– companheiros como o Gushiken, que mandou uma carta. Mas falta uma figura principal, a quem eu devo... Obviamente que isso aqui não é uma despedida, porque ele vai vir aqui comigo para a gente passar a faixa para a Dilma e descer a rampa. Falta um companheiro que eu posso garantir para vocês... Quando eu digo que Deus foi muito generoso comigo – e muito generoso – é porque Deus fazer com que eu fosse a uma festa empresarial que eu não queria ir – por insistência do Zé Dirceu, o presidente do Partido –, eu ir àquela festa e conhecer o Zé Alencar... E na hora me veio a ideia: “É o meu vice, é o vice que eu preciso”, e conversar com ele e ele aceitar, eu acho que foi uma obra de Deus, porque eu duvido, duvido que qualquer governante no mundo tenha um vice como eu tive. Pode ter igual, mas melhor, eu duvido. Leal, companheiro, como jamais eu vi na vida. Um companheiro que poderia ter recusado. Tanto preconceito antes da campanha. Poderia: “Não, eu não vou trabalhar, esse metalúrgico grevista, o que vai fazer?”. Ele veio, e nós provamos o seguinte: um grande empresário e um médio sindicalista se juntaram e fizeram pelo Brasil o que muitos outros que pensavam que sabiam não fizeram pelo Brasil. Portanto, eu quero, em nome dos meus ministros, agradecer ao meu querido companheiro José Alencar, que está lá no Sítio Libanês descansando, se preparando para vir aqui no dia 1º ajudar – comigo, com a Marisa, com a Mariza dele, com o presidente Sarney, com todos vocês, que eu espero que estejam aqui – a dar posse para a companheira Dilma.

No mais, companheiros e companheiras, eu levarei para sempre – a não ser que o Miguel Jorge me empreste a casa dele na Bahia e eu esqueça um pouco –, mas eu levarei para sempre a relação de amizade que nós travamos nesse governo. Levarei para sempre a lembrança da convivência com vocês, da choradeira quando o Paulo Bernardo contingenciava o orçamento, da choradeira quando o Paulo Bernardo não liberava o dinheiro, quando o Guido dizia que era preciso fazer um superávit maior. Como estão fazendo agora comigo, pensam que eu não estou atinado! Eu estou atinado que o dinheiro



está ficando curto para a banda dos Ministérios que fazem investimento e ficando cheio para o Guido e para o Paulo. Nós vamos ter uma reunião hoje, ainda, para resolver isso.

Mas do fundo do coração, gente, olhem: a ideia nossa é que este documento aqui, é que a gente mande para universidades, que a gente mande para a imprensa, que a gente mande, Sarney, para o Congresso Nacional – não apenas para os presidentes do Senado e da Câmara, mas mandar para a biblioteca – mandar para as universidades brasileiras, mandar para as centrais sindicais, mandar para os partidos políticos. E também quem quiser – fora dessa gente toda – acessar, isso vai estar disponível, disponível... o WikiLeaks não vai precisar entrar clandestinamente, ele vai ter à disposição as coisas que nós fizemos, inclusive as coisas do Itamaraty. Ou seja, não vai ter vazamento do WikiLeaks, porque nós vamos vaziar antes, está bem?

No mais, gente, obrigado a todos vocês, obrigado à imprensa pela compreensão, obrigado aos companheiros das empresas estatais.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com movimentos sociais

Palácio do Planalto, 15 de dezembro de 2010

Bem, companheiros, eu quero cumprimentar a companheira...

Eu quero cumprimentar os companheiros ministros aqui presentes: a companheira Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o Carlos Lupi, ministro do Trabalho; o Carlos Gabas, ministro da Previdência Social; o Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; o Marcio Fortes, ministro das Cidades; o Luís Inácio Lucena Adams, da Advocacia-Geral da União; o Eloi Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; o nosso companheiro Gregolin, ministro da Aquicultura e Pesca; a nossa companheira Nilcéa Freire, da Secretaria de Políticas para as Mulheres; o companheiro Paulinho Vanucchi, que já pediu para sair.

Quero cumprimentar os deputados Saraiva Felipe, Roberto Santiago e o companheiro Paulo Pereira, presidente da Força Sindical,

Quero cumprimentar nossa querida companheira Benedita da Silva, deputada federal eleita,

Quero cumprimentar o companheiro José Maranhão, governador da Paraíba,

Quero cumprimentar o companheiro Artur Henrique, da Central Única dos Trabalhadores,

O companheiro Toni Reis, do Movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, do qual eu sou Papai Noel,

Querido cumprimentar a nossa querida companheira Jurema Werneck, representante do Movimento das Mulheres [Negras] do Brasil,

O nosso querido companheiro Augusto Chagas, presidente da UNE,

O nosso companheiro Saulo Manoel da Silveira, coordenador da Central



dos Movimentos Populares,

A nossa querida companheira Célia Gonçalves de Souza, dirigente do Conem,

Quero cumprimentar o companheiro Alberto Broch, presidente da Contag, que falou em nome dos trabalhadores rurais,

Quero cumprimentar meus companheiros e companheiras sindicalistas e companheiros representantes da sociedade civil,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar o pessoal que está aqui atrás de mim, o pessoal que está ali do lado, o pessoal que está ali, o pessoal que está lá,

Quero cumprimentar todo mundo.

Olhe, eu estou com um gravíssimo problema. Eu estou com um gravíssimo problema porque eu, às 5 horas, eu tenho uma reunião com o companheiro Guido, que nós temos que tomar algumas medidas importantes para a economia brasileira e, ao mesmo tempo, eu tenho que embarcar para São Paulo às 6 horas da tarde, que vai ter uma entrega de condecorações na IstoÉ e eu vou receber uma condecoração. E depois, eu vou para Foz de Iguaçu onde, amanhã, começa a reunião do Mercosul e também de outros presidentes da América do Sul. E vamos ter também um encontro com o movimento social do Mercosul, lá em Foz de Iguaçu, que alguns de vocês estarão presentes lá, amanhã, no encerramento. Então, eu estou com um discursinho por escrito aqui, muito bem feito, mas eu vou guardar para um outro momento... um outro momento.

Aqui, o meu malote do correio... bem, fiquei com duas folhas de papel, eu acho que vai resolver o meu problema. Olhe, só colocaram na minha nominata os companheiros sindicalistas que estão aqui, não colocaram os companheiros que estão ali. Eu estou vendo o Wagner, eu estou vendo o Neto, eu estou vendo outros companheiros que estão aí das centrais sindicais. Foi



uma pena que não colocaram, mas estejam todos citados porque acho que o Paulinho e o Artur, nesta unidade que vocês estão fazendo, ele deve representar vocês mais do que ninguém.

Companheiros e companheiras, esta é uma reunião em que eu deveria, apenas, fazer agradecimentos. Primeiro, porque nós temos uma relação histórica. Eu não conheço vocês... tem até senador, deputado aqui que não foi citado aqui. É uma lástima! Imagina o prejuízo que eu teria se não tivesse citado o seu nome, Daniel, sabe? Eu vim do meio de vocês, conheço, de cor e salteado, os problemas que vocês vivenciam todos os dias. Não existem coisas que vocês passem que eu já não passei e é isso que eu penso que fez a diferença quando eu cheguei à Presidência da República. Vocês estão lembrados que eu dizia que um dos maiores legados que um presidente da República pode deixar ao deixar a Presidência da República é a mudança no relacionamento entre o Estado e a sociedade, entre o governo e as instituições do movimento social.

Porque esse é um legado importante? É porque aqui tem companheiros que ficaram 30 anos e nunca conseguiram uma audiência com o presidente da República. Eu fui um dirigente sindical importante, eu nunca tive audiência com o presidente da República. Nunca. Para eu, um dia, conseguir entregar uma carta para o Geisel, em 1975, na Ford, eu já tinha embrulhado a carta e já tinha colocado no bolso para trazer de volta, que era impossível chegar perto do homem. Ele era tão popular que não deixava ninguém encostar perto dele. Os trabalhadores da Ford inteira gritavam para pular no pescoço dele para abraçar, então, não tinha como eu chegar. E eu não ia ter como entregar a carta para ele, pus a carta no bolso e fiquei pensando: o que eu vou dizer para a imprensa que já publicou a carta lá fora? Aí, por sorte, o governador Paulo Egydio Martins, que era governador de São Paulo, me viu, me chamou, me apresentou para o Geisel, quando eu pus a carta, tinha um assessor mais rápido do que os meus, nem deixaram o Geisel pegar na carta. O cara tomou



da mão do Geisel e deve ter mandado incinerar porque deve ter achado que era uma bomba. E outros presidente que foram democratas também e que vocês sempre tiveram dificuldade de se encontrar com eles. Se eu contar para vocês uma coisa, vocês não vão acreditar: nenhum presidente da República nunca teve a coragem de se reunir com os reitores das universidades federais. Não se reuniu. Eu não sei... De vez em quando, se reunia quando o ministro da Educação ou o presidente tinha um amigo reitor, então eles chamavam o Magnífico sozinho e conversa... porque Reitor é Magnífico, não é nada. Mas é, é verdade. Eu acho chiquérrimo isso. Imagina se alguém falasse assim: “Quero cumprimentar o Magnífico Presidente Lula”.

Mas deixa eu falar uma coisa: e por que não se reunia? É porque as pessoas tinham medo. Então, presidente não se reunia com prefeito, presidente não se reunia com reitor, presidente não se reunia com sindicalistas, presidente não se reunia com os estudantes. Estudantes, criaram até um tal de 477 para cuidar de estudante. Ou seja, não se criou o hábito... Sem-Terra, então, Sem-Teto, então, trabalhador rural, nem pensar. Isso, quando muito, na periferia, a polícia dava um jeito. Ou seja, não era possível que nós, depois de recebermos o carinho de vocês, nas eleições de 2002, que a gente não pudesse mostrar à sociedade brasileira que tinha um jeito diferente de um presidente da República se relacionar com o seu povo. Porque aquele cidadão que grita, que reivindica, ele é o mesmo brasileiro daqueles que batem palmas.

Quando eu fiz a reunião com o GLTB, participando da Conferência deles, aquele cidadão que é vítima de preconceito do governante, porque governante sempre tem que passar a ideia do machão, aquele cidadão não recusa o Imposto de Renda dele e, muito menos, recusa o voto dele, não recusa. Ou seja, se criou a ideia de que a relação entre o Estado e a sociedade é a relação entre o “todo-poderoso” Estado e o dócil povo brasileiro que, se reclamar, já é contra. Nós não tratamos assim. Fizemos 73 conferências nacionais, essas conferências envolveram mais de 5 milhões de pessoas. E



essas comissões, e essas conferências decidiram parte dos acertos das políticas públicas que nós colocamos em prática neste país.

Esse foi um dado que não é uma coisa do presidente Lula ou do ministro Dulci. Essa é uma conquista de vocês, é uma conquista de vocês que acreditaram, em primeiro lugar, e que nunca, em nenhum momento, se comportaram com subserviência em relação ao governo, nunca abriram mão das convicções de vocês, nunca abriram mão das reivindicações de vocês. Entretanto, nós nos juntamos em torno de um projeto maior, de mostrar que era possível governar este país para todos, e não apenas para 1/3 da sua população, como habitualmente este país tinha sido governado.

Pois bem, companheiros e companheiras, nós apenas começamos uma luta. Há três anos, era quase que inacreditável dizer que este país ia ter uma mulher presidenta da República. Quantas vezes eu ouvi dizer: “Esse Lula é louco. Essa mulher... Essa mulher nunca participou de passeata, de carreata, nunca fez assembleia, não foi vereadora, não foi deputada, como é que o cara vai indicar essa mulher? Ele é louco”. Porque no Brasil não existe o hábito de se dar uma oportunidade para aqueles que não têm experiência. E era exatamente o fato de ser a novidade que eu entendia que deveria ser uma mulher candidata a presidente da República no Brasil.

E essa novidade emplacou, emplacou. E emplacou não com a facilidade que deveria ter emplacado – porque ela era infinitamente melhor do que o outro. Era porque ainda tivemos que enfrentar o preconceito, e que eu digo sempre que o preconceito é uma doença grave e ainda não encontraram vacina para ela, não tem nem coquetel, de tão grave que é. O preconceito é uma coisa nojenta, raivosa, porque o preconceito diminui o portador de preconceitos, ele não é uma pessoa feliz, ele é uma pessoa amarga, ele não ri, ele está sempre olhando e com inveja da conquista do outro, está sempre... Ele nunca vê virtude. E foi assim que nós conseguimos eleger a primeira mulher presidenta da República deste país.



Nós vamos ter muito trabalho pela frente, companheiros, muito trabalho. Porque, primeiro que as conquistas da sociedade, elas são infinitas, a gente nunca consegue conquistar 100%. Cada vez que a gente conquista uma coisa, a gente descobre que a partir daquela coisa a gente pode conquistar outra coisa. E, de coisa em coisa, a gente vai conquistando quase que um dicionário inteiro de conquistas. É assim que caminha a humanidade.

E por que eu disse no começo que era uma reunião de agradecimento? É porque vocês foram muito solidários comigo nos momentos muito difíceis. Eu digo sempre que eu construí muitos amigos no Brasil, muitos. Agora, tem amigos e amigos. É por isso que eu fazia questão de dizer sempre: eu sei de onde vim e sei para onde eu vou. Eu sei quem era... Eu sei quem eram os meus amigos antes de eu ser presidente da República e sei dos amigos que eu construí presidente da República. E, certamente, construí amizades extraordinárias na Presidência da República. Mas tem uma base originária que é aquela chamada “base de sustentação”, que é aquela demarcação do campo de classe, que diz o companheiro João Paulo, ex-prefeito de Recife. A gente tem que estar sempre demarcando o campo de classe para a gente não vacilar, para a gente não bobear. Ou seja, e eu sei, então, que daqui a pouco eu estarei na porta da fábrica fazendo discurso. Nunca me peçam para falar contra a Presidenta, que eu não vou falar, nunca me peçam para falar contra um ministro amigo meu, que eu não vou falar, mas tem outras coisas para a gente criticar por aí.

O dado concreto é que vocês me ajudaram a construir um outro país, vocês me ajudaram. Mesmo quando vocês fizeram críticas, vocês me ajudaram a enxergar caminhos que muitas vezes eu não estava enxergando. Eu nunca fiquei bravo com nenhum companheiro que em algum momento fez alguma coisa discordando daquilo que o governo pensava. Eu sempre achei que era um direito das pessoas, não concordar com o governo. E, ao invés de se afastar, nós iríamos conversar com ele normalmente, através da Secretaria-



Geral da Presidência da República.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, se a gente fosse enumerar aqui o que o Brasil melhorou de geração de empregos, de aumento de salário, de recuperação do salário-mínimo, de ascensão social do povo mais pobre, do programa Luz para Todos, do programa Compra de Alimentos, do programa do Ministério do Desenvolvimento [Social] e Combate à Fome, dos Cras, do (incompreensível), de tanta coisa que nós criamos neste país, que ainda está em um processo de ebulição, do crédito consignado.

Eu nunca mais vi nenhum radialista falar da fila do INPS [INSS]: “A fila, que o povo pobre está na fila, que vai lá e pega cartão e fica o dia inteiro na fila”. Acabou, acabou. Acabou. Teve um probleminha agora porque o Gabas não deu o aumento que os peritos queriam – que foram injustos com o Gabas, porque não tinha perito, nós contratamos perito, passamos o salário para quase R\$ 14 mil e ganhamos de presente uma greve querendo mais. Aí também não dá. Parece aqueles passarinhos quero-quero, sabe? Sabe aquele chato, que fica no campo de futebol? Um dia desses, o Denílson, do Palmeiras, matou um, um coitado de um quero-quero.

Então, companheiros, eu sou muito grato, sou muito grato. Acho que vocês ajudaram, melhorou a nossa relação com a sociedade, melhorou a questão com a mulher, com os índios, com negros, com todas as organizações, com GLTB, com o movimento sindical, com a UNE. Ou seja, nós, realmente, demos um salto de qualidade. Ao invés de vocês me agradecerem – nós vamos ter muitos momentos para nos encontrarmos ainda – eu quero, de coração, agradecer a cada um de vocês.

Agradecer... Por exemplo, aqui eu estou vendo o companheiro Marinho. O companheiro Marinho, quando eu chamei ele para vir para o Ministério, a gente estava vivendo um momento difícil. E havia companheiros, viu Arthur? Havia companheiros na CUT que deram conselho para o Marinho não vir para o governo, porque o governo estava em uma situação difícil. E o Marinho falou:



“Não, eu vou porque o presidente Lula está precisando de mim, eu vou lá ajudar ele a resolver”. O Paulinho Vanucchi, o Paulinho Vanucchi foi a mesma coisa. O Paulinho Vanucchi veio em uma situação crítica para o governo, falou: “Olha, eu estou aí para o que der e o que vier”.

Então, eu acho que vocês... Eu sei que o Marinho, no primeiro momento, fez falta para a CUT e, depois, o companheiro Arthur saiu tão bem que, se o Marinho voltar para a CUT, vai ser reserva agora.

Então, eu queria agradecer. Agradecer às centrais sindicais, agradecer a todos vocês. E dizer que no dia 23 nós estaremos lá em São Paulo com os catadores de materiais recicláveis, cumprindo mais uma etapa dos nossos compromissos. Acho que todos nós ganhamos um pouco. Eu ganhei e vocês vão ganhar.

Estou lamentando, porque o Paulinho me falou que hoje o Congresso acabou de aprovar o aumento para o presidente da República e para os ministros, e o Lulinha aqui, ó... E o Lulinha não recebe, porque é só para a próxima legislatura. De qualquer forma, para quem ganhava como torneiro mecânico em São Bernardo do Campo, o salário de Presidente até que ajuda.

Gente, olhe, do fundo do coração: muito obrigado. Estejam certos, companheiros, de que eu estarei fazendo política por este país. Eu vou descansar uns dois, três meses, mas depois contem comigo, porque nós vamos ajudar a companheira Dilma a fazer muita coisa neste país. Na hora em que ela precisar da gente, a gente vai estar ajudando ela; na hora que a gente tiver que divergir, eu sei que vocês vão divergir dela. Mas o que é importante, o que é importante é que a gente não desmanche a unidade que nós construímos até aqui. Podem ficar certos que para o lugar do Dulci já está indicado, não é isso? Para o lugar o Dulci vem o Gilberto Carvalho, que é um companheiraço igual ao Dulci, de todos vocês, e nós vamos continuar mantendo essa relação extraordinária.

Eu só vou pedir desculpas para vocês, porque eu vou ter que sair



correndo para poder fazer a reunião com o Guido Mantega e ainda ir para São Paulo hoje. Então, eu peço desculpas, gente.

Um abraço e até outro dia.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio “Os Brasileiros do Ano” da revista IstoÉ São Paulo-SP, 15 de dezembro de 2010

Vamos baixar um pouquinho a bola, meu filho, que nós neste ano não tivemos tanta sorte, não.

Olhe, eu queria cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, presidenta eleita do Brasil,

O nosso querido companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados e vice-presidente da República a partir do dia 1º de janeiro,

Quero cumprimentar os companheiros ministros e agradecer o carinho e a dedicação que eles tiveram, no meu governo: o companheiro Guido Mantega, da Fazenda; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social; e o companheiro Henrique Meirelles, presidente do Banco Central,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o companheiro governador Antônio Anastasia, governador eleito de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o companheiro ex-governador de Minas Gerais e senador da República, Aécio Neves,

Quero cumprimentar o companheiro Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo,

Quero cumprimentar o Domingo Alzugaray, editor e diretor responsável pela Editora Três, por meio de quem cumprimento os demais profissionais da Editora Três,

Quero cumprimentar as queridas Angélica, Maitê Proença, por meio de



quem cumprimento os demais agraciados com o Prêmio “Os Brasileiros do Ano”,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar todos os convidados da IstoÉ,

E dizer, Alzugaray, que você vai ganhar eu lendo o meu discurso, porque o meu improviso normalmente demora mais do que uma leitura que está caprichada e coordenada.

Antes de mais nada, é importante dizer que o desenvolvimento dos últimos anos não foi atributo pessoal desse ou daquele indivíduo, desse ou daquele dogma milagroso, tampouco fruto de medidas heróicas de eficácia passageira, quando não desastrosas, como vimos tantas vezes no passado.

O que fizemos nos últimos anos, minhas amigas e meus amigos, foi mais consistente do que tudo isso. Nós construímos uma política democrática de desenvolvimento, e o fizemos num governo de portas abertas, incansável na sua determinação de acomodar aos apelos da cidadania o imperativo da justiça social, as necessidades da produção e o respeito ao meio ambiente.

Ajudamos a restabelecer um sentimento de importância singular na história de uma nação. O Brasil voltou a acreditar no Brasil e no seu desenvolvimento. A sociedade brasileira deixou um passado de ceticismo, rupturas e frustrações para apostar de novo na criatividade do seu trabalho, na força do seu investimento, na resposta da sua produção.

Eis aí uma conquista de inestimável valor. O crescimento era a ferramenta que faltava para superar os desafios pendentes na rotina da nossa gente e na dinâmica da nossa economia.

Enquanto o mundo rico patina em desemprego e recessão, no Brasil o consumo das famílias cresce há 28 trimestres seguidos. O poder de compra dos salários cresce há seis anos consecutivos, não de forma inflacionária, mas alinhado aos robustos ganhos de produtividade. O investimento vive o seu



melhor momento em quase 30 anos.

Alguns desdenham, como se tudo isso fosse um atributo menor na vida de uma sociedade. Sugiro a eles que acompanhem os esforços do governo norte-americano para injetar dinamismo num mercado onde as empresas não investem, os consumidores não compram e os bancos não emprestam.

Amigas e amigos,

Durante muito tempo a importância do mercado de massa deste país foi negligenciada. Governava-se apenas para 30% de sua gente e, de cada três brasileiros, só um tinha acesso ao crédito ou nem isso. A verdade é que muitos dos nossos dirigentes políticos nunca tiveram interesse em incorporar o conjunto da sociedade ao desenvolvimento. Talvez porque temiam a contrapartida inevitável que isso acarreta: a mobilidade social e o amadurecimento político que a segue.

Um dos orgulhos deste governo foi devolver ao Brasil a dimensão social do seu desenvolvimento, arquivada por preconceitos, proscrita pela ganância infecciosa que predominava numa certa visão de política econômica. Redesenhamos a geografia do poder de compra no interior da massa salarial brasileira. A renda das famílias cresceu ininterruptamente nos últimos seis anos e a participação dos salários no PIB saltou de 31% para 35%.

Todo o país ganhou, mas os pobres ganharam um pouco mais. A distância entre o salário mínimo e o salário médio foi reduzida, de quatro vezes e meia, para três vezes em oito anos. O desemprego atingiu o nível mais baixo da história. O consumo de massa tornou-se o carro-chefe da engrenagem econômica nacional. Hoje esse mercado reúne o equivalente a 53% da população e 46% da renda nacional.

O Brasil tornou-se, assim, um dos destinos mais cobiçados no radar dos investimentos em nosso tempo, e por uma razão muito simples: o que se constrói aqui não é uma bolha passageira soprada pelo crédito suicida. O que se tem aqui é a retomada de uma construção interrompida, a construção de



uma sociedade de 190 milhões de pessoas e não mais uma sociedade de apenas 50 milhões de pessoas.

Estou falando, portanto, de uma das maiores fronteiras econômicas do século XXI, com uma singularidade que não pode mais ser subestimada. Aqui a democracia política e a democracia social comandam o leme do desenvolvimento.

Desde Getúlio Vargas, a estreiteza de alguns tentou dissociar esse encadeamento virtuoso entre um povo, as suas riquezas e as suas prerrogativas soberanas. Diziam, por exemplo, que o país não tinha vocação industrial e que seu destino era a casa grande e a senzala. Depois resolveram que aqui não tinha petróleo, e quando foi achado, disseram que não tínhamos competência para explorar e se opuseram à criação da Petrobras. Hoje cochicham contra a Petrobras, na esperança de entregar o pré-sal às petroleiras internacionais.

Pois bem, o Brasil está mostrando que sabe, pode e continuará a crescer nos próximos anos, e o fará a uma taxa superior à média das últimas décadas sem concessões à inflação e sem permitir a manipulação da nossa moeda por desequilíbrios que não refletem os nossos fundamentos econômicos, que são, reconhecidamente, sólidos.

O investimento aqui segue à frente da demanda. Não por acaso, o emprego no setor de máquinas e equipamentos lidera a expansão de vagas no segmento industrial, crescendo mais do que o dobro dos demais anos. Completamos este ano com 94% dos investimentos previstos no PAC, e o PAC 2 prevê que mais de R\$ 1,590 trilhão serão investidos nos próximos anos, sendo quase R\$ 1 bilhão entre 2011 e 2014.

Temos o maior programa de investimento em energia, no mundo. Inclui-se aí o maior impulso industrializante de toda a nossa história: as encomendas e avanços tecnológicos garantidos pelo modelo de exploração soberana do pré-sal.



Não se trata, repito, de uma simples engrenagem econômica movida pela sorte, como querem alguns. Este povo, que passou a comer melhor, a ter acesso ao emprego e à dignidade não se contentará mais com o prato raso da cidadania servido durante séculos neste país. Esse é o principal polo germinador de crescimento da nossa economia.

Fomos além do automatismo de mercado. Um novo encadeamento de forças econômicas e sociais assumiu o comando do nosso desenvolvimento e decidiu fazer dele a grande obra da maturidade democrática desta nação: ser um abrigo de todos os brasileiros.

Eu queria dizer, minha querida companheira Dilma Rousseff, companheiro Anastasia e outros governadores que vão tomar posse a partir do dia 1º de janeiro: vocês irão pegar um país infinitamente melhor do que aquele que eu peguei e que o companheiro Aécio Neves pegou no governo de Minas Gerais. Um país mais sólido, um país mais amadurecido, um país mais democrático, um país mais justo. Um país em que, hoje, de todas as hidrelétricas construídas no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil: Santo Antônio e Jirau, no [rio] Madeira, e Belo Monte, que começa em março, no Pará. Um país que está construindo a maior quantidade de quilômetros de ferrovias de uma só vez. São, praticamente, quase 6 mil quilômetros entre a Ferrovia Norte-Sul, a Ferrovia Transnordestina e a Ferrovia Oeste-Leste, além do trem-bala que, se Deus quiser, a licitação se dará em março.

Estamos vendo o maior enfrentamento aos problemas crônicos das favelas deste país, com a maior política de saneamento básico já feita na história do país.

Queria dizer a todos vocês que quando a Dilma estava falando, eu estava dizendo: puxa vida, como eu gostaria de ter herdado um país para governar depois do governo Lula, como eu gostaria de ter pegado um país... e isso não se deve ao mérito apenas do governo. Deve-se à compreensão da



sociedade brasileira, deve-se à capacidade de empreendedores que não tiveram medo de fazer investimentos quando o mundo desenvolvido se acovardava diante de uma crise. Deve-se à decisões corretas na área econômica do governo, de fazer a economia brasileira assumir, sobretudo o crédito, quando os bancos que davam palpite na nossa vida não faziam mais empréstimo para ninguém.

Eu não sei se vocês se lembram que o FMI sabia dar palpite em todas as crises dos países pobres do Terceiro Mundo, mas quando aconteceu a crise nos Estados Unidos, o FMI até agora não abriu a boca. Eu até pensei que não existia mais. Fiquei sabendo que ele continuava existindo porque o Guido Mantega vai à minha mesa e pede para a gente emprestar US\$ 14 bilhões para o FMI.

Este Brasil, companheiros e companheiras, não foi construído por um presidente. Foi construído por um presidente, por 27 governadores, por quase seis mil prefeitos, pela imprensa, pelos trabalhadores e pelos empresários.

É este país, Dilma, é este país, andando a 120 por hora, em que os brasileiros sentem mais orgulho de serem brasileiros, os pobres são menos pobres... Apesar de que o rico continua rico, e é bom, é bom que continue. Quando me perguntam: “Por que os banqueiros ganharam tanto dinheiro no teu governo?”. Eu falo: porque se tivessem perdido, era o governo que ia pagar. É melhor ganharem dinheiro. Não se assustem, porque nós não preocupamos que ganhem dinheiro. O que nós queremos é apenas que repartam um pouco daquilo para que a gente possa, todos, os 190 milhões, ganhar um pouco.

Eu estou deixando a Presidência daqui a 15 dias e já estou com saudade. Eu quero dizer para vocês que é interessante... eu tive o privilégio – possivelmente o Aécio, o Sérgio Cabral, outros governadores –, eu tive o privilégio de fazer parte de uma geração política que... antigamente político saía pela porta dos fundos, não dava posse para o seu sucessor, dois dias antes se afastava. Não. Orgulhosamente, orgulhosamente eu vou entregar a



faixa para a companheira Dilma, vou descer a rampa com a consciência tranquila de que este prêmio que a IstoÉ me deu é um prêmio de 190 milhões de brasileiros que continuam acreditando neste país.

Posso dizer para vocês: não existe milagre em economia. Em economia existe seriedade e previsibilidade. Existe, sobretudo... Eu lembro, Aécio, quando nós, numa semana, resolvemos o problema da indústria automobilística brasileira depois da crise, e os Estados Unidos demoraram sete meses para resolver o problema da GM. Todo mundo sabe que não tem curso de [para ser] político em universidade. Ninguém aprende a ser prefeito, governador ou presidente na universidade, porque o legado e a competência de um político é saber tomar decisão na hora certa e fazer as coisas acontecerem.

Eu quero agradecer, de coração, a todos vocês pela compreensão, pelo apoio nos momentos difíceis, e dizer a vocês que eu tenho muita esperança de que a nossa querida companheira Dilma Rousseff vai fazer mais e vai fazer melhor, porque ela já foi uma das construtoras do momento que estamos vivendo.

Quero desejar, Anastasia, a você e ao Sérgio Cabral, que façam um governo extraordinário porque o povo brasileiro não pode mais conviver com retrocesso.

Um grande abraço, que Deus abençoe todos vocês, e me permitam sair correndo porque o meu avião já está com o motor ligado.

Um abraço, e até a próxima.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a sessão de encerramento da Cúpula Social do Mercosul

Foz do Iguaçu-PR, 16 de dezembro de 2010

Meu caro companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai,
Excelentíssimo companheiro presidente do Uruguai, José Mujica,
Meu caro amigo presidente da Guiana, Jagdeo,
Meu caro amigo presidente do Suriname, Bouterse,

Nosso companheiro vice-presidente da Colômbia – e é importante lembrar que o companheiro vice-presidente da Colômbia há pouco tempo era dirigente sindical, como vocês, da CUT da Colômbia.

Quero cumprimentar o meu companheiro ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o companheiro Dulci, e cumprimentando o Dulci eu quero cumprimentar a todos os meus companheiros ministros que estão aqui presentes,

Companheiros ministros de Relações Exteriores presentes,

Ministros da Economia, ministros do Desenvolvimento, presidentes dos Bancos Centrais,

Companheiros e companheiras integrantes das comitivas estrangeiras aqui presentes,

Companheiros e companheiras representantes do Movimento Social do Mercosul e do Programa Mercosul Social e Participativo,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Tem uma folha a mais no meu discurso aí. É com grande prazer que participo da Cúpula Social do Mercosul, em sua décima edição. Coube ao Brasil a honra de lançar esta iniciativa, em 2006. Nossa presença aqui hoje —



dos presidentes e movimentos sociais — é sinal de que todos almejamos maior participação da sociedade na construção de um Mercosul ainda mais democrático, cidadão e solidário.

Nossa aspiração é potencializada pelo momento especial que vive a América do Sul, região que atravessa sua fase histórica mais promissora em décadas. Nesta conjuntura favorável, temos amplas perspectivas para levar adiante um processo de desenvolvimento com justiça social e bem-estar.

Desfrutamos de situação econômica e política privilegiada. Em meio a uma das mais graves crises econômicas da história, a América do Sul revela-se como importante polo irradiador de dinamismo. Enquanto os países do mundo chamado “desenvolvido” sofrem com o baixo crescimento econômico e índices de desemprego elevados, nós chegamos ao final de 2010 com taxas de crescimento especialmente altas para os países membros do Mercosul, que deverão variar, segundo a Cepal, de 7,7 para o Brasil, até 9,7 para o Paraguai. A América Latina e Caribe crescerão em média 6% em seu conjunto, bem acima da média mundial, que deverá rondar por volta dos 3,5%. Estima-se que esse bom desempenho seja mantido nos próximos anos. Ao mesmo tempo, alcançamos nível de maturidade política que nos tem permitido avançar na consolidação da democracia em nossas sociedades.

O projeto de integração regional, com o Mercosul no centro desse processo, devemos, em grande medida, nossa maior autonomia econômica em relação aos grandes centros capitalistas. Ela nos tem protegido da crise. Mas o bom desempenho econômico estará sempre sujeito às oscilações da conjuntura internacional. Mesmo que seja a face mais visível da integração, não será, necessariamente, a mais duradoura.

Para adquirir consistência e permanência no tempo, o processo de integração precisa apoiar-se em valores e aspirações comuns, que permeiem os diferentes segmentos de nossas sociedades.



Por isso, devemos continuar trabalhando por um Mercosul cada vez mais democrático, cada vez mais legítimo e cada vez mais social. Foi nesse espírito que, em 2003, assinei, junto com Néstor Kirchner, o “Consenso de Buenos Aires”, inspirado na ideia de que o Mercosul, para sobreviver, precisava ser apropriado pelas sociedades de nossos países. Não seria possível... É bom, de vez em quando, vocês baterem palmas porque assim eu bebo água. Senão eu vou ficar aqui seco...

Não seria possível manter o vigor da integração somente com base em ações dos estados e governos, por mais convergentes e motivadas que sejam. Desde então, reforçamos, significativamente, a participação social dentro da estrutura do Mercosul, com destaque para a Cúpula da Costa do Sauípe, na Bahia, há dois anos, quando criamos a Comissão de Coordenação de Ministros de Assuntos Sociais e o Instituto Social do Mercosul.

Naquela ocasião, pela primeira vez, ministros da área social participaram da reunião do Conselho do Mercado Comum, a fim de dar os primeiros passos em direção a um Plano Estratégico de Ação Social para o Mercosul. No âmbito desse Plano, estabelecemos metas regionais de desenvolvimento mais ambiciosas do que os Objetivos do Milênio das Nações Unidas. Para a consecução desse Plano serão adotadas políticas sociais comuns entre os quatro membros do Mercosul representando um esforço inédito de coordenação.

Criaremos, nesta Cúpula, a Unidade de Participação Social, que facilitará a comunicação entre representantes da sociedade civil e as diferentes instâncias do Mercosul, além de assumir os trabalhos preparatórios das cúpulas sociais. Perfeita sintonia entre o Presidente e “el pueblo”. Criaremos ainda um fundo de financiamento específico para apoiar as atividades da Cúpula e nela promover maior participação social.

Devemos trabalhar constantemente pela democratização dos nossos mecanismos de decisão e tornar o Mercosul um projeto cada vez mais de



todos. Nesse sentido, já caminha o Parlamento do Mercosul. Vejo com satisfação que, ainda durante o exercício brasileiro da Presidência *Pro Tempore*, e tendo o senador Aloizio Mercadante à frente do Parlamento Regional, foi possível alcançar acordo sobre o tamanho das bancadas nacionais necessário para o pleno funcionamento do órgão. Essa conquista, de amplo significado político, implicará a eleição direta, por todos os países do bloco — como já faz o Paraguai — de “Parlamentares do Mercosul”. Provocaremos uma revolução na mentalidade e percepção dos cidadãos de nossos países sobre o significado do Mercosul. Fomentaremos o debate de ideias, além de firmar uma identidade regional “Mercosulina” no imaginário coletivo de nossas sociedades. Ô gente, vocês não vão bater palmas para a palavra Mercosulina? Foi um trabalho, foi um trabalho grande para encontrar uma marca registrada para nós aqui e vocês não perceberam. Vocês pensaram que era insulina, é “mercosulina”.

Estamos difundindo o projeto de integração regional em novas frentes e incorporando diferentes atores sociais. Na esfera acadêmica, comemoraremos - aqui também eu quero palmas - comemoraremos importante realização, que é a Universidade da Integração Latino-Americana, a Unila. Ela acabou de entrar em funcionamento, bem aqui em Foz do Iguaçu, em instalações cedidas pela Binacional Itaipu. Essa universidade reúne professores e alunos de toda a América Latina dedicados a estudar o projeto de integração regional em seus mais variados aspectos, tais como o Direito, Engenharia, Telecomunicações, Energia e questões políticas e sociais. Além de formar profissionais comprometidos com esse projeto, a Unila constituirá polo regional de reflexão baseado na experiência própria da população local.

O plano de ação para um Estatuto da Cidadania do Mercosul, que estaremos em breve adotando, contempla conjunto de ações para os próximos dez anos. Trabalharemos, nesse período, pela consolidação dos direitos dos cidadãos dos Estados-Partes em áreas como facilitação de trânsito, controle de



fronteiras, harmonização de identificações, simplificação de trâmites para equivalência de estudos e sistema de informações veiculares. A sistematização desse amplo leque de atividades pavimentará o caminho para o reforço de nossa identidade comum.

Todas essas conquistas do Mercosul só foram possíveis graças ao clima de entendimento, de confiança e de verdadeira fraternidade entre nós. Foi fundamental, sobretudo, o apoio e a mobilização das organizações populares e dos mais diversos movimentos sociais - ainda não. Sabemos da importância da solidariedade e da justiça social, para que a prosperidade e a liberdade política sejam, de fato, a porta de entrada dos nossos povos em uma nova etapa de sua história.

É com esses valores que estamos construindo um novo Mercosul, o Mercosul dos povos. Companheiros e companheiras, eu, ao terminar o meu discurso institucional, eu quero dizer duas palavras aos meus companheiros amigos presidentes que estão aqui, aos meus companheiros representantes do Movimento Social, aos ministros aqui presentes, e aos companheiros do Movimento Social, aos estudantes, sobretudo da Unila. É muito importante que a gente não perca de vista o que nós já conquistamos. Não foi pouca coisa. Nós precisamos analisar as nossas conquistas no tempo da história. E oito ou dez anos do que aconteceu na América do Sul é quase nada, se nós imaginarmos que há 200 anos quase todos os países da América do Sul conquistaram a sua independência, uma parte da Espanha e nós, brasileiros, de Portugal, e que mesmo conquistando a independência nós não éramos independentes, hora ficamos subordinados aos Estados Unidos, hora ficamos subordinados aos interesses ingleses, hora ficamos subordinados a interesses comerciais com os países ricos. E somente quando tivemos coragem de dizer que nós queríamos valer a conquista da nossa independência e queríamos ser donos das nossas decisões é que nós conseguimos vencer alguns obstáculos que pareciam intransponíveis.



Hoje parece fácil. Eu digo sempre que quando a gente é criança ou adolescente, que a gente chega em casa e a mãe coloca um prato de comida para a gente, na mesa, quentinho, e a gente começa a reclamar que não tem tudo o que a gente queria naquele prato, a gente não lembra o sacrifício que foi fazer aquele prato, a gente não pergunta se tinha dinheiro para comprar os condimentos para colocar naquele prato, a gente não se preocupa nem se a mãe da gente queimou o dedo ao tirar uma panela do fogão.

A gente precisa ter compreensão do que era a nossa América do Sul há dez anos. Há dez anos, os presidentes dos nossos países disputavam apenas o direito de ver quem era mais amigo dos presidentes dos Estados Unidos. Quem seria convidado a ir a *Camp David* passar o final de semana ou quem seria convidado para uma palestra na Europa ou quem o FMI tratava melhor. E que o Mercosul tinha sido jogado na lata do lixo e que proposta da Alca se apresentava como a salvação da América do Sul, porque iríamos ter por detrás uma potência como os Estados Unidos para comprar os produtos produzidos aqui na nossa querida América do Sul. Na época, não foram muitos os que tiveram coragem de levantar as vozes contra a Alca, mas foram, exatamente, aqueles que a gente poderia chamar de sectários, aqueles que a gente poderia chamar de esquerdistas, era um padre na igreja, era um sindicalista na porta de fábrica, era um pessoal dos Sem Terra em um outro lugar, as pessoas que começavam a gritar que não era possível a gente se subordinar a um acordo de livre comércio tendo como mola mestra os Estados Unidos. Porque, na verdade, os Estados Unidos não queriam fazer um acordo com a América do Sul. O acordo era com o Brasil, que era um grande país produtor, o que tinha a maior tecnologia. E quando a gente perguntava: os Estados Unidos vão fazer com a América do Sul o que a União Europeia fez com os países pobres como Grécia, Espanha e Portugal? Eles vão conseguir dinheiro para alavancar o desenvolvimento de infraestrutura? Ele vai ajudar no desenvolvimento tecnológico? Ele vai colocar dinheiro para tornar os países mais iguais? Não.



Ora, isso, por si só, fazia com que nós radicalizássemos e fôssemos contra a Alca. Mas mais importante, companheiros e companheiras, mais importante era que os Estados Unidos ofereciam, como grande nação econômica, aos países aqui, vantagens que nós não poderíamos oferecer. Um comércio privilegiado com isenção de algumas coisas e, ainda hoje, temos acordos feitos com vários países e nós não temos nada contra. O que nós achávamos é que era preciso criar condições entre nós de todos ganharmos um pouco, para que a gente aprendesse o gosto, o sabor de que nós somos capazes de fazer as coisas que serão boas para os nossos povos. E, hoje, a gente olha para a União Europeia, a gente olha para os países ricos, e a gente percebe como seria bom se eles olhassem para nós e vissem como nós conseguimos fazer do Mercosul um centro de desenvolvimento extraordinário para os países que compõem o Mercosul.

Eu tenho certeza que nós não sentimos saudades do comércio de trás, porque um país como o Brasil tem que assumir a responsabilidade, como economia maior deste continente, de criar as condições de os países menores economicamente se sentirem confortáveis na relação com o Brasil. Não é bondade, é apenas compreensão de que a paz nesta parte do mundo, de que a paz neste continente não tem preço e que a gente fará qualquer coisa para que a paz permeie a ação de todos nós.

Aqui, aqui não falamos em bomba nuclear, aqui não falamos em guerra. Aqui, quando muito, temos umas greves, de vez em quando, contra nós, não é, Pepito e Lugo? Mas a greve faz parte da democracia. Então, como nós, quando éramos oposição, ficávamos falando em greve, greve, greve, greve... No Brasil a gente gritava: "Greve geral derruba general". Eu não sei como é que o Pepe gritava na cadeia, como é que o Lugo fazia o sermão dele, como é que o Jagdeo fazia, ou seja, cada um de nós tinha um jeito de fazer o discurso.

O dado concreto é que nós conseguimos consolidar uma relação política que eu diria quase invejável. Ainda falta muito, ainda falta muito, nós



precisamos criar mecanismos de decisões entre nós, mecanismos que possam julgar as controvérsias entre os países. Ainda falta muito, mas avançamos de forma extraordinária, avançamos de forma extraordinária. No G-20 os sindicalistas não podem participar com os presidentes, como vocês estão participando aqui, não. Lá, para um presidente chegar... um dirigente sindical chegar perto de nós... O Kevin está aqui, que era primeiro-ministro da Austrália e agora é ministro das Relações Exteriores, também do sindicato. Ele sabe que de vez em quando os sindicatos só tinham eu e ele como referência, aí depois chegou Cristina. E eles entregavam papelzinho para nós, com muito sacrifício, para a gente poder divulgar.

A OIT só participa do G-20 porque nós fizemos intervenção para a OIT participar. Porque ali, ali, trabalhador não é uma figura muito conhecida, é só no resultado do PIB, mas a discussão de como resolver o problema, não é. E, aqui, qual é a conquista de vocês? Esse é um legado que é uma conquista de vocês e que vocês não podem perder. Qualquer que seja o presidente que vier, e eu digo pela minha presidente, que tomará posse no dia 1º de janeiro: ela vai ser igual ou melhor do que qualquer um de nós aqui, porque ela tem, na sua origem, o sonho de conquista da democracia.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu, nessa última reunião que participo com vocês, sendo o presidente da República do Brasil, eu saio satisfeito. Quero dizer para vocês do meu... do meu carinho, dos meus agradecimentos, porque nós vamos continuar nos reunindo. Eu, certamente, em outros momentos, estarei só reunido com vocês e não estarei reunido com meus companheiros. Mas prometo nunca falar mal dos meus companheiros e nem fazer pauta de reivindicação exagerada, serei muito comedido.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês, companheiros e companheiras: nós não temos o direito de perder o que nós conquistamos. Nós ainda não conquistamos tudo, eu sei que tem muitas críticas. Mas é importante



saber onde que a gente estava e onde a gente chegou. É como se a gente estivesse nadando e a gente estivesse um pouquinho acima da metade do rio e a gente sentisse cansaço e a gente pensasse em voltar. Nós não temos o direito de voltar, nós temos que seguir em frente, construindo este extraordinário Mercosul.

Então, meus companheiros e companheiras, do fundo do meu coração, muito obrigado. Muito obrigado por tudo que vocês nos ensinaram a fazer, porque, muitas vezes, se não fossem os gritos de vocês, se não fossem as passeatas de vocês, se não fossem as bandeiras de vocês, muitas vezes, quem sabe, o dirigente pudesse esquecer que vocês existiam.

Acho que é exatamente esse comportamento que vocês têm, de cooperação, sem perder a autonomia, sem perder a soberania dos movimentos sociais, que não podem ser correia de transmissão nem de governo e nem partidos, mas ser correia de transmissão dos interesses da sociedade civil que vocês tão bem representam.

Viva o Mercosul e viva a Cúpula Social!

(\$211 A)



Intervenções e discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a reunião plenária da 40ª Cúpula do Mercosul

Foz do Iguaçu-PR, 17 de dezembro de 2010

Presidente Lula: (falha no áudio) ao nosso querido companheiro ministro Celso Amorim que vai falar do relatório das atividades da presidência *pro tempore* brasileira neste semestre. Com a palavra, o ministro Celso Amorim.

Ministro Celso Amorim: _____

Presidente Lula: Obrigado, obrigado companheiro Celso Amorim.

Companheiros presidentes e vice-presidentes dos Estados-Partes do Mercosul, Estados associados e países convidados,

Senhores chanceleres, por meio de quem cumprimento os demais ministros e integrantes das comitivas estrangeiras,

Senhor ministro das Relações Exteriores, embaixador Celso Amorim, por meio de quem cumprimento os integrantes da delegação brasileira,

Senhores coordenadores nacionais do Grupo Mercado Comum e do Foro de Consulta e Concertação Política,

Senhores representantes do Foro Consultivo de Municípios, Estados Federados, Províncias e Departamentos do Mercosul, do Foro Consultivo Econômico-Social, do Parlamento Juvenil do Mercosul e do Tribunal Permanente [de Revisão] do Mercosul,

Senhor diretor da Secretaria do Mercosul, Agustín Colombo Sierra,

Senhores representantes de organismos internacionais,

Amigos e amigas do Mercosul,

Convidados,

Companheiros da imprensa,



Hoje, como é a última reunião do Mercosul de que eu participo como Presidente, a imprensa está totalmente, aí, aberta para cobrir esta reunião. Aliás, tem sido praxe, já, nas nossas reuniões a imprensa cobrir porque, definitivamente, não temos nenhuma preocupação e não temos nada a esconder, e também não ficamos passando telegrama falando mal de ninguém, ou seja, nós trabalhamos abertamente.

Esta Cúpula é um marco na evolução do Mercosul e tem significado muito especial para mim. Cumpro, em solo brasileiro, o último compromisso da minha agenda internacional como Presidente.

Estamos prestes a celebrar 20 anos da assinatura do Tratado de Assunção. Temos muito do que nos orgulhar. Estou certo de que o companheiro Fernando Lugo fará uma bela celebração durante seu período da Presidência *Pro Tempore*.

Em apenas duas décadas conseguimos, junto com os nossos associados, fazer do Mercosul um projeto histórico de integração política, econômica e social da América do Sul. Nossas conquistas ocorreram em ambiente de paz e cooperação. Juntos conformamos um dos maiores espaços democráticos do mundo. Não devemos jamais desmerecer esse fato.

Livres dos flagelos das guerras e dos conflitos que afetam outras regiões alcançamos elevado grau de convergência no objetivo do desenvolvimento com inclusão e sustentabilidade. Somos um grande continente em processo de integração solidária. Assumimos a responsabilidade de permanecermos livres das armas de destruição em massa. Nossas atuais políticas de defesa e a transparência de nossos gastos militares nos mantêm longe da tentação armamentista.

O Mercosul, enfim, constitui um ambicioso projeto, e seu sucesso nos ajudará a transformar a difícil herança deixada por séculos, de tirania colonial e pós-colonial que nos dividiu, em prosperidade coletiva que nos unirá. Sem



soberba, não podemos deixar de comparar o dinamismo e a amplitude do nosso processo com a paralisia e falta de perspectiva de mecanismos supostamente mais promissores em outras regiões.

É gritante o contraste entre o nosso Mercosul que floresce e as negociações da Rodada de Doha, mergulhadas no desalento, a despeito de todos os esforços empreendidos por todos nós e outros países em desenvolvimento com vistas à sua conclusão.

Nosso modelo de integração sustenta um dos mais altos índices mundiais de crescimento do pós-crise, enquanto as economias centrais se defrontam com problemas de estagnação e altas taxas de endividamento e desemprego.

De acordo com os números da Cepal, o Paraguai deverá terminar o ano com o maior crescimento de toda a América Latina e Caribe – 9,7% –, seguido pelo Uruguai – 9% –, pela Argentina – 8,4%. O Brasil, com um acréscimo estimado em 7,7%, deverá ser o quinto país em crescimento aqui na América do Sul.

O Brasil, individualmente, responderá por um terço dos excelentes números apresentados pela região. Esta crescerá, em média, 6%, acima, portanto, da média global. Respondemos aos paradigmas neoliberais com um desenvolvimento renovado, integrador, de caráter social e democrático. Enquanto em outras partes do mundo se criminaliza a imigração, fazemos de nossa região uma zona aberta a homens e mulheres de todo o mundo.

Nosso empenho é fundamentalmente construtivo. Estamos edificando um vasto arcabouço para a liberalização do comércio de bens e serviços, com integração produtiva, defesa da concorrência, projeto de infraestrutura, sistema de pagamentos em moeda local e um fundo para a convergência estrutural do Mercosul.

Enquanto isso, em muitos dos países da OCDE ajustes recessivos penalizam o trabalhador, desmontam a educação e as instituições científicas –



e o que é pior – eliminam a esperança do horizonte de milhões de homens e mulheres. Políticas monetárias corroem as margens de acesso a mercados conquistados em décadas de difíceis negociações multilaterais, acertando a competitividade, sobretudo das economias mais estáveis e em crescimento do hemisfério Sul.

Trata-se de renúncia ao papel de locomotiva do crescimento mundial por parte das economias mais ricas que, como vimos, desmantelam, também internamente, suas redes de proteção e bem-estar social. Premia-se a imprevidência de especuladores mal sucedidos em vez de se proteger os trabalhadores assalariados contra o impacto social perverso da crise.

Mas os países em desenvolvimento não podem pagar a conta de um problema que não criaram. Mesmo diante de tais desafios, reiteramos nesta Cúpula nossa determinação de consolidar o Mercosul e de persistir no caminho de sua convergência com outros processos na América Latina e Caribe, e em outras regiões.

Deve ser motivo de orgulho para nós que o Mercosul tenha sido capaz de atrair para esta reunião altos representantes e parceiros geograficamente mais distantes, como Austrália, Nova Zelândia, Cuba, Síria, Palestina, Emirados Árabes Unidos e Turquia. Para a finalização da Rodada São Paulo do Sistema Global de Preferências Comerciais entre os países em desenvolvimento no âmbito da Unctad, contamos, ainda, com a presença, em Foz do Iguaçu, de altos emissários do Marrocos, Zimbábue, Coreia do Sul, Egito, Índia, Indonésia e Malásia. Nessa negociação o Mercosul atua como bloco, em mais uma demonstração de sua consistência e coesão.

Caros companheiros do Mercosul,

Foi nesta fronteira que, em 1985, Brasil e Argentina assinaram a Ata de Iguaçu. Aquele acordo sepultou rivalidades antigas e inaugurou nova era de entendimento. A Ata de Iguaçu falava de reforçar nosso poder de negociação com o resto do mundo e de ampliar nossa autonomia de decisão. Esse espírito



está encarnado no Tratado de Assunção. Junto com Paraguai e Uruguai, nosso bloco tornou-se realidade inquestionável.

O comércio no interior do Mercosul cresceu oito vezes em 17 anos. As trocas que somavam 10,5 bilhões, em [19]91, atingiram US\$ 86 bilhões em 2008. A crise financeira internacional fez o intercâmbio recuar momentaneamente em 2009, mas, em 2010, já estamos retomando o ritmo acelerado de crescimento. Fomos uma das últimas regiões a sofrer os efeitos da crise e uma das primeiras a sair dela, como tenho assinalado em diversas ocasiões.

Nossas políticas de crescimento com inclusão social e integração protegeram-nos contra os efeitos mais adversos e prolongados da crise. Sempre insisti em manter o Mercosul no centro da política externa brasileira, e tive a fortuna de encontrar muitos líderes com a mesma visão. Juntos, lançamos as bases do “Mercosul dos Povos”, somando nossos esforços e experiências bem-sucedidas, com o objetivo de retirar milhões de pessoas da pobreza e de resgatar a cidadania de nossos nacionais. Compartilhamos o valor do desenvolvimento com justiça social. Essa é a marca do Mercosul que estamos construindo.

Querida companheira presidenta Cristina Kirchner,

A Argentina merece todo nosso reconhecimento pela grande contribuição que deu durante sua Presidência do Mercosul, como atestam as decisões que tomamos em San Juan, em agosto passado. Solucionamos a dupla cobrança da Tarifa Externa Comum. Temos, pela primeira vez, políticas sociais harmonizadas, com metas regionais que ultrapassam os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas.

Uniremos esforços para universalizar a saúde pública e a educação. Coordenaremos nossas políticas e programas para acabar com o analfabetismo e continuar gerando empregos de qualidade.

Criamos a figura do Alto Representante-Geral do Mercosul, que ajudará



na consolidação institucional do bloco e na sua representação externa. Constituímos a Unidade de Apoio à Participação Social. Aprovamos a fórmula para a eleição dos representantes do povo no Parlamento do Mercosul pelo voto direto. Concluímos o Estatuto da Cidadania, que ampliará direitos e benefícios com efeitos concretos no cotidiano das pessoas.

A criação de uma placa automotiva do Mercosul aumentará o sentido de identidade do bloco e promoverá a percepção de um espaço comunitário interligado. Eu espero que, aí, os ex-presidentes tenham direito de ter uma plaquinha no carro, Mercosul, para poder transitar livremente no Mercosul.

O Programa de Consolidação da União Aduaneira reafirma nosso compromisso com o aperfeiçoamento do bloco. Definimos os marcos para um futuro acordo de proteção de investimento, bem como aprovamos uma metodologia mais ágil para a liberalização de serviços no Mercosul. Conferimos um renovado impulso ao diálogo entre o Mercosul e Cuba.

O Focem financia projetos de impacto no desenvolvimento dos sócios, sobretudo no Paraguai e no Uruguai. Já são quase US\$ 1 bilhão em obras de infraestrutura, saneamento básico, habitação, educação pública e em apoio a pequenas e médias empresas.

A solidariedade sul-americana não se confunde com esquemas tradicionais de doação. O Brasil decidiu associar seu desenvolvimento ao da região, o que nos estimula a trabalhar ainda mais pelo bem comum.

Nossas decisões, em Foz do Iguaçu, lançam bases para os próximos dez anos. O simples fato de que voltamos a pensar no longo prazo é extraordinário. Avançamos para além da agenda exclusivamente comercial. Inauguramos nova fase de consolidação profunda do bloco e de seus programas mais amplos. Apostamos no valor das nossas democracias, que estarão representadas no Parlamento do Mercosul e aportarão legitimidade às próximas etapas do processo de integração. Esse é o espírito de Iguaçu.

Queridos companheiros e companheiras,



Foram muitas alegrias no relacionamento que mantive com dezenas de chefes de Estado e de Governo nesses últimos oito anos. Nenhuma delas foi maior, no entanto, do que me proporcionou o convívio amigo e companheiro com meus colegas do Mercosul.

O destino fez desta reunião meu último compromisso internacional. Saio dele com a certeza de que valeu a pena o trabalho que juntos realizamos. Mais do que isso, deixo a Presidência para a minha companheira Dilma Rousseff, seguro de que ela viverá, no Mercosul, um momento privilegiado de nossa integração.

Muito obrigado, companheiros.

Bem... agora, eu vou passar a palavra aos Estados-Partes e, por ordem alfabética, a companheira Cristina Kirchner com a palavra.

Presidente Cristina Kirchner: _____

Presidente Lula: Antes de passar a palavra ao companheiro Lugo, me parece que a questão de gênero já está mais do que reconhecida aqui no Mercosul e na América do Sul. A nossa companheira Michelle Bachelet terminou o seu mandato com 80% de aprovação e, pelo que me consta, as últimas *encuestas de Argentina* *quedou* como 70% de aprovação, ou seja, isso é um fato extraordinário. A Dilma, antes de tomar posse, tem 62% de expectativa positiva com relação... eu acho que se vocês cuidarem dos países como cuidam da família estarão, maravilhosamente, bem guardados os nossos países.

Uma notícia importante para mostrarmos para os nossos convidados estrangeiros o porquê do nosso otimismo. Eu fiquei no movimento sindical por toda a década de [19]70, por toda a década de [19]80 e não esperava estar vivo para ver uma notícia que eu acabo de receber: o desemprego no Brasil é o menor da série histórica: 5,7% é o nível de desemprego no Brasil. Isso, há 10 anos, há 15 anos, a gente imaginava que só aconteceria na Austrália, que só



aconteceria na Alemanha, na França, nos Estados Unidos e agora está acontecendo aqui pelas bandas do Mercosul e pelas bandas da América Latina. Então, eu acho que é um marco importante. Isso deve estar acontecendo em todos os países aqui... o aumento do emprego e a diminuição do desemprego. Eu acho que é uma conquista extraordinária do povo da América do Sul.

Agora, com a palavra, o companheiro Fernando Lugo, presidente do Paraguai.

Presidente Fernando Lugo: _____

Presidente Lula: Eu queria convidar para fazer uso da palavra o nosso querido companheiro presidente do Uruguai, José Mujica.

Presidente Mujica: _____

Presidente Lula: Agora eu passo a palavra ao primeiro representante dos Estados associados, e queria convidar o companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia.

Presidente Evo Morales: _____

Presidente Lula: Obrigado, companheiro Evo. Eu queria passar a palavra ao nosso querido companheiro presidente do Chile, companheiro Piñera.

Presidente Sebastián Piñera: _____

Presidente Lula: Obrigado, companheiro Piñera. Piñera, eu queria dizer uma coisa, que eu acho que o Chile, no ano de 2010, certamente o Chile



proporcionou uma imagem ao mundo que possivelmente seja a imagem mais forte de solidariedade que nós vimos nessas últimas décadas. Aqueles mineiros soterrados a quase 800 metros de profundidade, esperando aquela quantidade de dias que esperaram, e a dedicação tua, pessoalmente, do teu governo, para resgatar aqueles mineiros, eu acho que foi uma imagem que será inesquecível por muito e muito tempo. Acho que da minha cabeça nunca vai sair, porque foi a imagem de solidariedade não de um povo, não de um presidente, mas de um ser humano que, sobretudo, só pode fazer aquilo quem tem o coração maior do que a cabeça. Então, parabéns pelo resgate dos mineiros chilenos e, inclusive, de um boliviano que estava lá, subvertendo a ordem naquela mina, e que saiu ileso. Parabéns pelo trabalho que você fez lá, Piñera.

Bem, eu queria convidar para fazer uso da palavra o nosso companheiro Angelino Garzón, vice-presidente da Colômbia.

Vice-presidente Angelino Garzón: _____

Presidente Lula: Obrigado, companheiro Angelino Garzón. Eu queria agora começar a convidar os convidados especiais. Queria dizer para vocês uma coisa, da nossa fragilidade. Nós temos alguns países da América do Sul que são muito interessantes. Companheiro Mujica, o rum que você bebe, produzido na Guiana, ou na Venezuela ou em outros países que nós não conhecemos, é extraordinário. Eu até acho que o Jagdeo, quando viesse às reuniões, deveria ser menos avarento e trazer uma garrafa de rum para dar de presente para cada presidente fazer propaganda do rum produzido na Guiana.

Quero dizer que eu ganhei uma caixa de extraordinária qualidade. Mas a Venezuela também produz um rum de qualidade, e que nós não conhecemos no Brasil – acho que no Uruguai. Não sei se os americanos compram todos, mas a nós não é vendido. E mais ainda: na Venezuela e em outros países,



tem um cacau diferenciado, que produz um chocolate amargo como aquele chocolate que a gente compra na Suíça. E a gente não encontra aquilo em nenhum supermercado brasileiro. Não sei se os americanos compram tudo, ou os venezuelanos comem tudo. Eu sei, eu sei...

Eu estou mostrando duas coisas para mostrar o quanto nós ainda somos frágeis na divulgação de produtos que nós produzimos e que poderiam ser comercializados entre nós, e que não são comercializados.

Então, companheiro, Jagdeo, eu lhe passo a palavra e lhe faço a proposta de, na próxima reunião, trazer uma *botella* de rum para cada companheiro.

Presidente Jagdeo: _____

Presidente Lula: Obrigado, presidente Jagdeo. Eu quero convidar para fazer uso da palavra o presidente do Suriname, o companheiro Bouterse.

Presidente Bouterse: _____

Presidente Lula: Obrigado, presidente Bouterse. Eu queria, agora, chamar o Estado em processo de adesão, a companheira vice-ministra das Relações Exteriores da Venezuela, Maria Jacqueline Mendoza. Ela, certamente, vai falar, o companheiro Chávez não está nesta reunião, e nem o companheiro Santos, por conta das enchentes que estão causando problemas enormes na Venezuela e na Colômbia. Com a palavra nossa companheira Vice-Ministra das Relações Exteriores.

Vice-Ministra Maria Jacqueline Mendoza: _____



Presidente Lula: Obrigado, Vice-ministra. Eu queria agora, passar a palavra ao ministro do Comércio Exterior e Turismo do Peru, Eduardo Ferreiros.

Ministro Eduardo Ferreiros: _____

Presidente Lula: Eu quero agradecer as palavras do ministro de Turismo do Peru, e convidar o Subsecretário da América Latina e Caribe do Equador, José María Borja.

Subsecretário José María Borja: _____

Presidente Lula: Eu quero agradecer o companheiro José María Borja, e quero convidar para fazer uso da palavra o presidente do Parlamento do Mercosul e queria passar a palavra ao doutor Rosinha, representante do Parlamento do Mercosul.

Doutor Rosinha: _____

Presidente Lula: Obrigado, doutor Rosinha, eu queria passar a palavra agora ao nosso querido governador do estado do Paraná, o companheiro Orlando Pessuti.

Governador Orlando Pessuti: _____

Presidente Lula: Obrigado, companheiro Pessuti. Eu queria, agora, passar a palavra ao representante do Parlamento Juvenil do Mercosul, Ygor Fernando Costa Ravazzi.

Representante do Parlamento Juvenil do Mercosul, Ygor Ravazzi:



Presidente Lula: Obrigado, companheiro Ygor. Agora, eu vou só dizer para vocês que nós temos poucas coisas para fazer aqui. Primeiro, nós temos que aprovar o Comunicado Conjunto dos Presidentes dos Estados-Partes e dos Estados Associados do Mercosul e, junto, nós temos que aprovar as seguintes declarações: Declaração dos Estados-Partes sobre o Plano Estratégico de Ação Social, Declaração Especial dos Presidentes dos Estados-Partes e Associados sobre Malvinas, Declaração Especial dos Presidentes dos Estados-Partes e Associados sobre Migrações, Declaração Especial dos Estados-Partes do Mercosul e Estados Associados sobre a Comemoração do Desaparecimento Físico do Libertador Simón Bolívar.

Bem, nossos chanceleres já trabalharam, nossos ministros já trabalharam, nossos assessores já trabalharam. Eu queria submeter a todos os companheiros a aprovação dos comunicados e a aprovação das declarações. Bem, eu queria, agora, passar a Presidência *pro tempore* do Mercosul para o companheiro Lugo. Venha... ô Lugo, venha aqui! Lugo, sente aqui. Sente aqui, não tem problema nenhum, eu tiro a minha bandeira. Agora você *habla* tuas palavras (incompreensível).

Presidente Lugo: _____

Presidente Lula: *Invita* os presidentes e vice-presidentes para *sacar una* foto.

Presidente Lugo: _____



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Discurso do Presidente da República



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante ato de lançamento da pedra fundamental da nova sede da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES)

Rio de Janeiro-RJ, 20 de dezembro de 2010

Olhem... É que, como já terminou a campanha, abriram mão de falar o companheiro prefeito, o companheiro Dulci, o companheiro Fernando Haddad e o companheiro Sérgio Cabral. Quatro oradores abriram mão de falar. Imagina se a gente estivesse no palanque, se alguém abriria mão de falar. Mas é porque nós temos um compromisso e já estamos atrasados, e temos dois compromissos hoje ainda, e eu também vou ser muito breve.

Eu, primeiro, queria cumprimentar o companheiro Sérgio Cabral, o governador do Rio de Janeiro, governador que tem permitido a gente construir uma parceria que só o Rio de Janeiro e o Brasil ganham com ela.

Queria cumprimentar o nosso querido, sempre jovem, Oscar Niemeyer. E é motivo de orgulho, é motivo de orgulho que o Oscar Niemeyer tenha tido a disposição de sair de casa para vir a este ato de hoje. É uma coisa que pode deixar com inveja muita gente nova que, muitas vezes, não vai a uma assembleia, não vai a uma passeata porque está cansado, porque não sei das quantas, e o Oscar Niemeyer não tem cansaço, ele tem motivação. E a motivação de ver o projeto da UNE se construir é uma coisa extraordinária.

Quero cumprimentar os companheiros ministros que me acompanham: Fernando Haddad, da Educação; Orlando Silva, do Esporte; Marcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Alexandre Padilha, das Relações Institucionais; Eloi Ferreira de Araujo, da Igualdade Racial; Nilcéa Freire, de Política para as Mulheres e Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos.

Quero cumprimentar o companheiro vice-governador do Rio de Janeiro,



o companheiro Luiz Fernando Pezão,

Quero cumprimentar... O Toffoli não aqui. Cadê o Toffoli? Quero cumprimentar o companheiro ministro da Suprema Corte, José Antonio Dias Toffoli,

Quero cumprimentar os senadores, um já com quatro anos de mandato, Inácio Arruda; e outro recém-eleito, nem tomou posse ainda, mas já está com o dinheiro do auxílio-paletó, nosso companheiro Lindberg Faria. E vejam que engraçado: eu fui oito anos presidente da República e não tive um aumento. Ele nem tomou posse e já teve um aumento para R\$ 26 mil reais por mês. Só ele e o Tiririca têm sorte e eu tive um azar tremendo.

Quero cumprimentar os deputados federais, aqui, Benedita da Silva, Edmilson Valentim, Flávio Dino, Jandira Feghali, Luciana Santos, o companheiro Luiz Sérgio, Manuela D'Ávila e Nelson Pellegrino.

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Eduardo Paes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Augusto Chagas, presidente da UNE; e o companheiro Yann, presidente da UBES. O Evanovick, aqui, parece mais jogador do Real Madri do que presidente da UBES.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Miriam Belchior, subchefe de Articulação e de Monitoramento, e porque não dizer aqui, futura ministra do Planejamento da presidenta Dilma,

Quero cumprimentar o secretário-nacional da Juventude, o companheiro Beto Cury,

Quero cumprimentar o Aldo Arantes, ex-presidente da UNE, por intermédio de quem cumprimento todos os companheiros aqui, da terceira idade, que já fizeram parte da UNE alguma vez.

Quero cumprimentar o companheiro Hugo Carvana,

Quero cumprimentar os companheiros estudantes que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar os jornalistas,



Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras,

E vou ser, realmente, breve, breve, brevíssimo. Primeiro, eu acho que a UNE, Chagas, tem que tomar muito cuidado com a UBES, porque todo estudante da UBES é um potencial futuro diretor da UNE, e nem todos da UNE poderão retroceder e ser diretor da UBES. Então, é preciso dar mais que duas salas e mais que um pouco de cadeiras para a UBES se sentir confortável aqui, nesta nova sede.

A segunda coisa, a segunda coisa, eu estava ouvindo, aqui, a fala do companheiro Chagas e eu estava lembrando o seguinte: estávamos, Chagas, Yann, Fernando Haddad e eu lá em Garanhuns... não, em Caruaru, inaugurando uma universidade. Eis que, de repente, os estudantes são chamados para falar. E eis que os estudantes começam a falar e começam a dizer o seguinte: “Nós queríamos dizer que este governo atendeu toda a nossa pauta de reivindicação, portanto nós vamos ter que construir uma nova pauta para o novo período”.

E é engraçado porque eu quero fazer justiça aqui, porque o papel que a UNE e que a UBES tiveram, em oito anos de mandato, não foi um papel de complacência, subserviência, que a UNE deixou de ser o que era para apoiar o governo. É que, na verdade, nós tomamos uma atitude, enquanto governo, de começarmos a fazer uma pequena revolução na educação brasileira, que está longe de terminar, mas que já começou. E eu tenho certeza de que vocês dois, sobretudo vocês dois, que estão na direção ainda, viveram, a Lúcia também e o Peta também, viveram um momento histórico que nenhum outro presidente da UNE e da UBES viveu. Vocês acumularam uma quantidade de vitórias e uma quantidade de conquistas que, certamente, alguns companheiros acumularam uma quantidade de cassetetes da polícia, que vocês não levaram nenhuma. Pelo contrário, nenhuma decisão do nosso governo foi tomada sem que ante, a gente conversasse com vocês, sem que antes a gente conversasse



com os trabalhadores, sem que antes a gente ouvisse a CUT, a CGT, a Força Sindical, os Sem Terra, as Margaridas, os Sem Teto, ou seja, todas as categorias foram ouvidas e ajudaram a gente a determinar a nossa política porque foram 73 conferências nacionais que nós fizemos e a primeira dos estudantes envolveu mais de 400 mil alunos em todo o território nacional, quando começou pelos municípios e pelos estados.

A segunda coisa é que, quando nós criamos o ProUni, algumas pessoas diziam que o governo estava capitulando diante da iniciativa privada e que, portanto, a gente estava negociando, abrindo mão de impostos. Quando, na verdade, o que nós negociamos era o imposto, que a gente já não recebia, e transformamos esse imposto em nada mais, nada menos, do que 750 mil vagas de jovens que estudaram desde que foi implantado o ProUni no Brasil. E eu tive o privilégio, Chagas, tive o privilégio de poder, com o Fernando Haddad, no Hotel Alvorada, em Brasília, poder participar de um evento dos primeiros 400 meninos e meninas que vão se formar em Medicina pelo ProUni. Em Medicina, não é pouca coisa, porque estudar Sociologia ainda tem dinheiro para pagar, o pobre, se o pai for classe média baixa, trabalhar com o governo do Sérgio Cabral, ainda pode pagar. Mas estudar Medicina em uma escola privada, nem que o pai seja de classe média média e trabalhe perto do gabinete do Sérgio Cabral, não pode pagar 3.000, 3.500, R\$2.800 de mensalidade. Pois bem, nós pegamos jovens, meninos e meninas da periferia, de escola pública, 40% deles negros e nós conseguimos transformá-los em médicos neste país.

E a UNE ganhou uma coisa importante que essa, ô Chagas, vocês não podem perder essa conquista de vocês. Eu vou dizer aqui uma coisa, que era uma das críticas que eu tinha ao discurso da UNE, que é o seguinte: é um discurso muito cômodo. A gente ia para a porta de uma universidade pública e a gente ficava gritando: "Nós queremos ensino público e gratuito!" Lá já tem, agora, a gente não ia à porta de universidade privada fazer discurso porque se



a gente fosse à porta de uma universidade privada fazer discurso e dissesse: “Queremos universidade pública e gratuita!” E virasse as costas, os caras teriam que pagar mensalidade e como é que ficava? Agora, pela primeira vez na história do Brasil, preste atenção, a UNE conquistou, não foi dádiva do governo, a UNE conquistou o direito de fazer discurso na rede privada de educação neste país. E tem que levar em conta que não é pouca coisa e não é secundário, porque no estado mais desenvolvido da federação 82% dos estudantes universitários estudam em escola privada, que é São Paulo, portanto são milhões... hein? Noventa e dois. Já aumentou desde que eu comecei a falar, já aumentou.

De qualquer forma, é uma coisa importante que dá à UNE credibilidade de poder ir fazer um discurso e fazer o debate com muito mais firmeza do que a gente fazia antes. A segunda coisa foi o Reuni. Muita gente não queria o Reuni, a gente apenas queria aumentar de 12 para 18 alunos, em média, por sala de aula, e alguns disseram que a gente queria inchar a sala de aula, que era muito aluno. Ou seja, na verdade, era meia dúzia de pequenos burgueses que não queriam que mais estudantes entrassem dentro da universidade.

E, outra vez, nós temos que valorizar a UNE, porque a UNE teve a coragem de brigar. E, vejam, a gente estava tão certo que eu duvido, Lúcia, eu duvido, Peta, eu duvido, companheiro Orlando, eu duvido, ex-presidente da UNE, eu duvido que em algum momento da história deste país um presidente, um ministro da Educação e vocês, que entraram comigo em mais de 40 universidades, com 5, 6, 7, 8 mil estudantes, nós nunca tivemos um incidente, pelo contrário, muitas vezes, quem tomava uma pequena vaia era o Magnífico Reitor, era o prefeito local, mas nós sempre tivemos o reconhecimento da unanimidade dos alunos deste país. E isso a gente deve também ao caráter e à combatividade de vocês nessa coisa positiva.

E hoje, depois do Reuni, nós já conseguimos uma vitória extraordinária que vocês podem debitar nas contas da UNE. Nós saímos de uma renovação,



Sérgio Cabral, de 113 mil alunos por ano, que era a renovação, para chegar a 229 mil alunos, que foi a renovação feita no ano passado. Esse é um dado extraordinário.

Uma outra coisa fantástica é que também, com a ajuda de vocês, este cara aqui, que só tem o quarto ano primário, já pode registrar, até o dia de hoje, como o presidente que mais fez universidades na história deste país. Só... Em universidade, só chegou perto de mim o Juscelino Kubitschek, que fez dez; e, em escola técnica, nós fizemos 214, quem chegou mais perto de mim foi o Itamar Franco, que fez 27 escolas técnicas no mandato dele. Outros acharam que não precisava de escolas técnicas. E isso também a gente tem que debitar do trabalho que vocês fizeram, de apoio às políticas do governo.

Por fim, companheiros companheiros e companheiras, como eu disse que ia ser curto, eu vou dizer o seguinte: olha, eu acho que a conquista de um espaço... Eu vi aqui vocês citarem uma quantidade enorme de companheiros que morreram, de companheiros que tombaram. Eu acho que esses companheiros, na verdade, quando a gente vai para uma luta e que a gente tomba, que a gente perde, que a gente... a gente não pode achar que aquilo foi uma derrota. Porque é na marca registrada daqueles que foram vítimas que a gente tem que ganhar força, vigor e ousadia para continuar a luta de vocês.

Pois bem, eu, como você, ô Chagas, quero agradecer ao Congresso Nacional, porque não foi uma coisa fácil a gente construir o projeto para, primeiro, valorizar... avaliar quanto custava esse prédio aqui. Chegamos a uma coisa de 32 milhões, depois avaliou-se, chegou a 44 milhões, nós já depositamos 30 milhões na conta da UNE, já está depositado. Ela nunca esteve tão rica como está agora, com 30 milhões. E tem mais 14 milhões, para completar os 44, que ou nós fazemos em uma medida provisória agora, no final do ano, que eu tenho que fazer, ou a companheira Dilma Rousseff fará no começo do seu mandato. Eu vou conversar com ela, se ela quiser ter o prazer de fazer, eu não vou tirar esse prazer da minha companheira, que também foi



estudante militante há um tempo atrás, há pouco tempo atrás.

_____ : E da UBES.

Presidente: E da UBES. Então, veja, então eu acho que o que vocês estão conquistando, na verdade, é muito mais do que um espaço para fazer uma sede. Eu acho que a conquista aqui é um espaço para a consolidação do processo democrático brasileiro, para o debate político, para a formação da nossa juventude e para discutir as coisas que o movimento estudantil tem que discutir.

Eu fico olhando, na Segunda Guerra Mundial, a Rússia perdeu 20 milhões de jovens. E um país que perde 20 milhões de jovens perde praticamente uma geração. Aqui, no Brasil, o golpe de [19]64 tirou, na verdade, algumas gerações de participação na política. E a gente está reconstruindo esse processo de trazer a juventude para o processo político, isso é de uma riqueza extraordinária. Mas presta atenção em uma coisa, que aqui é um conselho de um velhinho da terceira idade, que é o seguinte: eu estava vendo a pauta de reivindicação de vocês, aí, para março. Obviamente, porque eu não posso ir a nenhum ato que vá confrontar o meu governador, a minha presidenta, vocês precisam tomar cuidado porque eu tenho que ser neutro aí.

É o seguinte... É o seguinte, olhem, não façam nunca uma pauta de reivindicação que seja impossível de conquistar. Eu vou... Eu vou dizer uma coisa para vocês: uma pauta que seja difícil de conquistar, ela pode ser muito boa para o discurso eminentemente ideológico, mas é um discurso para poucos ouvidos ouvirem. Se vocês quiserem continuar crescendo, façam sempre uma pauta de reivindicação que vocês acreditem que em um determinado tempo vocês possam conquistar porque é isso que vai trazendo, para dentro da UNE, aqueles alunos que ainda acham que a UNE não representa eles, que a UNE cobra carteirinha, que a UNE faz isso. É preciso



que a gente ganhe a maioria e eu acho que a UNE, hoje, tem credibilidade para isso. Não que vocês não devam reivindicar o que vocês quiserem. Quando vocês sentarem com um ministro, vocês precisam levar o seguinte: ou eu levo uma coisa que eu saia de lá com uma vitória ou eu levo uma coisa que eu saia de lá apenas com um discurso. Se for para sair apenas com um discurso, pode ficar certo de que o tempo é mais curto, se for para sair com vitória, o tempo é muito mais prolongado, porque uma vitória atrás da outra vai permitir o reconhecimento total da União Nacional dos Estudantes e da União Brasileira dos Secundaristas.

No mais, gente, eu sou obrigado a agradecer a vocês pelo carinho. Eu nunca pensei que eu fosse tão bem tratado pela UNE e pela UBES, nunca pensei. E quero, ô Chagas, aproveitar que é o meu último pronunciamento aos estudantes brasileiros enquanto Presidente da República, quero, aqui na frente de todos os companheiros, dizer que foi uma alegria imensa trabalhar com você, trabalhar com o Yann, trabalhar com a Lúcia, trabalhar com o Peta, trabalhar com o Orlando, trabalhar... Fazer a campanha do *impeachment* com o Lindberg. Ou seja, foi uma coisa muito bonita e eu vou carregar de vocês uma lembrança extraordinária até o último dia da minha vida.

Muito obrigado, vocês são parte do sucesso do nosso governo. Obrigado e parabéns à União Nacional dos Estudantes.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de apresentação dos novos oficiais-generais

Clube Naval – Brasília-DF, 20 de dezembro de 2010

Meu caro amigo e companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,
Meu caro amigo ministro Jorge Armando Félix, chefe do Gabinete de Segurança Institucional,
Meu caro companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro de Assuntos Estratégicos,
Meu amigo almirante Julio de Moura Neto, comandante da Marinha,
Meu caro amigo general Enzo Peri, comandante do Exército,
E meu amigo brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,
Meu caro amigo general José Carlos de Nardi, chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas,
Senhores oficiais-generais,
Amigos e amigas presentes neste ato,

Nesta última vez em que participo do almoço de fim de ano com oficiais-generais, como presidente da República, quero reafirmar a minha profunda admiração pelo trabalho ao qual os senhores dedicam seu profissionalismo, talento e inteligência.

Nossas Forças Armadas, afinal, vêm cumprindo um papel fundamental para o desenvolvimento do Brasil, para a manutenção da soberania nacional, para a defesa de nosso território e, sobretudo, para a afirmação de que somos uma nação voltada para a democracia e a paz.

Na condição de comandante supremo das Forças Armadas e em nome de todos os brasileiros, quero desde já agradecer o brilhante trabalho desenvolvido pela Marinha do Brasil, Exército Brasileiro e Força Aérea



Brasileira. Trabalho pautado pelo patriotismo e pela abnegação, que tive a honra de testemunhar nestes últimos oito anos.

Desde 2003, tenho me empenhado pessoalmente em fortalecer, reequipar e valorizar nossas Forças Armadas e o trabalho de nossos soldados. Hoje, ao fim do nosso governo, posso dizer com orgulho: conseguimos avançar significativamente nesse sentido.

É certo que enfrentamos, todos nós, dificuldades para conseguir dar passos ainda maiores nos programas de rearticulação e de reaparelhamento. Também é certo que ainda há muito por fazer. Mas as conquistas de nossas Armas durante esse período são inegáveis.

Em primeiro lugar, é importante destacar a Estratégia Nacional de Defesa, que simboliza a seriedade de nossos compromissos com as Forças Armadas brasileiras. Trata-se de uma iniciativa que possibilitou a toda a sociedade brasileira participar do debate dos temas da defesa, e que está viabilizando a reestruturação do Ministério da Defesa e a rearticulação e o reequipamento das três Forças Armadas.

Nesse sentido, ainda hoje terei a grande satisfação de presenciar na Base Aérea de Brasília, logo após este almoço, a entrega de três helicópteros EC-725 da família *Super Cougar* destinados à Marinha, Exército e Aeronáutica.

Esse reequipamento também se faz presente em nossa Marinha, cujo programa nuclear me enche de orgulho. Acompanhei, ao longo deste ano, a formalização dos contratos para a construção de um estaleiro e uma base de submarinos em Itaguaí, um submarino com propulsão nuclear e quatro submarinos convencionais.

Realizamos, durante os últimos anos, uma extensa série de estudos e avaliações para a compra de novos aviões caças para a Força Aérea Brasileira. Com isso adiantamos, em muito, o processo necessário para o reequipamento da nossa Aeronáutica.

Senhores Oficiais-Generais,



Não poderia deixar de registrar, nesta ocasião, algumas das muitas iniciativas humanitárias desenvolvidas por nossas Forças Armadas: as operações “Pipa” desenvolvidas pelo Exército nas regiões atingidas pela seca do Nordeste, anualmente; as operações de combate à dengue em vários estados da Federação; o apoio aos governos estaduais de Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia na área da saúde, colocando à disposição soldados, médicos, hospitais e medicamentos; a participação no programa “Forças no Esporte”, que atendeu a cerca de 10 mil crianças e adolescentes, oferecendo reforço escolar, cidadania e inclusão social pelo esporte, em 24 estados; o apoio humanitário, logístico e de pessoal à defesa civil de diversos estados que enfrentaram enchentes ou secas no Sul, Norte, Centro-Oeste e Nordeste do país; a ajuda humanitária prestada durante as buscas ao avião da Air France acidentado próximo a Fernando de Noronha, episódio no qual, mais uma vez, se destacaram a seriedade, a dedicação e a competência dos militares da Marinha e da Aeronáutica; a ajuda permanente levada pelos aviões do Correio Aéreo Nacional na região amazônica, transportando saúde, solidariedade e cidadania a ajuda humanitária prestada pelos navios-hospitais da Marinha, conhecidos como “navios da esperança”, ao longo das calhas dos rios da Amazônia; o apoio incondicional prestado pelos Batalhões de Engenharia do Exército às obras do Programa Calha Norte e, especialmente, do PAC em todo o Brasil, tais como rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, canais, pontes, viadutos, com destaque para a integração da bacia do São Francisco; o apoio logístico e de segurança às provas do Enem realizadas no mês de novembro em todo o país, que contou com a participação das três Forças; o apoio prestado ao TSE por ocasião das eleições, também envolvendo as nossas Forças Armadas, garantindo maior eficiência do processo eleitoral, principalmente no Norte e no Nordeste; e, finalmente, o emprego da Marinha e do Exército, a pedido do governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, para assegurar a preservação da ordem pública e, especialmente, a



segurança dos moradores do Morro do Cruzeiro e do Complexo do Alemão.

Senhores oficiais-generais,

A extensa lista de realizações da Marinha, do Exército e da Aeronáutica demonstra e reforça o papel imprescindível das Forças Armadas em nosso país.

Somos, afinal, uma nação que consolidou a democracia e reencontrou e fortaleceu sua autoestima. Crescemos ao mesmo tempo em que reduzimos as desigualdades entre nossas regiões e nossa gente.

O processo de transformação econômica e social do nosso país chama a atenção do mundo. E nos inserimos, de maneira ativa e soberana, nos principais foros globais.

A verdade é que o Brasil tem levado ao mundo uma mensagem de desenvolvimento, fraternidade e de redução das diferenças entre as nações, especialmente as mais pobres.

O impecável trabalho de nossas Forças Armadas no Haiti simboliza muito bem essa vocação brasileira. Nossos soldados ajudaram a pacificar aquele país e a trazer segurança para aquela gente tão sofrida. Eles trabalharam – e continuam trabalhando arduamente – pela estabilização do país, destruído após anos de guerras civis, e foram fundamentais para o alívio de centenas de milhares de famílias vitimadas pelo terremoto.

Quero lembrar, com tristeza, que dezoito militares brasileiros tombaram naquela catástrofe natural. E o exemplo de solidariedade dado por esses verdadeiros heróis hoje inspira as nossas ações no Haiti, que incluem a reconstrução de estradas, escolas, hospitais e até mesmo projetos de usinas hidrelétricas, entre outras iniciativas.

A verdade é que, cumprindo com zelo suas missões constitucionais, nossas Forças Armadas também têm feito muito pelo desenvolvimento social e econômico do Brasil e dos povos irmãos.

Quero, portanto, desejar a todos um ótimo Natal e um feliz Ano Novo.



Tenho a certeza de que os senhores oficiais-generais e todos os integrantes de nossas Forças Armadas continuarão sendo motivo de orgulho para o Brasil e para todos os cidadãos brasileiros.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria dizer mais duas coisas que eu considero extremamente importantes, neste dia em que falta pouco tempo para eu deixar a Presidência da República.

Certamente, vocês irão encontrar um Brasil muito diferente daquele que os oficiais da época encontraram, quando eu tomei posse. Vocês irão encontrar um país onde a autoestima da sociedade é do tamanho do território nacional. Eu não conheço outro momento da história do Brasil em que o povo tivesse uma autoestima, como nosso povo está hoje. Vocês irão encontrar um país que tem mais classe média do que tinha quando nós chegamos ao governo. Vocês vão encontrar um país onde todos os salários cresceram acima da inflação, nesses oito anos. Vocês vão encontrar um país onde a Previdência Social teve um aumento real de 67% e não quebramos a Previdência, como se dizia que não poderíamos dar aumento para o salário-mínimo porque quebrava a Previdência. Vocês irão encontrar um país onde parte das maiores obras de infraestrutura feitas no mundo, hoje, estão sendo feitas no Brasil.

Se vocês pesquisarem hoje, vocês vão perceber que, de todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, as três maiores estão sendo construídas no Brasil, neste momento: Santo Antônio, Jirau e Belo Monte que, se Deus quiser, começa em março. Se vocês forem pesquisar, vocês perceberão que não tem nenhum país fazendo a quantidade de investimentos simultâneos que nós estamos fazendo, na construção de ferrovias. Nós estamos construindo, simultaneamente, quase 6 mil quilômetros de ferrovias: a Transnordestina, a Ferrovia Norte-Oeste [Oeste-Leste], terminando a Norte-Sul e fazendo com que, na próxima semana, assinemos o



contrato para levar a Norte-Sul de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, ligando definitivamente o Porto de Itaquí ao Porto de Santos.

Não existe nenhum país no mundo fazendo as refinarias que nós estamos fazendo hoje. A refinaria do Maranhão, com 600 mil barris/dia; a refinaria de Fortaleza, com 300 mil barris/dia; a refinaria de Pernambuco, com 280 mil barris/dia; e o polo petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj, que é um dos polos petroquímicos mais importantes, que vai custar US\$ 19 bilhões para ser construído.

Não existe nenhum país no mundo, e aí eu posso dizer, nem a China, fazendo o investimento em petróleo que nós estamos fazendo, seja na prospecção do pré-sal, seja na construção de sondas, seja na construção de plataformas que, quando nós chegamos no governo, diziam que o Brasil não tinha competência para construir, que nós tínhamos que importar da Coreia ou de Cingapura. E nós estamos produzindo, no Brasil, com quase 75[%] de componentes nacionais, recuperando definitivamente a indústria naval brasileira, e com investimentos da Petrobras, previstos, de US\$ 224 bilhões de dólares até 2014.

Bem, além disso, não preciso dizer para vocês que nós vamos ter as Olimpíadas das Forças... as Olimpíadas Militares em 2011, que será uma das maiores já feitas no mundo. Depois, vamos ter a Copa das Confederações, em 2013, depois a Copa do Mundo, em 2014, depois as Olimpíadas, em 2016.

Se não bastasse tudo isso, vocês vão pegar um país em que nós construímos, em oito anos, 14 universidades novas, 126 extensões universitárias, 214 escolas técnicas e 750 mil bolsistas no Prouni, que é o maior programa de inclusão das pessoas pobres em universidades brasileiras.

Além disso, vocês vão poder conviver com uma coisa, que dom Pedro tentou fazer em 1847. De dom Pedro para cá, todos os presidentes tentaram fazer. Ninguém conseguiu, ou porque não tinham força política ou porque não queriam fazer de verdade. O dado concreto é que em 2012 os senhores, todos



ainda continuarão gerais-oficiais e, certamente, irão participar da inauguração da transposição das águas do rio São Francisco, um canal de mais de 670 quilômetros que vai levar água para o maior semiárido habitado do planeta Terra. Ou seja, o nosso semiárido tem por volta de 25 milhões de pessoas e é a região mais seca do país. E essas águas, pegando o rio São Francisco, vão passar em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, levando água para o ser humano e para o animal, para 12 milhões de brasileiros que viviam deserdados até agora.

O Brasil que vocês vão pegar, a partir de 2011, é um país muito mais respeitado. Conversamos com a Bolívia, quando alguns queriam que nós endurecêssemos com a Bolívia. Conversamos com a Argentina e estabelecemos, possivelmente, a mais importante e o melhor momento de cordialidade e diplomacia já vivido entre o Brasil e a Argentina. Já não acreditam mais na ameaça de que Itaipu é para inundar Buenos Aires, e nós não acreditamos que eles queiram fazer bomba atômica para invadir o Brasil. O que nós estamos fazendo é um fluxo de comércio bilateral, que chegou neste ano a US\$ 35 bilhões, e quando nós pegamos o governo era de apenas US\$ 7 bilhões.

Vocês pegarão um Brasil em que nós não precisamos mais brigar com o Paraguai, apenas fizemos aquilo que deveríamos ter feito muito tempo atrás, garantindo ao Paraguai o direito à energia de Itaipu. E o Brasil tem que financiar a linha de transmissão, porque eles não têm dinheiro para fazer. É o Brasil, como maior economia do continente, que precisa ser generoso e fazer as coisas que precisam ser feitas.

Criamos um país em que vocês, que viajam o mundo inteiro, sabem... e o ministro Jobim deve ser testemunha e o Samuel Pinheiro, como embaixador, que não há momento, na história do Brasil, em que o Brasil tenha sido respeitado no mundo, como nós somos. Não é respeitado apenas na Namíbia, porque a nossa Marinha forma os generais da Namíbia. Não. Não é respeitado



no Uruguai, porque é um país menor do que o Brasil. Nós somos respeitados porque o Brasil ousou fazer aquilo que nunca deveria ter abdicado de fazer: se comportar como um país de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, como um país de 190 milhões de habitantes, e que não tinha que pedir licença para fazer as coisas.

Quando nós defendemos a reforma no Conselho de Segurança da ONU, não é porque o Brasil quer apenas participar – porque nós temos direito, pelo tamanho do Brasil, de participar – é porque nós achamos que a China, que a Índia, ou melhor, que a China, que os Estados Unidos, que a Inglaterra, que a França, que hoje representam... e a Rússia, que representam o Conselho de Segurança da ONU como membros permanentes, não representam mais a geopolítica do século XXI, eles representam a geopolítica do fim da Segunda Guerra Mundial e, portanto, nós queremos mudança no Conselho da ONU, para que entre o Brasil, mas que entre a África, que entre a Índia, que entre a Alemanha, que entre o Japão, que aquilo não seja um “clube de amigos”, mas que seja uma instituição multilateral capaz de ter voz ativa para resolver o problema da crise no Oriente Médio.

Vocês acompanharam de perto o quanto nós, brasileiros, apanhamos de gente muito conservadora, que achava que o Brasil não deveria ter conversado com... Cadê minha água, aqui? Você levou, companheiro, minha água? Está aqui.

É muito engraçado, e vou terminar contando esse fato. Acho que o Brasil vive um momento excepcional, que vai exigir de nós humildade, que vai exigir de nós mais companheirismo. Eu vou contar um fato, Samuel Pinheiro, você que é embaixador precisa saber disso. Em junho de 2003, eu tinha cinco meses na Presidência da República - ainda deitava no Palácio da Alvorada e de vez em quando perguntava para a Marisa: Será que é verdade que nós estamos aqui? Será que é verdade que eu sou o presidente do Brasil? - quando eu sou convidado pelo presidente Chirac para ir a Evian.



Chego em Evian, estávamos esperando a chegada de todos os presidentes. Eu cheguei, cumprimentei o Tony Blair, cumprimentei o Chirac, cumprimentei o rei da Arábia Saudita, cumprimentei o Prodi, da Itália, cumprimentei todos os presidentes que estavam lá e fui me sentar à uma mesa com o Celso Amorim e com o secretário-geral Kofi Annan. Eis que, de repente, entra o presidente Bush. E quando entra o Bush, todo mundo se levanta para cumprimentar o Bush. Eu peguei na mão do Celso e falei: Celso, nós vamos ficar sentados. Nós vamos ficar sentados, porque ninguém se levantou quando a gente chegou, por que a gente tem que se levantar agora?. Ou seja, nós precisamos ser tratados em igualdade de condições. Bem, o Bush cumprimentou todo mundo, foi à minha mesa, cumprimentou e sentou junto conosco. Uma demonstração de que a subserviência não leva ninguém a lugar nenhum. Ou seja, um ser humano não gosta de um ser humano que é um “lambe-botas”. O ser humano gosta de um ser humano que se respeita e que quer ser tratado não melhor, quer ser tratado igual aos outros, apenas igual aos outros.

Ou seja, esse foi um momento extremamente importante, que resultou em um segundo momento: a nossa ida ao Irã. Eu estou convencido de que não haverá paz no Oriente Médio enquanto os Estados Unidos forem o tutor da paz. É preciso envolver outros agentes, outros países para poder negociar a questão da paz no Oriente Médio. Não é uma questão dos Estados Unidos, é uma questão que envolve saber quem, dentro da Autoridade Palestina, pode conversar; quem, dentro de Israel, pode conversar; se a Síria vai ser ouvida, se o Irã vai ser ouvido, se o Brasil vai ser ouvido, se a Rússia vai ser ouvida, ou seja, é preciso distensionar a mesa de negociação. Foi com base nisso que nós fomos ao Irã, e fomos ao Irã porque acreditávamos que era possível conduzir o Irã a aceitar a idéia, do Brasil, de que nós queríamos para ele o mesmo que nós queremos para nós: desenvolver a energia nuclear para fins pacíficos, e não para armas químicas.



Pois bem, antes de viajar - vocês sabem, a imprensa já publicou - nós recebemos uma carta do presidente Obama, em que colocava algumas condições. O presidente Ahmadinejad aceitou, exatamente, o termo que nós levamos e, por isso, assinou que estava disposto a se sentar à mesa com a Comissão de Genebra. Mesmo assim, os países do Conselho de Segurança resolveram punir o Irã. Por quê? A única explicação é que era preciso punir o Irã porque o Brasil e a Turquia tinham se metido em uma seara que não era de país considerado emergente. Era uma coisa, apenas, daqueles que estavam no Conselho de Segurança. E o que o Ahmadinejad assinou é, exatamente, aquilo que o presidente Obama colocou em uma carta para nós dez dias antes de a gente viajar para o Irã. Nessas condições, nós aceitamos. Foram obrigados a fazer as sanções ao Irã, apenas porque o Brasil era um intruso e estava entrando em um assunto e em uma seara que o Brasil, habitualmente, não entraria.

E aqui, no Brasil, não foram poucos os comentaristas, os articulistas e alguns embaixadores que fizeram críticas, alguns chegaram a dizer: “Mas o Brasil... o Brasil não tem que se meter nisso, está tão distante. Por que o Brasil se mete?” Pessoas... pessoas que, aceitando a teoria do Nelson Rodrigues, preferem ser tratadas de forma subalterna, preferem ser tratadas como se fossem pessoas inferiores. E o Brasil não tem que pedir licença para fazer o que ele acredita que tem que ser feito e para que ele possa ter uma influência maior no mundo. Nós fizemos isso com muitas viagens.

Os senhores sabem o que eu amarguei quando eu comprei um avião Airbus para o presidente da República, para não passar a vergonha que tinha o Brasil, de um presidente da oitava economia do mundo ficar viajando em um avião alugado; ou não ver [ou ver] o nosso avião ser chamado de “Sucatão” para cima e para baixo; ou não permitir que o nosso avião pousasse em alguns aeroportos; ou, muitas vezes, o Joseli só faltava me tirar do avião para colocar mecânico, de tanto mecânico que ele levava dentro daquele avião. Quando nós



compramos o avião, vocês sabem o que nós passamos. Chegaram a apelidar o avião de “aerolula”. Eu estou muito triste, porque falta dez dias para eu deixar a Presidência, pensei que o avião era meu, que eu poderia levá-lo comigo, iria tomar emprestado à Base Aérea lá de Itapeva, lá de Santos, não posso, vou deixar o avião, porque vai ser agora o “aerodilma”.

Quero dizer para vocês que deixo para vocês, na Presidência da República, uma mulher. Uma mulher competente, uma mulher leal, uma mulher que vai tratar vocês com o carinho e com o respeito que vocês jamais vão esquecer. Mas, ao mesmo tempo, uma mulher que tem dimensão da importância que o Brasil representa no mundo, hoje.

Eu tenho a convicção de que este país viverá dias extraordinários daqui para frente. Não pensem que eu não tenho ego, eu tenho. E fico muito feliz quando vejo a imprensa dizer que 38 milhões de brasileiros saíram da pobreza para a classe média, que 26 [milhões] saíram da extrema pobreza para a pobreza. E fico muito mais feliz ainda quando eu vejo alguns jornais, que publicavam só matéria negativa durante oito anos, serem obrigados a ser publicar, em manchete, que o Lula termina o mandato com 87% de bom e ótimo. Não passa de 100% porque também não tem, o Ibope ainda não inventou um pouco mais de 100%. E isso é resultado de uma coisa: é resultado de trabalho, de trabalho e trabalho. E vocês sabem que nós trabalhamos muito.

Eu sou muito agradecido a vocês pelo tratamento respeitoso, leal, que vocês tiveram com a Presidência da República, e pelos serviços que vocês prestaram a este país, no meu mandato. Sinceramente, foi preciso eu chegar à Presidência da República para reconhecer o potencial e a competência de vocês, coisa que eu e muitos de fora tínhamos uma visão totalmente equivocada.

Com isso, meus amigos, eu quero me despedir de vocês desejando a vocês e às suas famílias um feliz Natal, um bom Ano Novo, e que daqui a quatro, ou daqui a oito, ou daqui a 12 anos a gente possa comemorar um



pouco mais do crescimento do Brasil e da melhoria da vida do nosso país.

Um abraço e obrigado.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na transmissão simultânea da cerimônia de inauguração da duplicação da BR-101, trecho Santa Cruz-Mangaratiba

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido Eduardo Paes, prefeito da cidade do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Nosso querido companheiro Lindberg, senador eleito da República Federativa do Brasil pelo Rio de Janeiro,

Nossos queridos companheiros ministros que estão aqui: Luiz Paulo Barreto, da Justiça; Fernando Haddad, da Educação; Marcio Fortes, das Cidades; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Franklin Martins, da Comunicação Social; Eloi Ferreira de Araújo, da Igualdade Racial; nosso querido companheiro Paulo Sérgio, que está lá...

Bem, quero cumprimentar o nosso querido senador Regis Fichtner,

O senador... A Miriam Belchior, que está aqui, que vai ser a futura ministra do Planejamento da presidenta Dilma,

A nossa querida Maria Fernanda, presidenta da Caixa Econômica Federal,

O companheiro do DNIT, que está lá com o Paulo Sérgio, e o Hideraldo que está aqui. O Hideraldo é o cara que passou oito anos para me entregar o viaduto da perereca, lá no Rio Grande do Sul, em Osório. Uma perereca que atrapalhou a minha vida. Perereca não é um bicho que atrapalha, mas a perereca do viaduto de Osório atrapalhou a minha vida meses e meses e meses.



Bem, eu queria dizer, Sérgio, que, para mim, é motivo de alegria, primeiro, visitar o Alemão. Quero agradecer a você e ao Pezão por terem trabalhado para permitir que a gente pudesse fazer a primeira viagem no Teleférico do Complexo do Alemão, porque só vai poder ser utilizado pelo povo em março, porque isso vai passar por um processo de teste. Vão testar todas as possibilidades de qualquer acidente, quando estiver tudo testado e cem por cento garantido, aí o povo vai poder transitar normalmente. Então, o povo do Complexo do Alemão tem que ter paciência, que a demora é para o bem de vocês, a demora é por uma questão de segurança.

Foi importante que o Sérgio convidasse o nosso presidente do Comitê Olímpico para vir aqui, o companheiro Nuzman, para que ele possa levar a imagem disto aqui para os gringos que pensam que a gente não vai ter competência de fazer uma Olimpíada, para eles saberem que nós vamos fazer uma Olimpíada melhor do que a que eles fizeram, e muito melhor do que a que eles fizeram.

Eu canso de dizer, Nuzman, que se eles vacilarem e o clima continuar mudando, logo, logo a gente vai estar reivindicando Olimpíadas de Inverno aqui. Quem sabe seja em Garanhuns, lá em Pernambuco, que faz um tempinho um pouquinho meio frio, ou, quem sabe, em Campos do Jordão.

Mas, de qualquer forma...

_____ : Petrópolis.

Presidente: Petrópolis faz frio?

_____ : Petrópolis.

Presidente: Quantos graus?



_____ : (incompreensível).

Presidente: Garanhuns faz mais. Pelo menos nós temos intenção, não é, Regina? Nós temos intenção que Pernambuco faça mais.

De qualquer forma, vir aqui hoje no Complexo do Alemão é, sobretudo, o reconhecimento ao trabalho que este extraordinário companheiro, o Sérgio Cabral, fez aqui no Rio de Janeiro, está fazendo no Rio de Janeiro, e, sobretudo, a recuperação da autoestima do povo do Complexo do Alemão.

Eu tive a oportunidade de vir de carro, com o vidro aberto, com o companheiro Sérgio, cumprimentando as pessoas na rua. Eu acho que as pessoas estão com a autoestima tão elevada, que se você colocar aquele negócio de medir os batimentos cardíacos, você não consegue medir a grandeza da autoestima do povo do Rio de Janeiro e a grandeza da autoestima do povo do Complexo do Alemão.

Finalmente, depois de tantos desgovernos no Rio de Janeiro, a gente tem um governo que resolveu fazer o óbvio. Você não inventou nada, você fez o óbvio, você privilegiou tratar das pessoas de bem do Rio de Janeiro que trabalham, das mães, dos homens honestos que trabalham neste país, em detrimento da bandidagem e do narcotráfico, que muita gente fazia que não existiam. E você sabe que isso tem desgaste, isso tem dificuldade, mas você fez o óbvio: você privilegiou o povo carioca, de verdade. Eu senti isso na rua. Parabéns, Sérgio. Eu acho que este teleférico passa a disputar, com o Pão de Açúcar, o cartão postal do Rio de Janeiro, ou seja, o pobre sendo tratado com dignidade e com respeito.

A segunda [coisa], a inauguração dessa rodovia, da [BR] 101. Eu não sei se você sabe, quando eu fui a sua casa... O Sérgio, uma vez, me convidou para ir à casa dele, em Mangaratiba. Eu fui, fui com a companheira, com a minha companheira Marisa, só que não teve sol, pegamos chuva. O helicóptero



que ia nos buscar, não pôde nos buscar, então eu tive que vir de carro e eu vi como é que estava a rodovia.

Então, inaugurar essa rodovia, dar garantia ao povo do Rio de Janeiro [para] que possa transitar de forma mais tranquila e mais segura nessa região, garantir que o meu governador, no dia que não tiver helicóptero, vá de carro mais tranquilo para Mangaratiba, e permitir que a Regina Case vá para a praia descansar, no final de semana, sem engarrafamento, é tudo que um presidente pode fazer – atender aos interesses do seu povo –, e eu estou atendendo isso.

Portanto, Sérgio, parabéns! Acho que hoje é dia de festa para o Rio de Janeiro. Este Complexo do Alemão é uma coisa simbólica. Possivelmente, você que seja daqui não tenha a dimensão do significado disso para o povo do Rio de Janeiro. E eu tenho certeza que você vai ter, na companheira Miriam Belchior, futura ministra do Planejamento, e na companheira presidenta Dilma Rousseff, parcerias, para que você possa fazer, mais e melhor, outras coisas aqui no Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro precisa ser recuperado dos desgovernos que ele teve ao longo de décadas e décadas, em que ele era governado apenas para 30% da população, e o povo da periferia ia se amontoando, se amontoando, se amontoando. Nós estamos aqui... qual é esta estação aqui, Pezão?

Pezão: Baiana.

Presidente: Da Baiana. Nós estamos aqui, e a gente percebe que daqui a gente vê um bairro, mas é um bairro que foi cercado por favela. Portanto, um bairro que estava perdendo a sua liberdade, estava perdendo a sua tranquilidade porque o espaço da favela tinha ficado pequeno, já, para os bandidos.

Então, eu acho que o que você fez não tem dimensão. Você não tem... a gente não consegue medir. Eu, que assisti à ocupação do Morro do Alemão, de



Brasília, pela televisão, e assisti de São Bernardo também – que era um domingo que eu estava em casa –, Sérgio, você não tem dimensão... se eu tive emoção, se eu tive emoção, eu fico imaginando o que você sentiu quando você viu, pela primeira vez, o povo vendo a polícia entrar como amiga. O povo viu as Forças Armadas brasileiras servindo ao povo brasileiro, não para atacar o povo, bater no povo, mas para defender o povo dos verdadeiros bandidos deste país. Isso é uma coisa extraordinária.

Eu queria terminar dizendo para vocês... daqui a pouco a gente vai falar com a Rocinha. Daqui a pouco nós vamos falar com a Rocinha, mas eu preciso dizer uma coisa para vocês. Eu... Vocês sabem que eu prezo muito as pessoas que choram. Eu valorizo mais as pessoas que choram do que as pessoas que não choram. Eu acho que um ser humano que não consegue derramar uma lágrima em momentos da vida... como, por exemplo, na conquista das Olimpíadas. Quem não chorou, ali, é porque tem lágrima de crocodilo, porque não é possível que a pessoa não fique emocionada.

Eu vinha no teleférico com o companheiro Sérgio e eu vi este moço chorar. Eu vi este moço chorar porque, como governador do Rio de Janeiro, junto com o prefeito, junto com a equipe dele, ver esse sonho realizado, dar tranquilidade às pessoas aqui do Complexo do Alemão, que só aparecia nos jornais nas páginas policiais, só aparecia na televisão naqueles momentos policiais, agora vai aparecer em outros momentos. Vai aparecer... A Regina Casé vai mostrar você e eu aqui, e ela, vai mostrar o prefeito. A “Grobo” vai mostrar, as outras vão mostrar, os jornais, mesmo não gostando, vão ter que falar, nem que seja colocar uma foto que vocês tiraram aí. O dado concreto é o seguinte: o Complexo do Alemão já não é mais bicho-papão. O Complexo do Alemão é, na verdade, um cenário de estação para que o povo possa viver com mais satisfação.

Um abraço, companheiros! Parabéns ao povo do Complexo do Alemão. Parabéns ao povo das cidades que vão ser beneficiadas com a BR-101.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Discurso do Presidente da República

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Complexo do Alemão

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2010

Eu espero que esta chave da cidade me dê direito a vir ao Rio de Janeiro encontrar um apartamento num hotel, alugado, ou ser convidado para ir à casa da... Ah, aliás, aliás, eu vou lhe contar. No programa que eu gravei com a Regina Casé, eu já disse que você convidou para a gente ir à Gávea Pequena fazer uma roda de samba com o Zeca Pagodinho, com o Martinho da Vila, com todo mundo, Sérgio Cabral – o seu Sérgio Cabral pai – para que a gente passe um sábado curtindo um samba, uma cerveja e outros “que tais”.

Bem, eu vou ler aqui, eu vou ler aqui um depoimento lá da Rocinha. Nós estamos aqui no Complexo do Alemão e eu vou falar aqui da Rocinha. A casa que dona Antônia Márcia Pereira está deixando para trás, não tem janela para ver a luz do dia. Era preciso caminhar até a rua mais próxima, porque o sol não entra nos becos, de tão estreito que é o espaço entre uma parede e outra. Nem vento tem fôlego para levar um sopro de brisa até os moradores. Apesar disso, dona Antônia Márcia, cearense de Santa Quitéria, mora há mais de 30 anos na Rocinha, nessa casa sem janela, onde quarto, cozinha e banheiro são separados por cortinas, vivem ela, o marido e seus seis filhos.

Por isso não é de se estranhar que até o final da semana passada, ela ainda não conseguia acreditar que um sonho antigo seria realizado. Sonho que era sonhado, principalmente quando ela estava acordada e sentia na pele o abafamento e o excesso de umidade. Dona Antônia Márcia trabalha como ajudante de cozinha em festa de aniversário. Dependendo do tamanho da festa, ela recebe de R\$ 50 a R\$ 70. Antes de ganhar a casa nova, ela ia para o trabalho quase sem esperança num futuro melhor. Agora vai trabalhar com muito mais disposição e com a fé renovada.



Dona Antônia Márcia tem mesmo que comemorar. Além da casa nova, o marido, seu Francisco, está trabalhando com carteira assinada. Ele é auxiliar de pedreiro nas obras do PAC e leva, todo mês, para casa R\$ 900, que é o salário dele. E quem sai por aí falando que as pessoas não dão valor ao que ganham, no estado, deve ter uma conversinha com os beneficiados. Quem pensa isso está totalmente enganado. Todos que estão recebendo essas chaves hoje têm consciência de que estão recebendo um patrimônio, e que esse patrimônio representa a possibilidade de refazerem suas histórias de vida.

Tanto é assim que dona Antônia Márcia já avisou aos filhos mais novos – o César Michel, de 10 anos, e o Vanderlei, de 8 anos – que é preciso cuidar bem da casa, e que eles não podem riscar a parede, nem sujá-la com os pés. Ela tem também repassado à família o que vem aprendendo nos encontros de integração, promovidos com os novos moradores do complexo habitacional. Dona Antônia Márcia aprendeu, por exemplo, que para viver em comunidade deve colaborar com a limpeza e obedecer à lei do silêncio. Ela, agora, sabe que precisa respeitar o direito do vizinho para que o seu vizinho seja respeitado, de modo... Não. Ela tem que respeitar o direito do vizinho para que o seu direito seja respeitado, de modo que todos possam viver com muita tranquilidade.

Aliás, essa tranquilidade terá Edilma Alves Siqueira, assim que fizer sua mudança para o mesmo conjunto habitacional. Dona Edilma mora com o marido e seus dois filhos na Rua 2, no alto do Morro. O acesso à casa em que vivem se dá por um emaranhado de escadas e becos apertados. Se para quem tem saúde boa, mas não está acostumado a fazer exercício, o caminho é difícil, o trajeto se torna impossível para o caçula de dona Edilma, o Lucas, de 12 anos. Lucas não pode andar e, como na casa não há espaço para cadeira de rodas, o menino passa o dia inteiro no sofá. Com isso, engordou bastante e o sobrepeso impede que os pais o levem para a rua. A última vez em que o menino saiu de casa foi há três anos. Ele não vai mais para a escola e deixou



de fazer fisioterapia.

Por isso é que dona Edilma não conteve a emoção quando soube que ganharia uma casa nova. Como toda mãe, ela quer o melhor para os filhos e se afligia com a situação de Lucas. Agora o menino poderá levar uma vida melhor e a família de dona Edilma terá privacidade em casa, porque onde moram, quando Lucas necessita usar o banheiro, todos têm que sair da casa. E também quando a filha mais velha, a Jéssica, de 17 anos, quer trocar de roupa, o padraço precisa esperar na rua.

Mas as famílias de dona Antônia Márcia e de dona Edilma, e também as outras que receberam a chave das casas novas, não são as únicas beneficiadas com o PAC. A Rocinha já tem uma Unidade de Pronto Atendimento, a Rocinha tem um complexo esportivo e algumas de suas ruas estão sendo alargadas. A Rua 4, por exemplo, tinha nome de rua, mas, na verdade, era um beco.

Quando... Nós estivemos lá, não é, Sérgio? Quando estive aqui, em 2008, no início das obras de urbanização, contei a vocês, da Rocinha, a história da agente de saúde, Ritinha. A mãe dela morreu de tuberculose e a própria Ritinha teve duas vezes a doença. Felizmente, ela conseguiu se curar e, desde então, se dedica à prevenção e ao tratamento de outras pessoas. Dois anos depois, a mesma Ritinha está numa alegria só. Ela disse que todas as obras de melhoria realizadas aqui mostraram que é possível tratar a Rocinha com mais dignidade, a mesma dignidade que todo brasileiro merece.

Companheiros e companheiras,

Eu acho “do cacique”. Eu acho essas histórias... Você imagina, uma família que mora num quarto em que, quando o menino vai ao banheiro, a família tem que sair toda para a rua, quando a filha quer se trocar, o pai tem que ir para a rua para esperar, a pessoa ganha uma casa, um apartamento daqueles que eu vi, é realmente para a gente se emocionar, é realmente para a gente chorar e, sobretudo, Sérgio, é para a gente dizer em alto e bom som: não



existe nada impossível na face da Terra quando a gente quer fazer. Não existe nada impossível. Se você pegar a década de 60, a década de 70, a década de 80 e a década de 90, foram as décadas em que os governantes do Rio de Janeiro foram vendo o Rio empobrecer, foram vendo os pobres ocupando espaços inadequados, porque, antigamente, era bonito uma favela, porque foi aqui que foi cantada “Barracão de Zinco”, Noel Rosa fazia poema da favela, muitos escritores... Até que a favela ficou tão, mas tão lotada de gente, que aquilo que era poético passou a ser dramático porque as pessoas passaram a utilizar aquele aperto, aquele monte de gente, para contrabandear cocaína, maconha, armas e tornar as pessoas que têm que se levantar, de manhã, para trabalhar suas escravas, seus dependentes, e as pessoas não tinham tranquilidade.

O que vocês estão fazendo aqui, meus companheiros, é mais do que urbanização de favela, é mais do que teleférico, é mais do que entregar apartamento. O que vocês estão fazendo aqui é uma coisa sagrada: vocês estão dando liberdade e autoestima ao povo do Rio de Janeiro, ao povo da Rocinha, ao povo do Complexo do Alemão.

Eu quero terminar dizendo aos companheiros da Rocinha que eu não pude ir aí hoje, mas podem ficar certos de que, a partir de março que vem, eu não vou precisar mais de segurança e vou poder ir à Rocinha com vocês como eu ia em [19]89, transitar com vocês. Vocês vão me dar um copinho de cerveja aí, porque... quem não beber fica olhando, e quem beber toma comigo. A gente vai brindar à saúde do nosso governador, a gente vai brindar à saúde do nosso prefeito, a gente vai brindar, na verdade, é à alegria do povo do Rio de Janeiro.

Esta cidade tem que voltar a merecer o nome de Cidade Maravilhosa. Esta cidade não pode ser aquela imagem fantástica que a gente vê quando a gente está no avião e, quando a gente desce, aquela desgraça de empobrecimento a que foi levado o Rio de Janeiro. Acho que vocês dois, vocês dois, quando terminarem o mandato de vocês, vocês escreverão uma página



antes e depois de vocês.

Agora, prestem atenção em uma coisa. Eu tenho certeza de que a companheira Dilma Rousseff, presidenta que tomará posse no dia 1º de janeiro, vai tratar vocês e o Brasil com o mesmo carinho que eu trato porque ela, como ministra-chefe da Casa Civil, participou de tudo isso. Tenho certeza que a companheira Miriam Belchior, que vai continuar cuidando do PAC... e quando eu vi o Pezão colocar a mão no pescoço dela ali já fiquei assustado, porque já vi que o dinheiro vem todo para o Rio de Janeiro. A Miriam Belchior vai cuidar, com muito carinho, do Rio de Janeiro também, na área do PAC.

Mas eu queria dizer, Sérgio, para você uma coisa sagrada. Não permitam, pelo amor de Deus, que haja um retrocesso. Aqui veio a polícia, veio UPP, veio teleférico. Agora tem que vir escola, tem que vir creche, tem que vir cultura, tem que vir emprego, tem que vir escola profissional. Este povo só vai, efetivamente, recusar definitivamente a convivência com bandido quando ele perceber que tem um prefeito olhando por eles, um governador olhando por eles e uma presidenta olhando por eles. Quando eles perceberem, como estão percebendo nesse instante, que o poder público não é algo distante, que o poder público é, efetivamente, a participação deles, eu acho que nós iremos pacificar o Complexo do Alemão, todas as favelas do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Espírito Santo, e o Brasil será, efetivamente, um outro país.

Por isso, companheiros da Rocinha – eu não vou ver mais vocês –, companheiros que estão lá na BR-101, companheiros do Complexo do Alemão e companheiros do Rio de Janeiro: feliz Natal, feliz Ano Novo. Eu espero que a gente possa ter um futuro extraordinário para o Brasil.

Posso te garantir, companheiro Nuzman, que eu quero estar vivo para ver a gente fazer a Copa do Mundo mais extraordinária, e o Brasil, em vez de chorar porque perdeu a final, como em [19]50, nós vamos chorar de alegria porque o Brasil vai se sagrar campeão do mundo aqui. Em [20]16, você não terá surpresa [com] a quantidade de medalhas que o Brasil vai ganhar. Nós



vamos ganhar, muitas, muitas, e vamos ganhar... Ah, então nós vamos ganhar muito, mas muito com as Olimpíadas aqui e o Rio de Janeiro vai ganhar muito mais.

Companheiros e companheiras,

Olhem, eu só lamento não poder inaugurar todas as obras que nós começamos, mas eu tenho a convicção, tenho a convicção, Sérgio, de que nós entramos num ritmo de crescimento que é... não tem como voltar, não tem. Se tudo der certo, como eu estou pensando que vai dar, em 2016, 2017, nós seremos a quinta economia do mundo, e essa quinta economia do mundo só tem sentido se o povo pobre for crescendo junto com a economia, for virando classe média e for podendo comprar mais. Vai ter mais emprego, vai ter mais salário, vai ter mais empresa. É esse círculo virtuoso, essa roda gigante da economia que a gente não pode deixar parar.

Parabéns, querido companheiro Sérgio Cabral. Parabéns, querida companheira Adriana. Se o Sérgio tivesse poder sobre você, teria mandado você ficar em casa porque você está gripada. De qualquer forma, você provou que quem manda lá é a mulher, e agora quem manda no Brasil é mulher também, e aí tudo... vocês estão com a bola toda.

Querido Eduardo, feliz Natal. Feliz Natal para todos vocês. Nós, agora, vamos inaugurar a Caixa, ali, agora, ou vai ter um negócio ali? Ô, Maria Fernanda, pelo amor de Deus, na placa da Caixa... essa placa não coloque, não. Mande colocar o nome do governador e o nome do prefeito, porque não tem sentido... eu vou embora amanhã e eles vão ficar governando isso aqui, então é importante que tenha. E também vai inaugurar o Banco do Brasil aqui, também vai inaugurar. Então é o seguinte: o benefício que a Barra da Tijuca tem, o Complexo do Alemão vai ter. A gente só não pode trazer Copacabana até aqui, porque teria que fazer um canal muito profundo. Mas, daqui de cima do teleférico, você vai subir e você vai ver o Complexo do Alemão... Se vocês, a partir de junho, de maio, virem um baixinho barbudo com uma sunga colorida,



é o Lulinha que vai estar lá tomando banho na praia de Copacabana.

Um abraço, gente.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de sanção da lei que cria o Regime de Partilha do pré-sal e Fundo Social do pré-sal

Palácio do Planalto, 22 de dezembro de 2010

Companheiro Márcio Zimmermann, ministro de Minas e Energia,
Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,
Companheiro Carlos Gabas, ministro da Previdência Social,
Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,
Franklin Martins, de Comunicação Social,
Eloi Araújo, da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial,
Companheiro senador Edison Lobão, já indicado pela presidenta Dilma como futuro ministro de Minas e Energia.

Companheiro Inácio Arruda, já indicado para ser senador da República por mais quatro anos e, certamente, disputar a reeleição em 2014, se não tiver, por detrás, outras coisas,

Meu caro Roberto Cavalcanti, senador da República,
Senadora eleita Gleisi Hoffmann – parece senadora da Alemanha, Gleisi Hoffmann,

Meus queridos companheiros deputados federais Arnaud Bezerra, Carlos Zarattini e Pedro Eugênio,

Companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meus caros companheiros representantes das empresas e entidades do setor do petróleo,

Companheiros diretores da Petrobras, Guilherme Estrella, Graça Foster, Renato Duque, Paulo Roberto Costa, Jorge Zelada e Almir Barbassa,

Companheiros presidentes das subsidiárias, Miguel Rossetto, da Petrobras Biocombustível; Sérgio Machado, da Transpetro; e José Lima, da BR



Distribuidora,

Companheiros convidados,

Companheiros da imprensa,

Antes de mais nada, é preciso agradecer a Deus e lembrar que num mundo atribulado por recessão e desalento, poucos são os povos que terão o privilégio de celebrar este Natal embalados pelos ventos de otimismo que sopram hoje no nosso querido Brasil.

O novo marco regulatório do pré-sal, que ora sancionamos, amplia essa base de confiança e autoestima para muito além dos limites do nosso tempo. Com certeza, as gerações que nos antecederam não puderam desfrutar de um passaporte tão valioso para o futuro quanto este.

As salvaguardas que a partir de agora protegem a maior reserva de petróleo descoberta no Planeta, nos últimos 30 anos, constituem um singular presente natalino que o Brasil proporciona a si mesmo.

O pré-sal redesenhou a geopolítica mundial do petróleo. Fará com que o Brasil, em poucos anos, figure entre os maiores produtores do Planeta, justamente quando a oferta global declina e o preço do barril tende a aumentar, e os olhos do Gabrielli brilham. E do Barbassa, nem se fala.

Assegurar a contrapartida social e econômica dessa riqueza às gerações do presente e do futuro é o objetivo do novo marco regulatório que hoje sancionamos. Trata-se de um extraordinário momento histórico.

Minhas companheiras e meus companheiros,

Há pouco mais de uma década, o Brasil ainda dependia fortemente do petróleo importado para abastecer sua economia. Em abril de 2006, traçamos um novo divisor ao conquistarmos a autossuficiência.

Em novembro de 2007, demos a largada do pré-sal com a descoberta do megacampo de Tupi. Hoje, as descobertas já comprovadas são suficientes para dobrar as reservas brasileiras de 14 bilhões de barris. E isso me parece



que é apenas um bom começo.

O que torna o pré-sal um verdadeiro marco em nosso desenvolvimento, porém, não é somente o fantástico volume de petróleo que ele já adicionou, e o muito que agregará ao patrimônio nacional. O verdadeiro salto transformador remete, na verdade, aos incontáveis desdobramentos econômicos e sociais que essa exploração enseja.

Para que eles se materializassem, porém, seria preciso, antes de mais nada, decidir quem exerceria o comando estratégico desse processo. A partir de hoje, o comando estratégico está nas mãos de 190 milhões de brasileiros.

Fizemos a maior capitalização da história da Humanidade e do mundo capitalista. Eu fico imaginando, quando tiver uma prova para alguém fazer concurso para trabalhar como funcionário público ou no vestibular, que tiver assim: “Em que país foi feita a maior capitalização do mundo? Quem fez a maior capitalização?”. Aí as crianças vão responder “Bill Gates”, vão responder “George Soros”, vão responder “O presidente da Telefônica, o presidente não sei de onde”, aí vai estar escrito lá “Lulinha, presidente do Brasil em 2010, que teve o privilégio de participar da maior capitalização da história da Humanidade, trazendo US\$ 70 bilhões ao caixa da Petrobras” – é mole, Barbassa? É mole? Justamente para garantir a soberania nacional em todo o ciclo de extração e refino e, assim, colocar essa descoberta a serviço da economia e de toda a nossa sociedade.

Uma ampla cadeia de equipamentos, máquinas, logística, tecnologia, pesquisa, formação de mão de obra e contratação de serviços – associados direta ou indiretamente ao petróleo – será fortemente impulsionada nos próximos anos em nosso país.

O que estamos sancionando é o maior avanço industrializante já experimentado na história brasileira, com lastro suficiente para elevar, e muito, o patamar do parque produtivo nacional no século XXI.

Não se faz uma política industrial eficaz e duradoura desprovida de



conteúdo histórico. Não basta adotar a retórica da industrialização, e, ao mesmo tempo, criticar – muitas vezes de forma envergonhada – a liderança indispensável da Petrobras e do Estado brasileiro, quando esse é o requisito para gerar fábricas, investimentos e empregos no nosso país.

A sanção deste marco regulatório coloca três variáveis sob controle nacional: primeiro, o ritmo da extração e do refino; segundo, a sintonia entre essa dinâmica e a capacidade da indústria brasileira de atender à demanda por navios e equipamentos; e, terceiro, a destinação da renda gerada nesse processo a um Fundo Social, que assegure o largo horizonte das contrapartidas devidas aos brasileiros e brasileiras de todos os quadrantes. É o Fundo Social a verdadeira ferramenta de redistribuição dessa riqueza que a todos pertence e a todos irá contemplar.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos falando de uma escala de recursos capaz de promover uma verdadeira revolução de qualidade da escola pública, sobretudo do ensino básico. E, além disso, financiar saltos equivalentes na ciência e na tecnologia, bem como na defesa do meio ambiente, na promoção da cultura e no combate à pobreza do nosso país.

Ao concluir, quero dizer com todas as letras: não haveria outra forma de fazê-lo, de maneira consistente e duradoura, que não fosse essa. A sociedade brasileira não admite mais o antagonismo entre riqueza e justiça social.

As forças e os anseios que se fortaleceram em nosso governo nesses anos não admitiriam um marco regulatório que trouxesse outra proteção à sociedade senão essa que hoje sacramentamos: a consolidação de um longo ciclo de desenvolvimento, indissociável da justiça social para o povo brasileiro.

Muito obrigado e parabéns a todos os brasileiros.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da ordem de início do trecho Ouro Verde de Goiás (GO) - Estrela d'Oeste (SP) da Ferrovia Norte-Sul

Petrolina de Goiás-GO, 23 de dezembro de 2010

Hoje... ô gente, primeiro, eu queria dizer para vocês da alegria de poder estar, mais uma vez, inaugurando um pedacinho da Ferrovia Norte-Sul. Na verdade, o Juquinha não quis falar aqui, mas eu vou falar. Na última vez que eu vim aqui – me parece que foi em setembro, em setembro deste ano –, nós dissemos que iríamos inaugurar a Ferrovia até Palmas. É isso? Ou até Anápolis? Até Palmas.

Bem, acontece que a empresa que estava fazendo este lote teve um problema com o Tribunal de Contas da União, e o Tribunal de Contas da União tentou impedir a empresa de continuar trabalhando porque queria que a empresa fizesse um desconto no preço. A empresa entrou na Justiça, levou não sei quanto tempo essa briga, a empresa ganhou. Quando a empresa retomou as obras, eles imaginavam que era possível fazer até hoje – que era 22 de dezembro que era para eu ter vindo aqui, estou vindo no dia 23 – e a empresa não conseguiu acabar. Está 90% pronto, do trecho, mas, se Deus quiser, a nossa presidenta Dilma Rousseff, em abril estará inaugurando a Ferrovia até a cidade de Palmas. Na verdade, a gente não deveria estar inaugurando o marco de 1.100, mas de 1.315 quilômetros. De qualquer forma, são problemas que acontecem durante... no transcorrer de uma obra, e nós temos que conviver com isso.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês, meu caro companheiro Alcides, é que o Brasil voltou a aprender a investir em infraestrutura. Qualquer empresário, qualquer empresário da construção civil de Goiás, de Brasília, de Pernambuco, da Bahia, de Roraima, do Amazonas, do Rio Grande do Sul,



qualquer empresário da construção civil poderá pegar este microfone aqui e dizer que nunca houve tantas obras para os empresários fazerem como está acontecendo agora. Eles poderiam dizer: “Nunca antes na história do Brasil o governo contratou tanto, os estados contrataram tanto e as prefeituras contrataram tanto”. E nunca eles receberam tão em dia como eles estão recebendo nas obras contratadas pelo governo federal. A gente não paga adiantado, mas também não paga atrasado. A gente paga no dia e mostra a obra e o trecho contratado feito. Fez a medição, eles recebem e não tem que ficar, como antigamente se fazia neste país, tentando passar propina para alguém intermediar o recebimento de um dinheiro que o governo deveria pagar. Não existe isso.

Bem, e, certamente, vocês sabem o significado desta ferrovia para o estado de Goiás, para o estado de Tocantins, para o estado do Maranhão. Agora, é importante que esta estrada [ferrovia] não pode ser só para carga. Ela tem uma velocidade extraordinária, que esta ferrovia pode ter trem de passageiro, ela pode ter trem de passageiro. Ora, e pode, a gente pode... eu até já estou aqui contratado com o Paulo Sérgio porque vai continuar, certamente, no Ministério do Transporte, trabalhando com o Alfredo. Contratar com o Juquinha também, que eu não sei se vai ficar, se o Alfredo vai mantê-lo lá, depois dessa traição que você fez comigo de inaugurar... não sei. Mas eu quero, quando esta estrada [ferrovia] estiver pronta, eu quero sair de Anápolis, eu quero ir até Açailândia, onde ela começou, ou até o Porto de Itaquí. Bota um trem, um banquinho para a gente deitar, porque eu acho que o Brasil perdeu muito em não construir ferrovia. O Brasil já teve... só para vocês terem ideia, só para vocês terem ideia de como era o Brasil um tempo atrás, o Brasil, em 1950, o Brasil tinha 37... prestem atenção: em 1950, entre [19]50 e [19]60, o Brasil tinha 37 mil quilômetros de ferrovia. Depois, quando se introduziu a indústria automobilística no Brasil, fizeram uma opção equivocada: desmontar a ferrovia para fazer estrada, quando, na verdade, não precisava, não precisava



desmontar a ferrovia para fazer estrada. Poderia deixar a estrada e fazer as rodovias [ferrovias]. Eles, na verdade, fizeram decisões equivocadas, reduziram esse total de 37 [mil] para menos de 29 quilômetros... [29] mil quilômetros de ferrovia. E desses 29 [mil], apenas dez mil quilômetros funcionavam. Ou seja, nós tínhamos 37 [mil], caímos para 29 [mil] e, dos 29 [mil], apenas dez mil quilômetros funcionavam.

De 1998, ou melhor, de 1989... porque você não contou o governo Collor, você não contou o governo Itamar, mas se você pegar o governo Collor, o governo Itamar e oito anos de Fernando Henrique Cardoso, todos eles juntos fizeram 215 quilômetros desta Ferrovia. O Sarney fez 115, nós fizemos 1.100 e não acabamos os 1.300 porque o companheiro Juquinha não quis acabar para não me dar de presente. Eu acho que ele, esperto, falou: “Não vou fazer tudo, não vou fazer tudo com esse tal desse Lula não. Vou deixar um pouquinho para a presidenta Dilma”. Então, em abril ele vai estar com ela aqui para inaugurar os outros 200 quilômetros que vão até Anápolis.

Bem, após 2003, entre ferrovias em construção e entregues, nós já fizemos mais de 4.500 quilômetros de ferrovia, que estão em construção e [foram] entregues. O investimento do governo federal, que era de R\$ 41 milhões, passou para R\$ 1 bilhão. E já foram concluídos empreendimentos no valor de R\$ 3 bilhões e 400 milhões nos últimos oito anos e as obras em andamento somam mais R\$ 4 bilhões e 700 milhões. Se a gente pegar a Ferrovia Oeste-Leste, que vai de Ilhéus, na Bahia, até Tocantins; se a gente pegar a Ferrovia Transnordestina e se a gente pegar o que falta fazer aqui, nós vamos chegar a mais de R\$ 10 bilhões em ferrovias neste país.

Por isso, Alcides, eu tinha que vir aqui. Eu não podia deixar de vir aqui. Só para você ter ideia, Alcides, a gente... dez anos atrás, a gente produzia, no máximo, três mil vagões por ano. Agora estamos produzindo 12 mil vagões por ano, ou seja, quatro vezes mais. Isso significa o quê? Significa mais emprego, mais salário, mais renda, mais consumo, mais desenvolvimento, melhoria da



vida de todo mundo. Aqui a gente... a produção de vagões de passageiros passou de 300 para 600, e a gente que não produzia locomotivas aqui – a gente importava –, agora já estamos produzindo cem locomotivas por ano aqui dentro do Brasil.

Por isso, meus queridos companheiros de Petrolina... a cidade chama Petrolina. O prefeito e o padre tentaram inventar uma história para me contar, mas só pode se chamar Petrolina porque foi um pernambucano que passou por aqui e fez. Não tem outra explicação, não existe outra explicação. Talvez um pernambucano que passou por aqui, se apaixonou por uma mulher aqui, se casou e ficou Petrolina, pronto.

Eu não poderia deixar de vir aqui para dizer para vocês o seguinte: eu estou deixando a Presidência. O povo brasileiro elegeu a companheira Dilma Rousseff. A companheira Dilma Rousseff conhece o Brasil e os projetos do Brasil tão bem quanto eu. Ela foi coordenadora do meu governo durante cinco anos, foi ministra de Minas e Energia durante três anos. Vocês podem ter certeza... Primeiro, eu quero que vocês apoiem a presidenta Dilma, apoiá-la de coração. Segundo, a gente tem que sempre estar fazendo a nossa “reza” para pedir que ela esteja com saúde e que ela possa fazer mais e melhor do que eu fiz, porque ela sabe como fazer porque nós aprendemos juntos. Ela pegou o país num momento extraordinário. Quando eu peguei o Brasil, junto com ela, o Brasil estava parado. Agora o Brasil está andando a 150 por hora. Ela, se quiser, pode acelerar um pouquinho; se ela quiser, pode diminuir um pouquinho. O dado concreto é que o Brasil está numa situação extraordinária.

Eu vim aqui para dizer para vocês: estão entregues 1.100 quilômetros da Ferrovia, e eu quero desejar a todos vocês, a todos vocês, um feliz Natal, um feliz Ano Novo, que Deus abençoe a família de cada um de vocês. E agradecer, de público, o companheiro Alcides, que foi um governador companheiro, foi um governador com quem nós estabelecemos uma relação política sadia, boa, e eu acho que quem ganha com isso é o povo de Goiás.



Obrigado, Alcides, pelo carinho que você teve comigo nesses oito anos. E, um dia, o Alcides, quem sabe, me convida para que eu venha na fazenda dele tomar uma caninha, que eu sei que ele tem, de qualidade.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de celebração do Natal dos catadores e da população em situação de rua

São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2010

Agora, eu vou fazer o discurso, mas antes de eu fazer o discurso ainda, é o seguinte. E eu a Dilma, antes de chegarmos aqui, nós fomos visitar o companheiro Zé Alencar. O companheiro Zé Alencar, ontem, ele passou mal, teve... perdeu três quilos [litros] de sangue e foi operado ontem à noite. Eu e a Dilma fomos lá vê-lo, e eu queria pedir, Júlio, que você, aqui... que a gente pudesse... como aqui ninguém é médico e ninguém faz milagre, que a gente rezasse um Pai-Nosso aqui para o nosso Zé Alencar.

Padre Júlio: Todos em pé, oremos, pelo nosso vice-presidente, José Alencar, pela sua saúde, a oração que o Senhor nos ensinou, na sua forma ecumênica.

Presidente: Olha, se essa energia positiva que está aqui passar para o Zé Alencar, certamente que ele vai se recuperar muito mais rápido, e ele só tem um desejo: é poder sair do hospital, no dia 1º, para, às 4h da tarde, ele estar na posse da companheira Dilma lá em Brasília. Ele disse que vai de qualquer jeito, vai de qualquer jeito. Nem que seja para descer de cadeira de rodas, ele quer estar na posse da Dilma, no dia 1º de janeiro, e eu acho que esta “reza” aqui transmite toda a energia que nós queremos passar para ele.

A segunda coisa é o seguinte: aqui não precisaria ninguém fazer discurso. Era só essa fotografia com... a minha foto, a da Dilma e vocês aqui, para a gente notar que alguma coisa mudou neste país. Quando é que se imaginou que o presidente do BNDES viria a uma reunião com catadores de papel assinar financiamento para catadores de papel? Jamais isso foi pensado



neste país. Quando é que a gente já imaginou o presidente do Banco do Brasil vir a uma reunião com os catadores de papel assinar acordo? Essa quantidade de ministros aqui, a Fundação Banco do Brasil, dois presidentes de uma vez só – um “sainte” e um entrante – os dois... Isso... dizer que o Brasil não mudou é não enxergar esta foto.

Eu vou começar dizendo uma coisa para vocês. No ano passado, quando nós nos encontramos, eu tinha pedido... eu olhei para os companheiros da imprensa, e eu tinha pedido para os jornalistas fazerem a matéria do ano deles e, que, ao terminar a atividade, cada um pudesse escolher um catador de papel ou um morador de rua e fazer entrevista. Quem estava aqui se lembra que eu falei exatamente isso. Para minha surpresa, no outro dia, eu li no jornal, e disseram que eu fiz crítica à imprensa. Em vez de dizer que eu tinha feito uma sugestão, ainda tiveram alguns que falaram: “Ele queria ensinar a gente a fazer jornalismo”.

Eu vou contar uma coisa, não para a imprensa agora, mas para a Dilma e para mim mesmo. Você sabe qual é o problema do Brasil? É que muita gente continua agindo como agia há 20 anos, sem se dar conta que o mundo mudou.

É só olhar o discurso das pessoas que falaram aqui. Essas pessoas, pouco tempo atrás, jamais imaginaram estarem sentadas ao lado de uma presidenta da República, jamais, jamais imaginaram. Essas pessoas aprenderam a falar, porque aprenderam a ter consciência, aprenderam a entender que também têm os seus direitos, aprenderam a andar de cabeça erguida, porque catar papel não pode mais ser vergonha. É orgulho levar para casa o sustento com o trabalho. Um morador de rua não é nem um caso perdido e nem um caso de polícia. É um caso de amor, é um caso de paixão e é um caso de políticas públicas, em vez de achar que tudo se trata com cacete.

Eu quero dar os parabéns aos prefeitos que receberam o prêmio aqui e fazer uma crítica aos prefeitos que ainda não concordaram com o Decreto e



não fizeram convênio com os catadores de papel. Eu estou vendo ali uma placa da Granja Julieta. Eu lembro que, da outra vez que eu vim aqui, da outra vez que eu vim aqui, eu pedi para o Kassab, ele assumiu o compromisso. Portanto, eu quero aqui, do microfone – eu sei que ele está ouvindo ou ele vai ler o que vocês vão escrever –, [dizer] ao companheiro Kassab [para] tratar o pessoal da Granja Julieta com carinho, Kassab, pelo amor de Deus. E aos outros prefeitos que ainda não fizeram convênio, que façam.

Nós estamos possibilitando, com os convênios, que aconteça, na vida de todas as pessoas, o que aconteceu com esta menina, que nasceu e que foi criada dentro de um “lixão”. O que nós queremos é apenas que as pessoas respeitem vocês. Nós não estamos pedindo favor. Nós estamos apenas criando direitos para vocês. E tem mais um direito, Gilberto, que eu não estou assinando hoje, Dilma, mas vou assinar, acho que na semana que vem – que é a medida provisória 4 e não sei das quantas lá – uma medida provisória que a gente dá um incentivo para o empregador que comprar o material reciclado dos catadores de papel. Ele vai ter uma motivação para comprar o papel deles, para poder facilitar mais a vida deles. Eu iria assinar, mas tinha cinco vetos. Vocês sabem que o Guidinho e o Paulinho Bernardo pedem sempre um vetinho. Tinha cinco coisas para vetar. Como o Beto não tinha estudado, eu não trouxe para assinar. Vou assinar na semana que vem. Mas vamos garantir para vocês mais esse direito.

Depois, é o seguinte, gente. Eu queria dizer para vocês o seguinte. Olhe, é com muito orgulho, mas com muito orgulho, que eu termino o meu mandato – dia 23 de dezembro, antevéspera do Natal – junto com vocês, do mesmo jeito que eu comecei em dezembro de 2003 junto com vocês. O que eu sinto é que, pelo menos, a direção de vocês está mais gordinha, mais rechonchuda. Está aqui, ó, o cara parece... Dá uma olhada: vê se o cara parece presidente de cooperativa. O cara parece mais um surfista. O cara parece mais um pegador de onda do que um chefe de cooperativa.



Gente, eu sei que nós ainda não fizemos tudo e é bom que a gente não faça tudo de uma vez, porque seria fácil ter mandado uma lei para o Congresso Nacional, e aprovar uma série de coisas de uma vez. Não dá certo. O que dá certo é a gente ir maturando e conquistando cada coisa, porque essas cooperativas só funcionam quando existe um estalo de consciência e as pessoas percebem que devem se organizar. Se a gente tentasse criar por decreto, não criaria e não funcionaria.

Portanto, vocês estejam certos de que esta companheira Presidenta que foi eleita, ela vai tratar vocês com carinho, igual à mãe de vocês, ela vai tratar vocês com respeito, e podem ficar certos de que vocês vão continuar tendo avanços, porque a Dilma tem compromisso com vocês. Ela, certamente, vai visitar vocês outra vez, vai conversar com vocês e vai aprimorando a vida de vocês.

Por último, eu queria agradecer aos companheiros que vieram de longe, viu, Dilma. Aqui tem gente que veio de ônibus – três dias de ônibus – e vão voltar, vão passar o Natal na estrada. Tem gente que vai passar o Natal na estrada.

Portanto, meus queridos companheiros, eu quero, do fundo do coração, eu quero, do fundo do coração, agradecer o carinho que vocês tiveram comigo. Eu fico meio nervoso ainda, Dilma, porque nós criamos o Brasil Sorridente, e eu quero que você veja uma coisa. Isto aqui, você precisa pegar no pé do seu próximo ministro da Saúde. Eu não me conformo... é o seguinte. Dá uma olhada nesta companheira aqui. Ela está sem dente, está vendo? Nós criamos o Brasil Sorridente exatamente para cuidar das pessoas pobres e tem muitas, tem muitas... mas estão no centro da cidade. Então... Você é de onde? É de Fortaleza. A prefeita... Lá tem Brasil Sorridente, lá tem Brasil Sorridente. Você poderia procurar, para cuidar... é de graça, é de graça, não paga nada! Mas depois eu quero que você deixe um telefone para o Gilberto Carvalho aqui, porque nós vamos cuidar disso, cuidar para você poder, para você... Nós



vamos cuidar disso. O Gilberto vai pegar.

Então, eu queria, eu queria dar os parabéns aos companheiros que vieram de longe, que vieram de ônibus, que vão passar o Natal na estrada, e dizer para vocês o seguinte: olha, eu estou apenas deixando a Presidência da República, mas, se Deus quiser - e vocês me convidarem - o Natal do ano que vem eu estarei aqui com vocês outra vez. Eu vou combinar com a direção, quando eu for a alguns estados, eu vou querer visitar o “lixão”. Onde estiver funcionando um “lixão”, eu quero visitar.

Mas eu quero dizer para vocês que o compromisso, o compromisso meu com vocês não é por que eu era presidente, não. É um compromisso de um ser humano, de um brasileiro que sabe como é que vocês vivem e que sabe a importância que vocês têm. Eu quero dizer para vocês que, se um dia, alguém perguntar para mim do que eu me orgulho muito, eu vou dizer que eu me orgulho de ter tratado vocês com o mesmo respeito que eu trato todo mundo. Vocês entraram no Palácio do Planalto como entra um empresário, como entra um presidente, e eu quero abraçar e beijar vocês como qualquer outra pessoa deste país.

Nós só iremos construir este país, verdadeiramente justo, quando a gente olhar um para o outro e a gente não ver diferença entre nós. A gente ver que nós, antes de sermos brasileiros, antes de sermos companheiros, nós somos irmãos de caminhada, irmãos de luta, e vamos construir juntos uma vida melhor para todos vocês.

Eu quero que vocês saibam, quero que vocês saibam que esta turma que está aqui – alguns vão continuar no governo, outros não – mas esta turma que está aqui vai continuar trabalhando com vocês, esteja a gente onde estiver e estejam vocês onde vocês estiverem. Eu tenho certeza que a companheira Dilma tem, em vocês, motivo de orgulho, motivo de orgulho do avanço, do carinho, e, em vez de vocês me agradecerem, em vez de vocês se curvarem para mim, eu vou agradecer vocês me curvando, porque vocês nos ensinaram



a governar este país.

Um grande abraço, que Deus abençoe. Aqui, eu quero cumprimentar também a delegação de estrangeiros. Parece que tem gente da Colômbia, tem gente da Argentina, tem gente do Peru, África do Sul, Chile e Costa Rica.

Um abraço a todos vocês. Feliz Natal, feliz Ano Novo, e até o ano que vem, se Deus quiser.

(\$211A)



Pronunciamento à Nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do final de ano

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Dentro de poucos dias deixo a Presidência da República. Foram oito anos de luta, desafios e muitas conquistas, mas, acima de tudo, de amor e de esperança no Brasil e no povo brasileiro. Com muita alegria, vou transmitir o cargo à companheira Dilma Rousseff, consagrada nas urnas em uma eleição livre, transparente e democrática, um rito rotineiro neste país que já se firmou como uma das maiores democracias do mundo.

É profundamente simbólico que a faixa presidencial passe das mãos do primeiro operário presidente para as mãos da primeira mulher presidenta. Será um marco no belo caminho que o nosso povo vem construindo para fazer do Brasil, se Deus quiser, um dos países mais igualitários do mundo. País que já realizou parte dos sonhos dos seus filhos, mas que pode e fará muito mais para que este sonho tenha a grandeza que o brasileiro quer e merece.

Minhas amigas e meus amigos,

Hoje cada brasileiro e brasileira acredita mais no seu país e em si mesmo. Trata-se de uma conquista coletiva de todos nós. Se algum mérito tive, foi o de haver semeado sonho e esperança. Meu sonho e minha esperança vêm das profundezas da alma popular, do berço pobre que tive e da certeza que, com luta, coragem e trabalho a gente supera qualquer dificuldade. Quando uma pessoa do povo consegue vencer as dificuldades gigantescas que a vida lhe impõe, nada mais consegue aniquilar o seu sonho nem sua capacidade de superar desafios. E quando um país como o Brasil, cuja maior força está na alma e na energia popular, passa a acreditar em si mesmo, nada, absolutamente nada detém sua marcha inexorável para a vitória.

Foi com essa energia no peito que nós, brasileiros e brasileiras,



afugentamos a onda de fracasso que pairava sobre o país quando assumimos o governo. Agora estamos provando ao mundo e a nós mesmos que o Brasil tem um encontro marcado com o sucesso.

Se governei bem foi porque, antes de me sentir presidente, me senti sempre um brasileiro comum que tinha que superar suas dores, vencer os preconceitos e não fracassar. Se governei bem foi porque, antes de me sentir um chefe de Estado, me senti sempre um chefe de família, que sabia das dificuldades dos seus irmãos para colocar comida na mesa, para dar escola para seus filhos, para chegar em casa todas as noites a salvo dos perigos e da violência. Se governamos bem foi, principalmente, porque conseguimos nos livrar da maldição elitista que fazia com que os dirigentes políticos deste grande país governassem apenas para um terço da população e se esquecessem da maioria do seu povo, que parecia condenada à miséria e ao abandono eternos. Mostramos que é possível e necessário governar para todos, e quando isso se realiza, o grande ganhador é o país.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil venceu o desafio de crescer econômica e socialmente, e provou que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza. Construimos, juntos, um projeto de nação baseado no desenvolvimento com inclusão social, na democracia com liberdade plena e na inserção soberana do Brasil no mundo. Fortalecemos a economia sem enfraquecer o social, ampliamos a participação popular sem ferir as instituições, diminuimos a desigualdade sem gerar conflitos de classes, e imprimimos uma nova dinâmica política, econômica e social ao país sem comprometer uma sequer das liberdades democráticas.

Ao receber ajuda e apoio, o nosso povo deu uma resposta dinâmica e produtiva, trabalhando com entusiasmo e consumindo com responsabilidade, ajudando a formar uma das economias mais sólidas e um dos mercados internos mais vigorosos do mundo. Em suma: governo e sociedade



trabalharam sempre juntos com união, equilíbrio, participação e espírito democrático.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil demonstra, hoje, sua pujança em obras e projetos que estão entre os maiores do mundo e vão mudar o curso da nossa história. Me refiro às obras das hidrelétricas de Jirau, Santo Antônio e Belo Monte; às refinarias de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão e Ceará; às estradas que vão abrir rotas inéditas e estratégicas, como as ligações com o Pacífico e o Caribe; e às ferrovias Norte-Sul, Transnordestina e Oeste-Leste; além do projeto em licitação do trem de alta velocidade, que vai ligar São Paulo e Rio.

Também estamos fazendo os maiores investimentos mundiais no setor de petróleo, principalmente a partir da descoberta do pré-sal, que é o nosso passaporte para o futuro. Ele vai gerar milhões de empregos e uma riqueza que será, obrigatoriamente, aplicada no combate à pobreza, na saúde, na educação, na cultura, na ciência e tecnologia, e na defesa do meio ambiente. Estamos, ainda, realizando um dos maiores projetos de combate à seca do mundo: a transposição das águas do São Francisco, que irá matar a sede e diminuir a pobreza de milhões e milhões de nordestinos.

Ao mesmo tempo em que realiza grande obras, o Brasil, acima de tudo, cuida das pessoas, em especial das pessoas mais pobres. Temos, hoje, os maiores e mais modernos programas de transferência de renda, segurança alimentar e assistência social do mundo. Entre eles, o Bolsa Família, que beneficia quase 13 milhões de famílias pobres e é aplaudido e imitado mundo afora.

Nosso modelo de governo também permitiu que o salário-mínimo tivesse ganho real de 67% e a oferta de crédito alcançasse 48% do PIB em 2010, um recorde histórico. O investimento em agricultura familiar cresceu oito vezes e assentamos 600 mil famílias, metade de todos os assentamentos realizados no Brasil até hoje.



Com o Luz para Todos, levamos energia elétrica a 2 milhões e 600 mil pequenas propriedades, e, através do Minha Casa Minha Vida, estamos construindo 1 milhão de moradias, e as famílias que recebem até 3 salários-mínimos serão as mais beneficiadas. Na área da saúde, tivemos vários avanços como o Samu, o Brasil Sorridente e as Unidades de Pronto Atendimento, as UPAs, que estão sendo construídas Brasil afora. Triplicamos o investimento em educação, elevando a qualidade de ensino em todos os níveis. Inauguramos 214 escolas técnicas federais, mais do que foi feito em cem anos, e implantamos 14 novas universidades e 126 novas extensões universitárias em todas as regiões do país. O ProUni beneficiou 750 mil jovens de baixa renda com bolsas universitárias.

Meus amigos e minhas amigas,

Há muitos outros motivos que reforçam nossa confiança no futuro do Brasil. Temos quase US\$ 300 bilhões de reservas internacionais próprias, dez vezes mais do que tínhamos no início do nosso governo. Nossa taxa média anual de crescimento dobrou. Agora, em 2010, por exemplo, vamos ter um crescimento recorde de quase oito por cento, um dos maiores do mundo. E outras quatro grandes conquistas provam, com força simbólica e concreta, que nosso país mudou de patamar e também mudou de atitude. Geramos 15 milhões de empregos, um recorde histórico, e hoje começamos a viver um ciclo de pleno emprego. Promovemos a maior ascensão social de todos os tempos, retirando 28 milhões de pessoas da linha da pobreza e fazendo com que 36 milhões entrassem na classe média. Zeramos nossa dívida com o Fundo Monetário Internacional, e agora é o Brasil que empresta dinheiro ao FMI. Ao mesmo tempo, reduzimos, como nunca, o desmatamento na Amazônia.

A minha maior felicidade é saber que vamos ampliar todas essas conquistas. Minha fé se alicerça em três fundamentos: as riquezas do Brasil, a força do seu povo e a competência da presidenta Dilma. Ela conhece, como ninguém, o que foi feito e como fazer mais e melhor. Tenho certeza de que



Dilma será uma presidenta à altura deste novo Brasil, que respeita seu povo e é respeitado pelo mundo. Este país que, depois de produzir seguidos espetáculos de crescimento e inclusão, vai sediar os dois maiores eventos do Planeta: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Este país, que reduziu a desigualdade entre as pessoas e entre as regiões, e vai seguir reduzindo-a muito mais. Este país, que descobriu que não há maior conquista do que recuperar a autoestima do seu povo.

Queridas brasileiras e queridos brasileiros,

Quero encerrar com um pedido enfático e um agradecimento profundo. Peço a todos que apoiem a nova presidenta, assim como me apoiaram em todos os momentos. Isso também significa cobrar, na hora certa, como vocês souberam me cobrar. A cobrança foi um estímulo para que a gente quisesse fazer sempre mais, e o amor de vocês foi a minha grande energia e o meu principal elemento.

Agradeço a vocês por terem me ensinado muitas lições e por terem me fortalecido nas horas difíceis, e ampliado a minha alegria nas horas alegres. Saio do governo para viver a vida das ruas. Homem do povo que sempre fui, serei mais povo do que nunca, sem renegar o meu destino e jamais fugir à luta. Não me perguntem sobre o meu futuro porque vocês já me deram um grande presente. Perguntem, sim, pelo futuro do Brasil e acreditem nele porque temos motivo de sobra para isso. Minha felicidade estará sempre ligada à felicidade do meu povo. Onde houver um brasileiro sofrendo, quero estar espiritualmente ao seu lado; onde houver uma mãe ou um pai com desesperança, quero que minha lembrança lhes traga um pouco de conforto; onde houver um jovem que queira sonhar grande, peço-lhe que olhe a minha história e veja que na vida nada é impossível. Vivi no coração do povo e nele quero continuar vivendo até o último dos meus dias. Mais que nunca, sou um homem de uma só causa e essa causa chama-se Brasil. Um feliz Natal e um próspero Ano Novo, e muito obrigado por tudo.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante reunião do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia e inauguração do novo edifício sede do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Brasília-DF, 27 de dezembro de 2010

Bem, primeiro, cumprimentar o meu querido companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Cumprimentar o querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

O nosso querido companheiro Márcio Zimmermann, de Minas e Energia,

O companheiro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

Quero cumprimentar o nosso companheiro general Armando Félix, do Gabinete de Segurança Institucional,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Alberto Aragão, presidente do CNPq,

Quero cumprimentar o Marco Antônio Raupp,

Quero cumprimentar os companheiros que acabaram de falar, os dois aqui, o Eduardo Moacyr Krieger, o companheiro (incompreensível),

Quero cumprimentar todos os integrantes do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia,

Cumprimentar os companheiros da comunidade científica,

Cumprimentar os jornalistas presentes, os nossos convidados,

E dizer para vocês que hoje eu tomei café da manhã com a imprensa e um jornalista perguntou se eu tinha desejo, como é que eu queria ser lembrado quando eu deixasse a Presidência. Eu disse para ele que dependia do jornal que ele lesse, dependia da revista que ele lesse, da televisão que ele



assistisse, de fazer comparação entre o fato e a realidade, de comparar o escrito aqui e o escrito lá fora. Não pode ser uma coisa vesga, porque aí determinados... Eu até brincava, hoje, que eu estava lendo uma revista nesta semana, Paulo Bernardo, e é engraçadíssimo, chega a ser uma coisa hilariante: os grandes ganhadores de 2010 são o Serra e a Marina, e o grande perdedor é a Dilma. Um negócio, que eu fiquei imaginando, quando fosse contar a história, depende muito do que se lê.

Eu não sei se as palavras que vocês disseram aqui vão sair, eu não sei, porque o óbvio é mais simples, é o que precisa ser feito e é o que precisa ser dito. E eu sou obrigado a dizer: nunca antes na história do Brasil eu imaginei estar em uma reunião com a comunidade científica e ver três oradores – falando em nome da comunidade – falando bem do governo. Isso era inédito, porque algum tempo atrás, mesmo que o presidente fosse um cientista, ele não teria coragem de vir aqui; mesmo se o ministro fosse um cientista, um pesquisador, ele não teria coragem de vir aqui. Eles não se reuniam com reitores, não conversavam com a comunidade! Então, esse é um fato inédito. Isso precisa ir para a história: que, um dia, este país teve um presidente, teve um ministro de Ciência e Tecnologia, teve um ministro da Educação, teve um ministro do Planejamento, teve um ministro de Minas e Energia, que não tiveram medo de participar de uma reunião de avaliação dos investimentos na área científica e tecnológica, e o resultado foi primoroso. Eu fui até aplaudido na SBPC! Quando já se viu? Em outro tempo, um ministro passava três quilômetros longe da SBPC, com o vidro fechado!

E o que nós fizemos aqui, para acontecer esse milagre? Primeiro, eu falei a palavra “óbvio”. Glauco, você que é estudioso, se todos os governantes fizessem apenas o óbvio, ninguém errava. Ora, eu não sou nenhum cientista, eu sou muito menos pesquisador, mas eu tinha consciência de que o Brasil, para ir para frente, precisa investir em tecnologia, precisa investir em educação. O que eu fiz? Pedi ao ministro que me preparasse um programa de



Ciência e Tecnologia, já que estava na moda o PAC. Ele me preparou. E qual foi o passo seguinte? Pedir para vocês controlarem, e a aplicação desse recurso. Porque no país o problema não era a falta de recurso, era a falta de preparo para aplicar os recursos que, muitas vezes, eram disponibilizados. Não foram poucas as vezes, em outros momentos históricos, que você disponibilizava dez, e terminava o ano e você não tinha gasto os dez ainda. Ora porque o governo disponibilizava e não queria liberar, e ora porque o governo, mesmo querendo liberar, não tinha projeto. Isso valia para ciência e tecnologia, isso valia para saneamento básico, isso valia para qualquer atividade no Brasil. Afinal de contas, eram 25 anos de atrofiamento da economia brasileira.

O Expedito patenteou o biodiesel em 1975. Somente quando nós chegamos ao governo, em 2003, é que nós resolvemos transformar o biodiesel em uma política de governo para a área de biocombustível. E, hoje, criamos até uma empresa dentro da Petrobras, a Petrobras Biocombustíveis. Isso poderia ter sido feito por outras pessoas que estudaram mais do que eu, que leram mais do que eu. Por que não fizeram? Porque não queriam fazer o óbvio, queriam inventar.

Olimpíada de Matemática, Sueli, eu vou ficar devendo a OS porque, hoje, eu não fiz de propósito. Conversei com o Sérgio Rezende, conversei com o Fernando Haddad. Eu estou a três dias de deixar a Presidência da República, tem um outro ministro de Ciência e Tecnologia, que eu esqueci de convidar, que era para estar aqui presente para ser apresentado coletivamente para todo mundo. Eu prefiro que se reúnam, ele, Fernando Haddad e a presidenta Dilma, e decidam no começo do ano o que eles querem fazer, para não ser uma coisa de “apagar das luzes”.

Eu quero dizer para vocês dos meus agradecimentos. Não seria possível vocês fazerem tudo o que foi feito, se não houvesse a disposição do Presidente fazer. Mas não seria possível o Presidente estar vivendo este momento agora,



se não fosse a competência de um ministro e se não fosse a participação e a credibilidade que vocês deram às propostas que nós fizemos. Vamos pegar o nosso centro de enriquecimento de urânio, em Aramar. Quando nós fomos visitar pela primeira vez aquilo lá, aquilo estava quase uma massa falida, porque todo mundo sabia que precisava colocar, todo ano, R\$130 milhões lá, mas não se colocava, não se colocava. Então, você não tinha previsão de acabar o nosso ciclo de enriquecimento de urânio. Nós determinamos. Paulo Bernardo meio chorando: “Não tem tanto dinheiro, não vai ter e tal”. Mas está garantido, já há alguns anos, todo ano, dinheiro para que a gente possa terminar esse ciclo. Como está garantido o dinheiro para o submarino. Porque o problema é convencer os imediatistas de que investir em pesquisa, em ciência e tecnologia, nem sempre a gente colhe no dia seguinte o que a gente plantou, às vezes leva um tempo. E, às vezes, a gente tem que fazer muito investimento para descobrir que não vai dar em nada, não deu certo.

Imaginem se a Petrobras não tivesse triplicado o investimento dela em pesquisa? A gente não teria encontrado o pré-sal. Imaginem se a gente não reúne a Petrobras e não determina um plano de metas até 2014, de fabricar sondas e navios com conteúdo nacional acima de 65%? A gente não construiria uma indústria nacional.

Hoje, meu caro Sergio Rezende, este país não produz um metro de trilho, um metro! Nós importamos trilho da Polônia, da Itália, porque nós não produzimos trilho, porque alguém um dia achou que produzir trilho era coisa do passado, porque alguém pensou que a gente poderia prescindir de ferrovias.

Então, nós estamos deixando o governo, Sergio. Eu sou muito agradecido a você. Os três ministros que eu tive no Ministério foram, os três, do PSB: primeiro, o Roberto Amaral; depois o companheiro Eduardo Campos; e depois o Sergio Rezende. Eu acho que nós devemos muito, o Brasil e eu devemos muito, sobretudo a você. Porque você, com muita competência, com muita respeitabilidade no meio científico, mas com muita, com muita



humildade, você soube construir, soube ouvir, e soube meditar em como a gente poderia conseguir o estágio que nós conseguimos agora.

Então, eu acho que é uma vitória tua, Sergio, é uma vitória dos cientistas brasileiros, é uma vitória da comunidade empresarial, que começou a falar em inovação. Mas é importante saber que tanto o governo ainda pode fazer mais, e os empresários podem fazer muito mais. No Brasil, tem-se feito muito pouco. Foi muito gratificante quando a CNI procurou o governo com um estudo feito para que a gente, do governo, assumisse a necessidade de discurso sobre inovação, para convencer as pessoas da inovação.

Eu penso que nós estamos terminando o ano de forma gratificante. Se a gente olhar para a frente, a gente vai perceber que tem um caminho enorme a ser perseguido, e é isso que nos motiva a viver: é conquistar novos caminhos. Mas se a gente olhar para trás, a gente percebe que nós caminhamos bastante. Nós temos mais motivo de orgulho do que nós fizemos nesses oito anos do que os chineses têm quando começaram a construir aquela muralha, que quando eles olhavam, faltava muito mais para construir. Nós aprendemos a fazer, nós queremos fazer e o Brasil precisa fazer. Basta que ninguém invente nada. Ninguém precisa... Deixa para vocês inventarem. O governo precisa apenas criar as condições para que as políticas públicas possam fluir com sensatez.

Por isso, eu termino a minha última reunião como presidente do Conselho desejando a vocês que no próximo governo, a presidenta Dilma... eu tenho certeza e convicção de que ela terá o mesmo ânimo, muita força, porque ela sabe que, da mesma forma que eu trabalhava todo santo dia para provar que um operário poderia dirigir este país, ela vai ter a mesma incumbência de provar que uma mulher não é cidadã de segunda classe e que pode governar com muita competência este país. É isso que me dá a certeza do sucesso dela.

Por isso, companheiros e companheiras, muito, mas muito obrigado pela convivência desses oito anos, muito obrigado aos companheiros ministros.



Porque não é só investimento não, vocês vão ver um Brasil novo por aí, com a quantidade de extensões universitárias, com a quantidade de escolas técnicas, com a quantidade de Ifet's. Ou seja, nós aprendemos que investir em educação e em ciência e tecnologia não é gasto, é investimento concreto, e o resultado é quase imediato.

Portanto, muito obrigado, feliz 2011 para todos vocês, e estejam certos de que nós nos encontraremos em algum lugar deste país, em algum momento. Em alguma manifestação para o bem, em alguma contra – contra, nunca me chamem mais, porque agora eu sou só a favor. Mas nós temos muito para fazer, e contem comigo, que eu estou fora da Presidência, mas estou dentro da política como nunca estive.

Muito obrigado por tudo o que vocês me ajudaram a fazer nesses oito anos.

Um abraço.

(\$211 A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento da pedra fundamental da fábrica da Fiat**

**Área industrial do Complexo de Suape – Ipojuca-PE, 28 de dezembro de
2010**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco, e nossa querida companheira Renata Campos,

Companheiros ministros Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia, e João Reis Santana, da Integração Nacional,

Meu caro companheiro Gherardo La Francesca, embaixador da Itália no Brasil,

Meu caro vice-governador João Soares Lyra,

Nosso querido companheiro Sergio Marchionne, presidente mundial da Fiat,

Meu caro companheiro Belini, presidente da Fiat para a América Latina,

Nossos queridos companheiros – dois senadores eleitos: o companheiro Humberto Costa e Armando Monteiro Neto,

Companheiros deputados federais presentes, Ana Arraes, Fernando Ferro, Fernando Coelho, Gonzaga Patriota e José Chaves. E os que vão tomar posse dia 1º, também, considerem que eu li o nome aqui, é que não está na nominata.

Meu caro Luciano Coutinho, presidente do BNDES,

Nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco e futuro ministro da Integração,

Nosso querido companheiro Robson Andrade, companheiro presidente da Confederação Nacional das Indústrias,



E meu caro companheiro Pedro Serafim de Souza Filho, prefeito de Ipojuca,

Companheiro Alberto Alves dos Santos, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Pernambuco,

Companheiros da imprensa, companheiras também,

Queridos meninos e meninas que representaram, aqui, a banda do Coque e o Coral do Programa Árvore da Vida, de Betim,

Meus amigos e minhas amigas,

Alguém poderia estar, neste momento, se perguntando por que o presidente Lula continua viajando o Brasil como se ele não tivesse que entregar o cargo no próximo sábado à presidenta Dilma Rousseff. Porque era um hábito da política brasileira, e a imprensa já estava acostumada a que as pessoas não trabalhassem no último ano, ou nos dois últimos anos, ou alguns que não trabalhavam mais à tarde, ou os que não trabalhavam mais amanhã. Pessoas que no mês de dezembro não apareciam, porque era festa, então, “para que trabalhar? Está todo mundo descansando. E o que esse Lula está se metendo a trabalhar até o dia 31?”

Primeiro, porque nem todos os presidentes da República tiveram o gostoso prazer de inaugurar a quantidade de obras que eu tenho para inaugurar, nem todos. E nós estamos, neste momento, colhendo um pouco daquilo que plantamos em momentos difíceis.

Eu não me lembrava mais do meu pronunciamento em Davos, no dia 25 de janeiro de 2003, quando eu tinha apenas 25 dias na Presidência e que tinha saído do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e me dirigido ao Fórum Econômico de Davos. Era a primeira vez na história que um presidente se dava ao luxo de poder frequentar, de cabeça erguida, o fórum de protesto e o fórum de proposta, o fórum econômico e o fórum dos trabalhadores, um fórum que contestava e um outro que imaginava que também, naquela ocasião, sabia



tudo sobre o mundo e que desapareceu um pouco, com a crise americana de 2008.

Pois bem, eu também tinha clareza de que a minha chegada à Presidência da República tinha que mudar o patamar de governança neste país. Ou seja, nenhum presidente da República teve que provar qualquer coisa neste país, e eu sabia que eu tinha que provar, a cada dia, como eu sabia que eu tinha que respirar, de que alguém saído do meio do povo mais humilde deste país teria condições de governar igual ou melhor do que todos os doutores que passaram pela Presidência da República deste país, eu precisava provar. Eu não podia apenas falar, eu tinha que provar a cada dia que era possível, porque eu não queria provar a mim mesmo, eu queria provar aos trabalhadores e às pessoas mais humildes deste país, que tinham me derrotado em [19]89, que tinham me derrotado em [19]94 e que tinham me derrotado em [19]98 por desconfiança de mim e por desconfiança neles próprios, porque muita gente olhava em mim e dizia: “Como é que eu posso votar em um cara igual a mim? Como é que eu posso votar em um cara que só tem quatro anos de escolaridade? Como é que eu posso votar em um cara que só vai para a porta de fábrica falar em greve? Como é que eu posso falar [votar] numa pessoa tão despreparada como eu?”. Eu tinha que provar, mais do que provar a mim mesmo, eu tinha que provar a cada um de vocês que não existe escolaridade apenas, não existe o berço onde a gente nasceu, existe determinação. E cada um de nós pode chegar à Presidência da República, ao governo do estado, à prefeitura da cidade e fazer as coisas acontecerem.

Eu, quando vim, Eduardo, ao Estaleiro Atlântico Sul e vi uma mulher, cortadora de cana, prestar o depoimento que ela prestou... Porque nós somos induzidos desde pequenos, quando a gente vem lá de baixo, que a gente é inferior, nós somos induzidos. Nós somos induzidos pelos livros, nós somos induzidos pelos meios de comunicação, nós somos induzidos pela atividade cultural que nós somos os da senzala e que quem manda são os da casa



grande. E nós queremos provar que os da senzala podem tanto quanto aqueles que moram na casa grande.

Foi essa necessidade de provar que me fez, meu caro presidente mundial da Fiat, trabalhar mais do que de hábito se trabalhava neste país; acreditar mais do que se acreditava neste país; depositar a confiança no povo mais do que se depositava neste país; acreditar na parceria mais do que se acreditava neste país; acreditar no trabalho entre os entes federados mais do que já se tinha acreditado neste país.

E hoje é com muito orgulho que eu estou aqui lançando a pedra fundamental de uma empresa importante como a Fiat, que resolveu vir para o Nordeste não porque o Lula é pernambucano ou porque o Eduardo Campos tem os olhos azuis, não é por isso. Ela veio para cá porque, inteligente do jeito que é, a direção da Fiat tem estudos sobre o desenvolvimento do Nordeste brasileiro. E ela sabe que esta região aqui, que aparecia nos gráficos do IBGE como a região que tinha apenas mais analfabetos, mais desnutrição, mais mortalidade infantil e mais desgraça, esta região agora aparece... já temos quatro vezes mais doutores do que a gente tinha oito anos atrás, doutores formados. Já temos indústria naval, já temos indústria petroquímica, já temos muitas escolas técnicas e já temos muitas escolas profissionais formando cada homem e cada mulher, para que as pessoas entendam que um matuto que corta cana não produziu um carro porque ainda não deram chance a ele de produzir um carro. Mas vocês vão ouvir, daqui a dois anos, o presidente da Fiat vir aqui e dizer que não tem lugar nenhum do mundo que tenha trabalhador mais qualificado, mais preparado e mais produtivo do que os trabalhadores de Pernambuco e os trabalhadores do Nordeste brasileiro.

Meus queridos companheiros, o que nós fizemos foi apenas um sinal para que a companheira Dilma continue esse processo. Nós não queremos tirar nada de nenhuma região do país. Nós não queremos tirar nenhum emprego da Fiat de Minas Gerais. Nós não queremos tirar um emprego da



indústria automobilística de São Paulo. Nós não queremos tirar um emprego da indústria automobilística do Paraná ou do Rio Grande do Sul. Nós apenas queremos que o Norte e que o Nordeste tenham a mesma oportunidade que eles já tiveram e terem a mesma coisa.

Tem um tipo de gente no Brasil que é tão preconceituoso que ele é capaz de frequentar o mesmo salão a vida inteira; se um dia ele vir uma pessoa que ele conheceu pobre frequentando o seu salão, ele é capaz de mudar, quando ele deveria dar graças a Deus de ter um companheiro a mais no seu salão, dançando com ele qualquer que seja a música que esteja tocando. Não era possível o Brasil continuar dividido entre o país miserável exportador de desempregados para o restante do Brasil e o Brasil que recebia quase tudo.

Hoje eu vi uma matéria em um grande jornal de São Paulo, que me encheu de orgulho. Eu não sei se queria fazer crítica ou queria apenas constatar, mas a matéria, Eduardo, é que nós levamos publicidade para mais de 8 mil veículos de comunicação, quando antigamente se contentavam em distribuir entre meia dúzia que se autointitulava a imprensa nacional. E o jornalzinho de Taboão, de Jaboaão, o jornalzinho de Garanhuns, o jornalzinho de Campina Grande, o jornalzinho de Recife, o jornalzinho do Cabo não valiam nada, o de Suape não valia nada. Quando nós, então, resolvemos socializar o dinheiro do governo, levando condições para que a rádio menor do interior pudesse receber dez centavos daquilo que as rádios nacionais recebiam tudo antes de eu chegar no governo. E ainda dizem – ou disseram – que nós seríamos uma ameaça à liberdade de imprensa. Eu duvido que tenha alguém neste país que tratou com mais liberdade os meios de comunicação do que eu tratei. Eu duvido que tenha um jornal, uma televisão ou uma revista que um dia diga que eu telefonei para me queixar de uma matéria.

As pessoas não percebem que, embora eu não tendo o diploma universitário, embora eu não falando Inglês e Francês – e vocês perceberam



que nem Italiano eu falo – embora eu não falasse, eu tenho consciência de que quem vai julgar as matérias que vocês escrevem não sou eu, é o leitor, é o telespectador, é o ouvinte que está prestando atenção naquilo que vocês estão dizendo ou escrevendo. Se disserem a verdade, as pessoas levarão em conta; se puxarem muito o saco do governo, vão ser chamados de chapa branca; mas se falarem sempre contra, também o povo saberá que vocês não querem que este governo faça as coisas que têm que ser feitas. A minha tranquilidade é apenas uma: é acreditar na inteligência de quem lê, na inteligência de quem ouve e na inteligência de quem vê na televisão as matérias. E aí, eu estou simplesmente tranquilo.

Pois bem, nós chegamos hoje, Eduardo, e eu vou dar os números aqui. O PAC prevê investimentos, na Bahia, de R\$ 41 bilhões; em Pernambuco, R\$ 34 bilhões; no Ceará, R\$ 22 bilhões; em Sergipe, R\$ 9 bilhões; em Alagoas, quase R\$ 10 bilhões; no Rio Grande do Norte, R\$ 12,8 bilhões; no Maranhão, fora a refinaria, R\$ 13 bilhões; na Paraíba, R\$ 9 bilhões; no Piauí, R\$ 7 bilhões. Isso, sem contar a Transnordestina, sem contar o Canal do São Francisco, sem contar a refinaria de Pernambuco, sem contar a refinaria do Maranhão, sem contar a refinaria do Ceará. Ou seja, são investimentos que nós vamos colher ao próximo tempo, fora o PAC 2, que já foi anunciado e que a companheira Dilma vai administrar.

Estamos fazendo isso pelo Nordeste porque achamos que é preciso elevar o Nordeste ao mesmo patamar dos outros países [estados] do Sul, do Sudeste e do Centro-Oeste, para que este país seja mais igual, seja mais justo com os seus filhos e que todos tenham oportunidade.

A Fiat agiu corretamente quando resolveu se instalar no Nordeste brasileiro. E se depender de mim, Eduardo, sendo presidente ou não, outras empresas irão se instalar em outros estados brasileiros [nordestinos], porque o Nordeste precisa de mais indústria. Precisa de mais indústria naval, de indústria siderúrgica, de indústria petroquímica, de indústria têxtil. O Nordeste



precisa de mais empregos porque nós temos que recuperar as décadas perdidas a que nós fomos legados à miséria.

Eu não esqueço a razão pela qual eu saí da minha Caetés no dia 13 de dezembro de 1952. A causa chamava-se “fome”. E nós não queremos que isso aconteça mais com o Nordeste. Nós queremos que nordestino vá para São Paulo a turismo, paulista venha para cá a turismo, paulista [nordestino] vá conhecer o desenvolvimento de São Paulo, paulista venha conhecer o que é a costa de Pernambuco, a costa do Ceará, a costa da Paraíba, mas que a pessoa não seja obrigada a correr, a troco de um prato de comida, como nós corremos em mais da metade do século XX neste país.

Meus queridos companheiros e companheiras da Fiat, eu queria que vocês levassem em conta que, se tem um ser humano confiante neste país, e se vocês confiam na minha confiança, é que a companheira Dilma vai fazer um extraordinário governo, que ela vai apenas dar sequência ao que ela própria já ajudou a criar. É que ela vai fazer mais, ela vai fazer mais. O carro já está andando a 120 por hora, ela pode aumentar para 130, ela pode reduzir para 119, se ela estiver em uma curva. A única coisa que não pode é deixar o nosso carro sair da pista e nem o trem sair dos trilhos.

Quando a gente olha o mundo, hoje, eu poderia dizer para vocês, sem medo de errar: o Brasil será a quinta economia do mundo até as Olimpíadas. Eu falo para vocês, sem medo de errar: hoje, se a gente olhar o mundo, a gente vai ver que de todas as hidrelétricas construídas, no mundo, as três maiores estão no Brasil. Não tem nenhum país construindo a quantidade de quilômetros de ferrovias que o Brasil está construindo. Não tem nenhum país fazendo cinco refinarias, como nós estamos fazendo hoje. E o Eduardo Campos se lembra de que, quatro anos atrás, se dizia que não precisa de mais nenhuma neste país. Se vocês olharem, não tem nenhuma empresa de petróleo do mundo fazendo a quantidade de investimento em petróleo que a nossa Petrobras está fazendo no pré-sal.



A coisa é tão irônica para os meus adversários, que não foi o dono da Fiat que fez a maior capitalização do mundo, não foi o Bill Gates que fez a maior capitalização do mundo, não foi o dono da General Motors que fez a maior política de capitalização do mundo. Foi exatamente, meus companheiros da Fiat, um torneiro mecânico de São Bernardo do Campo, sem diploma universitário que, junto com o governo, fez a maior capitalização da história do capitalismo, da história da humanidade. E levamos a Petrobras, de uma merreca de 15 bilhões de valor de patrimônio, para US\$ 215 bilhões do valor de patrimônio, sendo a segunda empresa do mundo na área de petróleo.

Vocês podem ter certeza de que eu conheço a equipe econômica da presidenta Dilma, eu conheço a presidenta Dilma. Eu estou falando em chegar a quinta economia do mundo em 2016, mas se depender da vontade de trabalhar que eles estão, nós poderemos chegar antes.

O que é importante é que nós descobrimos uma coisa fantástica: nós tínhamos mais de dois terços da população brasileira que não tinham condições de ter um carro. Na hora em que você começa a melhorar a massa salarial, na hora em que as empresas começam a aumentar o número de prestações, na hora em que começa a aumentar o crédito para as pessoas, a gente percebe que o capitalismo começa a funcionar. E aqui, Eduardo, as pessoas diziam, você perguntava até para o Armando Monteiro, quando era o presidente da CNI: Ô Armando, o Brasil é um país socialista ou capitalista? Ele falava: “É um país de economia capitalista, você não sabe não?” Agora, era um país de economia capitalista, Armando, que tinha 190 milhões de habitantes e apenas R\$ 380 bilhões disponibilizados para crédito. Aí, entra um cara que passou a vida inteira dizendo que era socialista, e o nosso crédito sai de 380 bilhões para R\$ 1,7 trilhão de crédito disponibilizado neste país hoje.

A nossa querida Maria Fernanda, presidenta da Caixa Econômica Federal, se ela pegar a história dos últimos dez presidentes da Caixa Econômica Federal, eles não tiveram, a vida inteira, a quantidade de dinheiro



que ela tem neste ano, que ela fez investimentos neste ano. Quando bilhões foram? 70 bilhões. Em 2003, quando nós chegamos, tinha sido apenas 5 bilhões. Agora, já foram 70 [bilhões], Eduardo. O BNDES quanto tinha, Luciano? Trinta bilhões em 2003. E neste ano? Neste ano, 174 [bilhões] contra 30 [bilhões]. Então, aquilo que disse o Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, que a categoria tinha 60 mil e caiu para 11 mil em [19]89, e está se recuperando, para chegar a 60 [mil], já está com 40 [mil]...; a indústria naval só tinha 1.600 trabalhadores e está com 50 mil hoje; a indústria da construção civil passou 15 anos caindo, somente nos últimos dois anos é que começou a se levantar. Pois bem, o Brasil se descobriu para si, ou seja, nós aprendemos a gostar mais do Brasil, a gostar mais da bandeira nacional, nós percebemos que o Brasil gosta mais de nós e nós gostamos mais dele, nós percebemos que o estado de Pernambuco está ficando melhor e nós estamos ficando melhores, nós estamos percebendo que as coisas estão andando e que a autoestima nossa está em um nível que nunca esteve neste país. A autoestima é uma coisa importante.

Então, eu não poderia deixar, meu querido companheiro Eduardo, não poderia deixar de vir a Pernambuco, faltando dois dias, não poderia deixar. Daqui eu vou para o Ceará, vou lá também para fazer pirraça, vou lançar a pedra fundamental de uma refinaria de 300 mil barris/dia; e depois eu vou à Bahia, mas não posso dizer o que vamos anunciar na Bahia. Mas eu vou... Aí, quando chegar o dia 31, eu telefono para a nova presidenta, marco um cafezinho com ela, vou lá, eu e Marisa, tomamos um cafezinho, me despeço, e vou descansar para entregar a faixa para ela no dia 1º, às quatro horas da tarde.

Mas eu não poderia ir embora sem dizer ao povo de Pernambuco: obrigado por vocês terem reeleito o Eduardo Campos governador do estado, com a votação que ele teve. O Nordeste brasileiro tem hoje a melhor safra de governadores, desde que eu me conheço por político. A safra de governadores



do Nordeste é a melhor das últimas décadas. Gente jovem, e dentre esses jovens, nós temos que enaltecer este companheiro, o companheiro Eduardo Campos. Ele, primeiro, foi leal comigo, como somente um filho pode ser leal. Segundo, montou uma equipe muito capaz para elaborar os projetos de interesse de Pernambuco. Terceiro, é um companheiro que não rejeita tarefas. Dê a tarefa, que ele faz e faz muito bem. Ainda conseguiu – além de se eleger com 80% de votos – conseguiu levar junto o Armando Monteiro e Humberto Costa, junto, para o Senado. Conseguiu eleger quase todos os deputados federais aqui do estado.

Agora, não é pensar que o jogo está ganho. O segundo mandato é mais difícil e, portanto, a expectativa é maior. Portanto, meu querido Eduardo, o projeto tem que estar pronto logo, porque são quatro anos e passa rápido “para desgraça”. Demora muito para a oposição, mas para quem está no governo é um tiro. Então, Eduardo, prepare o projeto e trabalhe, porque eu acho que o Nordeste, se acontecer com o Nordeste mais dez anos do que está acontecendo agora, nós poderemos aqui nos encontrar e dizer que, finalmente, o Nordeste brasileiro vai deixar de ser visto como a parte pobre deste imenso país chamado Brasil.

Eu quero te agradecer, Eduardo. Agradecer a você, agradecer aos companheiros deputados. Agradecer ao Armando Monteiro que, como presidente da CNI, foi sempre um grande parceiro do governo e meu, pessoal, que conseguiu reeleger o Robson, aquela figura simpática, lá, mineiro, da maior qualidade.

Quero agradecer aos trabalhadores. E dizer para vocês que valeu a pena, valeu a pena a gente poder ser testado. Em 1979, tem uma frase muito famosa, minha, que quando a gente estava em uma situação difícil, no estádio da Vila Euclides, eu disse que ‘nunca mais ninguém ousasse duvidar da capacidade dos trabalhadores brasileiros’. Portanto, eu saio da Presidência, e o legado mais importante que eu quero deixar é que vocês podem chegar lá. Se



eu cheguei, é só vocês teimarem, brigarem e perseverarem, que vocês podem mudar a história deste país, e mudar definitivamente.

Muito obrigado, de coração, a cada mulher, a cada homem, a cada companheiro deputado estadual e, sobretudo, a você, Eduardo Campos, pelo carinho e pela dedicação com que nós trabalhamos até aqui.

Um abraço.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de ordem de início do Cais do Sertão – Memorial Luiz Gonzaga e entrega da cessão de uso gratuito de terreno para a Associação Orquestra Criança Cidadã Meninos do Coque

Recife-PE, 28 de dezembro de 2010

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco, e nossa querida companheira Renata Campos, primeira-dama do estado de Pernambuco,

Meus queridos companheiros ministros Juca Ferreira, da Cultura; e nosso companheiro Sergio Rezende, pernambucano, ministro de Ciência e Tecnologia, o melhor ministro de Ciência e Tecnologia que o Brasil já teve.

Nosso querido companheiro deputado Guilherme Uchoa, presidente da Assembleia Legislativa de Pernambuco,

Nosso querido companheiro João Lyra Neto, vice-governador do estado de Pernambuco,

Nossos queridos companheiros senadores eleitos Armando Monteiro Neto e Humberto Costa,

Deputados federais: nossa querida companheira, deputada mais votada do estado de Pernambuco, Ana Arraes; nosso querido companheiro Fernando Ferro; nosso querido companheiro Fernando Bezerra Filho e nosso querido companheiro Paulo Rubens Santiago.

Ministro Og Fernandes, do Superior Tribunal de Justiça,

Companheiro Milton Coelho, prefeito de Recife em exercício,

Nosso companheiro Múcio Magalhães, presidente da Câmara Municipal de Recife,

Aqui é importante, agora: nosso companheiro Luciano Coutinho, pernambucano, presidente do BNDES, o melhor presidente que o BNDES já



teve, na história do BNDES. É importante ficar em pé, para as pessoas conhecerem que Pernambuco tem o presidente de um banco que hoje é maior do que o Banco Mundial, e que empresta mais dinheiro do que o Banco Mundial. De vez em quando, a imprensa brasileira fala muito do Banco Mundial, mas o Banco Mundial, perto do BNDES não é nada, hoje. O BNDES é muito mais importante e é dirigido por um pernambucano.

Nosso querido companheiro... Esse é um companheiro particular, porque é o nosso companheiro ministro do Tribunal de Contas da União, o nosso querido companheiro José Múcio, o nosso querido companheiro.

E outra coisa importante – prestem atenção – é importante que a Maria Fernanda se levante. Da mesma forma que o BNDES tem o presidente mais importante da história do BNDES, um pernambucano, a Caixa Econômica Federal tem a melhor presidenta que a Caixa Econômica já teve, a companheira Maria Fernanda. E não é dito por mim, é dito pelos governadores, pelos prefeitos. Eu vou contar uma história dela aqui. Eduardo, eu não conhecia a Maria Fernanda. Eu não conhecia a Maria Fernanda, quando eu precisava escolher uma pessoa para presidir a Caixa Econômica Federal. Ela estava entre a terceira e a quarta opção de escolha. Aí, entra esta senhora na minha sala e fala assim para mim: “Presidente, eu não posso aceitar esse cargo, porque eu tenho um irmão que é oposição do governo, trabalha no governo do Jarbas Vasconcelos”. Eu falei: Maria Fernanda, eu não estou convidando o seu irmão, eu estou convidando você. Eduardo, somente depois que eu falei para a Dilma: Dilma, eu encontrei a presidenta da Caixa, somente depois que ela estava escolhida é que ela me confessou que ela era uma companheira que tinha ajudado a fundar o PT aqui em Pernambuco, em 1982. Foi esse senso de responsabilidade e esse senso de honestidade que... - Ô Valença, você está aí, meu filho? Olinda presente, na ex-prefeita e no ex-vice, está aí. Então, Maria Fernanda, é motivo de orgulho para Pernambuco, dito



pelos prefeitos do Brasil, ter essa mulher. Bem, não é apenas ela, não é apenas ela.

Nós temos aqui presente um outro Pernambuco “porreta”, companheiro, vice-presidente de Crédito do Banco do Brasil, presidente da Previ e presidente do Conselho da Vale do Rio Doce. O companheiro Ricardo Flores é outro pernambucano, extraordinário, que contribui com o desenvolvimento deste país e do estado de Pernambuco.

Bem, nós temos agora o nosso companheiro Fernando Bezerra Coelho, que era somente secretário, e agora vai ser ministro da Integração Nacional, indicado pelo PSB.

Bem, vocês viram que aqui eu entreguei um documento para uma criança. Essa criança é o Daniel, é o Daniel que representa aquela orquestra dos meninos da favela do Coque, que tem... olha que elegância do Daniel! Olhe, eu não vou contar a história do Daniel porque vocês já conhecem, mas o companheiro João José Rocha Targino, que é juiz, é o coordenador-geral do projeto Criança Cidadã e ele, há muito tempo, reivindicava isso. É importante a gente, aqui... Levanta, nossa companheira Alexandra, da Secretaria do Patrimônio da União, que é a companheira que conseguiu legalizar a doação de um prédio da Marinha para que a orquestra possa montar um espaço de ensaiar e de tornar essas crianças muito melhores ainda.

Quero cumprimentar também o companheiro Américo da Cunha Pereira, presidente em exercício da Associação Orquestra Criança Cidadã, que é motivo de Pernambuco e do Brasil.

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Gonzaga, por meio de quem cumprimento todos os familiares de Luiz Gonzaga.

Quero cumprimentar algumas pessoas que já passaram por aqui, nosso querido Daniel; mas quero cumprimentar o Antonio Marinho, aquele moleque atrevido que falou do presidente Lula; o Maciel Melo, um cantor extraordinário;



quero cumprimentar o Walter Teles; e quero cumprimentar o João Paraibano pelo show espetacular que deram aqui.

Quero cumprimentar todos os artistas pernambucanos,
Quero cumprimentar o povo de Pernambuco,
Quero cumprimentar a imprensa,

E não vou ler o meu discurso hoje, porque eu quero falar um pouco com vocês.

Primeiro, vocês percebem que eu estou de faixa, eu estou de faixa aqui. Como eu vou entregar a minha faixa de presidente da República no próximo sábado para a companheira Dilma, eu vou aproveitar e dormir com esta daqui, para não esquecer da faixa de Pernambuco.

Segundo, eu vou fazer uma fala bem curta, que eu vou daqui para Fortaleza, e depois eu vou para a Bahia ainda, e eu não quero chorar mais do que já chorei. Você sabe que uma coisa que eu admiro no povo é que o povo chora para fora, o povo cafunga, lacrimeja, e político chora para dentro, fica com vergonha, e fica engolindo lágrimas, quando deveria colocar lágrimas para fora.

Eu confesso a vocês uma coisa: eu sou agradecido a Deus, em primeiro lugar, porque se não fosse o dedo de Deus, não era normal que um retirante de Caetés que fugiu para não morrer de fome se transformasse em presidente da República do Brasil. Isso só pode ter o dedo de Deus, só pode ter o dedo de Deus. Quem não acredita em Deus pode acreditar, que ele existe. Ele existe, e ele toma conta de nós. Ele não ensina o que a gente tem que fazer todo dia porque ele já deu um dom maior para nós, que é a inteligência. Agora, cada um tem responsabilidade pelo que faz, e quem faz paga pelo que fez. Então, eu sou agradecido. Vocês não acham que eu poderia ser pastor depois que eu terminar a minha Presidência? Fazer sermão lá em Garanhuns, ô Ferro.

Bem, a segunda coisa que eu queria dizer para vocês: eu sou



agradecido a Deus pelo carinho que vocês tiveram comigo ao longo da minha trajetória política. É importante vocês lembrarem que eu saí de Pernambuco no dia 13 de dezembro de 1952, para ir para São Paulo, e só retornei a Pernambuco em 1979, para conhecer a terra em que eu nasci, que eu pensava que era Garanhuns e já tinha virado Caetés, porque já tinha virado cidade. E fiquei decepcionado porque eu tinha a imagem de um pé de mulungu maior do que esse comício e, quando eu cheguei lá, era um bicho mais fino do que aquele microfone; e porque eu tinha um açude na frente da minha casa, que eu pensei que era um Oceano Atlântico e, quando eu cheguei lá, não passava de uma cacimba.

Pois bem, eu aprendi com vocês, em 1989, quando fui candidato a presidente da República pela primeira vez, que não era possível o Brasil dar certo se ele não tivesse um presidente da República que conhecesse o Brasil na sua totalidade, que conhecesse o Brasil do Rio Grande do Sul, mas conhecesse o Brasil de Pernambuco, o Brasil de Roraima, o Brasil do Amazonas, o Brasil do Amapá, o Brasil do Ceará, o Brasil de Goiás, o Brasil do Mato Grosso, que conhecesse os negros deste país, que conhecesse os índios deste país, que conhecesse os catadores de papéis, as pessoas que moram na rua, que conhecesse as crianças que moram na rua. Era preciso que o presidente tivesse um olhar total do seu país, para conhecer o seu povo e poder governar distribuindo possibilidades para que todos tivessem condições de participar do desenvolvimento deste país.

Foi a partir, companheiro Eduardo Campos, da descoberta das eleições de [19]89, que eu descobri que era falsa a disputa eleitoral, que um presidente da República pegar um avião em São Paulo, descer no aeroporto de Recife, subir em um palanque, voltar para o aeroporto e voltar para São Paulo não lhe permitia conhecer o povo pernambucano. Era preciso que ele conhecesse um pouco mais. Era preciso que ele entrasse em um bar, que abrisse a porta do carro, que abraçasse as pessoas, que beijasse as pessoas, que sentisse o



olhar de cada ser humano. Afinal de contas, não há possibilidade de o ser humano interagir se não houver um toque de mão, se não houver um abraço, se não houver um beijo, um carinho, um olhar, olho no olho. Foi a partir daí que eu resolvi fazer as Caravanas da Cidadania. E comecei fazendo a primeira caravana percorrendo o trajeto que a minha mãe percorreu com oito filhos: saindo de Caetés, da bodega do Tozinho - que ainda hoje existe a casinha velha -, saindo até a cidade de Santos, em São Paulo, onde eu cheguei, parando em cada cidade, conversando com as pessoas. Depois eu percorri 91 mil quilômetros de carro, de trem, de ônibus e de barco para conhecer a cara, o jeito, o contar da piada, o contar da graça, o cantar do povo pernambucano, o sofrimento do povo brasileiro, e isso me deu uma dimensão do Brasil que eu queria governar. Eu tentava traduzir isso, Eduardo, dizendo o seguinte: o marido, ele pensa que conhece a casa, mas quando a mulher não está em casa, se ele tivesse que fazer um café, ele não sabe onde está o pó, não sabe onde está o açúcar, não sabe onde está o bule, não sabe onde está o coador. Eu traduzia para que o povo entendesse, com mais facilidade, aquilo que era a arte do que eu queria fazer se ganhasse as eleições para presidir este país.

Finalmente, eu perdi em [19]89, eu perdi em [19]94, eu perdi em [19]98, e eu perdi porque uma parte do povo pobre deste país, que deveria ter votado em mim, não votava. Não votava com razão, não votava com medo, não votava porque ele pensava: “Como é que eu que não sei nada e vou votar em um cara que não sabe nada? Como é que eu vou votar em um cara que só tem o diploma primário, que é um metalúrgico, um sindicalista?”.

Eu lembro uma vez aqui, em Casa Amarela, visitando um barraco, a mulher falou: “Eu não vou votar em você, Lula, porque você vai tomar tudo o que eu tenho”. Eu olhava para o barraquinho dela, e eu falava: Pelo amor de Deus, o que eu vou tomar dessa mulher? Ela não tem nada! Como é que ela tem medo de mim? Eu cheguei em casa, Eduardo, contei para a Marisa, falei: Marisa, eu estou assustado, porque eu fui em um barraco de uma pessoa que



não tinha nada, e essa pessoa, que eu queria ajudar, tem medo de mim, tem medo. Ela não confia no que eu falo, e ela tem medo que eu vá tomar as coisas dela. E a Marisa falava: “Lula, não desanima, continua, que um dia você vai convencer”. Isso aconteceu em 2002, aconteceu.

Depois, eu tinha uma outra dúvida. Eu ganhei as eleições. E aí, eu comecei a ficar preocupado. Qual era a preocupação? Será que eu tenho condições de governar este país? Será que eu vou conseguir dar conta do recado? Tinha vezes que eu me deitava, com a Marisa, lá no Palácio da Alvorada, eu falava: Marisa, será que é verdade que a gente está aqui? Nós estamos dormindo neste quarto em que dormiram tantos presidentes, nesta cama, Marisa, será que é verdade? E aí, aconteceu quase uma coisa sagrada para mim: eu descobri que eu tinha que provar a mim mesmo que eu tinha competência, eu tinha que provar a mim mesmo que eu não podia falhar, porque se eu falhasse, não era o Lula que tinha falhado; porque, se eu falhasse sozinho, não tinha importância nenhuma, acabou o Lula, vem outro; é que, se eu falhasse, quem falhava seria a classe trabalhadora, seriam os pobres deste país que iriam provar que não tinham competência para governar. E aí, tomei como decisão não falhar, e trabalhei.

Eu duvido, duvido que tenha um presidente da República deste país que tenha trabalhado o tanto que eu trabalhei, que tenha viajado o tanto que eu viajei, que tenha cumprimentado as pessoas o tanto que eu cumprimentei. E não faço isso à toa, faço isso porque eu quero sentir o pulsar do coração, da alma e da mente de cada mulher e de cada criança neste país. E foi com essa convicção que eu consegui governar no primeiro mandato, depois de tantas coisas ruins que aconteceram, e chegamos ao segundo mandato. Aí, o Brasil começou a melhorar.

Eu quero aproveitar para agradecer a vocês, de coração, a eleição deste companheiro Eduardo Campos e a reeleição dele agora, porque a gente não acha diamante em qualquer lugar, a gente não acha gente boa em qualquer



lugar e a gente não acha companheiro em qualquer lugar.

Eu lembro da campanha de [19]89. Só teve um governador do Brasil que começou me apoiando, que era o companheiro dr. Miguel Arraes, aqui em Pernambuco, depois o companheiro Brizola. E quem estava ao lado do Arraes não era um governador, era um menino, o neto; o neto, quem sabe, não o predileto, mas o neto que estava predestinado a substituir o avô.

Eu lembro, Eduardo, de uma viagem que nós fizemos ao Cariri. Eu lembro que no avião, eu e o dr. Arraes, que ninguém também santo, tomando uma dosezinha. Até porque a gente tinha medo de estar em um avião pequenininho: toc, toc, toc, toc. E o Arraes falou para mim: “Ô Lula, ô Lula, se você ganhar as eleições, faça a ferrovia ligando Pernambuco ao Ceará”. Eu falei: Arraes, se eu ganhar, fique tranquilo. Eu não ganhei. Depois eu perdi em [19]94, depois eu perdi em [19]98, e Arraes só pôde ver dois anos do meu primeiro mandato, morreu.

É uma pena que o doutor Arraes não esteja conosco, ele está lá de cima olhando, e ele está vendo o que está acontecendo no estado de Pernambuco, o que está acontecendo no Nordeste. E não é apenas obra do Eduardo ou minha, é quase como se fosse uma benção de Deus.

Nós estamos fazendo algumas obras, Eduardo, algumas obras. A transposição das águas do rio São Francisco, eu fui o único presidente que nunca prometeu fazê-la, todo mundo prometia e eu não prometi. Eu sei que dom Pedro II queria fazer em 1847 ou dom Pedro I, uma coisa assim, não deixaram fazer. Pois bem, em 2012 a nossa companheira Dilma vai inaugurar a transposição das águas do rio São Francisco, que vai ser concluída por um ministro pernambucano, agora, o nosso companheiro Fernando Coelho, que vai concluir, levando água para o Ceará, para Pernambuco, para a Paraíba e para o Rio Grande do Norte, atendendo o maior semiárido habitado do mundo e atendendo a 12 milhões de famílias nordestinas que precisam de água. Água para beber, água para a cabritinha, para o bodinho, para a vaquinha, água para



ninguém ficar carregando pote na cabeça, como eu carreguei quando eu tinha sete anos de idade. Somente quem não conhece o que é carregar uma lata d'água, pegar água barrenta no açude, disputando a água com merda de vaca, de cavalo, de cabrito, com caramujo, levando para casa, deixando a água sentar em um pote e tirar com uma latinha, para beber, era contra a transposição do rio São Francisco. Graças a Deus, ela vai sair porque a maioria do povo brasileiro assim desejou. E aqueles que eram contra, que tomam água Perrier gelada, continuem bebendo, que eu não quero tirar, mas me permitam levar um pouquinho de água tratada para o povo pobre deste Nordeste brasileiro.

A gente poderia estar aqui inaugurando a estação de tratamento de Pirapama. Eu lembro, Eduardo – você, acho que não era nem nascido – eu vim aqui em 1979, a convite da Cristina Tavares, a convite do Marcos Freire, a convite até do Jarbas Vasconcelos, em 1979. Eu vim aqui, eu fui a Quipapá, eu fui a Lajedo, eu fui a Garanhuns, eu fui a Caetés, e eu fiquei hospedado aqui no Hotel do Sol, que era da família da Cristina Tavares, e no tempo em que eu estava aí, eu tive um problema, que faltava água em Recife. Agora, precisou esse refugiado de Caetés, que carregou água na cabeça, junto com o governador Eduardo Campos, para fazer Pirapama, para nunca mais faltar água em Recife para as pessoas tomarem banho, beberem e lavarem sua roupa.

Companheiros e companheiras, eu não vou falar da Fiat, porque já é um luxo. Já é um luxo a gente ter aqui, no porto de Suape, uma indústria automobilística. Se prepare, peão, você pode trabalhar lá, se prepare! Se você fizer como o Lula, você não só vai trabalhar, como pode ser presidente! É só se preparar, perseverar e trabalhar, você pode chegar lá.

Veja, então nós temos... Veja que coisa interessante: nós temos aqui em Pernambuco uma refinaria, que eu passei por cima hoje, está uma maravilha aquilo; Armando, está um colosso; Humberto, aquilo tem que sobrevoar de



helicóptero, para ver a quantidade de máquinas trabalhando, de gente trabalhando. Nós temos uma Transnordestina gerando, neste momento, 11,3 mil empregos. Nós temos o Canal de São Francisco, que eu fui visitar agora um túnel de 15 quilômetros, que a água vai passar por baixo da terra, para encher todos os açudes do semiárido nordestino. Nós temos a refinaria do Ceará, nós temos a refinaria do Maranhão, nós temos a refinaria do Rio Grande do Norte. Nós temos a BR-101, que está asfaltada, que vocês já viram. Nem a Alemanha, nem a Angela Merkel, primeira-ministra da Alemanha, anda em uma estrada tão bem tratada como a nossa BR-101. E nós temos, nós temos o povo Nordestino feliz.

Eu sei que nós não fizemos tudo e eu sei que não é possível fazer tudo em oito anos. Nós não podemos fazer... Aqui nesta terra, Eduardo, você sabe, a elite de Pernambuco, na guerra de Guararapes, na Confederação do Equador, e na independência feita em 1817, a elite não deixava nem índio, nem negro participar. Qual era o medo da elite? “É que se a gente deixa negro e índio participar, eles vão aprender a lutar e depois vão querer lutar contra a gente. Então, vamos deixar de fora”. Nós não precisamos de guerra. Nós apenas precisamos de democracia e liberdade para a gente chegar à Presidência da República, ao governo do estado e mudar a regra desse jogo.

Eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: olhem a cara deste menino. Este menino, este menino, ele mora com o avô e com a avó. Este menino dormia – não sei se já mudou – ele dormia numa cama em que, dentro do quarto, passava um esgoto a céu aberto. Este menino era um menino daqueles que tinham nascido para não dar certo, para morrer antes do tempo. Graças a Deus, apareceu um juiz, apareceram maestros, apareceu gente que resolveu criar uma orquestra, de pessoas que nasceram apenas para tocar pandeiro, pessoas que nasceram para tomar cachaça em um bar e, de repente, percebem que um menino como este pode tocar violino como qualquer violinista alemão, francês, inglês, de qualquer país do mundo. Ele precisava



apenas de uma oportunidade, ele precisava apenas de autoestima.

E foi isso que nós conseguimos dar ao povo brasileiro. Nós não conseguimos tudo, mas nós conseguimos gostar de nós, nós conseguimos nos respeitar, nós conseguimos gostar da bandeira do Brasil, a gostar da bandeira de Pernambuco, a gostar da bandeira de Recife. Nós aprendemos a acreditar em nós. E quem acredita em si próprio jamais será derrotado.

Por isso, meus queridos e queridas companheiras, do fundo do meu coração, eu não tenho palavras, não tenho palavras para agradecer o carinho que vocês dedicaram a mim durante todo esse tempo que eu fiz política no estado de Pernambuco.

Quero agradecer a parceria que eu fiz, quero agradecer a parceria que eu fiz com este companheiro aqui. Este companheiro é um mestre, é um menino que ainda terá muito futuro neste país. Eu tenho certeza de que ele será muito mais verdadeiro se ele continuar trabalhando com vocês, como ele trabalhou até agora.

Portanto, Eduardo, eu quero de público, aqui, no meu último ato público em Pernambuco como presidente da República, agradecer a você pela lealdade, pelo companheirismo e pela parceria que nós conseguimos construir.

Quero agradecer... Eu estou vendo ali, eu estou vendo ali, cadê Ariano Suassuna? Ariano? Levante a mão, Ariano Suassuna, um abraço, querido, um grande abraço. É uma pena que as pessoas não tenham enxergado o que você representa para o Brasil, e deixaram você em um palanque à minha direita, quando você deveria estar à minha esquerda, ou aqui do meu lado, porque é isso que você representa para o Brasil.

Obrigado, Daniel, que Deus te abençoe.

Gente, a palavra de ordem é a seguinte: apoiar a companheira Dilma, apoiar o companheiro Eduardo, trabalhar, porque ela vai fazer por vocês mais e vai fazer melhor. Ela será a parceira de Pernambuco, podem ter certeza disso. Ela conhece o Brasil, e eu tenho certeza de que ela, junto com o Eduardo, irá



fazer muito mais. E Pernambuco vai crescer, e Pernambuco vai dizer ao mundo inteiro que Pernambuco quer participar definitivamente do desenvolvimento deste país.

Eu, sinceramente, deixo apenas a Presidência, mas não pensem que vocês vão se livrar de mim, porque eu estarei pelas ruas deste país, lutando e trabalhando para que a gente consiga melhorar a vida do povo brasileiro.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser. Feliz Ano Novo para todo o povo brasileiro e para o povo de Pernambuco.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração simultânea de unidades habitacionais em 18 estados, assinatura de contratos com os 27 estados para a construção de unidades habitacionais e anúncio dos resultados nacionais do programa Minha Casa, Minha Vida

Salvador-BA, 29 de dezembro de 2010

Eu quero... Deixa eu dizer uma coisa para vocês que eu considero importante. O fato de eu ter decidido vir à Bahia para fazer este ato tem dois significados: Primeiro, alguns companheiros dos meios de comunicação disseram, nas últimas semanas, que a gente não ia conseguir fazer o contrato de um milhão de casas. Possivelmente, algumas pessoas estavam acostumadas com um tipo de governo em que ficavam sentados com a bunda em uma cadeira e que não se importavam em chamar os seus companheiros para cobrar as coisas que tinham que cobrar.

O companheiro Jorge Hereda é meu companheiro de muitos anos. Antes de ser vice-presidente da Caixa, ele trabalhava na cidade de Diadema, companheiro do PT e que veio para a Caixa fazer um trabalho extraordinário. E esta companheira Maria Fernanda, ela é tão digna que, quando eu a convidei para ser presidente da Caixa, Wagner, ela, em vez de arrumar outro argumento, ela me disse: “Presidente, eu acho que não é bom eu aceitar, porque eu vou complicar a sua vida, Presidente. Eu tenho um irmão que é do DEM e trabalha lá com o governador de Pernambuco, que é oposição ao senhor”. Aí eu falei para ela: “Mas, Maria Fernanda, eu não quero contratar o seu irmão, eu quero contratar você”. E eu não sabia, depois que ela começou a trabalhar eu fiquei sabendo que ela foi (falha no áudio) na cidade de Recife, lá em Pernambuco. Então, melhorou muito a consideração que eu tinha por ela.



Essas duas pessoas, mais a Dilma, mais a Miriam Belchior, mais o companheiro Marcio sabem quantas reuniões eu convoquei para cobrar o programa Minha Casa, Minha Vida. Quantas reuniões, quantas brigas, quantos xingamentos que o meu companheiro Hereda recebeu da minha parte, quantos desaforos. Porque eu não disse que nós íamos completar em uma data X, mas eu tinha a convicção de que era preciso terminar o meu mandato fazendo o maior número de contratos já feitos na história deste país para habitação, financiados pela Caixa Econômica Federal e subsidiados pelo governo da República.

Então, hoje eu quero te dizer, Wagner, que venho aqui para lavar a alma. E vi aquele número que a Maria Fernanda publicou ali, na televisão: 1 milhão e 3 mil casas contratadas. Nem a Odebrecht, que é a maior empresa da construção civil deste país, imaginava que fôssemos capazes de fazer um milhão de contratos em 2010; nem o Paulo imaginava que a gente pudesse fazer. E nós fizemos para dizer àqueles que duvidavam que nunca mais ousem duvidar da capacidade de construção de casas dos trabalhadores brasileiros, da Caixa Econômica Federal e do governo brasileiro, que está determinado a resolver o problema de um déficit habitacional crônico neste país.

Então, aqueles que escreveram nesta semana que a gente não ia entregar um milhão de casas, por favor, peçam desculpas e reescrevam a matéria de vocês e falem que nós fizemos mais do que a gente imaginava. Não é feio pedir desculpas, feio é persistir no erro e na ignorância de alguns que ousaram não acreditar que nós seríamos capazes.

A Caixa Econômica, (incompreensível), é importante você saber disso, a Caixa Econômica, quando eu entrei no governo, ela financiava R\$ 5 bilhões, R\$ 5 bilhões. Este ano, Wagner, chegou a 70 [bilhões], 14 vezes mais do que financiava em 2003.

Então, essas coisas é que mudaram no Brasil. E aquele companheiro dono da fábrica (falha do áudio), que disse que não mudou nada no Brasil,



certamente não viu a qualidade de um apartamento desses para uma pessoa que ganha até três salários mínimos. Eu, meu companheiro, vou lhe dizer uma coisa: eu comprei minha primeira casa em 1976, no Jardim Lavínia, em São Bernardo do Campo. A minha casa tinha 33 metros quadrados, 33 metros quadrados. Éramos eu, Marisa, três filhos e uma sogra. E eu ainda tinha duas sogras, porque eu sou o único brasileiro que adotei uma sogra. Não tem, na face da Terra, alguém que adotou uma sogra, e eu adotei a mãe do primeiro marido da Marisa como se fosse a minha mãe, como se fosse a minha sogra, e trato ela com muito carinho e com muito respeito.

Pois bem, então, se o dono da fábrica de mamona, ignorante que deve ser – porque ninguém é dono de uma fábrica de mamona à toa, e ninguém quer expulsar vocês da fábrica dele à toa, não deve ser bom caráter. Esse cara...

_____ : A fábrica dele faliu.

Presidente: A fábrica faliu, antes de eu chegar ao governo. O governo bom é o que levou a fábrica dele à falência. Então, se esse cidadão viesse a entrar num prédio desses e visse a casa de 45 metros [quadrados] construída para um companheiro pobre, trabalhador, que ganha até três salários mínimos, ele certamente iria falar: “Desculpa, meu neguinho, mudou. Mudou e eu não vi, porque eu sou ignorante, porque eu sou cego, porque, antes de tudo, eu sou um imbecil que não quer enxergar a verdade do que está acontecendo neste país”.

A segunda razão pela qual eu estou aqui, Wagner, é por sua causa, é por sua causa. Porque este estado aqui é o estado que mais contratou casas nesse tempo, e contratou mais de zero a três [salários-mínimos]. Por conta dele, eu já comecei a endividar o programa da Dilma, ou seja, nós temos um programa da Dilma, que é de 2 milhões de casas nos próximos quatro anos, e



o nosso era de um milhão. Como ele precisava construir mais casas até... de zero a três [salários-mínimos], eu falei: bom, a Dilma é minha companheira, eu vou entrar no programinha dela, pegar um pouco das casas de zero a três [salários-mínimos], até lá a gente vai gerar mais empregos, os trabalhadores vão ganhar mais salário e, aí, vai ter mais gente ganhando de três a seis [salários-mínimos], e aí vai poder comprar a casa melhor, de qualidade.

Então, eu estou aqui para homenagear a Bahia de Todos os Santos, pelo governador que tem. É o primeiro galego dos olhos azuis negro. É o primeiro galego negro, com sentimento negro. Eu duvido que tenha um baiano mais baiano do que ele. E, se não for, a dona Fátima mete o porrete nele, para ele virar cada vez mais baiano. Então, eu estou aqui também por sua causa, para homenagear o companheiro que veio do Rio de Janeiro, construiu sua vida aqui, casou e derrotou o inderrotável ACM, duas vezes, no primeiro turno. Então, só por isso, eu estou aqui.

A terceira razão pela qual eu estou aqui é porque tem dois microfones, e eu não posso ver um microfone que eu quero falar. Eu, na verdade, Wagner, não é o último ato meu oficial, porque amanhã eu tenho uma agenda oficial. Esta é a última viagem minha como presidente da República no Brasil, porque agora, a próxima viagem será no sábado, às quatro horas da tarde, quando eu passar a faixa para a Dilma, se não me der (falha no áudio)... eu passar a faixa para a Dilma, aí eu pego o avião para ir embora para São Bernardo do Campo, para ver se eu tiro umas férias. Nas férias, certamente, serei convidado para vir a uma bela praia na Bahia, tomar água de coco... tomar água de coco, tomar uma cervejinha, tomar uma caninha, que ninguém é de ferro. Deus sabe que eu mereço isso e, portanto... Hein? Pode me convidar. Virei aqui na Bahia no Carnaval, passar pelo menos um dia aqui na Bahia. Eu quero ver se baiano é bom para dançar carnaval. Vou me preparar fisicamente, vou dar um banho aqui. Pode preparar, um tal de Dodô e Osmar, um tal de Ilê Aiyê, um tal de... pode se preparar, que o Lulinha vem para arrasar no Carnaval. Lulinha vai ser



“Lulinha 2011”. Aí, não estou disputando nada, sem nenhuma pretensão, apenas a pretensão de viver a minha vida... e com você também, meu amor. Ivete tem muito pretendente. Quem sabe eu e você poderemos fazer inveja para a Ivete?

Então, eu vim aqui também para dizer para vocês que deixo a Presidência da República consciente, mas muito consciente de que nós fizemos muita coisa pelo Brasil, mas que ainda tem muita coisa para fazer. Afinal de contas, 500 anos de história, a gente não muda em oito anos. É preciso algumas gerações para a gente consertar os desconsertos que foram feitos neste país. A alegria que eu tenho de ter passado pela Presidência da República é de ter despertado no povo pobre deste país a ideia de que nós não somos mais burros do que a elite deste país. E também não queremos ser mais inteligentes, nós queremos apenas ter os mesmos direitos e ser iguais a todas as pessoas. Nós não queremos que pensem mais que pobre não gosta de coisa boa. Não sei quem foi o malandro que inventou que pobre não gosta de coisa boa, que pobre gosta é de miséria. Não, pobre gosta é de luxo. Inventaram até que peão não gosta de uísque, peão só gosta de cachaça. Aqui, ó. Peão gosta de uísque também. Você não gostou de salmão? Por que a gente só tinha que gostar de piaba?

Então, eu acho que a minha passagem pela Presidência, ela criou uma coisa nova neste país. Ela despertou nas pessoas mais humildes a ideia e a convicção de que nós podemos, nós podemos. O que nós não devemos é desanimar nunca, o que nós não devemos é ficar chorando cada leite derramado. A gente tem que brigar é pelo leite que a gente quer conquistar, é pelo futuro, e não ficar reclamando apenas do passado. A gente não tem tempo. A passagem da gente pelo planeta Terra é muito curta. Quem vive muito vive 100 anos, mas a maioria morre em uma média de 70 anos. Então, nós não temos o direito de reclamar. Nós temos que, todo dia, ao abrir os olhos, olhar para o céu e agradecer a Deus de ter nos dado mais um dia de



vida. E aquele dia de vida que ele nos deu é para a gente brigar, perseverar, lutar, para a gente conquistar mais alguma coisa no dia seguinte e não desanimar nunca. É isso que está acontecendo no nosso país. Nós passamos a gostar mais da nossa bandeira, nós passamos a gostar mais do nosso hino. Nós estamos percebendo que os nossos governadores e os nossos prefeitos, com algumas exceções, estão gostando mais do povo, estão conversando mais com o povo, estão atendendo mais o povo.

Um companheiro que representa um sem-teto jamais subiria em um palanque, se não fôssemos nós, jamais. Jamais entraria em um palácio, se não fôssemos nós. E entrou, porque embora eu esteja presidente da República, eu sei de onde eu vim e sei para onde eu vou quando eu deixar a Presidência da República. Tenho clareza absoluta de que um palácio não é apenas para receber príncipes, rainhas, empresários ou banqueiros; tem que receber todos, mas tem que receber os catadores de papel, os sem-teto, os cortadores de cana, os desempregados, os deficientes físicos, aqueles que, muitas vezes, eram escondidos pelos governantes quando chegava uma autoridade. E nós não queremos esconder, nós queremos mostrar para que nós, governantes, nos lembremos sempre que é por causa de vocês que a gente briga para ser prefeito, para ser governador ou para ser presidente da República.

Não valeria a pena eu ter sido presidente se não fossem vocês. Não valeria a pena eu ter sido presidente se vocês não continuassem me chamando de “companheiro”, me tratando de “Lula”, me chamando de “baiano”, me chamando de “taturana”, nunca me chamaram de “Excelência”. Desgraça, nunca me chamaram de “Excelência”. Eu, quando chego no exterior, vou conversar com o Obama, com o Chirac, com o Hu Jintao, todo mundo: “Porque Vossa Excelência daqui, Vossa Excelência de lá”. Eu chego aqui e vocês ficam: “Ô Lula, ô Lula, ô Lula”. Ou seja, nenhuma “Excelência”. Mas eu não me importo, porque o grande orgulho que eu tenho é que nunca antes na história deste país um presidente encarnou tanto a alma de vocês como eu encarnei,



porque vocês se sentem um Lula na Presidência da República deste país, com virtudes e com defeitos.

Valeu a pena passar pela Presidência para poder, hoje, participar de debates internacionais, na academia brasileira, e dizer: é fácil governar o país. Eles sempre disseram que era difícil: “Ah, é muito difícil ser presidente, é difícil”. É difícil quando você quer governar para uma minoria; mas quando você quer governar para todos, é muito fácil. É difícil quando você é surdo que não quer escutar ou cego que não quer ver. Mas é fácil quando você faz exatamente aquilo que o povo pede para você fazer, que você enxerga como é que vive o povo.

E, por isso, eu vou terminar a Presidência como o presidente da República que mais construiu universidades na história do Brasil, mais construiu escolas técnicas, mais investiu em ciência e em tecnologia, mais colocou jovens na universidade brasileira, mais cuidou dos pobres; criamos o ProUni, que colocou 750 mil jovens da periferia na universidade, dos quais 40% negros e negras da periferia deste país. O ProUni, sozinho, tem mais negros na universidade do que todos os 500 anos da história do país colocaram de negros na universidade.

Foi gostoso passar pela Presidência da República e terminar o mandato vendo os Estados Unidos em crise, vendo a Europa em crise, vendo o Japão em crise, quando eles sabiam tudo para resolver o problema da crise brasileira, da crise da Bolívia, da crise da Rússia, da crise do México. Foi importante provar para eles que, na crise, não foi nenhum doutor, nenhum americano e nenhum inglês. Foi um torneiro mecânico, pernambucano, presidente do Brasil, que soube como lidar com a crise, com a sua equipe econômica. É por isso que a crise demorou mais para chegar aqui e foi embora depressa. É com muito orgulho pegar os dados do IBGE e ver que nós só temos 5,7% de desemprego no país, e que a Espanha tem 20[%], outros têm 10[%], outros têm 15[%], e que o Brasil tem o menor número, hoje, comparado aos números dos



países ricos da década passada.

É muito confortável, Wagner, saber que nós criamos 15 milhões de empregos, em oito anos, com carteira assinada. É muito gratificante a gente saber que mais de 36 milhões de brasileiros ascenderam à classe média. É importante saber que mais de 20 milhões de brasileiros saíram da miséria.

Mas o que é mais importante – e esse é o legado que eu quero deixar para vocês – é que vocês descobriram que a gente não mede a qualidade de um homem pela quantidade de dinheiro que tem, a gente não mede a qualidade de um homem pela quantidade da sua conta bancária ou o berço em que ele nasceu. A gente mede as pessoas é pelo caráter. A gente mede as pessoas é pela educação que nós recebemos de berço; e, isso, pobre não deve nada a ninguém neste país, e nós queremos apenas que sejamos respeitados e tratados dignamente.

Este país mudou. Tem gente que não quer acreditar, mas o Nordeste, Wagner, que só aparecia no IBGE como a maior mortalidade infantil, maior desnutrição, maior analfabetismo, o Nordeste hoje já tem 10% dos doutores formados no Brasil, e nós queremos chegar a 30% de doutores e mestres formados no Brasil.

Nós queremos dizer ao Brasil inteiro que o Nordeste brasileiro não quer tirar nada de nenhum estado. Nós não queremos tirar nada do Rio Grande do Sul, (incompreensível), não queremos tirar nada de São Paulo, de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro. O que nós não queremos, enquanto Nordeste e enquanto Norte, é não ser mais tratados [é ser tratados] como se fôssemos uma região predestinada a um subdesenvolvimento. Nós queremos dizer, para quem quiser ouvir, que o nordestino não tem vergonha de ser pedreiro, não quer deixar de ser pedreiro, mas não queremos só isso. Queremos também ser engenheiros, queremos também ser médicos, queremos também ser doutores, queremos também participar do bolo que nós construímos. E queremos dizer àqueles que já têm alguma coisa que, no Norte e no Nordeste deste país,



quanto mais os pobres deixarem de ser pobres, quanto mais consumidores eles forem, mais os empresários vão ganhar dinheiro vendendo casa, vendendo carro, vendendo geladeira, vendendo máquina de lavar roupa, vendendo máquina de lavar louça, vendendo rádio, vendendo televisão, vendendo roupa, vendendo sapato, vendendo comida, vendendo carne, vendendo tudo. Quando nós deixarmos de ser miseráveis, o Brasil será melhor para todos nós.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, valeu a pena ser presidente da República deste país, para provar que a inteligência de um ser humano não está ligada à quantidade de anos que ele participou na universidade. A universidade aumenta o conhecimento específico, mas a inteligência de decidir, a inteligência de saber definir aquilo que é prioridade a gente não aprende na universidade, porque aquilo é uma mistura da nossa massa encefálica com o nosso coração, que decide de que lado a gente está, o que a gente vai fazer, o que é prioridade. E nisso, Wagner, nós temos que ensinar, nós não temos que aprender. Com muita humildade, nós temos que ensinar a muita gente que passou por este país e que dizia que a inflação não seria controlada se a gente aumentasse o salário-mínimo; nós controlamos e aumentamos o salário-mínimo; que diziam que a gente não podia exportar, porque a gente iria matar o mercado interno; nós estamos exportando e o mercado interno continua crescendo. Neste ano, companheiros, nós batemos recorde de exportação, quando os pessimistas achavam que nós não íamos bater, batemos 1998.

Tenho orgulho, Jaques Wagner, de ser um presidente que nunca teve vergonha de andar com empresário pelo mundo afora, vendendo os produtos brasileiros, defendendo as empresas brasileiras, fazendo propaganda. Eu lembro que quando o Bush veio aqui, nós fomos visitar a Petrobras, e o Bush não quis tirar uma fotografia perto do carro da Ford: “Ah, porque eu não posso fazer *merchandising*”. Eu falei: Bush, eu faço da Ford, eu faço da GM, eu faço



da Volkswagen. O que eu quero é vender carro brasileiro, o que eu quero é vender produto brasileiro, o que eu quero é que o Brasil seja uma economia forte e que as pessoas possam viver dignamente.

Então, deixo a Presidência da República, Wagner, em agradecimento a este povo extraordinário que nunca me faltou, nunca, em nenhum momento. Mesmo nos momentos difíceis, quando a elite brasileira, a elite política achava que iria me derrubar, eu disse para eles: Vocês não me conhecem. Quem quiser me derrubar vai ter que ir para a rua brigar comigo.

É com muito orgulho, é com muito orgulho, Wagner que, enquanto outros presidentes que passaram pelo Brasil, com dois anos de mandato, já não tinha mais muro para pichar: “Fora não sei quem”, nós vamos terminar o mandato com 87% de bom e ótimo, 87% de bom e ótimo. E isso, possivelmente, não seja mérito meu, nem do Wagner, nem de um prefeito. Mas, possivelmente, o mérito seja da grandeza de cada um de vocês, porque vocês souberam esperar, porque vocês souberam acreditar, porque vocês souberam confiar. E uma nação só será grande, só será construída com força quando nós, o povo daquela nação, gostarmos do nosso país, acreditarmos no nosso país e o Estado estiver presente, cuidando da gente, levando educação, levando saúde, levando habitação, levando transporte.

É por tudo isso, meus queridos companheiros e companheiras, que eu termino a minha viagem como presidente aqui na Bahia. Porque aqui na Bahia, eu quero voltar com o direito de comer feijoada, de comer acarajé, de comer... de comer uma verdadeira moqueca com dendê e de poder ir, com o Jaques Wagner, a uma bela praia passar uns três dias molhando o dedão do pé.

Gente, quero agradecer de coração a reeleição do companheiro Jaques Wagner e a eleição da companheira Dilma Rousseff presidente da República. Sabe, muita gente tentou me desencorajar, dizendo que eu não deveria lançar uma mulher, porque o povo brasileiro não votaria em uma mulher. Eu tinha, Fátima e Maria Fernanda, experiência. Muita gente tentou, muitas vezes, me



desmotivar de ser candidato, dizendo que o povo nunca iria votar em um metalúrgico.

Pois eu termino o meu mandato dizendo a todos vocês: agradeço a Deus e agradeço a vocês, primeiro, pelo Brasil ter dado exemplo ao mundo de ter votado em um torneiro mecânico para presidente da República e, depois dessa extraordinária posição do povo brasileiro, a gente conseguir eleger a primeira mulher presidenta da República deste país. Ela, como eu, ela, como eu, ela sabia que eu dizia todo dia: eu não posso fracassar porque, se eu fracassar, nunca mais a classe trabalhadora vai eleger um operário. E ela sabe que ela não pode fracassar; porque se ela fracassar, os machistas de plantão vão dizer: “Está vendo? Eu avisei, lugar de mulher é na cozinha, é no tanque, é na pia, é lavando chão, é limpando cocô de criança”. E nós, homens e mulheres democráticos deste país, queremos dizer em alto e bom som: não existe lugar para homem e lugar para mulher, existe lugar para brasileiros e brasileiras. E as mulheres têm tanta ou mais competência, tanta ou mais sensibilidade que nós, homens, para cuidar deste país.

Um grande abraço e até outro dia, se Deus quiser, companheiros. Vamos apoiar a companheira Dilma. Vamos apoiar, porque ela vai precisar de toda a força baiana, de todo o axé baiano para ela fazer mais e melhor do que nós fizemos.

Obrigado, companheiros, e até outro dia.

(\$211A).



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de lançamento de pedra fundamental para a instalação da Refinaria Premium II e terminal no Complexo Industrial e Portuário de Pecém

Caucaia-CE, 29 de dezembro de 2010

Bem, companheiros, eu vi aí a agonia do pessoal para pegar um copinho d'água aí. Eu fico imaginando a fome que, também, vocês já estão.

Mas eu quero cumprimentar o nosso querido governador Cid Gomes. E dizer para vocês que possivelmente o Nordeste tenha eleito, em 2010, a melhor safra de governadores que o Nordeste já teve, todos jovens, todos muito inteligentes, todos muito preparados. E essa é a convicção que eu tenho, de que o Nordeste brasileiro nunca mais voltará a ter a sua imagem apenas mostrada pela miséria, pela desnutrição, pelo analfabetismo. É a certeza de companheiros como este, que vocês elegeram aqui. Eu agradeço, de coração, a eleição e a reeleição do Cid; agradeço, de coração, a eleição da companheira Dilma; e agradeço, de coração, a eleição dos senadores que vocês elegeram e me fizeram um favor tremendo. Então, eu sou agradecido.

Quero cumprimentar o deputado Domingos Filho, presidente da Assembleia Legislativa,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro senador Inácio Arruda,

Quero cumprimentar os dois senadores recém-eleitos, Eunício Oliveira e José Pimentel,

Quero cumprimentar os deputados Ariosto Holanda, Chico Lopes, Eugênio Rabelo, José Airton e José Guimarães,

Quero cumprimentar os deputados eleitos, que ainda não tomaram posse, Antonio Balhmann e João Ananias,



Quero cumprimentar o prefeito Washington Luiz de Oliveira Góis, de Caucaia.

E quero cumprimentar o querido prefeito Walter Ramos de Araújo Júnior, de São Gonçalo do Amarante,

Quero cumprimentar o vereador Danilo Menezes, presidente da Câmara Municipal de Caucaia,

Quero cumprimentar a palavra mais importante dada aqui, hoje, o nosso querido companheiro José Sérgio Gabrielli, que ontem a companheira Dilma confirmou a continuidade dele na Presidência da Petrobras.

Quero cumprimentar o companheiro Marco Antônio Almeida, secretário de Petróleo e Gás do Ministério de Minas e Energia,

Quero cumprimentar o Paulo Roberto Costa, diretor da Área de Abastecimento da Petrobras,

Quero cumprimentar o companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Quero cumprimentar a Eliane Brasileiro, presidente da Associação de Prefeitos do Estado do Ceará,

Quero cumprimentar o companheiro Marcondes Muniz Araújo, representante da FUP,

Quero cumprimentar o companheiro Dourado Tapeba, coordenador executivo de Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo,

Quero cumprimentar os secretários municipais, os vereadores,

Quero cumprimentar os companheiros representantes dos povos indígenas aqui presentes,

Quero cumprimentar os representantes das empresas construtoras,

Quero cumprimentar os companheiros jornalistas,

Quero cumprimentar homens e mulheres do estado do Ceará,



Eu prometo, eu prometo falar muito pouco porque o José Sergio Gabrielli já disse o que eu queria ouvir, que foi o compromisso da Petrobras de que essa refinaria vai sair aqui em Caucaia. E...

Bem, o que é importante, companheiros? Eu, na verdade, acho que o Gabrielli deve estar meio chateado comigo porque não era normal a gente dar trabalho para o Presidente da Petrobras faltando dois dias para terminar o mandato do Presidente da República. Acontece que eu acho que política não é feita apenas de realizações, política também é feita de gestos. E eu precisava fazer este gesto de voltar ao Ceará para poder assumir com o governador Cid, com o companheiro Gabrielli, com o povo do Ceará e com o povo do Brasil, o compromisso final de que o Ceará, finalmente, terá a tão sonhada refinaria que tanta gente prometeu e que não conseguiram fazer.

Eu queria lembrar a vocês que não é uma refinaria no Ceará. É uma refinaria no Ceará, uma refinaria em Pernambuco, uma refinaria no Maranhão, uma refinaria no Rio Grande do Norte e uma outra refinaria no Rio de Janeiro. Na verdade, é importante lembrar e é bom dizer na frente da diretoria da Petrobras que sete anos atrás, quando a gente conversava com a Petrobras, eles diziam que o Brasil não precisava de mais refinarias. E engoliram a língua porque vão fazer cinco refinarias agora. Obviamente, obviamente que duas delas, obviamente que duas delas são por conta da descoberta do pré-sal, sobretudo a de Fortaleza e a do Maranhão, são por conta da descoberta do pré-sal. E como a gente não quer exportar óleo cru, para ser refinado em outro país, a gente quer refiná-lo aqui e quer exportar produto com mais valor agregado, para trazer mais dinheiro para o povo brasileiro.

A segunda coisa importante é que uma refinaria, por si só, ela leva de cinco a seis anos para ser construída. Nós aqui começamos hoje o processo de investigação geotécnica para a análise de implantação da Refinaria Premium. Eu estou lendo ali, eu estou lendo ali. Eu jamais falaria “geotécnica” se eu não estivesse lendo. Mas é para fazer o estudo de solo. Já foram feitos,



dos quinhentos e poucos poços, buracos, já foram feitos trezentos, faltam mais duzentos. Ainda tem problema no terreno, que falta assentar direitinho.

Eu queria sugerir ao governador Cid Gomes e ao companheiro Gabrielli que fizessem um calendário de etapas de cada coisa a partir do ano de 2010, para que a presidenta Dilma tivesse na sua mesa, para que a ministra do Meio Ambiente tivesse na sua mesa, para que o Ibama tivesse na sua mesa, para que todo mundo acompanhasse cada passo... os senadores tivessem. Porque, às vezes, a gente vem aqui fazer as coisas, a gente pensa que está tudo bom, daqui a pouco para na mão de um companheiro do Ibama ou para na mão de um companheiro da Funai, ou para na mão de um cara do Ministério Público, ou passa na mão de qualquer pessoa, e essa obra para, e quando a gente pensa que vai inaugurar, ela nem começou. Então, é importante que vocês façam um calendário de compromissos: quando é que o terreno vai estar, finalmente, legalizado e pronto; quando é que vai ser contratado o acordo com o povo indígena; quando é que vai ter o acordo com a Funai; quando é que o Ibama vai dar licença prêmio; quando é que vai fazer licitação da terraplanagem. Porque tudo isso, tudo isso a Petrobras, através da sua Presidência ou do seu diretor; o governador, através do seu secretário; e a presidenta Dilma, através dos Ministérios, precisam acompanhar, e mensalmente, “tuitarem” entre vocês, para que a gente possa saber como é que anda a obra. E o prefeito, que é o mais interessado, fique de olho, fique de olho.

Pois bem. Ô menino, está voando o meu discurso aqui, olha, ô Considera... Meu filho, se não recolher... Bem companheiros, essa é a primeira coisa. A segunda coisa que me fez vir aqui é o compromisso desta refinaria. Quando eu assumi a Presidência, eu sei que há muito, há muito tempo, não foram poucos os políticos cearenses que prometeram uma refinaria. Os mais velhos devem se lembrar. Qualquer candidato a governador dizia: “Eu vou trazer a transposição das águas do rio São Francisco. Eu vou trazer uma



refinaria. Eu vou...” Eu nunca prometi. Eu disse agora em uma entrevista, que o Cid estava vendo eu dar a entrevista, que em 1998 ou 2002 os deputados da oposição a mim, naquela época, fizeram uma nota de repúdio a mim porque eu vim à Fortaleza e não quis assumir o compromisso de fazer a transposição das águas do São Francisco porque eu não faria promessa sem saber o tamanho da coisa que eu ia fazer. Então, eu... se tiver um... se tiver alguém, por favor, presidente da assembléia: se ainda tiver lá o voto de protesto contra mim, tire, anule ele, por favor, que eu não mereço isso, meu filho. Eu não mereço isso.

É importante, é importante lembrar que o Cid... o Cid disse bem. Esse Canal do São Francisco, em 1847 o imperador pensou em fazê-lo e nunca deixaram. Nunca deixaram porque, de vez em quando, diziam: “Não, o rio é da Bahia. Não pode ser feito” Aí, diziam: “O rio é de Minas Gerais. Não pode ser feito. Ah, porque o rio é de Alagoas. Não pode ser feito.” Porque tinha estados doadores e estados receptores. Ora, não tem nem doador, nem receptor. O rio é do Brasil, de 190 milhões de brasileiros, e nós achamos que é justo que todo mundo tenha o direito de beber um pote d’água.

Eu lembro que aqui, neste estado, vinha candidato a presidente e, com a maior cara lambida, dizia para os seus amigos aqui: “Eu vou fazer a transposição”. Aí pegava o avião e ia para a Bahia - o ACM era contra - e ele dizia: “Eu não vou fazer a transposição”. Aí, ia para a Paraíba e dizia: “Eu vou fazer a transposição”. Chegava em Alagoas: “Eu não vou fazer a transposição”. Ia ao Rio Grande do Norte e dizia: “Eu vou fazer a transposição”. Chegava em Sergipe: “Eu não vou fazer a transposição”. Eu nunca disse, porque eu não tenho duas caras. Essa cara bonita que vocês estão vendo é única, é única, e é a melhor que a dona Lindu conseguiu colocar no mundo. Então, eu não prometi. Eu devo esse projeto a dois companheiros: primeiro... A mais companheiros, a dom Pedro, a dom Pedro, como eu acredito em outra vida, ele deve estar lá vendo a gente fazer. O que nem o Imperador conseguiu fazer, o Lulinha de Caetés está fazendo. Isso é para o Imperador saber a força de



Caetés. Mas eu devo esse projeto, Cid – quero fazer aqui uma homenagem –, primeiro ao José Alencar, o nosso querido vice-presidente que, se pudesse, estaria aqui conosco. Mas ele foi o primeiro a enfrentar os desafios de convencer as pessoas que eram contra, para a gente fazer a transposição, e ele trabalhou muito. Depois, eu devo isso a um outro companheiro que eu prezo muito, que é o companheiro Ciro Gomes, que era ministro da Integração. Foi o Ciro que elaborou melhor o projeto, que fez o debate, que enfrentou até o bispo que entrou em greve de fome, disse um monte de desaforos, e com razão.

E agora eu posso dizer para vocês: eu quero estar vivo em 2012 para quando a Dilma, o Cid e os governadores do Nordeste forem inaugurar, eu quero tomar o primeiro copo d'água da transposição das águas do rio São Francisco. Em 2012 estará pronto. E ainda o Cid, muito esperto que é, porque uma família só ter Cid e Ciro, não é fácil. Muito esperto que é, já apresentou no PAC 2 um tal de arco de água daqui para Fortaleza... cinturão, é cinturão. É para atender... rapaz, vai ter mais água aqui no Ceará do que em Garanhuns. Não é possível. Então, essa é uma obra que a gente deve, também, e muito, ao companheiro Ciro Gomes.

Da mesma forma, a Transnordestina. Eu lembro que na campanha de [19]89 eu vim ao Crato fazer um comício com o dr. Miguel Arraes, e na volta para Pernambuco o Arraes falou: “Ô Lula, se você ganhar as eleições, termine essa Transnordestina”. Eu nem sabia que tinha Transnordestina. Aí, eu fui me interessar. Aí eu fiquei sabendo também que tinha muita gente que prometia, muita gente, mas não fazia. Eu nunca tinha prometido, mas eu falei: vai dar para fazer. Chamei outro companheiro, também cearense, também irmão do Cid, o Ciro Gomes. Falei: Ciro, me prepara a engenharia financeira para fazer essa Transnordestina. O Ciro levou mais de dois anos trabalhando a proposta da Transnordestina. Já era para ela estar pronta, mas é tanto processo, é tanta gente querendo evitar que a gente faça, que hoje nós estamos com 12 mil



trabalhadores trabalhando e, se Deus quiser, em 2012 qualquer cearense vai poder pegar um trem aqui em Pecém, chegar lá em Suape, porque essa ferrovia tem que transportar passageiro também, não é só carga não, é transportar ser humano. E agora ela está a todo vapor, não tem mais problema em nenhum estado, e agora é só trabalho. Quem quiser ver, é só ir a Missão Velha para ver o que está acontecendo. Essa é outra obra que a gente deve, também, ao nosso querido companheiro Ciro Gomes, que foi o companheiro que fez a engenharia econômica para a gente poder fazer essa ferrovia.

Bem, uma terceira obra que eu acho que é importante para o Nordeste brasileiro e que não conta, é uma siderúrgica, que já está num processo de supressão vegetal. Não me perguntem o que é, que eu não sei. Mas tem uma tal de uma supressão vegetal, que está sendo estudada pelo Meio Ambiente e, depois que estiver pronta a supressão vegetal, aí vai começar a fazer os buracos que tiver que fazer. Mas o que é importante é que já tem o compromisso, já tem o sócio, já tem o terreno e já tem a disposição.

Então, o Ceará, que não tinha água, vai ter a transposição; que não tinha... que não tinha refinaria, vai ter a Premium. A Premium, sabem por que se chama Premium? Porque é gasolina de melhor qualidade do que aquela até então produzida no Brasil, (incompreensível). É verdade, é isso? É isso, vai ser diesel de maior qualidade, que dá até para beber, de tão bom que é.

Bem, aí o Ceará, que não estava com ferrovia, vai ter a ferrovia, não é? Então, nós temos refinaria, ferrovia, siderurgia e a Transnordestina. É isso. Então, veja... E a água. Então, veja... E os catadores, respeitamos para caramba, nunca foram tão respeitados os catadores. Aliás, você poderia fazer um convênio com os catadores de material reciclável, para eles ajudarem a matar mosquito da dengue nos estados (incompreensível), porque isso... Olha, se preparem para a dengue, gente. A dengue... Não adianta ficar depois culpando o governador, porque cada um tem que limpar a sua casa, não pode ter água parada, cada um. Não adianta um vizinho fazer e o outro não fazer,



todos têm que fazer. E aí, eu (incompreensível), pneu velho, garrafa, vaso que tem coisa... qualquer coisa. Até a água que o cachorrinho bebe: ele bebeu, jogue fora e coloque outra, outra vez, não deixe lá não. Pelo amor de Deus, gente!

Então, eu acho que... eu acho que a gente tem uma série de coisas, mas uma coisa que não estava nem no meu discurso, nem do Cid, é que eu vi uma jovem aí, um jovem com um papelzinho "ProUni". O ProUni, vejam uma coisa, ô gente, ironia do destino: Deus escreve certo por linhas tortas. Eu e o José Alencar somos o primeiro presidente e o primeiro vice-presidente da história do Brasil que não temos diploma universitário. Todos tiveram. Tinha... Tinha gente que tinha um pacote de diplomas. Eu e o José Alencar vamos terminar o nosso mandato, sábado, passando para a história como os dois sem diploma que mais fizeram universidades neste país, que mais fizeram escolas técnicas neste país, que tiraram o orçamento da Educação de R\$ 20 bilhões para R\$ 70 bilhões. Já temos 10 mil escolas de tempo integral neste país com mais de 2 milhões de jovens estudando mais de nove horas e, inclusive, estudando música. Nós temos o ProUni, com 750 mil alunos. Eu tive a honra de participar da primeira formatura dos primeiros 400 médicos do ProUni. Meninos jovens, negros, da periferia e pobres deste país fazendo Medicina, Jornalismo, ou seja, de tudo o que vocês possam imaginar. Nós fizemos o Reuni. E uma coisa importante é que o Nordeste brasileiro quadruplicou, o Nordeste tinha 2,7% de doutores, já estamos com 10% e nós queremos chegar a 30% de doutores aqui.

Porque o meu lema é o seguinte, eu não quero tirar nada de nenhum estado do Sul, eu não quero tirar nada de nenhum estado do Sudeste. Eu quero que São Paulo continue grande e crescendo, eu quero que o Rio Grande do Sul continue grande e crescendo. A única coisa que eu quero é que o Nordeste tenha a mesma oportunidade e o Norte a mesma oportunidade. Quanto mais o Nordeste crescer, mais os estados do Sul vão crescer também



porque, em vez de ter miseráveis arrastando o pé com alpargatas aqui no sertão, a gente vai ter brasileiros e brasileiras cidadãos, ganhando salário e podendo consumir as coisas produzidas no Brasil inteiro.

No fundo, no fundo, nós queremos dizer: Nós, nordestinos, queremos ainda ser pedreiros, mas queremos mais. Nós também queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ter uma participação nesse bolo brasileiro. E é isso que está acontecendo no nosso Nordeste. Posso garantir a vocês, pelo que eu conheço da minha companheira Dilma Rousseff, a nossa presidenta, que ela vai fazer com esse moço aqui uma parceria extraordinária e o Ceará vai continuar tendo uma participação no PAC fantástica, porque o Nordeste aprendeu a gostar de coisa boa, o Nordeste aprendeu a gostar de coisa boa. Aquele negócio de dizer que pobre não gosta de luxo é bobagem, bobagem. O cara está na sua mansão, tomando uísque vinte e não sei quantos anos e ele fala: “Pobre não gosta disso, pobre gosta é de pinga pura”. Aqui, ó. Aqui. É verdade, é verdade, pobre gosta de coisa boa. Você acha que... É que a gente não conhece *escargot*. Mas coloque *escargot* e um prato de feijão com farinha, para ver se a gente não escolhe logo o *escargot*. Então, esse negócio de que pobre se contenta com pouco é mentira, gente. Isso é coisa daqueles que exploraram a gente a vida inteira. Eles têm que saber que depois da passagem do Lula na Presidência, o povo aprendeu a gostar de coisa boa. E, mais ainda, o povo aprendeu que pode chegar lá. O povo não quer ser mais tratado... Porque antigamente diziam: “Ah, os formadores de opinião vão eleger o Cid, os formadores de opinião vão eleger o Lula”. Eu, se dependesse de formadores de opinião, não tinha um voto, porque todos escrevem contra mim. Agora, o meu formador de opinião é o catador de papel, é o índio, é uma professora, é um médico, é um pedreiro, é um engenheiro, é um profissional liberal, são os empresários brasileiros que pensam neste país. Esses são os meus formadores de opinião pública.

E, portanto, eu quero agradecer, do fundo do coração, o carinho que



vocês tiveram comigo nesses oito anos. E pedir para vocês, pedir para vocês tratarem a Dilma e tratarem este moço com o mesmo respeito que vocês me trataram. Porque eu, eu passei a vida inteira tendo que provar que um metalúrgico tinha competência para governar. E a Dilma, igual a mim, ela tem que provar que uma mulher não nasceu apenas para arrumar cama ou lavar louça, que a mulher pode governar este país.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211 A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração simultânea de obras: uma agência da Previdência Social em Caetés (PE), a terceira cascata de enriquecimento de urânio das Indústrias Nucleares do Brasil (INB) em Resende (RJ); e a Usina Hidrelétrica Foz de Chapecó

Palácio do Planalto, 30 de dezembro de 2010

Eu, eu (incompreensível)... vocês perceberam que eu tenho três discursos aqui: um para falar de Foz de Chapecó, um para falar da Previdência e um para falar da cascata lá de Resende. Eu não vou falar de nenhum discurso aqui, eu vou apenas dizer, companheiro Sérgio Rezende, o seguinte: eu acho que era para termos ido a Resende alguns meses atrás, para inaugurar, não foi possível por conta da agenda. Eu acho que a presidenta Dilma tem consciência, porque participou de todas as discussões, de que nós vencemos esse debate na sociedade brasileira e nós não podemos deixar de fazer os investimentos para que a gente seja autossuficiente no enriquecimento de urânio e para que a gente construa tudo o que for necessário construir, porque um país do tamanho do Brasil não pode ficar dependendo de uma coisa tão estratégica para o seu desenvolvimento.

Portanto, parabéns, quero cumprimentar o comandante Moura Neto, e cumprimentando ele eu cumprimento todos os demais companheiros que estão lá em Resende.

Quero dizer ao companheiro Zimmermann que também a questão energética no Brasil, acho que nós vencemos esse debate. Nós não temos medo de fazer o debate sobre a questão da energia limpa, sobretudo a hidrelétrica. Acho que os números apresentados, lá de Chapecó, sobre a capacidade de produzir energia com um lago cada vez menor é uma coisa extraordinária. E o Brasil, neste momento em que o mundo discute muito a



questão do clima, o Brasil tem autoridade moral e política de chegar em qualquer país do mundo, porque ninguém tem a quantidade de energia limpa que o Brasil tem, ninguém tem. Portanto, o Brasil hoje é mais, mais, eu diria, importante para ensiná-los como fazer as coisas limpas, do que eles ficarem dando palpite sobre o Brasil. E ainda que o biodiesel está aí, e ainda que o etanol está ganhando corpo, e nós vamos ter muita coisa. Hoje, só para ter ideia, de todas as hidrelétricas que estão sendo construídas no mundo, hoje, as três maiores estão no Brasil: Santo Antônio, Jirau e, em março, se Deus quiser, começamos Belo Monte. Depois ainda vai ter, a Dilma vai ter o prazer de lançar aqui, não sei se no ano que vem, a chamada hidrelétrica-plataforma, que está sendo pensada, projetada, que vai ser uma revolução na construção de hidrelétricas neste país, e eu acho que isso vai colocar o Brasil, tranquilamente, como um país com maior capacidade de ofertar energia para os empresários que queiram produzir aqui. Então...

A terceira coisa importante, que as pessoas não notam, é o seguinte: não sei se vocês, não sei vocês, normalmente, tem gente que tem o hábito de entrar no carro, a primeira coisa que faz é ligar o rádio do carro. Até uns dois anos atrás, quando você ligava o rádio entre as 7h da manhã e as 8h ou 9h da manhã, quase todos os rádios, quase todos os radialistas estavam falando das filas da Previdência, das pessoas que morriam na fila, do tempo que as pessoas ficavam na fila, de gente que estava ganhando dinheiro guardando lugar para outro na fila, ia em um dia, chegava em outro. Eu lembro que eu estava dando entrevista, estava dando uma entrevista para a Rádio Globo, se não me falha a memória, uns quatro anos atrás, quando eu disse que nós iríamos acabar com as filas. O ministro era o companheiro Nelson Machado e, depois da entrevista, o jornal pergunta para o Nelson e ele disse que não ia acabar com a fila. Aí, o jornal fala: “Ministro desautoriza, ministro desmente Presidente ou desautoriza, que não vai acabar com a fila”. Aí, eu chamei o Nelson e disse: nós vamos acabar com a fila. O dado concreto, gente, é que



nós acabamos com as filas nas portas da Previdência Social. Esse é um dado que ninguém fala. Vocês vejam que nós fizemos uma campanha, nós fizemos uma campanha política, ela acabou ontem, e a questão da Previdência ninguém abordou, ninguém mostrou fotografia de gente brigando na fila, gente dormindo em barraca na porta. As pessoas não mostraram por quê? Porque seria ruim mostrar uma sala bem feita, como aquela que nós vimos aqui, com ar-condicionado, em que as pessoas, às vezes, para poder ver... porque nordestino gosta de ar-condicionado. Eu lembro de um amigo meu que tinha um Fiat 147, quando ele ligava o ar condicionado, o carro não andava, porque era tanta potência para funcionar o Fiat, que o Fiat não andava, gastava toda a energia no ar-condicionado. E saber que um aposentado...

Eu cuidei da Previdência Social quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, quando eu era primeiro-secretário do Sindicato. Às vezes, eu dava entrada em um processo da Previdência, às vezes, eu dava entrada, demorava dois anos e meio para sair. Dois anos e meio, o companheiro esperando para sair a sua aposentadoria. Hoje, gente, ele recebe uma carta em casa e em meia hora ele recebe a aposentadoria, em meia hora! Mulher gestante, também demorava 90 dias, 40 dias, 50 dias. Tinha algumas que o filho só ia receber quando atingia a maioridade. Hoje, em quanto tempo? Meia hora? Meia hora, acabou de nascer, a criança nem chorou e já está lá o auxílio-maternidade para a mulher. Uma outra coisa importante é que esse benefício está sendo levado também para a área rural, ou seja, o trabalhador rural ele vai receber também uma carta em casa, dizendo que ele já completou o tempo dele de idade e que ele, então, vai poder receber a sua aposentadoria. Isso é uma coisa extraordinária.

E tudo isso começou, Gabas, quando a gente foi em Pernambuco inaugurar... quem está lembrado da demora na perícia médica, na Previdência Social? Às vezes, as pessoas entravam, iam receber benefício, levava anos e anos e não tinha uma perícia para dizer para o cara “Volte a trabalhar.” Porque



a empresa pagava os primeiros quinze dias, depois o cidadão ia para a Previdência. Acontece que não tinha perito para examiná-lo, e ele ficava dez meses, 11 meses, 15 meses, às vezes, até ganhando um pouco mais do que ganhava na fábrica. É tudo o que um cara quer: ganhar mais sem trabalhar. Olha... Nós contratamos quase... cinco mil peritos? Cinco mil peritos. Eles foram ingratos comigo, fizeram uma greve aí depois da gente tirá-los de R\$ 2 mil para R\$ 14 mil por mês. Eu fiquei muito chateado, é importante terminar o mandato dizendo que eu fiquei chateado, porque ganhavam quase nada e nós elevamos para R\$ 14 mil, e o agradecimento foi fazer uma greve pedindo mais. Mas, hoje, a pessoa liga o número “135”, não é isso? E a pessoa de qualquer lugar, do Oiapoque ao Chuí... quem duvidar pode fazer o teste: chegue na sua casa, pegue, ligue “135”, que você vai receber todas as informações que você quiser. E se quiser marcar uma consulta médica, em qualquer lugar do Brasil, você vai ter um perito para lhe examinar, através do telefone “135”, que nós inauguramos pela primeira vez em Recife, em Pernambuco.

Outra coisa importante - já que hoje é o nosso último dia aqui, amanhã eu acho que vou ter mais um pouquinho - é a seguinte: duas semanas atrás havia um certo pessimismo de que o Brasil iria importar menos, que a nossa balança comercial tinha caído. Qual é a boa notícia? Acabamos de bater recorde nas exportações brasileiras. O ano em que a gente tinha exportado mais foi 2008, nós exportamos 198 bilhões. Agora, já chegamos a R\$ [US\$] 200 bilhões nas nossas exportações. Dólares, dólares, dólares, gente, dólares!

Então, vejam, nós estamos terminando o ano e entregando para a companheira Dilma a Presidência do Brasil em um momento muito bom da história do Brasil. Por isso é que eu acho que a companheira Dilma vai fazer um extraordinário governo. O Brasil tem que se preparar para a Copa do Mundo, para as Olimpíadas de 2016, o Brasil tem que se preparar para ser a quinta economia do mundo logo, e isso só pode ser se todos nós estivermos otimistas, estivermos pensando positivamente, estivermos trabalhando



pensando no futuro. Eu acho que o Brasil atingiu a sua maioria e atingiu muita maturidade. Aquilo que muita gente achava que era impossível acontecer no Brasil, tudo aconteceu, aconteceu tudo. Vejam, eu comecei em janeiro de 2003 dizendo: primeiro a gente vai fazer o necessário, depois a gente vai fazer o possível, e quando menos esperar a gente estará fazendo o impossível. E a última obra do impossível que nós fizemos aqui foi eleger uma mulher presidenta da República deste país. Então, é tudo o que nós precisávamos.

Então, obrigado, Gabas; obrigado, Zimmermann; obrigado, companheiro Sérgio Rezende. Se vocês sentiram prazer em trabalhar comigo, eu senti muito mais prazer em trabalhar com vocês, porque se não fossem vocês, o governo não teria o sucesso que tem hoje.

Um abraço, que Deus nos abençoe. E todo mundo aqui no dia 1º, para a posse da nossa Presidenta.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de despedida com servidores do governo e do Palácio do Planalto

Palácio do Planalto, 31 de dezembro de 2010

Não era, não era prudente e não é prudente eu falar, porque isso aqui está tendo um tom de despedida, e se despedir nunca é bom. Você trabalha onde, afinal de contas, Julinho? O Márcio também, ô... você, ô, Cléber. Você... Quem mantém o meu preparo físico assim é o Márcio, não é você. Vamos tirar uma foto com o Márcio aqui.

Eu vou dizer algumas palavras, eu vou fazer o esforço que o Gonçalves fez ontem, para não chorar. O Gonçalves se engasgou umas duzentas vezes, mas isso porque me parece que, na lógica do Exército, general que é general não chora. Aqui na minha lógica, é o seguinte: chora quem pode chorar, quem tem vontade de chorar e quem tem motivo para chorar.

Então, eu vou dizer para vocês uma coisa que... eu estou sem óculos aqui, ficou em cima da mesa. Depois dos 40 [anos] qualquer óculos serve, gente. Qualquer um, qualquer óculos. Gilberto Carvalho... está aqui. Eu quero ver, na segunda-feira, quando não tiver ajudante de ordens, quem virá trazer os óculos: Dona Marisa, pega meus óculos? "Vai pegar você!" Ô meu filho, pega um cafezinho para mim? "Não sou seu empregado!" E a vida continua, Guido. Bem, eu vou ler para vocês, aqui, uma coisa que foi lida por mim em um programa de governo lançado aqui em Brasília, no dia 23 de julho de 2002. Vamos ver o que nós pensávamos no dia 23 de julho de 2002, quando nós estávamos lançando um caderninho bonito, que eu não sei se está por aí, com um garotinho, chamado Programa de Governo, que os nossos adversários tanto criticaram. Posso dizer, sem medo de errar, sem medo de errar, sem ler os dois programas, que eu vou passar para a história como o presidente da



República que fez muito mais do que aquilo que estava no Programa de Governo de 2002 e no Programa de Governo de 2006.

Vai ser mais ou menos que nem a UNE, Fernando Haddad. A UNE teve que chegar para nós em Caruaru, em um ato público, e reconhecer que pela primeira vez na história do Brasil a UNE não tinha mais o que reivindicar, porque nós tínhamos atendido a todas as reivindicações da UNE.

Mas veja o que nós dizíamos: “Sempre tive a firme convicção de que a principal riqueza de uma nação é o seu povo. Por isso, não é difícil avaliar o sucesso ou o fracasso de um governo. Basta olhar para os salários e a renda do povo, ver se os índices de desemprego e desigualdade diminuíram e se a educação ficou de melhor qualidade. Governo bom é o que conduz o país ao crescimento e ao encontro da prosperidade. Nosso Programa de Governo tem como preocupação central apresentar mudanças de fundo para o nosso país. Não como um pacote fechado, mas aberto ao debate e às novas contribuições. É impossível aceitar a ideia de uma nova década perdida, em que o governo diz que a economia está sólida, enquanto o povo vai mal. Esse é o debate que queremos fazer com toda a nação, pois temos certeza de que podemos mudar e melhorar o Brasil. Com os pés no chão e os olhos no futuro, vamos arregaçar as mangas desde o primeiro instante e realizar um novo contrato social que coloque o país nos trilhos do desenvolvimento. Essa é a única maneira de construir um Brasil decente onde todos, realmente todos tenham a dignidade que tanto queremos. 23 de julho de 2002, assinado: Luiz Inácio”.

Era esse o programa. Era esse o programa, e vocês vão perceber que nunca antes na história do país... Eu gosto de falar “nunca antes” porque eu sei que tem adversários e gente que não gosta, que sofre quando eu falo. Como eles pensam que eu sofro quando eles falam mal de mim, então eu retribuo dizendo que nunca antes na história do país houve, dentre deste Palácio, nesta sala, a quantidade de movimentos sociais participando, falando, propondo e decidindo políticas que o governo brasileiro tinha que executar. Foram 73



conferências nacionais, algumas das quais, mais de 400 mil pessoas participavam antes de chegar aqui neste plenário ou em qualquer outro lugar do Brasil. Numa demonstração de que esse é um legado que não poderá ser mudado tão cedo: que é não ter medo de ouvir o povo, não ter medo de deixar o povo participar, acabar com essa maluquice de o povo só ser bom na época da eleição, em que todo mundo anda de carro aberto, dando a mão, rindo que nem se tivesse ganhado na loteria sozinho; e depois que ganha as eleições, passa anos sem ter um convívio com o povo, governa para meia dúzia de ricos e esquece da maioria do povo, que são aqueles que realmente são a razão de ser de a gente ganhar uma eleição e governar este país, uma cidade ou um estado.

Eu penso que o Brasil mudou. O Brasil mudou na relação com a sociedade. Nunca os humildes foram tratados com tanta deferência como foram tratados. E, certamente, continuarão a ser pela nossa companheira Dilma. Nunca os estudantes e os professores foram tratados com o respeito que foram tratados. Eu falo isso porque demonstra o grau de maturidade que o Brasil alcançou. Nenhum presidente da República tinha tido coragem de fazer reuniões com reitores; quando muito, se reuniam com um. Mesmo o ministro da Educação sendo reitor, parecia que tinha uma doença do carrapato, que o ministro não se juntava com dois reitores; de vez em quando, atendia um. Vocês estão lembrados de que neste país nem prefeito era recebido. Vocês estão lembrados de que Marcha de Prefeitos... o que esperava os prefeitos aqui, mesmo sendo dos partidos de quem governava, eram cachorros policiais, e policiais. Nós fomos a todas às Marchas dos Prefeitos, a todas, sem distinção. Só não fui na de 2006 porque eles transformaram a Marcha em um debate político da campanha presidencial, e eu não fui. Mas fomos, e posso olhar na cara de qualquer pessoa, de qualquer prefeito, seja ele do DEM, seja ele do PT ou do PSDB, seja do PMDB ou do PC do B. Eu duvido que, em algum momento da história, eles foram tratados com a dignidade que o nosso



governo os tratou, da forma mais republicana. Era tão republicano o tratamento, que o PT ficava com raiva do tratamento que a gente dava aos outros partidos políticos. Muitas vezes, eu era acusado de que gostava mais dos outros do que dos companheiros do PT. E, assim, eu penso que nós conseguimos construir alguma coisa nova.

Veja, eu tinha vontade de governar o Brasil. Em [19]82, eu participei de um debate, eu era candidato a governador em São Paulo, e eu fiquei em quarto lugar, não é isso, Padilha? Quarto lugar. Eu pensei que eu ia ganhar, eu não acreditava em pesquisas. Nós fizemos o maior comício que alguém já fez no Pacaembu. Eu saí de lá convencido de que a eleição estava no papo. Aí, saiu uma pesquisa do Ibope, publicada pelo jornal Estadão, em que eu ia ter 10%. Eu falei: Está mentido. Nós vamos ganhar. Depois da apuração, eu tive exatamente 10%. Eu estava desconfiado de que eles já tinham meus votos lá, guardados, para poder... Mas, de qualquer forma, naquele debate era o Montoro, o Reinaldo de Barros, o Jânio Quadros, eu, e o Rogê Ferreira, do PDT. Eu não fui o último porque o Rogê teve menos votos do que eu, mas eu tive 1,250 milhão votos. Eu achei que eu estava arrasado. Eu, Jorge Hage, saí daquela eleição achando que tinha acabado com a minha vida, isso em [19]82. Em [19]85, eu fui a Cuba e, em uma conversa com o presidente Fidel Castro, eu estava dizendo para ele que eu tinha desanimado porque eu tinha perdido uma eleição. O Fidel olhou para mim e falou o seguinte: “Ô, Lula, em que lugar do Planeta um operário metalúrgico teve 1,250 milhão de votos? Em que lugar? Não existe nenhum lugar do mundo que um metalúrgico, operário de fábrica tenha tido 1,250 milhão de votos. Que história de perder é essa, Lula?” E aí eu saí de lá convencido de que eu não tinha perdido, que eu tinha fincado uma estaca, uma estaca cheia de consciência, uma estaca cheia de ideias, uma estaca cheia de motivação que foi se multiplicando, se multiplicando, se multiplicando.

E as coisas contra o PT sempre foram muito difíceis. Vocês não sabem,



mas o primeiro comício de eleições diretas neste país foi o PT que fez, no Pacaembu, no Pacaembu. Eu não sei qual foi a data de dezembro de [19]83, mas eu lembro que foi no dia em que o Fernando Henrique Cardoso foi ao Pacaembu anunciar a morte do Teotônio Vilela. E o Montoro era governador de São Paulo, foi convidado para o ato pelas Diretas e não foi. Tinha uma corrida no Jockey Club, acho que ele foi ao Jockey, uma festa lá, um negócio daqueles, que é melhor do que participar de ato público. E o Fernando Henrique Cardoso foi lá, até saiu chateado porque foi vaiado. Naquele tempo, petista vaiava até o Hino Nacional. A gente, para não ser vaiado, a gente falava: “Olha, eu sou de vocês, não me vaiem, não”.

Então, foi nesse dia que nós começamos a campanha das Diretas. Até hoje, quando a grande imprensa fala da eleição direta ou conta história das Diretas, esse ato não é lembrado. Sair, me parece que apenas numa revista, parece que a IstoÉ muito tempo atrás publicou uma notinha de que tinha sido feito esse ato, pelo PT.

Então, nós sempre tivemos muita dificuldade. E naquele debate para campanha de governador, perguntaram para mim: “Ô Lula, por que você quer ser candidato?”. Eu disse: Porque eu quero ver se eu tenho competência de fazer aquilo que eu reivindico para os outros. Eu tinha convicção, eu não conhecia pessoalmente todo mundo, mas eu via pela televisão os presidentes da República, eu via os discursos dos presidentes da República, e eu falava: Eu posso fazer mais que eles.

Quando veio a campanha de [19]89, eu descobri uma coisa sagrada na minha vida, eu descobri que eu não conhecia o Brasil, e nenhum candidato conhece o Brasil. Normalmente, se o cara é de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, ele sai de uma cidade, vai no palanque, volta do palanque para o aeroporto. Ele não vê nem a cara do povo, ele não aprende nem os nomes das pessoas que estão em cima do palanque.



Eu falei: Eu vou conhecer este país. Se eu quiser governar este país, eu vou conhecer. Percorri 91 mil quilômetros de trem, de barco, de ônibus, Marisa e todos os filhos juntos, em todas as caravanas, cada uma demorava 14 ou 15 dias, parando em cada lugar, conversando com cada pessoa, recebendo pauta de reivindicação. E tudo aquilo, em cada lugar que a gente andava, de um ônibus... se era de ônibus, entre uma cidade e outra tinha uma palestra sobre a região, tinha uma palestra sobre a cidade. Era a universidade, era a pós-graduação que eu não tive, eu tive nas Caravanas da Cidadania para me preparar para chegar a presidente da República.

Eu penso que vocês poderão dizer – e agora sem nenhuma modéstia, com orgulho – que vocês poderão dizer que vocês participaram de um momento histórico deste país, em que a história deste país mudou, a autoestima do povo mudou, a vida do povo mudou, mesmo sabendo que ainda tem muito para fazer. Porque a gente não consegue mudar em oito anos os desmandos de 500 anos, a gente não consegue, vai precisar mais alguns anos para que a gente possa consolidar.

Mas já é motivo de orgulho vocês dizerem que participaram de um governo que, em oito anos, fez mais escolas técnicas no Brasil do que todas que foram feitas em um século de República, todas. Nós fizemos, em oito anos, uma vez e meia o que foi feito em cem anos. Embora eu e o Zé Alencar não tenhamos diploma universitário, nós vamos passar para a história como os presidentes que mais fizemos universidades neste país; que mais criamos extensões universitárias; que criamos o ProUni, que é uma das grandes revoluções na Educação neste país; que já criamos 10 mil escolas de tempo integral, com 2,2 milhões de jovens e crianças estudando e aprendendo música.

E, se Deus quiser, a Dilma vai fazer muito mais, porque o carro não está estacionado, o carro está andando. É só apertar um pouquinho o acelerador,



fazer o Guido abrir um pouquinho a mão, liberar um pouco mais de dinheiro, que a coisa vai fluir com muito mais facilidade.

Então, este país vocês ajudaram a construir. Eu estava vendo aqui a apresentação do Escav [Escalão Avançado]. Vocês que estavam, a maioria, não sabem da briga que eu tinha com o Joseli por causa dos helicópteros, da briga que eu tinha com o Gonçalves por causa dos carros, da briga que eu tinha com a Iti por causa da agenda, da briga que eu tinha com várias pessoas, do Bigode, do Wagner, do Magela, da Fátima, e de tanta gente, quando eu chegava em um lugar, que tinha uma manifestação, uma. Nós não precisamos utilizar violência em nenhum ato público, em oito anos de mandato. A maior violência que a gente fez era mandar o Bigode na frente, era mandar o Magela na frente, era mandar o Wagner na frente, mandar a Fátima na frente, ou seja, mandar um grupo de companheiros que conversavam, que discutiam, que marcavam reunião.

O único ato de violência que eu vi, em um ato de que eu participei, foi em Sorocaba quando nós fomos inaugurar uma universidade. Era uma universidade provisória porque a gente estava começando a construir e a gente tinha alugado um prédio, e os estudantes de São Carlos foram a Sorocaba para não deixar a gente inaugurar a universidade. Mas não foi um ato de violência do general Gonçalves Dias, do presidente Lula não, foi um ato de violência dos catadores de papel e dos metalúrgicos, que se insurgiram contra os estudantes que não queriam deixar os filhos deles entrarem na escola. Aí, saiu uma brigazinha, quando nós chegamos estava tranquilo. E os estudantes gritavam: “Ô Lula, a repressão aqui, Lula”. Eu falava: repressão de catador de papel pode, o que não pode é repressão de cima para baixo; de baixo para cima, de vez em quando, até que ela pode acontecer.

Bem, o general Gonçalves, todas as vezes que nós conversávamos: General, eu não quero que a nossa segurança oficial levante um dedo para



uma pessoa. Quem tem que fazer isso é o nosso pessoal, lá embaixo, e não os nossos seguranças. E vamos terminar oito anos, eu diria, como exemplo.

É engraçado porque eu reclamava muito, e eu quero pedir desculpas a vocês porque eu reclamava dentro do avião, eu reclamava com a agenda, eu reclamava... aí, quando eu chegada no local, tinha lá um tapetinho vermelho para eu subir, tinha a maquininha de café expresso para eu tomar, tinha um microfone instalado, um copinho d'água. E eu falava: tem gente, que eu não conheço, que está fazendo isso. Eu, às vezes, estava viajando para o exterior, e parecia que só estava eu e a turma que tinha ido comigo. Aí, eu percebia que tinha mais gente estranha, porque quando eu abria a porta de manhã para sair para o evento, saía um magote de gente atrás de mim, que eu não sabia de onde tinha aparecido. Cada vez que eu descia do avião, descia um monte de gente diferente, eu falava: “Ô Poc, ô Márcio, quem é essa gente que está aí?” Eu, na verdade, na verdade, uma coisa importante: é importante que a gente não saiba quem é que está na retaguarda da gente, porque se a gente souber, a gente vai começar a querer dar palpite na vida de vocês e a gente pode atrapalhar as coisas que vocês sabem fazer tão bem.

Eu estou convencido de que se nós conseguirmos repetir no governo da companheira Dilma Rousseff a qualidade da assessoria que vocês prestaram a mim, nós não temos medo de disputar uma medalha de ouro com o Obama, com o Hu Jintao, com o Sarkozy, com Angela Merkel, com quem quiser, porque a nossa turma é mais criativa. E uma coisa, uma coisa é importante: é que a nossa turma tem sentimento. Não foram poucas as vezes – e não pensem que eu não fico olhando, porque se tem uma coisa que eu aprendi a fazer é falar olhando para todo mundo – quantas vezes eu vi pessoas com os olhos lacrimejando. O Bigode, então, já não aguentava mais, o Bigode cafungava de chorar, aquela bengala é de peso das lágrimas, de tanto que ele... Não aguentava mais.

Então, eu quero dizer para vocês, gente, o seguinte, olhem: eu consegui



falar sem me emocionar, por isso que eu brinquei aqui um pouco. Dizer para vocês, olha, que eu saio daqui daqui a pouco, não é, Gilberto? Não tem mais nada, não. Eu saio daqui a pouco, vou para casa descansar. Às 6 horas da tarde, ou às 7 horas, não sei quando, eu vou dar uma passadinha na Granja do Torto para visitar a companheira Dilma, vou para casa descansar.

Amanhã, às 4 horas, passarei a faixa para a Dilma. Se ela vacilar eu saio correndo, quero ver ela correr atrás de mim na Esplanada, atrás daquela faixa. Por isso é que eu me preparei fisicamente, ela disse que parou de andar, então ela vai estar menos preparada do que eu, fisicamente.

E sairei daqui com duas convicções. Com a convicção de que cumpri com o dever e cumpri com aquilo que foi a confiança que o povo brasileiro depositou em mim, e que conseguimos fazer uma pequena... duas pequenas revoluções neste país: a primeira, o povo brasileiro provar que era possível eleger um metalúrgico, e esse metalúrgico provar que sabe governar mais do que muita gente que tinha um monte de diplomas, neste país. Segundo, eleger pela primeira vez uma mulher presidenta da República deste país. Vocês não sabem o orgulho que eu tenho disso, porque dois anos atrás, quando eu comecei a insinuar que a Dilma seria candidata, muita gente dizia: “Mas uma mulher, ela não tem experiência, Presidente, ela não participa de política, ela nunca foi deputada.” Ou seja, as pessoas viam como defeito exatamente aquilo que eu via de qualidade, exatamente aquilo que eu via de qualidade. Eu não queria um deputado, eu não queria um prefeito, eu queria ela. Por quê? Porque eu tinha trabalhado com ela e eu conhecia as qualidades, a personalidade dela e a competência gerencial dela.

Então eu queria, gente, dizer para vocês o seguinte: eu acho que vocês devem dedicar à companheira Dilma o mesmo amor, o mesmo carinho e a mesma vontade que vocês tiveram no meu governo. Nós somos diferentes, temos formações diferentes, ela é mulher, eu sou homem, cada um tem o seu gênio. O que está em jogo, nessa verdade, é este país. Este país aprendeu a



ter orgulho de si próprio, o nosso povo voltou a gostar da bandeira nacional, o nosso povo voltou a cantar o nosso hino nacional, o nosso povo aprendeu a ter autoestima, o nosso povo aprendeu a gostar de coisa boa, de coisa... porque durante muito tempo diziam que pobre só gostava de coisas de segunda classe, pobre só ia à feira para pegar xepa. E não! A gente aprendeu que, se a gente puder, a gente quer comer do bom e do melhor, que vestir do bom e do melhor, quer morar do bom e do melhor.

Ontem, quando eu ia chegando aqui, tinha um companheiro que trabalha com o Gabas, que ele ia viajar e não foi viajar para vir aqui me contar o seguinte: “Presidente, quando o senhor ganhou, eu era vigia, não tinha casa, não tinha nada, não tinha nem mulher. Agora, Presidente, depois de oito anos o senhor vai embora, eu casei, tenho dois filhos, tenho carro e tenho mulher.” E, certamente, tem um computador lá dentro, porque já virou paixão.

Então, gente, isso eu tenho consciência de que eu só fiz, eu só fiz porque eu tinha o povo brasileiro e eu tinha a energia, a compreensão e o carinho de vocês. Por isso, muito obrigado por tudo o que vocês me ajudaram a fazer neste país.

Muito obrigado.

(\$211 A)